

Cristina Luz Cardoso

**VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE AS PESSOAS E SEUS
ARTEFATOS DOMÉSTICOS: UM ESTUDO SOBRE SUAS
INFLUÊNCIAS NA EXTENSÃO DE VIDA DO PRODUTO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC para a obtenção de grau de Doutor em Engenharia de Produção.

Orientadora: Prof. Leila Amaral Gontijo, Dr.a.

Coorientadora: Prof. Maristela Mitsuko Ono, Dr.a.

Florianópolis
2013

Ficha Catalográfica para a
Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina

Cardoso, Cristina Luz

Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos domésticos [tese]: um estudo sobre suas influências na extensão de vida do produto / Cristina Luz Cardoso; orientadora, Leila Amaral Gontijo; coorientadora, Maristela Mitsuko Ono. Florianópolis, SC, 2013. 248 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

Inclui referências

1. Engenharia de Produção. 2. Design. 3. Ergonomia 4. Memória 4. Identidade 5. Genealogia do artefato 6. Extensão de vida do produto. I. Gontijo, Leila Amaral. II. Ono, Maristela Mitsuko. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós- Graduação em Engenharia de Produção. IV. Título.

Cristina Luz Cardoso

**TÍTULO: VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE AS PESSOAS E
SEUS ARTEFATOS DOMÉSTICOS: UM ESTUDO SOBRE SUAS
INFLUÊNCIAS NA EXTENSÃO DE VIDA DO PRODUTO**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Florianópolis, 22 de março de 2013.

Prof. Antônio Cezar Bornia
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

Banca Examinadora:

Prof. Leila Amaral Gontijo, Dr.a.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Maristela Mitsuko Ono, Dr.a.
Coorientadora
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Albertina Pereira Medeiros, Dr.a.
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Célio Teodorico dos Santos, Dr.
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Gabriela Botelho Mager, Dr.a.
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Maria Regina Álvares Correia Dias, Dr.a.
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof. Vera Maria Marsicano Damazio, Dr.a.
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho
Aos meus filhos, Gabriel e Theo e a minha mãe, com afeto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus profundos agradecimentos a minha orientadora, professora Leila Amaral Gontijo, por me receber no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC e pelos direcionamentos no desenvolvimento de foco e definição do problema. Seu conhecimento e paciência foram decisivos na condução de minha pesquisa.

À professora Maristela Mitsuko Ono que, sem me conhecer, ofereceu a chave de sua sala na UFTPR para a leitura de sua tese, oportunizou vínculos afetivos e participou de meu exame de qualificação. Mesmo à distância, soube compreender meus pensamentos, estabelecendo uma comunicação quase telepática na orientação do trabalho.

Aos demais professores que participaram da banca de exame de qualificação da tese, Célio Teodorico dos Santos, Virgínia M. Kitsman e Maria Terezinha Sacramento (que me apresentou aos estudos de Weber).

À amiga Maria Regina Álvares Dias, pela oportunidade de trocar experiências e de observar o desenvolver de seu trabalho de pesquisa (impecável), que me serviu de inspiração.

À professora Edite Krawulski pelas suas contribuições no início de meu trabalho com os testes piloto, meus agradecimentos.

À Rosimeri de Souza e aos colegas do Labergo - Fabiana Sperandio, Shirley Queiroz, Paula Hembecker, Ângela Poletto, Jaqueline Keller, José Serafim Júnior – agradeço pelo apoio que recebi no decorrer da minha pesquisa. À Marina Bouzon, que me apoiou em momentos difíceis, ouviu minhas dúvidas e angústias e contribuiu generosamente com material para pesquisa, sugestões e revisão do texto.

À Jaqueline Ferreira devo meus agradecimentos pelo seu incentivo e por me fazer compreender que tudo é possível de acontecer e que não devo desistir diante de obstáculos visíveis apenas para mim.

Aos professores da banca de defesa da tese, pela disponibilidade, contribuições e carinho.

Pela compreensão incondicional de meus filhos e melhores companheiros que em muitos momentos cuidaram da casa e de si mesmos em minhas ausências, não há palavras para expressar o quanto sou grata.

Finalmente gostaria de agradecer ao suporte financeiro do CNPQ, indispensável ao desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

CARDOSO, Cristina Luz. **Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos domésticos**: um estudo sobre suas influências na extensão de vida do produto. 2013. 207 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

O relacionamento das pessoas com seus artefatos suscita uma série de emoções e depende dos significados que lhe são atribuídos. Sob a perspectiva do Design, a ampliação de estudos que abordem as emoções e outras variáveis subjetivas e intangíveis é necessária, especialmente aqueles centrados na relação das pessoas com seus artefatos no contexto de uso. Do ponto de vista da Ergonomia, esta relação pode ser tratada de uma maneira mais holística que vai além dos estudos sobre cognição e usabilidade. Neste cenário, a presente pesquisa aborda os vínculos afetivos construídos entre as pessoas e seus artefatos, mais especificamente aqueles ligados à memória afetiva, que podem contribuir na extensão de vida dos artefatos. A relação das pessoas com seus artefatos faz parte de uma cultura doméstica, possível investigar por meio de uma perspectiva etnográfica, mais especificamente a partir de recursos da etnossemântica. As técnicas utilizadas foram entrevistas em profundidade e observação. A análise dos dados a partir de categorizações e de temas que emergiram durante a pesquisa permitiu compreender que os principais vínculos afetivos se referem, de alguma maneira, a memórias afetivas: na genealogia do artefato doméstico, a memória da família se estende por várias gerações, assim como se estende a vida do artefato; artefatos que contém inscrições de memórias identitárias também participam da genealogia do artefato doméstico, contribuindo para a perenidade e estabilidade de grupos culturais; memórias afetivas operam como blindagens estéticas às regulações externas de gosto, podendo balizar decisões de manter ou descartar artefatos. A construção do Modelo do Percurso do Artefato Doméstico permitiu identificar estratégias que visam a retardar o descarte e a prolongar a vida de artefatos de memória. Considera-se, portanto, que o acúmulo de memórias em artefatos pode se tornar uma abordagem promissora para o aumento de vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos e, consequentemente, para a extensão de vida do artefato.

Palavras-chave: Design; ergonomia; Emoção; Memória; Identidade; Genealogia do artefato; Extensão de vida do produto.

ABSTRACT

CARDOSO, Cristina Luz. **Emotional bonds between people and their domestic artifacts**: a study of their influence on the product life extension. 2013. 207 f. Thesis (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

The relationship between people and their artifacts raises a lot of emotions and depends on the meanings attributed to them. From the perspective of Design the extension of studies that address the emotions and other subjective and intangibles variables is needed, especially those centered on the relationship between people and their artifacts in the context of use. From the standpoint of Ergonomics this relationship can be handled in a more holistic way, beyond the study of cognition and usability. In this scenario this research addresses the emotional bonds between people and their artifacts specifically those related to affective memory which may contribute to the life extension of the artifacts. The relationship between people and their artifacts is part of a domestic culture investigated through an ethnographic perspective, more specifically with ethnosemantics resources. The techniques used were in-depth interviews and observation. Data analysis from categorizations and themes that emerged during the research allowed us to understand that major affective bonds relate somehow the emotional memories: in the genealogy of domestic artifact the family memory extends several generations as well as extending the artifact's life; artifacts containing inscriptions of identity memories also participate in the genealogy of domestic artifact contributing to the longevity and stability of cultural groups; affective memories operate as aesthetic shields from taste external regulations that can balance the decision of keep or discard artifacts. The construction of Domestic Artifact Route Model allowed us to identify strategies to delay the discard and extend the life of artifacts memory. Therefore it is considered that the accumulation of memories into artifacts may become a promising approach for increasing emotional bonds between people and their artifacts and consequently to the artifact life extension.

Keywords: Design, Ergonomics, Emotion, Memory, Identity, Artifact Genealogy, Product Life Extension.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2:1- Modelo hierárquico de afeto, humor e emoção	32
Figura 2:2 - Homem tatuado, Japão	35
Figura 2:3 - Latas para enrolar os cabelos	35
Figura 2:4 - Ciclo de Propriedade do Estoque	73
Figura 2:5 - Canal de disposição estendido: disposição planejada de produtos de valor moderado.....	76
Figura 3:1 - Processo cíclico e cumulativo de coleta e análise de dados	84
Figura 3:2 - Criação de codes e memos no Atlas.Ti. No detalhe, links de codes e memos ao conteúdo da primeira entrevista da Informante Suely	104
Figura 3:3 - Network do code Cultura e as relações com as subcategorias e entre categorias.....	105
Figura 3:4 - Network do memo 1º item com as citações para cada informante. No detalhe, quotations da Informante Mônica.....	106
Figura 4:1 - Cartões da Informante III com os artefatos selecionados sem hierarquização.....	112
Figura 4:2 - Cartões da Informante III hierarquizados da esquerda para a direita	112
Figura 4:3 - Mesa da Informante III.....	116
Figura 4:4 - Louças Informante II.....	117
Figura 4:5 - Cristaleira Informante I.....	117
Figura 4:6 - Ciclo de vida de móveis e objetos no contexto doméstico e eventos memoráveis.....	118
Figura 4:7- Sala da informante Alice.....	124
Figura 4:8 - Living e sala de jantar do informante Walter	125
Figura 4:9 - Adlerplatz e oficina do informante Milton.....	126
Figura 4:10 - Sala da informante Cláudia	127
Figura 4:11 - Salas da informante Suely	128
Figura 4:12 - "Área" do informante Paulo	129
Figura 4:13 - Sala e churrasqueira da Informante Mônica.....	130
Figura 4:14 - Sopeira da Informante Mônica recebida de herança	141
Figura 4:15 - Peça em pó de mármore do Informante Walter.....	142

Figura 4:16 - Genealogia do artefato doméstico recebido de herança pela Informante Mônica.....	145
Figura 4:17 - Casa do avô de Suely. Autora: Suely	150
Figura 4:18 - Desfile do 62º Kerb de Piratuba	150
Figura 4:19 - 1ª Deutshe Fest	151
Figura 4:20 - “Bier und Schnapswagen”	151
Figura 4:21 - Triciclo Brigue Luíza	155
Figura 4:22 - Brasão da família do Informante Milton	155
Figura 4:23 - Escrivaninha de Suely	159
Figura 4:24 - Faqueiro de Walter	159
Figura 4:25 - Toalhinhas de crochê de Alice.....	160
Figura 4:26 - Cachorro de Walter.....	160
Figura 4:27 - Percurso dos artefatos no ambiente doméstico.....	161
Figura 4:28 - Percurso de artefatos no ambiente doméstico: fase de aquisição.....	162
Figura 4:29 - Cristal da Informante Mônica, com detalhe do selo identificador	166
Figura 4:30 - Quadros da Informante III do Teste Piloto.....	166
Figura 4:31 - Mesa da Informante III do Teste Piloto.....	166
Figura 4:32 - Fase de uso de artefatos no ambiente doméstico	167
Figura 4:33 - Cristaleira Informante Mônica.....	171
Figura 4:34 - Gavetas sem puxadores da informante Mônica.....	171
Figura 4:35 - Prateleiras com louças da Informante Mônica.....	172
Figura 4:36 - Cristaleira da Informante Suely.....	172
Figura 4:37 - Fase de guardar de artefatos no ambiente doméstico	173
Figura 4:38 - Acesso ao sótão do Informante Milton.....	175
Figura 4:39 - Armário da churrasqueira da Informante Suely.....	175
Figura 4:40 - Fase de descarte de artefatos no ambiente doméstico....	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 2:1: Prazer e uso.....	74
Quadro 2:2 - Valores para o consumo, para a sustentabilidade e práticas promissoras	81
Quadro 3:1: Relações semânticas entre categorias e domínios.....	87
Quadro 3:2 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapa 1.....	88
Quadro 3:3 - Categorização de termos e parâmetros de pesquisa.....	90
Quadro 3:4 - Perguntas das entrevistas relacionadas aos objetivos e parâmetros da pesquisa	92
Quadro 3:5 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapas 2 e 3	94
Quadro 4:1: Taxonomia Informante III.....	109
Quadro 4:2 - Paradigma parcial da Informante III.....	111
Quadro 4:3 - Verificação dos objetivos em relação aos resultados preliminares do Teste Piloto	113
Quadro 4:4: Resumo dos artefatos selecionados e hierarquizados pelas(os) Informantes I, II e III	115
Quadro 4:5 - Resumo dos dados dos informantes do Estudo de Campo	121
Quadro 4:6: Os dez principais itens por informante, em ordem de importância	132
Quadro 4:7: Motivos para manutenção dos itens	134
Quadro 4:8: Categorias encontradas e densidade de motivos	135
Quadro 4:9: Categorias e suas aglutinações, densidades e exemplos de citações.....	137
Quadro 4:10: Taxonomia "Partes de Milton" do Informante Milton ..	153
Quadro 4:11 : Estações de transbordo - Características principais	179

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA... ..	21
1.2. OBJETIVOS.....	28
1.2.1. Objetivo Geral	29
1.2.2. Objetivos Específicos	29
1.3. ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO	29
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	31
2.1. AFETO E PRAZER NA INTERAÇÃO COM OS	
ARTEFATOS	31
2.1.1. Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos	37
2.2. MEMÓRIAS AFETIVAS.....	40
2.2.1. O papel das memórias afetivas na transmissão de bens.....	48
2.3. O AMBIENTE DOMÉSTICO, CULTURA E IDENTIDADE	53
2.3.1. A organização da sala no ambiente doméstico	61
2.4. CONSUMO DE BENS.....	64
2.4.1. Consumo de bens no ambiente doméstico.....	67
2.5. CICLO DE VIDA DOS ARTEFATOS	71
2.5.1. Fases da vida de um artefato.....	72
2.5.2. Extensão de vida do artefato.....	77
3. METODOLOGIA	82
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	82
3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	88
3.3. INSTRUMENTOS E EQUIPAMENTOS.....	94
3.4. CONTEXTO DE PESQUISA	95
3.5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	95
3.5.1. Os descendentes de alemães em Santa Catarina.....	96
3.6. PRECEITOS ÉTICOS ADOTADOS	99
3.7. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE OS	
TESTES PILOTO	101
3.8. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE O	
ESTUDO DE CAMPO	102
4. ESTUDO DE CAMPO.....	108
4.1. VERIFICAÇÃO PRELIMINAR DA APLICAÇÃO DO	
MÉTODO.....	108
4.1.2. Análise preliminar do método nos testes piloto.....	108
4.2. ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS COLETADOS NOS	
TESTES PILOTO	114
4.3. O INFORMANTE E SEU CONTEXTO DOMÉSTICO.....	119
4.4. OS ARTEFATOS MAIS IMPORTANTES.....	131

4.5. MEMÓRIAS AFETIVAS	138
4.6. GENEALOGIA DOS ARTEFATOS NO AMBIENTE DOMÉSTICO.....	143
4.7. MEMÓRIAS IDENTITÁRIAS	147
4.8. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA	156
4.9. PERCURSO DOS ARTEFATOS NO AMBIENTE DOMÉSTICO.....	160
4.9.1. Fase de aquisição.....	161
4.9.2. Fase de uso	166
4.9.3. Fase de guardar – estações de transbordo	173
4.9.4. Fase de descarte.....	180
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	186
5.1. VIVÊNCIA NO AMBIENTE DOMÉSTICO.....	186
5.2. PERMANÊNCIA DE MEMÓRIAS AFETIVAS.....	188
5.2.1. Genealogia dos artefatos domésticos	190
5.2.2. Memórias de identidades imaginadas.....	192
5.2.3. Memórias afetivas como “blindagens estéticas”	194
5.3. MEMÓRIAS E VÍNCULOS AFETIVOS NO PERCURSO DOS ARTEFATOS DOMÉSTICOS	196
5.3.1. Aquisições de artefatos de memória.....	196
5.3.2. Uso e organização dos artefatos domésticos	198
5.3.3. “Estações de transbordo”	201
5.3.4. A difícil tarefa de descartar	202
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
6.1. ATENDIMENTO AOS OBJETIVOS E QUESTÕES NORTEADORAS	208
6.2. RECOMENDAÇÕES.....	211
REFERÊNCIAS.....	215
APÊNDICES	231
APÊNDICE I - CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO.....	232
APÊNDICE II - TCLE	234
APÊNDICE III – QUADRO RESUMO TESTE PILOTO.....	236
APÊNDICE IV – RECOMENDAÇÕES PARA AS ENTREVISTAS DO ESTUDO DE CAMPO.....	238
APÊNDICE V – MODELO DE COLETA DE DADOS GERAIS DOS INFORMANTES	241
APÊNDICE VI – MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTAS	243

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo introdutório apresenta o contexto em que se insere a presente pesquisa assim como expõe sua problematização. O objetivo geral e os específicos que nortearam as ações e reflexões da pesquisa também são destacados, juntamente com o modo como o trabalho foi organizado.

1.1.CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

O processo de industrialização vivenciado no século XIX por várias sociedades trouxe em seu caminho a necessidade de uma nova atividade que viesse a suprir as demandas crescentes de configuração dos artefatos industriais. Começou a despontar então, a figura do designer e o design como profissão. Para a arquiteta e designer brasileira Maristela Ono, em sua tese *Design industrial e diversidade cultural: sintonia essencial*, este surgimento foi evidenciado em determinadas sociedades, ocorrendo “em lugares, tempos e modos diversos, acompanhando o ritmo e as características particulares da industrialização dos produtos e de cada sociedade” (ONO, 2004, p. 50).

Para os primeiros artefatos industrializados, a ênfase era dada ao funcionamento correto, sendo que as funções simbólicas e os aspectos ergonômicos eram deixados em segundo plano. Com a percepção de que, para que os artefatos industriais se integrassem ao ambiente doméstico seria necessário agradar a seus usuários, o tradicional acabamento manual passou a ser substituído pela decoração industrial, utilizada como elemento de sedução e para esconder defeitos dos produtos (ONO, 2004).

Em meados do séc. XIX, além da consolidação da grande indústria, houve uma transformação nos hábitos de consumo, na qual o design desempenhou papel de criação de projetos para produção de objetos utilitários em geral, assim como para demais objetos de uso doméstico ou pessoal (DENIS, 1998). No entanto, como ressalta Maristela Ono (2004, p. 86), “as exigências quanto à segurança e facilidade de uso tinham um tratamento freqüentemente empírico [...]”. Em contra partida, ao final do séc. XIX e ao longo do séc. XX observou-se uma crescente padronização da produção. Os artefatos de uso doméstico, incluindo os eletrodomésticos, passaram a ser aperfeiçoados, oferecendo mais segurança no uso e sofrendo adaptações ao uso pelo homem, do ponto de vista ergonômico. Ao mesmo tempo seguiam-se os

movimentos e tendências que refletiam o espírito de cada época, incorporando-se à decoração de cada ambiente da casa.

A partir das últimas décadas do séc. XX já se observa que a priorização do enfoque na produção, no funcionalismo e na usabilidade cede terreno para uma visão mais holística do Design e da Ergonomia, envolvendo aspectos mais subjetivos e centrados na interação das pessoas com seus artefatos. Esta nova abordagem traz consigo preocupações relacionadas ao afeto, aos desejos de auto-identidade, à diferenciação cultural, status social, entre outras.

O estudo do afeto vinculado aos interesses do Marketing, Ergonomia, Economia e Engenharia vem sendo desenvolvido desde os anos 1960. Após um longo período em que prevaleceu a abordagem funcionalista e racional, verifica-se que razão e emoção são inseparáveis e que ambos têm fundamental significância para as pessoas.

Contrariando a maior parte dos pesquisadores que discorrem sobre o tema da emoção em Design, Artemis Yagou (2006, p. 2), ao estudar a história do design, afirma que a inserção de fatores emocionais não é um tema novo. Para o autor,

[...] o design industrial, sempre se preocupou em obter respostas emocionais de potenciais compradores e satisfação dos usuários dos produtos. Exemplos históricos de produtos sugerem que a emoção em design é uma abordagem tão antiga como o desenho industrial em si. O que muda é a maneira como a emoção é estruturada (tradução livre).

A confusão quanto à originalidade seria explicada parcialmente pela ideologia do funcionalismo que, ao optar por salientar a praticidade e a austeridade no design, solapou o significado das emoções do usuário. No entanto, a tradição modernista abraçava abordagens emocionais, se assim fossem interessantes. Além das confusões e ambiguidades, há evidências que funcionalidade e emoção estão longe de serem mutuamente exclusivos. “Parece que o divórcio entre a função e emoção tem mais a ver com a construção social da história e teoria do design do século XX, e não com a real percepção dos designers e usuários” (YAGOU, 2006, tradução livre).

No entanto, vários autores sugerem a ampliação dos estudos nestas áreas, pois as noções de emoção, afetividade e outras variáveis de caráter mais intangível, não raro são vistas com desconfiança entre profissionais. A desconfiança se refere, neste contexto, a abordagens em

que não são priorizados dados estatísticos, numéricos, concretos, quantificáveis e/ou comparáveis. De acordo com Pieter Desmet (2003), na prática do Design a persistência do preconceito de que as emoções são intangíveis e difíceis de manipular é causada parcialmente por algumas características típicas de produtos que priorizam enfoques emocionais. Essas características podem compreender o fato de que os produtos podem gerar todos os tipos de emoções e que as emoções geradas são pessoais. Diferentes indivíduos podem experimentar diferentes emoções a partir de um mesmo produto e, ao mesmo tempo, os produtos podem gerar não um só tipo de emoção, mas um *mix* de emoções simultaneamente.

Observando o tema sob o ponto de vista dos fatores humanos, Patrick Jordan e William Green (2000; 2002) ressaltam que a relação entre as pessoas e seus artefatos pode ser encarada de uma maneira holística que vai além dos aspectos trabalhados na usabilidade. As análises cognitivas de usabilidade e função, mais fáceis de aferição, tendem a ver as pessoas como componentes físicos e cognitivos de um sistema. Neste tipo de sistema, seus artefatos seriam ferramentas no cumprimento de tarefas. No entanto, tanto a personalidade, quanto os sonhos, esperanças, medos e aspirações afetam a maneira como as pessoas respondem e interagem com os produtos.

Klaus Krippendorff (1998) também se ressentia da ausência do aprofundamento na literatura sobre o contexto de uso sociolinguístico dos artefatos, em seu estudo semântico. O autor sugere então, a análise a partir das expressões das identidades dos usuários, dos símbolos de diferenciação e integração social, do conteúdo de comunicação e do suporte material para os relacionamentos sociais.

Na perspectiva da designer brasileira Maria Regina Dias (2009), alguns profissionais do Design se concentram demais em suas próprias experiências e seu juízo estético e não priorizam os estudos sobre o gosto e as maneiras com que as pessoas interagem com seus artefatos. Se, por um lado as empresas já estão preparadas para oferecer produtos a pessoas como clientes, por outro lado, estão ainda iniciando seu trabalho para conhecer as pessoas interagindo com os artefatos no contexto de uso. Segundo a autora, diversos fatores estão imbricados no processo de design, tais como as exigências funcionais, tecnologia de fabricação, economia, entre outros. Porém, devem ser consideradas, de igual maneira, as reações emocionais e os referenciais e significados simbólicos, os quais podem proporcionar experiências tanto positivas

quanto negativas entre as pessoas e seus artefatos, dependendo de cada contexto cultural.

Aos artefatos com os quais as pessoas se relacionam em seu cotidiano, valores culturais são atribuídos de uma maneira hierárquica, dependendo do contexto e do momento de uso. No entanto, a análise técnica que diz respeito aos seus aspectos funcionais, formais e estruturais é insuficiente para responder questões subjetivas sobre as estruturas mentais que se misturam às estruturas funcionais e as contradizem, e sobre o sistema cultural que serve de base para a interação em sua cotidianidade (BAUDRILLARD, 1973).

No entendimento de Marinês Ribeiro dos Santos (2005, p. 30) os artefatos não podem ser entendidos isolados dos contextos sociais, culturais e históricos onde foram materializadas as práticas sociais e valores culturais do homem. “Durante o processo de utilização, práticas e valores podem ser reificados ou re-significados, dependendo de como ocorre a apropriação do artefato pelas pessoas. Logo, seus significados podem ser múltiplos e passíveis de transformação”.

A interação com os artefatos, no entanto, suscita uma série de emoções, tanto negativas quanto positivas. Emoções negativas podem levar as pessoas a rejeitar a interação e descartar o artefato e emoções positivas estimulam a aceitação (FRIJDA, 1986). Para Desmet (2012), é indiscutível a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre as emoções positivas, tendo em vista que contribuem para que as pessoas obtenham mais qualidade, ou para que as pessoas se sintam melhor na interação com seus artefatos. O autor aponta que uma visão clara a respeito de como emoções positivas podem ser experienciadas nas interações das pessoas com seus artefatos, no entanto, ainda carece de maior embasamento para o processo de design.

Segundo Mugge, Schifferstein e Schoormans (2004) e Schifferstein, Mugge e Hekkert (2004), emoções positivas também contribuem para a criação de vínculos afetivos que, por sua vez, podem prolongar o tempo de vida útil de um artefato nas mãos de seu proprietário. Sob este aspecto, os autores sugerem que as pessoas estariam mais propensas a reparar artefatos que já não funcionam corretamente. Nestes casos, a inscrição de vínculos afetivos pode estimular a redução do consumo e o desperdício desnecessário de recursos limitados de energia e materiais. Os autores sugerem que mais pesquisas envolvendo uma gama maior de tipos de artefato podem ser desenvolvidas, procurando identificar quais os principais vínculos estabelecidos.

Partilhando a perspectiva de Mugge, Schifferstein e Schoormans (2004) a respeito da relação entre o tempo de vida útil dos artefatos e os vínculos afetivos que as pessoas desenvolvem com seus artefatos, verifica-se que o ciclo de vida dos artefatos domésticos e os processos de tomadas de decisão para substituições vêm sendo pouco estudados no meio acadêmico. As pesquisas em geral focam seus interesses principalmente no momento de compra – aquisição inicial e a escolha entre diferentes alternativas. Aspectos tais como a relação das pessoas com seus artefatos no contexto de uso, organização e hierarquização dos artefatos entre si e razões pelas quais acontece o descarte, são estudados com menos frequência.

O estudo do ciclo de vida admite várias abordagens nas diferentes áreas de estudo. Uma das abordagens envolve a dimensão comercial do produto a partir do projeto até a sua morte e retirada do mercado e outra envolve o ciclo completo do produto, a partir da extração, pré-produção, produção, transporte, utilização, descarte, reutilização e a reciclagem de parte ou da totalidade do produto. A segunda abordagem considera o produto do berço ao berço (*cradle-to-cradle*), como em um ciclo fechado em que os resíduos entram no sistema novamente (EPA, 1993).

Para estudar as relações que as pessoas mantêm com seus artefatos domésticos, o ciclo de vida, na presente pesquisa, inclui as fases de pré-aquisição, aquisição, uso e descarte. São explorados mais especificamente os vínculos afetivos desenvolvidos e as possibilidades de extensão de vida dos artefatos. Este ciclo é focado a partir de diferentes perspectivas, mas sempre buscando pontos de vista que interessam ao design de produtos e à ergonomia.

Neste cenário se coloca a presente pesquisa, abordando os aspectos emocionais que envolvem a interação do homem com seus artefatos, sob as perspectivas do Design e da Ergonomia. São focados os estudos dos vínculos afetivos construídos entre as pessoas e seus artefatos no cotidiano do ambiente doméstico, mais especificamente aqueles ligados à memória afetiva, que podem contribuir na extensão de vida dos artefatos.

Para dar conta de todos estes aspectos, porém, estudos empreendidos em áreas consideradas transdisciplinares são acrescentados, tais como a Psicologia, a Antropologia, a Neurociência, o Marketing e as Ciências Sociais.

Tanto no Brasil quanto em outros países, pesquisas desenvolvidas nessas áreas vêm demonstrando que a memória se posiciona entre os fatores que mais influenciam o desenvolvimento de laços afetivos entre

as pessoas e seus artefatos. Dados vêm sendo encontrados que confirmam a importância de lembranças afetivas depositadas em artefatos (WALLENDORF; ARNOULD, 1988; BELK, 1990; CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 1999; HOLBROOK; SCHINDLER, 2003; SCHIFFERSTEIN et al., 2004; KESSOUS; ROUX, 2008). O afeto conforma-se como um fator central nos processos envolvidos na memória e na maneira como o homem percebe sua própria realidade. Porém, cada artefato, fenômeno ou evento é percebido e significado de maneira diferente e é capaz de evocar lembranças diferenciadas. O processo de memória comporta elementos que dependem do processo de significação compartilhado pelo(s) grupo(s) ao(s) qual(is) o indivíduo pertence ou pertenceu, constituindo uma memória individual e também coletiva.

Artefatos domésticos originados de heranças familiares, presentes recebidos de entes queridos, símbolos materiais que fazem lembrar momentos gloriosos e passagens importantes da vida são exemplos do uso de artefatos de memória. A manutenção destes artefatos, sua organização, a periodicidade de seu uso, o tempo de permanência, entre outros aspectos, configuram o ambiente doméstico e são formas de representação de identidades de seus membros.

O ritmo de vida dos membros de um ambiente doméstico se encontra ligado, de certa forma, ao uso ritual de seus artefatos que, neste ponto de vista, também está ligado ao consumo de bens necessários ao viver contemporâneo. Como ressaltado por Mary Douglas e Baron Isherwood (1996), os rituais se mostram como eficientes meios para conter significados que, sem isso, ficariam à deriva. Rituais criam definições públicas visíveis, sem as quais não existiriam significados claros e possivelmente não contribuiriam para estabelecer memórias. No entanto, os rituais precisam ser compartilhados por outras pessoas, ou seja, é preciso que estejam presentes nos rituais de consumo¹ de outras pessoas para serem capazes de comunicar aos outros os mesmos significados. A dinâmica do consumo de bens, nesta perspectiva, apóia o pertencimento das pessoas a determinado grupo social, mas também exclui aqueles que não compartilham os mesmos rituais.

¹ Rituais de consumo, no contexto desta pesquisa, são entendidos como experiências carregadas de significado possíveis de compartilhamento social e cultural, tais como a periodicidade de uso, as maneiras de organização e manutenção de artefatos. Para Douglas e Isherwood (1996), o consumo é um processo ritual que permite que as pessoas construam um universo inteligível com os bens escolhidos.

Adicionalmente, as práticas estabelecidas nas formas de significação e de representação no ambiente doméstico são dinâmicas e dependem do contexto cultural a que pertencem. Tomando como base o pensamento de Bauman (2001; 2008), Niemeyer (2008) pondera que, diante da complexidade contemporânea, o indivíduo não consegue se firmar, pois as coisas fluem. “Os fluxos são constantes, as informações são constantes e as pessoas se sentem dentro de um redemoinho, porque elas não conseguem botar o pé no chão”. Em consequência há a exacerbação de uma busca de âncoras que os artefatos, os serviços e o design podem prover, passando a ser um modo de exercício de viabilidade e de reafirmação de valores.

Pesquisas sobre o consumo material procuram aprofundar estudos sobre as relações que as pessoas criam ou desenvolvem com os objetos de consumo, especialmente se observadas sob o prisma da cultura material e como um meio para construção, materialização e exibição de identidades e do próprio *self*.

O consumo de bens pode ser entendido como uma experiência culturalmente construída e também, como ressaltado por Mary Douglas (2007, p. 26), um “processo de transformar mercadorias em bem-estar”. Visto a partir deste ângulo, as experiências relacionadas ao consumo de bens extrapolam, por exemplo, as necessidades de posse e demonstrações de riqueza e vão sustentar, conforme abordagem de Bourdieu (2008), as relações sociais. Assim, a pobreza pode ser culturalmente definida por um padrão de exclusões e/ou discriminações sociais e não pela posse de uma quantidade menor de bens.

No entanto, bens de consumo muitas vezes são criados partindo do princípio de que a posse de grande quantidade de bens ou a aquisição freqüente são necessárias para a sobrevivência material. Dessa maneira, grandes empresas continuam não apenas mantendo, mas ampliando a obtenção de lucro, contribuindo para a produção e consumo de artefatos em quantidade e qualidade discutíveis. Para Chapman (2006), há uma abundância de artefatos marginalizados em aterros sanitários que ainda funcionam. O autor entende que a proliferação de resíduos desta natureza pode ser entendida como um sintoma de uma falha na relação entre as pessoas e seus artefatos. Como alguns vínculos emocionais podem enfraquecer ao longo do tempo, eventualmente estes artefatos são descartados mais rapidamente.

O estudo dos vínculos afetivos desenvolvidos entre as pessoas e seus artefatos pode apresentar, contudo, aspectos contraditórios. O estímulo ao desenvolvimento do apego a uma quantidade exagerada de

bens no ambiente doméstico, por exemplo, pode resultar em efeitos nefastos, tendo em vista as dificuldades para manutenção e estocagem destes itens, o desperdício de recursos, pois os bens poderiam ser usados por outras pessoas, o possível estímulo para comportamentos obsessivos/compulsivos, entre outros fatores.

Além do exposto, outras dificuldades são visualizadas. Kleine, Kleine e Allen (1995) consideram que as pessoas somente constroem fortes vínculos afetivos com artefatos recebidos de presente, por exemplo, se suas identidades pessoais estiverem representadas ou se o presente representar a relação existente entre quem oferece e quem recebe o presente. Nesta abordagem, não estão envolvidas as características exclusivas do artefato, mas sim os significados elaborados pelas pessoas. Dessa maneira, como pondera van Hinte (2004), vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos são raros e difíceis de serem projetados.

As memórias ligadas a um produto, verificadas como fortes componentes ao vínculo afetivo, de maneira similar, não estão sob controle do projetista. No entanto, Schifferstein, Mugge e Hekkert (2004), apesar de terem realizado um estudo com apenas quatro tipos de produtos, alertam que as memórias podem ser capazes de bloquear uma decisão de descarte de um artefato. Dessa maneira, apesar das dificuldades visualizadas pelos autores citados e ao mesmo tempo atendendo às suas próprias indicações de aprofundamento do tema, se coloca a seguinte questão: como os vínculos afetivos construídos entre as pessoas e seus artefatos podem influenciar positivamente na extensão de vida do produto?

É considerado, portanto, um desafio e uma oportunidade para o Design e a Ergonomia, as pesquisas em torno deste tema e os resultados que esta questão suscita no processo de desenvolvimento de produtos. Seu estudo torna-se importante, uma vez que a experiência da afetividade pode ser capaz de delinear a qualidade do relacionamento entre a pessoa e o artefato, assim como com outras pessoas, mediado por artefatos, no âmbito do polissistema material e do polissistema imaterial/espiritual.

1.2. OBJETIVOS

Tomando como base o contexto e o problema da pesquisa explorados no item 1.2, bem como sua complementação com a revisão bibliográfica do Capítulo 2, foram desenhados os objetivos a serem alcançados.

1.2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar de que maneira os vínculos afetivos existentes entre as pessoas e seus artefatos domésticos podem influenciar positivamente na extensão da vida do produto.

1.2.2. Objetivos Específicos

- **Identificar os artefatos mais importantes presentes no ambiente doméstico;**
- **Identificar os principais vínculos afetivos presentes na relação entre as pessoas e os artefatos no ambiente doméstico.**
- **Identificar os atributos específicos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos com as pessoas.**
- **Analisar se a existência de vínculos afetivos entre as pessoas e artefatos no ambiente doméstico contribui positivamente para a extensão de vida do produto.**

—

1.3. ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

Além deste Capítulo 1, o documento se organiza em mais cinco capítulos, como a seguir:

O Capítulo 2 – Referencial Teórico – contempla os principais pensamentos dos autores que tratam sobre os vínculos afetivos presentes na relação das pessoas com seus artefatos, sobre a evolução do ambiente doméstico ao longo da história Ocidental, bem como sobre a extensão de vida do artefato.

O Capítulo 3 – Método – apresenta a abordagem metodológica da pesquisa e os procedimentos adotados, incluindo a realização de testes piloto e posterior estudo de campo.

O Capítulo 4 – Estudo de Campo – traz um relato a respeito dos dados coletados no Estudo de Campo propriamente dito e que foram entendidos como pertinentes ao alcance dos objetivos geral e específicos de pesquisa.

O Capítulo 5 – Discussão dos resultados – retoma os dados analisados nas fases de Teste Piloto e do Estudo de Campo, dialogando com os autores da revisão bibliográfica. É retomada a pergunta de pesquisa, proporcionando a verificação do alcance dos objetivos de pesquisa.

O Capítulo 6 – Considerações Finais – oferece indicações de contribuições às áreas do Design e Ergonomia, entre outras, visualizadas a partir da discussão dos dados, bem como uma análise crítica dos métodos de pesquisa adotados e recomendações a respeito de estudos futuros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

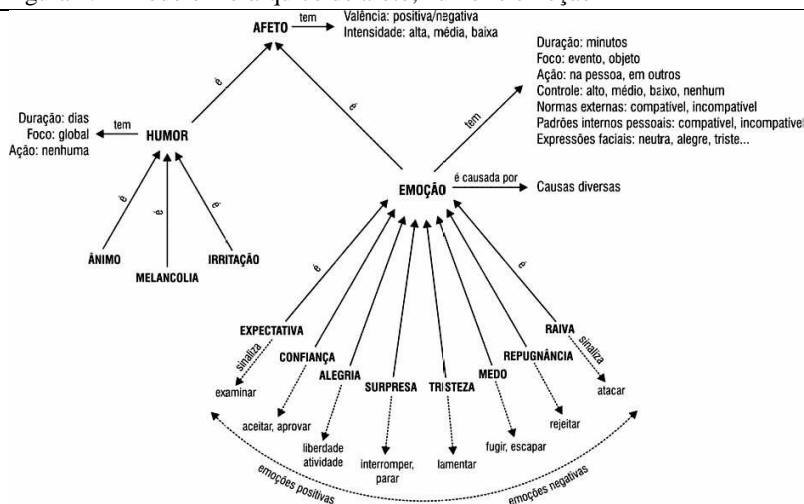
O referencial teórico adotado na presente pesquisa teve como fio condutor a busca por uma melhor compreensão a respeito das relações emocionais presentes entre as pessoas e seus artefatos. Pensamentos de autores que discorrem sobre vínculos afetivos, memória afetiva e sobre o consumo de bens foram articulados, contribuindo para uma visão mais abrangente das relações cotidianas entre as pessoas e seus artefatos no ambiente doméstico. Com este panorama delineado, foram exploradas as influências que os vínculos afetivos possibilitam na extensão de vida dos artefatos.

2.1. AFETO E PRAZER NA INTERAÇÃO COM OS ARTEFATOS

Em psicologia, o termo afeto é geralmente usado para se referir a todos os tipos de experiências subjetivas que envolvem a percepção de uma coisa boa ou ruim, prazerosa e não prazerosa (DESMET; HEKKERT, 2007). Apesar das lacunas encontradas para sua conceituação, o afeto pode agrupar as emoções e o humor (DAMÁSIO, 1998; BIANCHI-BERTHOUE; LISETTI, 2002). A Figura 2:1 sugere uma combinação de aspectos encontrados na maioria das correntes teóricas sobre o afeto, humor e emoção. A taxonomia propõe uma diferenciação entre a variedade de estados afetivos, utilizando valores de atributos compostos.

Neste modelo hierárquico, o afeto é considerado mensurável e é definido em duas dimensões: valência - positiva ou negativa; e intensidade - que varia em diversos níveis. O humor é um estado afetivo também sujeito à valência e intensidade. É caracterizado pelo fato de não ser desencadeado por um estímulo específico, evento ou agente e pode durar dias. A emoção é um fenômeno mais refinado, se comparado ao humor, uma vez que contém mais informação e é associada com estímulos do sistema nervoso autônomo, expressão e experiência subjetiva (BIANCHI-BERTHOUE; LISETTI, 2002).

Figura 2:1- Modelo hierárquico de afeto, humor e emoção



Fonte: Adaptado de Bianchi-Berthouze e Lisetti (2002)

No pensamento de Damásio (1998, p. 16), os sentimentos são tão cognitivos como qualquer outra percepção. No entanto, o autor deixa claro que essa visão não deve diminuir o estatuto dos sentimentos e emoções como fenômenos humanos. Tanto os sentimentos quanto as emoções fazem parte do espírito humano. Para Ledoux (1998, p. 113), os sentimentos também são processos conscientes, pois “[...] a capacidade de ter sentimentos está diretamente vinculada à capacidade de estar consciente do próprio ser e da relação de si mesmo com o resto do mundo”. No entanto, cada sentimento tem um diferente repertório de pensamentos, de reações e mesmo de memórias.

Após pesquisas envolvendo seres humanos com lesões cerebrais, com perturbações de memória, da linguagem e de raciocínio, Damásio (1998, p.14-15) concluiu que os sentimentos não são inatingíveis, mas são passíveis de ser circunscritos em termos mentais. “[...] a essência de um sentimento (o processo de viver uma emoção) não é uma qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim a percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo”. A essência das emoções e sentimentos pode ser vislumbrada através de uma janela que se abre para uma imagem continuamente atualizada da estrutura e do estado do corpo, chamada de paisagem. A estrutura do corpo seria o mesmo que a forma dos artefatos espacialmente dispostos e o estado do corpo seriam o mesmo que a luz, a sombra, o movimento e o som desses

artefatos no espaço. O sentimento seria a “vista” momentânea de uma parte dessa paisagem corporal. Quando ocorre a percepção ou recordação de algo que está fora do corpo, ocorre ao mesmo tempo a visualização ou o sentir da paisagem do corpo. Assim, os sentimentos se tornam qualificadores – positivos ou negativos - daquilo que foi percebido ou recordado. Esse processo é acompanhado e completado por alterações rápidas e ricas em idéias quando a qualificação é positiva e por alterações lentas e repetitivas quando a qualificação é negativa. O estado do corpo qualifica positiva ou negativamente aquilo que é percebido ou recordado. “Os sentimentos, juntamente com as emoções que os originam, não são um luxo. Servem de guias internos e ajudam-nos a comunicar aos outros sinais que também os podem guiar”.

Regulações externas, no entanto, constroem em certa medida, as manifestações emocionais. Os estudos de Ekman (2003) ressaltam algumas regras de exibição que seriam socialmente aprendidas e geralmente distintas culturalmente. As regras de exibição participariam de um consenso social a respeito de quais sentimentos – em que momento e em qual ambiente – poderiam ser demonstrados de forma apropriada. Passadas de geração a geração, poderiam regular a diminuição, o exagero, a ocultação completa ou a ação de mascarar a expressão de emoção que se esteja sentindo. Há, portanto, sobre uma base inata, um aprimoramento ou mesmo uma dissimulação das expressões faciais.

As emoções preparam o indivíduo para uma adaptação a cada experiência vivida. O medo vem com uma tendência a fugir, a raiva com a tendência de atacar e a fascinação com a tendência de explorar. Por isso, muitas vezes um artefato que evoca raiva será deixado de lado, aquele que evoca fascinação será explorado e aquele que evoca aborrecimento será ignorado (FRIJDA, 1986).

Dessa maneira, as características intrínsecas de um artefato não são exclusivamente responsáveis pelas respostas emocionais em sua interação com o indivíduo. Do ponto de vista da emoção, as características de um artefato dependem de como ele é percebido. Além de tudo, estão envolvidos nesse processo aspectos relacionados à individualidade, ao ambiente em que ocorre a interação, a experiências passadas e aspectos influenciados pela sociedade. Da cultura emerge esse cenário, da qual faz parte e em que múltiplos fatores estão inter-relacionados.

A apreciação do por do sol, por exemplo, tem uma dimensão objetiva e outra subjetiva. Pessoas diferentes podem apreciar o mesmo

pôr do sol, mas não exatamente da mesma maneira. Quando a impressão pessoal de cada observador é subtraída, a descrição remanescente é um relato didático físico e “objetivo”. Quando a ênfase está no observador, porém, como numa pintura ou fotografia de um pôr do sol, a descrição é subjetiva (BIANCHI-BERTHOUE; LISETTI, 2002, p. 6). Assim, cada evento é experienciado e traduzido pela lente do próprio sujeito, tornando-se também difícil de verbalizar experiências tais como tristeza, alegria ou melancolia.

Sob essa perspectiva, nas relações entre as pessoas e um artefato em particular, respostas emocionais diferentes podem ser observadas, uma vez que diferentes pessoas determinam diferentes significados. Uma pessoa pode sentir atração por um móvel de aço inoxidável porque ela o percebe como moderno e eficiente, enquanto outra sente insatisfação porque o percebe como frio e impessoal (DESMET; HEKKERT, 2007).

A questão da satisfação e insatisfação com um artefato é importante, pois se apresenta como um fator que influencia a experiência prazerosa com a pessoa, bem como na sua manutenção ou descarte. Os prazeres incitados por um artefato são uma resposta ao julgamento ou percepção de atributos prático e estéticos/simbólicos e vão dizer o quanto agradou ou não ao indivíduo que com ele se relaciona.

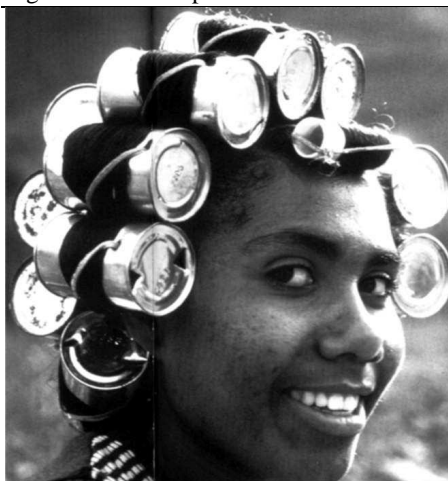
Na perspectiva de Weightman e McDonagh (2003) as pessoas obtêm prazer nas relações com seus artefatos se estes suprem suas necessidades funcionais e supra-funcionais. As necessidades funcionais podem ser emocionais, aspiracionais, culturais e sociais. As necessidades supra-funcionais se referem a ligações emocionais, representações simbólicas, conexões tribais, entre outras, as quais fazem parte da linguagem que define a personalidade e a semântica do artefato.

Figura 2:2 - Homem tatuado, Japão



Fonte: Weightman e Mcdonagh (2003)

Figura 2:3 - Latas para enrolar os cabelos



Fonte: Weightman e Mcdonagh (2003)

Entre os aspectos que envolvem *inputs* diretamente das próprias pessoas, antes ou depois do artefato ser comprado, estão o uso de longo prazo, a fidelidade à marca e identificação, a criação de artefatos pelo seu próprio trabalho, os artefatos feitos sob medida (Figura 2:2) e as adaptações pessoais. Sob este último aspecto, Weightman e McDonagh (2003) ressaltam que os designers não podem prever como as pessoas usarão seus artefatos (Figura 2:3).

Em sua pesquisa sobre a experiência do amor, Russo e Hekkert (2007) elencaram cinco princípios capazes de oferecer fontes de prazer entre os usuários e seus artefatos. No princípio da interação fluída, as pessoas sentem prazer em usar artefatos com os quais interagem fluentemente; no princípio da recordação de memórias afetivas as pessoas gostam de usar artefatos portadores de memórias afetivas e funcionam como lembretes dessas memórias; no princípio do significado simbólico social, as pessoas gostam de usar artefatos que compõem os significados simbólicos que podem ser expostos e/ou percebidos por outros, em um ambiente social; no princípio de valores morais compartilhados, as pessoas gostam de usar artefatos por meio dos quais podem compartilhar valores morais e éticos; no princípio da interação física prazerosa, as pessoas gostam de interagir com os artefatos que são fisicamente agradáveis.

O princípio relativo a valores morais compartilhados torna-se importante nesta pesquisa tendo em vista que é responsável pelo prazer abstrato e ideológico proporcionado no consumo ético. O consumo ético, para Russo e Hekkert (2007), é um movimento social com base no impacto das decisões de compra sobre o ambiente, sobre a saúde das pessoas e da vida em geral. Artefatos que proporcionam este tipo de prazer transmitem um senso de responsabilidade ambiental para os usuários e podem levar a experiências gratificantes.

O prazer pode ainda ser classificado em três níveis de processamento cerebral: o nível visceral, das reações instintivas e automáticas; o nível comportamental, que envolve análises, julgamentos e decisões conscientes e decorre das interações entre o artefato e o usuário; e o nível reflexivo: mental, criativo, evocativo, contemplativo e cultural e que não depende diretamente dos estímulos ambientais. Relaciona-se com os aspectos simbólicos do design. O nível reflexivo é a casa da reflexão, dos pensamentos conscientes, do aprendizado e novos conceitos e generalizações sobre o mundo. Está todo na mente do espectador, não há nada prático ou biológico nesse nível, apenas cultural (NORMAN, 2004).

O estudo do prazer nas relações entre as pessoas e seus artefatos pode trazer contribuições importantes para o universo da Ergonomia. Esta abordagem baseada no prazer direcionaria os estudos ergonômicos para “novos fatores humanos”, na expressão cunhada por Jane Fulton (1993). Nesta abordagem, o desafio seria ir além do estudo para manter as pessoas livres de desconforto, erros no cumprimento de tarefas, danos físicos, atrasos e baixa produtividade e ir ao encontro de promover qualidade na relação das pessoas e seus artefatos.

No entendimento de Jordan (2000), os artefatos são “objetos de vida” ou “objetos vivos”, por meio dos quais as pessoas se relacionam e forjam benefícios emocionais. Para o autor, o prazer obtido na interação com os artefatos pode ser dividido em quatro tipos – prazer fisiológico, social, psicológico e ideológico.

O prazer fisiológico tem origem nas funções fisiológicas de tato, gosto, cheiro e também de sentimentos de prazer sensual. O prazer de estar em contato com outros, de ter relacionamentos com a sociedade como um todo e de ser aceito socialmente é chamado de prazer social. Estão incluídas nesse tipo de prazer as questões de *status*, de auto-imagem e o senso de pertencimento a um grupo social. Por exemplo, o

uso de determinado artefato pode indicar *status* material ou cultural²; pode representar uma imagem coincidente com a do próprio usuário, ou a imagem de como ele gostaria de ser visto pelos outros; e pode também indicar o pertencimento a um grupo social. Neste caso, o relacionamento da pessoa com o artefato forma parte de sua identidade social.

O prazer psicológico se relaciona às reações emocionais e cognitivas, ao prazer de auto-realização, e à satisfação em realizar uma tarefa. Esse tipo de prazer é constatado no caso de artefatos que permitem realização fácil, rápida e prazerosa de tarefas. Dessa maneira, o prazer psicológico pode decorrer das propriedades de usabilidade de um artefato. Artefatos difíceis de usar exigem maior demanda cognitiva para o usuário, podendo resultar em respostas não prazerosas, como aborrecimento, frustração ou stress.

O prazer ideológico tem a ver com os valores das pessoas, com seus processos de criação, imaginação, apreciação de paisagens ou de obras de arte. Relaciona-se também à religião, às aspirações pessoais e define como as pessoas gostariam de ver a si mesmas. Nesse tipo de prazer, tanto a estética do artefato como seus valores incorporados representam importante papel. Artefatos feitos de materiais biodegradáveis, por exemplo, incorporam um valor de responsabilidade ambiental. Pessoas que se preocupam com o ambiente procuram evitar, por exemplo, artefatos feitos de plástico e PVC, optando por metais, madeiras, vidros e os novos plásticos biodegradáveis. Outros aspectos relacionados ao prazer ideológico são as características e valores culturais que alguns artefatos refletem. Um exemplo foi o sucesso da “estética da era do jato” (*streamline*), com linhas aerodinâmicas, na década de 1950 nos Estados Unidos da América. Alguns países também inseriram características e valores culturais no processo de design, tendo em vista que certas características eram apreciadas (JORDAN, 2000, p. 48).

2.1.1. Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos

Em pesquisas coordenadas por Hendrik Schifferstein na *Delft University of Technology* (MUGGE et al., 2004; SCHIFFERSTEIN et al., 2004; SCHIFFERSTEIN; ZWARTKRUIS-PELGRIM, 2008b), vem

²Segundo Bourdieu (2008), *status* material é conferido por produtos que dão a impressão – certa ou errada – de que o proprietário tem uma riqueza material. *Status* cultural é obtido por produtos que dão a impressão – certa ou errada – de que a pessoa é alguém com grande gosto e conhecimento cultural

sendo focada a experiência dos consumidores baseada no vínculo afetivo desenvolvido com seus produtos.

Vínculos afetivos podem ser conceituados como uma união emocional experienciada pela pessoa com um artefato. Este conceito sugere que, quando uma pessoa se vincula a um produto, é porque o produto tem um significado especial para ela e é capaz de despertar reações emocionais. O termo “*consumer-product attachment*” vem a significar também o sentimento de apego a determinados produtos, que difere do constructo do comportamento do consumidor, porque se centra na relação com um determinado modelo de produto. Em contrapartida, o envolvimento com o produto aborda os sentimentos de uma pessoa para uma categoria inteira de produtos, como automóveis, enquanto a fidelidade e apego à marca focam a marca em vez do produto físico (SCHIFFERSTEIN; ZWARTKRUIS-PELGRIM, 2008b).

Assim, o vínculo afetivo ou o apego a determinados artefatos não está relacionado necessariamente as suas funções práticas e utilitárias, pois fatores mais subjetivos exercem maior influência. Utilizando exemplos de bens duráveis, Schifferstein e Zwartkruis-Pelgrim (2008a) desenvolveram uma escala para medir o grau de apego a produtos de consumo – luminárias, relógios, carros e ornamentos. No estudo, foram identificados e medidos sete possíveis determinantes do apego: prazer, memórias de pessoas, lugares e eventos, suporte à auto-identidade, visão de vida, utilidade, confiabilidade e valor de mercado. Os resultados mostraram que somente memórias e prazer contribuíram positivamente para o grau de apego. Os níveis mais elevados de apego foram registrados para produtos adquiridos há menos de um ano (ex: prazer em dirigir um novo carro logo depois de tê-lo comprado) e para os produtos pertencentes há mais de 20 anos (ex: memórias trazidas de uma herança recebida de um ente querido). Portanto, para novos produtos, o prazer pode ser o principal impulsionador do apego, enquanto que para produtos velhos, a memória pode ser mais importante.

As pessoas podem manter produtos aos quais estão vinculadas afetivamente mesmo quando estes produtos não funcionam corretamente. O fato de que um produto atende sua principal função utilitária, tais como indicar o tempo correto para um relógio ou transportar uma pessoa de um lugar para outro para um carro, não contribuem para o grau no vínculo afetivo. Somente em casos em que um produto tem melhor desempenho que a média existe a possibilidade de contribuir para ampliar o grau no vínculo afetivo experienciado. Para obter uma melhor compreensão no constructo do vínculo afetivo,

Schifferstein e Zwartkruis-Pelgrim (2008a) investigaram sua relação com os conceitos de insubstituível, indispensável e auto-extensivo.

Um produto é considerado insubstituível quando existe um significado simbólico para seu proprietário. Por exemplo, quando uma pessoa especial tocou fisicamente o produto ou porque o produto foi obtido em um contexto especial e o tornou exclusivo para seu proprietário. O sentimento de impossibilidade de substituição provavelmente forma o mais importante componente do vínculo afetivo, porque é baseado no relacionamento pessoal e idiossincrático com o produto. A percepção de que um produto é considerado indispensável, muitas vezes é assim, por razões práticas, não por razões emocionais. O produto não pode ser desperdiçado, porque é necessário para executar determinadas funções. Um produto pode ser considerado como uma extensão do usuário, ou a extensão de seu “Eu”, quando seu proprietário exerce poder ou controle sobre ele. Um carpinteiro pode perceber suas ferramentas como auto-extensões porque ele precisa delas para executar seu trabalho; elas são parte de sua identidade; sem elas ele não se sente um carpinteiro. Dessa maneira, as ferramentas podem ser apreciadas tanto por seus benefícios emocionais quanto pelos benefícios utilitários (SCHIFFERSTEIN; ZWARTKRUIS-PELGRIM, 2008b).

Os resultados da pesquisa de Schifferstein e Zwartkruis-Pelgrim (2008b) sugeriram que o grau de vínculo afetivo é maior na medida em que um produto é insubstituível. A determinante auto-extensão apresenta tanto um componente emocional (relacionado com o vínculo afetivo e o fator insubstituível) quanto um componente funcional (relacionado com a indispensabilidade).

Em pesquisa no Sudoeste Americano, Wallendorf e Arnould (1988) encontraram que os indivíduos não escolhiam um artefato favorito por seus atributos baseados no desempenho e funcionalidade. O artefato era considerado favorito porque era uma lembrança de um amigo ou membro da família, de uma viagem de férias, ou um evento do passado. Além do mais, a maior parte dos indivíduos da amostra recebeu seus artefatos favoritos como um presente. Os indivíduos que selecionaram objetos funcionais como seus favoritos, tais como relógios ou cadeiras, o fizeram porque haviam compartilhado uma história pessoal com o objeto. Essa história, no entanto, não é comprada com o objeto, pois depois de algum tempo de uso, associações semióticas e simbólicas giraram em torno do objeto, desmercantilizando-o e singularizando-o.

As pessoas, em sua maioria, experimentam emoções positivas para os produtos a que se sentem apegadas. Schultz, Kleine e Kernan (1989) verificaram 83 (oitenta e três) diferentes emoções quando pediram para 95 (noventa e cinco) entrevistados descrever os sentimentos que experimentaram enquanto pensavam sobre um artefato que seria extremamente difícil de descartar ou dar. Na maioria dos casos, estas emoções eram positivas, tais como felicidade, amor, segurança e conforto. No entanto, em certos casos, as emoções também podem ser negativas como a tristeza, por exemplo, quando o artefato era uma lembrança de tempos difíceis.

Ao relacionar dados referentes a artefatos com significados especiais com a articulação social do indivíduo, Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999) encontraram em sua pesquisa que os indivíduos que alegaram não serem materialistas, porque eles não tinham artefatos que tinham um significado especial para eles, também não tinham amizades e relacionamentos especiais próximos. Ao contrário, aqueles que desenvolviam laços estreitos com outras pessoas, representavam esses laços em objetos materiais especiais.

Considerando então a natureza dinâmica do homem, torna-se importante assumir uma abordagem semelhante para o desenvolvimento de artefatos dinâmicos e flexíveis. Na visão de van Nes e Cramer (2005a), isso é possível ao se estabelecer a variabilidade no projeto de produto, na preparação para reparos ou atualização futura, no design para a confiabilidade e robustez e no estabelecimento de vínculos, capazes de assegurar uma satisfação duradoura com o artefato e não só o encontro de desejos momentâneos. As autoras, no entanto, apresentam uma preocupação quanto ao estímulo ao vínculo entre as pessoas e seus artefatos. As dúvidas repousam nas impossibilidades de personalização em artefatos projetados em massa e nos resultados que essa estratégia pode alcançar se todos tivessem uma ligação muito forte com muitos artefatos, pois poderia se constituir um fardo cuidar de tantos itens.

2.2. MEMÓRIAS AFETIVAS

A memória é um complexo de vários sistemas. Serão abordados neste item aspectos que envolvem os processos da memória com outros processos relativos às maneiras com que as pessoas dão significado as suas vidas; às influências dos fatores culturais; ao papel das emoções; e a presença dos vínculos afetivos. A exposição desse conteúdo se conforma como uma introdução às pesquisas desenvolvidas no âmbito do design e ergonomia que abordam os processos de memórias afetivas.

Do ponto de vista da Psicologia Cognitiva, a memória, nos seres humanos, corresponde a um processo pelo qual se torna possível recorrer a experiências passadas a fim de usar informações obtidas por meio destas experiências no tempo presente. O processo de memória está associado à retenção e à recuperação da informação sobre a experiência passada, no qual estão presentes três operações comuns. Cada operação representa um estágio no tratamento da memória: codificação, armazenamento e recuperação. Na codificação, os dados sensoriais são transformados em representações mentais; no armazenamento, a informação é conservada codificada na memória; e na recuperação, a informação armazenada é extraída ou utilizada (STERNBERG, 2000).

No entanto, na perspectiva da Neurociência, somente podem ser memorizadas experiências que possuem algum tipo de significação. Na primeira vez em que um indivíduo entra em contato com um artefato desconhecido, ocorrem processos cerebrais que se organizam para dar sentido ao que está sendo visto. Assim, a primeira interação com um objeto acontece a partir da capacidade do cérebro de dar significado, com base na análise das características físicas dos estímulos. Para saber se um objeto observado é uma maçã, por exemplo, as características físicas do estímulo devem acessar bancos de memórias antigas. Em seguida, a informação sobre o estímulo é comparada aos dados armazenados sobre objetos similares, quando então o objeto é classificado como uma maçã. Resumidamente, o resultado final é a criação de memórias ou conteúdos conscientes (LEDoux, 1998).

O processo de significação, citado por Joseph Ledoux (1998), sugere que o significado é compartilhado entre um grupo social. Sob este ponto de vista, autores das Ciências Sociais concordam que a memória é um fenômeno social e que memórias individuais podem formar memórias coletivas. A memória seria então construída coletivamente, com interpretações coletivas para fatos em que exista um interesse em comum a salvaguardar. Lembranças do passado podem servir, por exemplo, para manter a coesão de grupos e instituições que compõem uma sociedade, bem como para defender as fronteiras daquilo que um grupo social tem em comum (POLLAK, 1989; HALBWACHS, 2006). Importantes pontos de contato - lembranças comuns à maioria dos membros de um grupo – destacam-se em primeiro plano, enquanto lembranças relacionadas a um número pequeno de seus membros passam para um segundo plano da memória (HALBWACHS, 2006).

No que diz respeito à manutenção de interesses coletivos por meio de constituições coletivas de memórias, Michel Pollak (1989; 1992, p. 206) alerta para os interesses políticos que podem influenciar na determinação do conteúdo – datas para celebrações, eventos, pessoas, por exemplo – que vai ser gravado na memória de um povo. Tanto a memória quanto a identidade são valores que podem ser disputados em conflitos sociais e intergrupais. Especificamente sobre a memória política, o autor introduz o conceito de “trabalho de enquadramento da memória”, realizado por historiadores, por exemplo, visando a garantir a formação de uma história nacional. O investimento para solidificar e propiciar durabilidade e estabilidade de determinadas memórias políticas pode se configurar nesta perspectiva teórica, como uma imposição ou coersão.

No entendimento de Ledoux (2007), as memórias são formadas em uma variedade de sistemas que pode ser dividido em duas grandes categorias: sistemas que suportam memória consciente, chamada de memória explícita e os sistemas que armazenam informações inconscientemente, ou memória implícita. As memórias sobre situações emocionais são frequentemente armazenadas nos dois sistemas.

Para Godden e Baddeley (1975), a intensidade emocional, os humores e os diferentes estados de consciência podem afetar a memória. Estes estados afetivos propiciam um contexto interno para a codificação que, aliados a contextos externos, podem posteriormente afetar a capacidade de codificação e evocação. Os autores sugerem que, quando a pessoa se encontra em estados afetivos (contexto interno) ou em ambientes físicos (contexto externo) similares à experiência anteriormente vivida, torna-se mais fácil a evocação das informações.

Com relação ao processo de armazenamento e tempo de duração de conteúdos, o processo de memória pode ser dividido basicamente em registros sensoriais, memória de curto prazo e memória de longo prazo. Os registros sensoriais são repositórios iniciais das informações que depois ingressam nos armazenamentos de curto e de longo prazo. A memória de curto prazo tem uma capacidade limitada e seu processo de armazenamento é mais rápido, ao contrário da memória de longo prazo, passível de estocar informações talvez indefinidamente (STERNBERG, 2000). Segundo Klein *et al.* (2010), uma das funções mais importantes de adaptação da memória de longo prazo é armazenar informações sobre o passado, visando o planejamento para o futuro pessoal.

Muitas informações recuperadas pelo processo da memória nem sempre são precisas e podem ser parcialmente reconstruídas com base em uma avaliação atual do acontecimento. Conhecimentos prévios sobre

determinado assunto, como uma base cultural comum, por exemplo, podem afetar a recuperação de conteúdos e sua interpretação. O conhecimento prévio algumas vezes leva à interferência ou à distorção e em outras leva à intensificação dos processos de memória. Resumindo, é possível a construção de memórias que diferem do que realmente aconteceu ou foi experienciado (STERNBERG, 2000; LEVINE; PIZARRO, 2004).

Acrescentando outra classificação para os processos de memória, Salaman (1982 p. 55-56) ressalta a grande variedade na faculdade da memória, que pode ser verbal, musical, de hábitos e outros. Memórias de experiências ou eventos, por exemplo, podem emergir inesperadamente, trazendo um momento passado acompanhado por fortes emoções. São as memórias involuntárias, inconscientes, revividas e espontâneas. Assim como são imprevisíveis, memórias involuntárias nem sempre trazem alegria, algumas trazem tristezas.

Memórias involuntárias podem ser também, consideradas como experiências sensoriais. O processo de evocação de lembranças acontece a partir do tato, da audição, do olfato, do paladar e, principalmente da visão. Odores, formas, cores, sensações corporais e outras experiências trazem de volta, involuntariamente, sensações esquecidas e, junto com elas, o passado. O passado, quando repleto de estímulos sensoriais, pode atingir ou acometer repentinamente a pessoa durante o instante da lembrança (BARROS, 2006)

Com base nas considerações anteriores, pode-se afirmar que a memória também pode sofrer impactos de eventos emocionais. Estudos elencados por Levine e Pizarro (2004) mostram que memórias autobiográficas mais vívidas tendem a ser de eventos emocionais que são susceptíveis de ser lembrados com mais frequência, com mais clareza e detalhes do que eventos considerados neutros. Considerando que a memória funciona seletivamente, serão lembrados do momento de uma experiência, aspectos considerados relevantes, traumatizantes ou extremamente prazerosos, que produziram significado para o indivíduo. Para Helander e Khalid (2006), embora alguns eventos sejam puramente perceptivos, há uma correspondência afetiva dos acontecimentos que estão armazenados na memória. Esta correspondência, por sua vez, contribuirá na compreensão e interpretação dos significados atribuídos a esses acontecimentos.

A lembrança de episódios emocionais pode ser deficiente, como no caso de episódios traumáticos, os quais são acompanhados por uma amnésia seletiva da experiência, em lugar da ampliação da memória

(LEDOUX, 1998). Sob o ponto de vista das Ciências Sociais, lembranças de episódios traumáticos permanecem em silêncios ou em zonas de sombra. A pessoa não verbaliza estas lembranças por medo de “não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal entendidos” em relação a um grupo social (POLLAK, 1989, p. 6).

No entender de Ecléa Bosi (2010), as pessoas conservam determinadas memórias nas formas entendidas como mais apropriadas. Para tanto, alguns aspectos podem ser manipulados: lembranças desagradáveis são ressignificadas com a agregação de conteúdos agradáveis, lembranças confusas são simplificadas, lembranças triviais podem ganhar maior valor e, aquilo que é percebido com indiferença pode ser esquecido. O conjunto resultante destas memórias pode se tornar um quadro totalmente novo que, embora tenha sido manipulado, não pode ser considerado como falsificado.

Este “novo quadro”, mencionado por Bosi (2010) pode conter inúmeras lacunas, uma vez que o fator tempo interfere nos conteúdos que podem ou não ser resgatados ou evocados. Para tanto, “dispositivos de memórias” podem estimular o funcionamento das memórias das pessoas, pois são portadores de fragmentos de significados atribuídos em determinado período de tempo, em determinado local, etc. Na pesquisa de Regina Alves Silva et al. (SILVA et al., 2008), “dispositivos de memória” são ferramentas que contribuem para lembrar, que estimulam o funcionamento da memória das pessoas. Para os autores, a pessoa que entra em contato com “dispositivos de memória” complementa aquilo que falta, “por meio da atividade de sua própria memória e imaginação”.

Em última instância, o desaparecimento de algo pode ser responsabilizado pela passagem irreversível do tempo, assim, o tempo atua contra a perenidade e a favor da descontinuidade. Para driblar o irreversível, por um lado se impõe a memória, capaz de atualizar a ausência daquilo que passou, tornando-a presença novamente, ou instaurando uma duração onde não há (BARROS, 2006).

Processos que envolvem a recuperação de conteúdos estocados na memória e que podem ser influenciados pelo fator tempo acontecem, por exemplo, com sentimentos saudosistas e sentimentos nostálgicos. Na saudade são observados sentimentos de melancolia que, de acordo com Houaiss (2008), são caracterizados por profunda tristeza e desencanto geral. O desencanto pode ser provocado pela privação da presença de alguém ou de algo, pelo afastamento de um lugar ou de alguma coisa, ou pela ausência de certas experiências e prazeres.

Sobretudo, é observado no sentimento saudoso, a perda e a certeza de que o tempo é irreversível.

O sentido de saudosismo, na visão de Richard Sennett (1988), pode apresentar aspectos considerados perigosos. Sentir saudades implicaria no sentimento de simpatia para com o passado e ao mesmo tempo numa certa resignação diante do presente. Nesta perspectiva, haveria uma acomodação e uma aceitação dos males tanto pessoais quanto sociais.

O termo nostalgia teve sua origem no campo da medicina no século XVII, quando foi observada uma patologia que dizimou as fileiras do Exército Suíço – *Homesickness* ou *Heimweh* em suíço-alemão - causa de transtornos mentais que podiam levar ao suicídio. Sempre abordando a relação das pessoas com o tempo – passado, presente e futuro - os estudos sobre nostalgia na idade moderna também consideraram a não adaptação das pessoas com seu ambiente ou um refúgio no passado para não pensar no futuro limitado em termos de tempo, como no caso de pessoas na idade mais madura. Especialmente no que se refere à grande mobilidade geográfica contemporânea que tende a colocar em dúvida sentimentos de enraizamento, a nostalgia pode ser um meio de manter a identidade, diminuindo sentimentos associados de ansiedade e/ou medo (KESSOUS; ROUX, 2008).

No campo de pesquisa do marketing, mais especificamente sobre o comportamento do consumidor, diversas variáveis sobre nostalgia vem sendo estudadas, tais como idade, orientação temporal e outros. Estudos sobre as consequências do sentimento nostálgico também variam entre preferências a vínculos afetivos por marcas (KESSOUS; ROUX, 2008).

Devido às múltiplas definições geradas nessa base teórica para o termo, nesta pesquisa será utilizada a definição de Morris Holbrook e Elizabeth Hirschman (1982), para quem nostalgia está relacionada a uma preferência de gosto para experiências que eram mais comuns durante a juventude ou na infância. Essas experiências, que podem criar uma preferência ao longo da vida, estão vinculadas a eventos, pessoas, lugares ou objetos que estavam na moda ou em ampla circulação e são motivo de recordação pelos aspectos considerados positivos.

O papel da nostalgia na vida dos consumidores e as experiências nostálgicas associadas a alguns artefatos vêm sendo estudados por Morris Holbrook e Robert Schindler (2003), para quem estes fenômenos devem ser abordados a partir das atividades mundanas do cotidiano. Vínculos nostálgicos, na pesquisa dos autores, têm sua base principalmente nas relações entre pessoas da mesma família – amor

sentido entre pais, avós, filhos, cônjuge – na percepção de conforto e segurança de um lugar, na compra de novos artefatos e na alegria de realizações – vitórias no esporte, proezas, entre outras.

Pelo exposto, considera-se que a importância dos papéis que a memória e a nostalgia desempenham para os estudos em design estão relacionados à capacidade de associação e de lembranças de eventos testemunhados ou contados, fenômenos, lugares e pessoas que gravaram registros positivos ou negativos na mente de cada pessoa entre outras e que são materializados em seus artefatos, influenciando suas interações e interpretações.

Outras pesquisas têm ressaltado a memória como um fator importante nas relações das pessoas com seus artefatos, influenciando na qualidade dos vínculos afetivos, desenvolvendo vínculos com artefatos que trazem de volta lembranças importantes (DAMAZIO; DIAS, 2003) ou determinando o favoritismo por produtos especiais (WALLENDORF; ARNOULD, 1988).

Cabe observar que memórias ligadas a objetos materiais são forçadas longe do controle do designer. Normalmente envolvem relações com pessoas, lugares ou eventos importantes e marcantes apenas para um determinado indivíduo ou grupo social, embora alguns “pontos de contato”, tomando por empréstimo termo utilizado por Maurice Halbwachs (2006, p. 216), podem ser, em certa medida, apropriados. Esses pontos de contato, ou seja, lembranças em comum entre membros de um grupo social, podem se conformar em fatores inseridos no processo de design, visando possibilidades de recuperação de conteúdos memoráveis.

Artefatos se tornam memoráveis quando percebidos como portadores de significado para as pessoas. Os significados podem contribuir para a construção e o estreitamento de relacionamentos, para o reconhecimento de habilidades, para o sentido de conforto mental, físico e espiritual, para expressão e distinção pessoal, para proporcionar alegria e entretenimento, assim como possibilitar experiências de eventos significativos. Baseando-se nesses parâmetros, Vera Damazio (2005; 2009) ressalta perspectivas em design emocional, tais como a sociabilidade, cidadania, bem estar, auto-expressão, humor e a criação de uma atmosfera que estimula a experiência do usuário, numa combinação das perspectivas anteriores.

Em pesquisa sobre memórias de lugares, Downing (2003, p. 216) sugere que pesquisas sobre conteúdos passados apoiam a imaginação de aspectos futuros. As pessoas retêm na memória lugares que apresentam algum tipo de significado. Há lugares que trazem memórias de

sensações de bem-estar, de perigo ou medo; locais de vulnerabilidade ou poder; de dependência ou independência; lugares que satisfazem as aspirações intelectuais; lugares cheios de sensualidade; lugares que refletem a individualidade ou revelam a dependência dos outros. Apesar de cada imagem de um lugar gravada na memória ser única, na pesquisa realizada pela autora com designers, foi encontrada uma série de domínios recorrentes - o lugar secreto, o lugar da Arcádia, o lugar ancestral, o lugar comum e o lugar solitário. Os domínios são simbólicos e representam “contato, retiro, participação, identidade, a sensualidade do amor, graça, inteligência, medo, intimidade, crescimento, expansão, reflexão, comunhão e perda”.

Em ambientes domésticos, não são apenas as fotografias dos avôs, tios, primos, pais e irmãos que têm função de relembra a família. Móveis e outros artefatos do cotidiano também podem representar conteúdos associados à memória de eventos passados, tais como artefatos que evocam experiências sensoriais, sentimentos patrióticos, ritos de passagem, amizades e pessoas amadas, presentes de amor, segurança, liberdade, entre outros, conforme encontrado por Holbrook e Schindler (2003).

Para Lima (2008), algumas marcas também oferecem a função de lembrar a família ou as fases da vida de uma pessoa. Em sua pesquisa intitulada *Marcas que marcam*, a autora relata que existem marcas que se fazem presentes na vida familiar desde antes de uma pessoa nascer e que a acompanham durante toda a infância ou vida adulta. Em sua perspectiva, além de funcionarem como artefatos de memória, vínculos afetivos são construídos entre as marcas e as pessoas.

No meio familiar, móveis e artefatos que representam símbolos familiares e laços de descendência, podem ser transmitidos como bens que contêm uma história. Podem representar uma situação social, uma ordem moral e podem ser transferíveis de uma geração para outra. (BARROS, 1989). Podem também assegurar às pessoas de que ontem foi tão importante quanto hoje, saturando-as “de detalhes e fragmentos do passado, ratificando a memória e a história de forma tangível” (LOWENTHAL, 1998, p. 73).

Pesquisando sobre a experiência do amor, Russo e Hekkert (2007) sugerem que a recordação de memórias afetivas é capaz de oferecer fontes de prazer entre as pessoas e seus produtos. As pessoas gostam de usar produtos portadores de memórias afetivas e que funcionam como lembretes dessas memórias.

Outras estratégias para o acúmulo de memórias são possíveis no design de novos artefatos. Artefatos para dar de presente, por exemplo, podem ser projetados para que, quando uma pessoa receba um presente em uma ocasião especial, esse presente possa ser lembrado positivamente. Artefatos utilizados em determinado contexto social podem estimular a interação, como os brinquedos e jogos eletrônicos que provocam lembranças alegres de experiências com amigos e familiares. Artefatos que trazem sinais físicos dos eventos, como um arranhão numa jaqueta de couro, podem lembrar uma noite de festa (SCHIFFERSTEIN; ZWARTKRUIS-PELGRIM, 2008b).

O pressuposto apontado por Pollak (1989) de que, nas memórias individuais, os pontos de referência geralmente apresentados em lembranças próximas dizem respeito a aspectos de ordem sensorial - barulho, cheiros e cores - contribui para o entendimento da proposta de Mugge, Schifferstein e Schoormans (2004). Os autores propõem a inserção de odores que trazem de volta memórias e a certificação de que os produtos podem envelhecer "com dignidade".

2.2.1. O papel das memórias afetivas na transmissão de bens

A utilização do símbolo da árvore como representação das origens e dos laços que unem pessoas em torno de famílias remonta há vários séculos, mas continua sendo um meio para falar sobre descendências e continuidades. Roso (2010) comenta a existência de cursos acadêmicos que ensinam iniciantes a pesquisar a história de ancestrais, e entidades que têm a finalidade de pesquisar cientificamente a genealogia. Sofisticados programas e aplicativos para computadores ampliam a noção de árvores para redes genealógicas, tratando os dados etnográficos e entrelaçando-os com outras redes (DAL POZ; SILVA, 2008)

O tronco principal, os troncos secundários e os ramos ou galhos de uma árvore, em suas mais variadas formações, representam relações mais próximas ou mais distantes de descendências familiares. Indicações de tipos de alianças (casamento, união), tipos de quebra de alianças (óbito, divórcio, separações); indicações de tempo; e indicações de regiões onde as pessoas nasceram e viveram podem ser adicionadas, conformando um sistema temporal contextualizado, com identificação das origens geográficas e das relações familiares. Sob este aspecto, trabalhar com a árvore genealógica sugere um trabalho com a memória e a identidade de um grupo social ligado por laços de parentesco.

Na elaboração de uma árvore genealógica, à família nuclear – grupo conjugal e filhos - é acrescentada, muitas vezes, uma parentela

que sequer se conhece, mas que pode, em determinado momento, procurar estabelecer contato a partir das informações veiculadas pelo esquema elaborado. Encontros de famílias são organizados, possibilitando trocas entre diferentes gerações e novas reconfigurações familiares, assim como a articulação de saberes e a ampliação de memórias coletivas. Dessa maneira, além de se constituir numa “forma de narrativa que veicula representações sociais”, a árvore genealógica contribui para a construção e/ou reforço de laços comunitários (ROSO, 2010, p. 387).

É oportuno lembrar, no entanto, que as informações de que são compostos os sistemas genealógicos dependem, algumas vezes, de lembranças e de registros incompletos e fragmentados. Quanto mais remotas as informações no tempo e no espaço, mais imprecisões são observadas. Dados conflitantes também podem surgir, uma vez que as fontes de informações são variadas. Esse processo de coleta e cruzamento de dados que provém de pessoas que, mesmo fazendo parte de uma mesma família ou grupo, nem sempre compartilham a mesma memória genealógica, vai resultar numa bricolagem representando uma realidade nem sempre consensual (DAL POZ; SILVA, 2008).

A aproximação simbólica de pessoas, representada numa árvore genealógica, possibilita também a visualização da possível mistura de antepassados. Para Barros (2006), essa mistura, no Brasil, significa a mistura de raças, de condições sociais, de qualidades e também de defeitos, entre outros aspectos. Como um dos resultados, as vidas das pessoas que fazem parte de determinados ramos genealógicos podem ser mais ou menos detalhadas, dependendo do significado atribuído às suas histórias de vida. Dependendo de quem maneja os dados genealógicos, pode ser valorizada a estabilidade social, por exemplo, e ser desvalorizado o sangue que não é “puro”, ou seja, quando acontecem as misturas entre diferentes etnias.

Existem, no entanto, outras formas de trazer ao presente lembranças pertinentes à descendência familiar. Cartas antigas, testamentos, certidões, livros, artigos de jornais, mapas, etc., podem se configurar como narrativas que permitem recuperar lembranças de alguém ausente ou após sua morte (BARROS, 2006).

Fotografias e outros tipos de reprodução de imagens também se apresentam como formas de linguagem e narrativa que referenciam a memória coletiva das famílias, no sentido proposto por Halbwachs (2006). Desde o momento da captura da imagem, até o momento em que se decide o que vai ser guardado, ocorrem processos de escolhas sobre

as formas de representação e classificação das experiências de cada grupo social. Esse conjunto de representações se torna então um acervo, que, nas palavras de Barros (1989, p. 34), é mantido pelo “mensageiro da memória” ou por “guardiões da memória” (HALBWACHS, 2006) – que são as pessoas responsáveis por dar continuidade à história de grupos sociais e manter visíveis as marcas do passado.

É possível utilizar fotografias e outras imagens, tal como as árvores genealógicas, como formas de construção e reconstrução de relações sociais de grupos por meio de sua circulação. Trocas, doações, presentes, heranças, e até mesmo roubos com a conivência do dono, se realizam, como operações entre doadores e receptores. A circulação das fotografias ou das coleções de fotografias e imagens pode acontecer internamente à própria família, entre famílias, entre pessoas amigas sem que necessariamente tenham laços de consanguinidade. Nessa circulação, ou constante mobilidade, perdas e acréscimos acontecem, sendo que o retorno de fotografias ao acervo do guardião pode denunciar, entre outras coisas, a morte do receptor (BARROS, 1989).

Na transmissão de histórias de famílias há a transmissão, ao mesmo tempo, de mensagens que se referem à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória de uma sociedade mais ampla, formando uma imagem maior e mais detalhada do todo. Como coadjuvantes nos processos de transmissão e, mesmo não fazendo parte da sociedade, estão incluídos o ambiente material e os artefatos que nele circulam, fazendo o papel de um “museu de família”. “Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto” (HALBWACHS, 2006, p. 157-158).

Participando desse museu familiar, circulam artefatos transmitidos por herança e que recebem “inscrições de afeição”, termo que Singly (2007, p. 107), busca em Ane Gotman. Os herdeiros dividem aqueles artefatos que pertencem à família e que podem ser cultuados ao longo das gerações. Estes artefatos representarão o proprietário para aquele que o deseja. Dependendo das regras adotadas pelo grupo de herdeiros ou pela disputa entre herdeiros pelo mesmo item, novas tensões emergem ou velhas tensões são reavivadas. Para Singly (2007), a herança familiar pode testemunhar a existência de um elo afetivo do herdeiro com o beneficiário, mas também pode ocasionar uma instabilidade nas relações no momento da partilha, tendo em vista a difícil administração dos interesses pessoais entre os herdeiros. Apesar da fragilidade das relações familiares, há uma resistência “a essa forma

de objetivação social na medida em que irmãos e irmãs preferem na hora da partilha, renunciar para não entrar em conflito, pois acreditam que, assim, estariam traindo os pais” (SINGLY, 2007, p. 109).

Essa fragilidade de relações no âmbito familiar, comentada por François de Singly, também foi discutida no estudo de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999, p. 83). Os autores sugerem que, para os mais velhos e, especialmente pelas mulheres, os frágeis artefatos utilizados para comer e beber, tais como cristais e louças finas, adquirem um significado especial. Ao longo do tempo, as pessoas vão presenciando relações se dissolverem e outras formas de estruturas decaírem, em consequência, o significado de uma louça que não foi quebrada passa a ser apreciado. Mas, a fragilidade do material não é o único motivo, pois, paradoxalmente, esse tipo de artefato mostra sua força que segue uma continuidade ao longo de gerações.

Assim como acontece com os traços físicos em comum que revelam a semelhança entre parentes transmitidos como uma herança genética, os artefatos se tornam atemporais e vão além das figuras do tempo e da morte de seus proprietários. No processo contínuo de herança de bens, o artefato tem uma duração maior do que seu dono, proporcionando uma forma de não ser esquecido (BARROS, 2006).

O museu familiar mencionado por Halbwachs (2006), dependendo da quantidade de itens, pode exigir uma operação curatorial por parte do guardião das memórias. Para McCracken (2003), antropólogo e estudioso da cultura e do consumo, a operação curatorial envolve mais aspectos do que a manutenção constante, incluindo rituais que acontecem na recepção, exibição, conservação e transmissão de bens herdados. Dados provenientes de pesquisa desenvolvida em 1985, com uma representante de uma comunidade ao sul da província de Ontário, no Canadá, revelaram práticas que, para o autor, já teriam desaparecido da América do Norte. Artefatos significativos da história e da memória das gerações familiares, de importantes cerimônias do passado da família, e de pertencimento ao lugar eram mantidos na residência pesquisada, servindo como arquivos da história da família, entrelaçada com a história do lugar. O “curador”, que na pesquisa de McCracken (2003) se chama Lois Roget, pode se relacionar com artefatos de memória sempre que desejar, como quando se faz a leitura de um livro. Quando esses artefatos são exibidos para pessoas de fora do convívio familiar, é como se a árvore genealógica da família estivesse sendo exibida.

No entanto, a circulação de artefatos recebidos de herança no mercado não deve ser empreendida, pois sua venda é ressentida como uma transgressão. Ao mesmo tempo, é possível para o herdeiro se desfazer da herança, no processo chamado de retransmissão por Ane Gotman (1989, apud SINGLY, 2007). A distribuição de uma parte da herança para pessoas da família pode autorizar o uso pessoal do artefato ou liberar o herdeiro desse peso, graças a uma transmissão para a geração seguinte.

A retransmissão de heranças em vida pode exigir muitas vezes um ritual de preparação para a pessoa que vai receber o bem. No caso de Lois Roget, apresentado por McCracken (2003), uma filha foi treinada, recebendo várias peças para praticar o cuidado exigido na sucessão de bens. Algumas peças também foram destinadas a determinados entes da família, em especial os filhos, mas eles não apreciaram a atitude. Nesse caso, os filhos mantinham uma expectativa de que os pais iriam durar para sempre e não gostavam de falar no assunto. Para o autor, o assunto é conflitante, pois os pais querem manter suas memórias e de suas famílias preservadas depois de suas mortes enquanto que os filhos querem preservar a memória dos pais em vida.

Esse aspecto de imortalidade é criticado por Jeudy (2005) em sua visão sobre a conservação do patrimônio. Na perspectiva do autor, as pessoas imaginam que podem submeter os objetos a sua vontade, criando coleções, conservando-os ou expondo-os, por exemplo, conferindo-lhes o papel de transmissão daquilo que as próprias pessoas foram com um sentido de imortalidade. É esperado do artefato que prossiga em sua existência, oferecendo a ilusão de estar sempre presente, mesmo já sendo muito velho. Esse poder simbólico especial, atribuído aos artefatos, locais e monumentos, permitiria que, também as pessoas ou eventos, responsáveis pela geração dos fatos memoráveis, continuem a viver no presente. Além disso, essa lógica patrimonial permitiria imaginar como os artefatos de hoje poderiam servir de signos para as futuras gerações, estabelecendo então uma organização antecipada da arqueologia dos artefatos.

Porém, a inscrição de memórias afetivas e a manutenção ao longo de gerações de artefatos em ambiente domésticos não se apresentaria de uma forma tão cristalizada, como faz supor o pensamento de Jeudy (2005). O tempo não se apresenta cristalizado no museu familiar, assim como a memória não é um processo estático. O mesmo artefato para cada membro da família tem significados diferentes, gerando memórias diferentes. Artefatos antigos e aqueles recebidos de herança são misturados a novos artefatos que, em conjunto ou não, podem circular

entre as gerações, indicar a significação do tempo e (re)configurar relações dinâmicas. Desse modo, ao interagir com a constante mudança, os artefatos sofrem constantes renovações de sentido.

Mesmo quando o uso original é alterado, quando apenas serve de arquivo, os artefatos carregados de significação familiar histórica podem criar eventos de significação familiar contemporânea. Seria o mesmo que colocar o observador passivo – a geração dos netos, por exemplo – em contato participativo com uma peça de museu, e uma geração distante em contato com sua linhagem. As linhagens familiares integram em si cada geração, facilitando sua continuidade e sua preservação. Sob essa perspectiva, o uso das “relações pessoa-objeto” pode ser capaz de criar “relações pessoa-pessoa” (MCCRACKEN, 2003, p. 73).

2.3. O AMBIENTE DOMÉSTICO, CULTURA E IDENTIDADE

Uma casa abriga seus membros e seus artefatos, configurando-se como uma função prática. No entanto, as pessoas necessitam, além de um meio funcional, um meio em que possam livremente manter suas relações sociais, relações afetivas, preferências estéticas, hábitos e costumes, que se configuram como funções estéticas e simbólicas. Para Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999, p. 122), “[...] apesar de nós vivermos em ambientes físicos, nós criamos ambientes culturais dentro dele. Nós continuamente personalizamos e humanizamos o ambiente dado como uma maneira de adaptar e criar ordem e significado”.

Representações de identidades individuais e grupais são materializadas nos ambientes domésticos, dentro de contextos específicos, em diferentes estágios da vida das pessoas. Da mesma maneira, é um ambiente em que podem ser observados os diferentes estágios da vida de um artefato, bem como os significados que as pessoas depositam sobre ele. As funções atribuídas a casa, no sentido de lar e moradia se apresentam de uma forma dinâmica, especialmente porque acompanham o ciclo de vida das pessoas e do ambiente social e cultural em que vivem. Sob esses aspectos, a casa e seus artefatos têm apresentado diferentes configurações e diferentes significados ao longo do tempo.

Analisando a sociedade Francesa, Ariès (1981, p. 259) ressalta que na idade média, as casas de famílias ricas abrigavam também os criados, clérigos, caixeiros, aprendizes, auxiliares, etc. Era nessas casas que se desenvolvia boa parte das funções públicas, uma vez que não existiam espaços destinados às atividades profissionais e comerciais. “Tudo se passava nos mesmos cômodos em que eles viviam com sua

família”. As casas que abrigavam apenas a família nuclear eram de famílias pobres, urbanas ou rurais.

Em relação à divisão de cômodos na Europa, durante os séc. XVI e XVII as casas eram divididas geralmente em dois ambientes que serviam para todas as funções. Para facilitar a movimentação interna, muitos móveis eram desmontáveis, inclusive as camas, que ficavam encostadas nas paredes internas. Um testemunho vivo desse hábito pode ser verificado na pesquisa de Bruxel (2005). Estudando os hábitos de descendentes de alemães em Santa Catarina, a autora encontrou famílias que movimentam seus colchões para dormir em lugares diferentes. “Seus colchões talvez hoje sejam os correlatos das camas medievais de montar” (BRUXEL, 2005, p. 144).

Ainda no século XVII, as casas se configuram como um espaço íntimo e privado, em que seus membros, em especial as famílias, buscam “uma defesa contra o mundo” (ARIÈS, 1981, p. 184-185). As habitações, principalmente da burguesia e nobreza, apresentam indícios de especialização dos cômodos, incluindo a separação dos criados em ambientes específicos. Os interiores ficam mais fechados e isolados e as visitas, que antes aconteciam de modo casual, desse período em diante, precisam acontecer por meio de convites ou avisos prévios. Ariès (1981, p. 186) pontua que a reorganização da habitação, bem como esse novo código de etiquetas e comportamento, vai resultar numa casa “preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluíam os criados, os clientes e os amigos”.

Nesse contexto, a formação da família nuclear, representada pelo casal conjugal e seus filhos, vai se transformar em um dos símbolos do declínio de um modo de vida - a “passagem da família ‘holista’ – ou seja, na qual os indivíduos são fundamentalmente membros e são definidos por seus laços - para uma sociedade individualista’ – isto é, no seio da qual os indivíduos são, antes de tudo, indivíduos [...]” (SINGLY, 2007, p. 171).

No séc. XVIII, a organização das casas, ainda resumida às casas de famílias ricas, passa a refletir, além da individuação, preocupações referentes ao bem estar físico e conforto. Com uma independência entre os cômodos, surgem os corredores que distribuem a circulação, os móveis que cumprem também uma função decorativa e quartos de dormir (BRUXEL, 2005). A nova necessidade de privacidade do casal conjugal, aliada a nova visão a respeito do mundo infantil, vai precipitar a diferenciação entre os quartos de dormir. A criança deixa de ser considerada como um adulto pequeno e passa a ser protegida da complexidade da vida pública (ARIÈS, 1988).

Com as grandes transformações econômicas e sociais provocadas pelo capitalismo, pelo processo de industrialização e pelo comportamento individualista, o trabalho desenvolvido nas oficinas, antes instaladas junto às habitações, passa a se desenvolver nas fábricas. Edifícios públicos são construídos para abrigar funções públicas. Com essa alteração, o homem permanece a maior parte de seu tempo em seu ambiente de trabalho e a mulher continua a desenvolver suas atividades em seu ambiente doméstico. Como reflexo, a partir da metade do séc. XIX, o interior doméstico foi se conformando e se generalizando como um repositório de significados gerados pela e para a mulher. “Apenas alguns ambientes na casa eram identificados como ‘masculinos’” (SPARKE, 2004, p. 72).

Particularmente observando o comportamento da classe média, de modo quase global, as donas de casa eram proibidas de trabalhar fora e seu acesso ao espaço público continuava a ser restrito. O interior doméstico configurava-se como um canal “para dar vazão às suas energias criativas, comumente através da decoração” (DENIS, 1998, p. 58).

Nesse processo de elaboração e significação do interior doméstico, “as mulheres encontraram um meio não somente de representar os temas culturais dominantes do dia – família, classe, nação, etc. – mas de externalizar a si mesmas”. Desse modo, assim como as transformações do mundo exterior “fazem a identidade da mulher submeter-se a um processo de permanente transformação, o interior doméstico tornou-se uma representação cada vez mais articulada desse processo de mudança” (SPARKE, 2004, p. 72).

Em fins do séc. XIX a família inicia um processo de valorização das relações afetivas, em que o amor conjugal e o amor dos pais pelos seus filhos passa a dominar. Nesse período, “além do casamento instituição, a outra dimensão ‘estruturante’ da família é a grande divisão entre os cônjuges: ao homem, a responsabilidade de provedor de rendas; à mulher, a de dona de casa, com a atribuição de se ocupar do trabalho doméstico.” A mulher vai sendo excluída dos instrumentos que possibilitavam o acesso a sua educação formal, aumentando a dependência em relação ao marido e aos filhos (SINGLY, 2007, p. 172).

Aos poucos, e de forma heterogênea para diversas culturas do mundo ocidental, o estilo de vida de características mais comunitárias vai cedendo espaço para o estilo de vida individualista. As grandes concentrações urbanas geradas pela industrialização capitalista distanciavam as relações entre vizinhos e transformavam as ruas em

locais inseguros. Sennett (1988) considera que a vida privada e, principalmente a família, vão se tornar um refúgio para um princípio de ordem na percepção da personalidade, em meio ao deslocamento que o capitalismo e a credibilidade secular teriam produzido no séc. XIX. Situações impessoais e os próprios artefatos com que as pessoas preenchiam suas vidas passaram a servir de suporte para o encontro de significações pessoais, que transmitiam um sentido de estabilidade, segurança, repouso e permanência.

Esta configuração do espaço doméstico vai traduzir as novas fronteiras criadas entre o ambiente público e o privado. Enquanto o ambiente público se apresentava como um espaço para a representação e a aceitação social e o mundo cultural, o ambiente privado doméstico se apresentava, na visão de Sennett (1988), como um espaço em que era possível manter a vida considerada natural.

Sedimenta-se neste contexto, uma nova disposição de diferenciar e expressar a identidade individual ou grupal. A preocupação com a aparência como indicador de *status* estimula a formação de significações que se reflete tanto no vestuário quanto nos ambientes e artefatos domésticos. O século XIX foi marcado por uma transformação nos hábitos de consumo, na qual o design desempenhou papel de criação de projetos para produção de artefatos utilitários em geral, móveis, tecidos e roupas, livros e outros impressos, assim como para demais artefatos de uso doméstico ou pessoal. Como reflexo do avanço industrial, da nova distribuição dos bens de consumo e de seu consequente barateamento, o interior doméstico apresentava uma relativa abundância de objetos, incluindo objetos antes considerados supérfluos ou proibitivos, tais como tapetes e louças, por exemplo. Hábito restrito à realeza e à nobreza, o gosto pela ostentação das moradias foi se difundindo para a classe média, pretendendo uma igualação à nobreza. Acima de tudo, a instabilidade das relações sociais de elite, mais tarde levada para outras camadas sociais, revelava a expressão de uma sociedade em que as identidades de classe passavam por um processo de redefinição (DENIS, 1998).

No Brasil, a busca pelo desenvolvimento econômico, tendo como suporte o sistema industrial, vai demandar a abertura da economia ao capital estrangeiro e a importação concomitante de estilos de vida presentes em países como Inglaterra e Estados Unidos. A chegada da corte portuguesa propicia ações em busca de um embelezamento nas cidades e na arquitetura, visando uma aparência mais “civilizada” (LEMONS, 1989, p. 46). A segunda metade do séc. XIX vai assistir a uma profunda transformação na sociedade brasileira e por consequência

na configuração dos ambientes domésticos e de seus artefatos. A fabricação de móveis artesanais vai dar espaço aos móveis de produção seriada; a introdução de novos materiais hidráulico-sanitários faz desaparecer a “casinha” – construção instalada no quintal – que, unindo-se à “sala de banho”, vai constituir o banheiro no interior das casas (LEMONS, 1989; VERÍSSIMO; BITTAR, 1999).

O investimento maciço na colonização por meio de imigrantes estrangeiros, sobretudo o europeu, por outro lado, vai contribuir com vários ingredientes ao cenário social e econômico brasileiro. Imigrantes alemães, italianos e outros, deixam a Europa em um período anterior à Revolução Industrial e em variados estágios de desenvolvimento econômico e social. Essas diferenças, que vão apresentar tempos diversos para o processo que desencadeará a Revolução Industrial na Europa, também vão ser refletidas no desenvolvimento brasileiro (PIAZZA, 1994, p. 356).

Especialmente a colonização alemã, primeiramente e preferencialmente até 1850, era rural e dedicada à agricultura. Esperava-se dos imigrantes camponeses a introdução de novas técnicas que viessem a revolucionar o sistema agrícola vigente no Brasil, mas outras contribuições também se tornaram importantes, colaborando para o crescente hibridismo étnico, característico do processo social, econômico e político brasileiro. Artefatos trazidos dos países de origem, assim como a organização típica dos interiores domésticos, vão se somar às culturas existentes (SEYFERTH, 1993).

Diferenciações na arquitetura e no uso dos espaços internos e externos da habitação do imigrante colonizador e os demais grupos brasileiros, no entanto, vão problematizar a elaboração de identidades e expor diferenças sociais e étnicas. Para os imigrantes alemães, essa diferenciação estaria ligada à concepção do hábito de morar bem – *Wohnkultur*. Suas casas eram percebidas como limpas e arrumadas, em contraste com as casas dos caboclos³, percebidas como sujas e mantidas em desordem, como discutido por Giralda Seyferth em Guimaraens e Cavalcanti (1984). As virtudes da casa alemã eram baseadas, portanto, em um sistema acusatório em relação à casa cabocla. As diferenças na elaboração do espaço de morar e as desigualdades sócio-econômicas são atribuídas a uma suposta desigualdade racial derivada da mestiçagem.

³ O termo “caboclo” se refere ao brasileiro morador de regiões rurais e algumas vezes utilizado para expressar a desigualdade racial derivada da mestiçagem (SEYFERTH, 1993; 2000)

Gradações são observadas nesse processo acusatório mencionado por Guimaraens e Cavalcanti (1984). Em pesquisa realizada na década de 1980, no litoral do estado do Rio de Janeiro, foi observado que, para os teuto-brasileiros, em ordem de preferência, suas casas eram colocadas em primeiro lugar como as mais limpas e bem arrumadas. Em segundo lugar estavam as casas de outros imigrantes europeus – italianos e poloneses. As casas de luso-brasileiros e caboclos eram vistas como sujas e mal-tratadas e por último, as casas dos negros ou mestiços, percebidas em piores condições do que as demais e consideradas como pertencentes, aparentemente, a grupos étnicos mais distantes do primeiro grupo. Para estas, valores negativos eram acrescidos de acusações de “cafona” e de “falta de gosto”, principalmente no uso de cores fortes e berrantes.

São refletidas e representadas no *locus* do morar as transformações do mundo social e suas diferenças. Com as grandes rupturas observadas durante a primeira metade do séc. XX, tendo como pano de fundo as duas Grandes Guerras, a arquitetura vai cumprir um papel importante no tratamento da divisão do ambiente doméstico. Com a necessidade de reconstruir o que foi colocado abaixo, grandes demandas habitacionais emergiram, impulsionando a racionalização dos espaços para arquitetos e urbanistas.

Walter Gropius (1972), Le Corbusier (2006), entre outros, vão conceituar a nova casa e definir as novas necessidades básicas para o homem. A casa, além de propiciar o abrigo, vai propiciar uma proteção contra olhares indiscretos de pessoas estranhas e resguardar a vida íntima. A necessidade de individualização vai exigir a disposição de um quarto próprio para o adulto. O quarto passa, então, a representar o espaço para obtenção de uma separação temporária do adulto em relação aos outros.

Considerando que a planta da casa em geral vai refletir, reforçar e dramatizar uma estrutura mais ampla, conformando uma “homologia entre divisão espacial e social”, fronteiras entre o domínio público e o privado vão sendo estabelecidas (CAVALCANTI, 1984, p. 11). Essas fronteiras vão ressignificar o uso dos ambientes em três setores - social, íntimo e serviço – e servir de base para o que Le Corbusier (2006) chamaria de máquina de morar. Depositando um poder ao avanço da técnica e da máquina, que poderiam resolver todas as questões, inclusive as questões culturais, são elaboradas soluções para um homem padronizado.

A valorização da intimidade do espaço doméstico vai se consolidar ao longo do séc. XX. No Brasil, o modelo de divisão em

domínio público e privado teve grande aceitação, principalmente nas camadas médias. Partindo do ponto de vista antropológico, Cavalcanti (1984, p. 12) analisou na década de 1980, a organização espacial interna de moradias de pessoas da camada social média das zonas sul e norte da cidade do Rio de Janeiro, bem como as significações sociais do modelo de divisão de setores social-íntimo e serviço. No entender do autor, o modelo de setorização se torna igualmente um modelo para marcar diferenças. O setor de serviços abriga os empregados, com sua presença apenas tolerada nos outros setores da casa. Esta divisão é visível nas entradas de edifícios, em que a entrada “social”, exclusiva para moradores e visitantes, é separada da entrada de serviço. A entrada de serviço, além de servir para cargas e compras, serve para entrada dos empregados, hierarquizando seu uso.

O setor de serviço da casa brasileira, caracterizado pela elaboração e conservação dos alimentos, limpeza de roupas e outras ações de manutenção e limpeza, em geral, é composto por copa, cozinha, área de serviço, quarto e banheiro para empregados. O setor social é destinado aos membros da família, visitas e refeições, com dimensões maiores do que as dos outros ambientes. No espaço íntimo, a distribuição dos quartos e banheiros reflete a pertinência à família nuclear: quartos dos filhos próximos aos do casal e avós ou agregados próximos ao setor social (CAVALCANTI, 1984, p. 15)

Salas de festas e churrasqueiras são construídas fora do interior da casa, constituindo-se um novo setor social; rádios, televisores, computadores e outros equipamentos eletro-eletrônicos são inseridos nos quartos e nas salas, acumulando funções de trabalho e de lazer, além de repouso e de receber visitas (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999).

O televisor, em especial no momento de seu surgimento, vai ocupar local de destaque na sala de visitas, sendo-lhe atribuído alto valor simbólico, denotativo de *status* social. Depois de um período em que a indústria de massa popularizou seu uso, o televisor é retirado da sala e é distribuído pelos quartos, devolvendo à sala sua função de lugar de receber visitas.

Nas entrevistas que Borges (2006) empreendeu em 2005/2006 em quatro capitais brasileiras - Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife e por meio de pesquisa nas revistas Casa Cláudia - foi observado o retorno da utilização do aparelho nas salas de estar. A autora pesquisou salas de estar contemporâneas, de apartamentos medindo entre 18 e 35m², elaboradas intencionalmente pelos usuários. Foram entrevistados 20 (vinte) pessoas, sendo que a escolha da faixa etária, nível de renda e

ideologia foi casuística. As justificativas encontradas na pesquisa entre os entrevistados e as revistas para o retorno do televisor às salas de estar encontram-se no favorecimento à congregação da família; na crescente inovação tecnológica na produção de telas maiores e com mais definição de imagem; no design atraente, no preço alto que faz com que a possibilidade de uso em outros ambientes seja reduzida, entre outros aspectos. Para a autora, no entanto, a volta do televisor de grandes proporções e de alto valor aquisitivo à sala de estar é fruto do significado de status depositado no artefato ou a exibição do poder de compra.

Às varandas e sacadas são adicionadas outras expectativas, representando quase um fetiche e valorizando o imóvel. Guimarães (2007), ao entrevistar 51 (cinquenta e um) adolescentes e adultos de camada média da região central de Curitiba/PR durante os anos de 2006 e 2007, encontrou em suas moradias que varandas e sacadas são vistas como espaços de integração e convivência. Estes espaços deixam de ser pensados como apenas elementos de transição entre espaço público e privado, em que ao visitante era destinado um abrigo para aguardar ser atendido.

Também para Mendes (2011), varandas e sacadas podem ser de uso polivalente e podem ser integradas às salas de estar, jantar e cozinha, propiciando uma ampliação desses espaços. Partindo de uma pesquisa cartográfica, com recorte entre meados do século XX ao início do século XXI, bem como de etnografias e observações, a autora estudou empresas de móveis localizadas próximas à cidade de Curitiba/PR e à cidade de Milão, na Itália. O estudo, focado em móveis artesanais trançados em fibras e levado a cabo entre os anos de 2008 e 2011, mostrou que as varandas, na contemporaneidade, tendem a ser equipadas com móveis confortáveis destinados ao descanso, ou com churrasqueiras, mini-cozinhas e pequenos jardins. Esta organização propiciaria a conformação de espaços de socialização com os amigos e familiares, como se estivessem em casas de campo ou praia. Seriam “‘válvulas de escape’ para a rotina estressante das grandes cidades” (MENDES, 2011, p. 213).

Portanto, ao habitar uma casa, as pessoas não apenas satisfazem suas necessidades básicas de sobrevivência, abrigo, repouso, lazer ou trabalho. Diferenças entre as diversas camadas sociais, relações de poder, bem como sistemas sociais coercitivos sobre as diferenças entre gênero são representados no espaço de morar. Sobretudo, uma casa, no sentido de lar, depende de um sistema de valores, que inscrito em seus

ambientes e artefatos vai criar um mundo considerado significativo para seus membros.

2.3.1. A organização da sala no ambiente doméstico

A organização de ambientes domésticos, bem como de seus artefatos, torna-se uma maneira pela qual as noções sobre estética são experimentadas. Seu arranjo físico e a presença ou ausência dos artefatos de que é composta demonstram o gosto e o estilo de vida adotado. Formam, além disso, um sistema de representação utilizado para mostrar aos outros o pertencimento a determinado grupo social e à determinada camada sócioeconômica.

Na abordagem de Bourdieu (2008), além da reprodução de diferenças materiais ou econômicas, os sistemas de representação reproduzem um jogo de poder de distinções econômicas e culturais de uma sociedade hierarquizada. Contudo, nem todas as classes sociais estão preparadas ou são levadas a entrar no jogo da distinção. As estratégias que visam transformar disposições de estilos de vida em opções ou princípios estéticos são reservadas aos membros das classes dominantes e à alta burguesia, utilizando os termos do autor. A pequena burguesia entra no jogo da distinção ao se deixar classificar pelo gosto dos outros e rejeitar as predileções das classes populares. As classes populares têm como única função, oferecer pontos de contraste e de referências negativas em relação ao que é definido como estética pelas demais classes.

Os pontos de contraste mencionados por Bourdieu (2008) são opostos aos pontos de contato mencionados por Halbwachs (2006). Enquanto os pontos de contato revelam as semelhanças e o compartilhamento, os pontos de contraste revelam as diferenças e distinções entre pessoas ou grupos sociais. Sob este aspecto, as preferências estéticas, ou gostos, na prática, podem afirmar a proximidade com grupos de gostos semelhantes, estabelecendo uma relação com um estilo de vida de uma classe, mas também podem carregar afirmações de intolerância aos outros gostos (BOURDIEU, 2008, p. 162)

A questão do gosto merece ser discutida, tendo em vista que não parte de um consenso para todas as culturas. Muitas vezes encarado como uma questão de foro íntimo, o gosto, na verdade, é considerado, na perspectiva de Bourdieu (2008), como o resultado de imbricadas relações de força alicerçadas nas instituições transmissoras de cultura da sociedade capitalista, tais como a família e a escola. Ao estudar a

questão do gosto cultural, o autor observa que, na família, o aprendizado seria caracterizado pelo desprendimento e invisibilidade, garantindo certo desembaraço na apreensão e apreciação cultural. O aprendizado escolar sistemático, por sua vez, seria caracterizado como voluntário e consciente, garantindo uma familiaridade tardia com a produção cultural. São duas formas de aprendizado responsáveis pela formação do gosto cultural e uma dimensão do *habitus*⁴ de cada pessoa. Considerando as diferenças entre as camadas sociais, tem-se que o gosto vai ser o resultado de diferenças de origem e de oportunidades sociais. Assim, condições de vida diferentes produzem *habitus* diferentes. Nesses sistemas de esquemas geradores de práticas, de percepção, interpretação e apreciação, funcionariam os estilos de vida e seus sinais distintivos – “os gostos”.

Partindo de uma abordagem que coloca em segundo plano a experiência estética como categoria da filosofia da arte, ou dentro de uma estrutura hierárquica da arte, ressalta-se que, para ocorrer a experiência estética, não se torna necessário que a pessoa possua um intelecto educado e sensibilidade para reconhecer certo tipo de beleza ou uma compreensão crítica daquilo que é considerado bonito. O prazer de uma experiência direta e visceral de reconhecimento imediato de uma forma familiar, como descrito por Attfield (2006), pode ser considerado como uma experiência estética.

Acrescentando o pensamento de Desmet e Hekkert (2007) e de Moles (1975), a experiência estética pode ser revelada por coisas simples e não categorizadas como objetos de arte, como quando uma pessoa se agrada pela forma sensual de um vaso, pelo som de um celular, ou pela textura macia de um assento. Desse modo, a cor, a textura e a forma integram alguns dos valores estéticos conferidos aos artefatos, compreendendo valores subjetivos e questões simbólicas que vão além de suas funções técnicas.

A sala de estar, na cultura ocidental, reforça a ideia de área de transição entre o espaço público e o espaço privado. Na sala, são recebidas as pessoas categorizadas pelos seus membros como visitantes. Além disso, é um espaço comum a maior parte dos membros do ambiente doméstico, escolhida como lugar para interação social. Daí a

⁴ *Habitus*, na concepção de Bourdieu (2008, p. 162), consiste num princípio gerador de práticas possíveis de serem classificadas e, ao mesmo tempo, um sistema de classificação dessas práticas. Nesta relação, estão incluídos o gosto e o “*mundo social representado*” – o “*espaço dos estilos de vida*”. (grifos do autor).

importância de sua organização como espaço representativo do gosto e do estilo de vida de seus membros.

Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999) encontraram em sua pesquisa da década de 1970, abrangendo mais de trezentas pessoas membros de oitenta e duas famílias morando principalmente em áreas metropolitanas de cidades norte americanas, que a sala de estar era o ambiente mais mencionado como sendo o centro da casa, na visão dos membros adultos. Na pesquisa de Borges (2006), foram entrevistadas vinte pessoas em processo de decorar suas salas. A composição mais comum encontrada foi de um sofá, duas poltronas, uma mesa de centro e mesa lateral, um tapete e objetos de adorno. O móvel para abrigar o televisor também foi um dos elementos importantes encontrados comumente no universo pesquisado, demonstrando a valorização de seu uso.

Para o arranjo físico de uma sala de estar, artefatos e acabamentos são selecionados, visando corresponder às necessidades de ordem prática e estético-simbólicas. Essas necessidades, além de preencher os requisitos dos membros da casa, são baseadas em certas referências culturais do que seja uma sala de estar. Borges (2006) elenca, como principais parâmetros que as pessoas seguem na intenção de decorar suas casas, a televisão e seus cenários, as lojas de decoração e suas vitrines, as casas dos amigos e, em menor escala, as feiras de decoração e design e revistas de decoração. A contratação de profissionais da área - arquitetos, decoradores ou designers – para decorar a sala de forma planejada e completa fica restrita às pessoas com maior poder aquisitivo.

Abordando os programas veiculados em canais de televisão e, especificamente analisando as telenovelas da Rede Globo de Televisão, Almeida (2007) ressalta que suas estruturas narrativas melodramáticas, advindas de formatos como folhetim e rádio-novela, são dirigidas ao público feminino, mas capazes de atrair ao mesmo tempo algo definido genericamente como “a família toda”. Tratam de dramas amorosos e de família, com foco em casos de amor, da intimidade e da afetividade – temas considerados ainda hoje, por muitos, como femininos. O interesse em assistir às telenovelas estaria ligado, por um lado, a um prazer em determinado tipo de repetição da estrutura narrativa, certa previsibilidade – que, no entanto, deve estar também acrescida de pequenas e constantes inovações. As histórias e os paradigmas narrativos são conhecidos e há poucas surpresas, pois a própria publicidade da novela anuncia o que vai acontecer (ALMEIDA, 2007).

Por estes motivos, o hábito de assistir a programas de televisão e em especial às telenovelas, pode ser considerado como um dos elementos agregadores da família. Os elementos veiculados nestes espaços de tempo são seguidos pelos telespectadores como formas legitimadas pelo conjunto de pessoas que acompanha e conversa a respeito dos temas, personagens e arranjos espaciais, que fazem parte, concreta e ao mesmo tempo virtualmente, de suas intimidades e seus cotidianos.

As regras e convenções muitas vezes estranhas, no sentido de serem muito diferentes daquilo que é a prática das pessoas, podem transformar o ambiente doméstico em um cenário que raramente é utilizado ou com aspecto de uma vitrine de loja, como observado em Borges (2006). A autora exemplifica aquisições atendendo a convenções produzidas e legitimadas por esses meios de comunicação no Brasil, tais como balcões utilizados como bares, mesas de jogos, abajures e espreguiçadeiras, sem que aconteça o uso efetivo desses artefatos.

Mendes (2011, p. 220) relata que, na Itália, as pessoas pertencentes à “elite” costumam comprar seus móveis na Via Durini, no centro de Milão, conhecida pelo mobiliário de luxo, por lançar “tendências” de design contemporâneo e como referência para quem vai decorar sua casa. As pessoas comuns também circulam pelas lojas, apenas para ver os lançamentos das “grifes” do mobiliário assinadas por designers famosos, assim como no caso das roupas de “grife”. Suas compras são usualmente feitas em lojas mais populares.

A mediação de significado que esses canais de comunicação articulam entre o consumidor e os artefatos que fazem parte de seu cotidiano, corroboram com o pensamento de que a experiência estética depende, por um lado, do prazer de uma experiência que contém aspectos já conhecidos e, por outro lado, de oportunidades de inserções sociais que são legitimadas por padrões estéticos de consumo.

2.4. CONSUMO DE BENS

O homem, assim como os outros animais, sempre habitou o meio natural e material, assim como obteve desse meio, recursos para sustentar seu consumo de sobrevivência. O homem, visto como um consumidor, no entanto, não pode ser considerado como um ser passivo, mas sim um agente de consumo, uma vez que atribui valores e sentido ao ato de consumir e ao que é consumido.

Para o universo do Design e da Ergonomia, aspectos particulares do processo da civilização material humana vêm recebendo especial atenção, tais como os estudos do consumo e do consumismo,

tendo em vista que oferecem abordagens que contribuem para a compreensão de processos que envolvem os artefatos com os quais o homem se relaciona. O estudo mais aprofundado dos artefatos de consumo e da cultura material, aliado ao estudo das relações afetivas que o homem mantém com seus artefatos domésticos permite uma visão particular sobre as etapas da vida de um artefato, capaz de influenciar a geração de alternativas para o desenvolvimento de novos produtos e o aperfeiçoamento de produtos existentes. Em paralelo, estratégias para o prolongamento do tempo de vida dos produtos e a diminuição do descarte podem ser desenvolvidas.

O consumo envolve outras formas de provisão além daquelas concebidas tradicionalmente como compra e venda de mercadorias no mercado. O universo doméstico, por exemplo, é uma das esferas provedoras de uma série de serviços associados com amor, afeto, laços familiares, trabalho doméstico feminino, entre outros e que também pode ser associado com o consumo ou com a sociedade de consumo (BARBOSA; CAMPBELL, 2006).

Os artefatos domésticos, considerados também como bens de consumo, carregam diferentes significados e ao mesmo tempo são utilizados como comunicadores desses significados. Assim, o estudo do consumo, além de passar obrigatoriamente pelo estudo a respeito das necessidades, também envolve uma série de perspectivas, tais como as perspectivas fisiológica ou natural, sociológica, cultural e psicológica das pessoas. As diferentes perspectivas, muito embora algumas vezes conflitantes, não são excludentes.

Pelo senso comum, ser um consumidor significa saber quais são as necessidades e as formas de satisfazê-las: como escolher, comprar, usar e desfrutar – ou como não fazê-lo. As necessidades podem ser consideradas naturais e evidentes – como as necessidades básicas de sobrevivência – ou, por outro lado, podem ser arbitrárias e subjetivas – carências, caprichos, preferências ou desejos, dependendo da individualidade. No entanto, as necessidades não são apenas influências sociais, pressões sociais ou processos de socialização por meio dos quais a sociedade molda o indivíduo. As necessidades são sociais e também políticas, pois envolvem afirmações a respeito de interesses e projetos sociais (SLATER, 2002); as necessidades são também simbólicas, tais como as necessidades de companhia, satisfação social e espiritual, e o desejo de dividir e doar, e não apenas dentro da família (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996, p. 23-24).

Vale lembrar que o conceito de consumo difere do sentido de consumismo. Bauman (2008) ressalta que o consumo é uma característica do homem como indivíduo e o consumismo é um atributo da sociedade. O autor também diferencia duas fases da cultura de consumo. A primeira, chamada de sociedade dos produtores, foi orientada para a segurança, pois buscava o desejo de um ambiente confiável, ordenado, regular, transparente, duradouro, resistente e seguro. Dessa maneira, os ambientes espaçosos e os móveis pesados passavam a imagem de segurança e conforto e a posse de um grande volume de bens transmitia a ideia de poder e respeito pessoais. Os bens não se destinavam ao consumo imediato, mas, ao contrário, eram protegidos da depreciação e da possibilidade de caírem em desuso. “A satisfação parecia de fato residir, acima de tudo, na promessa de segurança em longo prazo, não no desfrute imediato de prazeres” (BAUMAN, 2008, p. 41-43).

A segunda fase seria a sociedade dos consumidores, próprio da instabilidade dos desejos e insaciabilidade das necessidades e inóspito à visão de longo prazo. A pressa se manifesta no impulso de adquirir e juntar e, mais imperativamente na necessidade de descartar e substituir. O volume e a intensidade de desejos são sempre crescentes, implicando no uso imediato e na rápida substituição dos artefatos. “[...] o advento do consumismo augura uma era de ‘obsolescência embutida’ dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria de remoção do lixo” (BAUMAN, 2008, p.45).

Ao argumentar sobre esses aspectos, Miller (2007) enfatiza que a maioria das abordagens do consumo parece supor que o consumo material é sinônimo do atual consumo de massa e adota uma postura anti-cultura material, com a própria materialidade ameaçando a sociedade e seus valores espirituais e morais. Barbosa e Campbell (2006, p. 21) também ressaltam a ambigüidade da atividade de consumo entendida como (i) uso e manipulação e/ou como experiência, (ii) como compra, (iii) e como exaustão, esgotamento e realização. “Significados positivos e negativos entrelaçam-se em nossa forma cotidiana de falar sobre como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos do universo a nossa volta”.

Na visão de Chapman (2006), a sociedade vem afastando-se de “valores profundos comuns para um modo contemporâneo de individualidade fragmentada sobre inúmeras relações com os artefatos e as experiências que eles podem mediar”. Bauman (2008, p. 68) salienta que o estímulo ao individualismo e a independência pessoal é parte das estratégias para a construção de um eu auto-suficiente, não coletivo e

não cooperativo. Assim, “a possibilidade de povoar o mundo com gente mais afetuosa e induzir as pessoas a terem mais afeto não figura nos panoramas pintados pela utopia consumista”.

Dois aspectos considerados fundamentais na elaboração da tese de Campbell (2006, p. 49) e que se associam para definir a natureza do consumo são a emoção e o desejo, que estariam no cerne do fenômeno do consumismo moderno impulsionado pela demanda do consumidor e pelo desenfreado e irrestrito individualismo. A associação dos dois aspectos se caracteriza pela preocupação do homem em saciar suas vontades em detrimento de satisfazer suas necessidades. Para o autor, a busca por experiências que produzam reações emocionais é uma necessidade psicológica que requer ser satisfeita repetidas vezes. No entanto, considerando que essa mesma repetição pode levar ao tédio, é preciso então haver exposições regulares a novos estímulos. Assim, o tédio pode se conformar como uma ameaça porque destrói pouco a pouco a representação da identidade, falseando a apreensão da realidade. Isso justificaria a criação de mecanismos para introdução regular e controlada de novos produtos, tendo em vista a necessidade de exposição a novos estímulos que causem forte reação. A partir desses estímulos, os consumidores podem realizar regularmente mudanças significativas em suas identidades.

Sob outra dimensão, entende-se que o valor do mercado não está naturalmente ligado aos artefatos, mas resulta das diversas interações sócio-culturais em que são produzidos, consumidos, usados, descartados ou re-aproveitados. Portanto, considerar o consumo como um ato de reflexão e um exercício da cidadania poderia trazer muitas respostas para a atividade projetual, para a preservação do meio ambiente e para um desenvolvimento sustentável de fato e para todos, ampliando os processos de inclusão (QUELUZ, 2008, p. 18).

2.4.1. Consumo de bens no ambiente doméstico

O consumo de artefatos em interiores domésticos, a maneira como são utilizados, organizados e hierarquizados pela casa; a maneira como são conservados, reparados, mantidos ou descartados, são aspectos representativos dos significados que lhes são atribuídos. Adicionalmente, na visão de Baudrillard (1973), os artefatos dentro de um ambiente familiar ordenam-se na casa de acordo com sua função e sua dignidade simbólica, demonstrando a relação afetiva que liga seus membros.

As relações afetivas refletem também os costumes, hábitos de consumo, valores, crenças, preferências e rejeições dos membros que integram o ambiente doméstico, bem como de grupos culturais mais amplos. Com base nesse entendimento, os artefatos domésticos, entendidos como bens de consumo, são portadores de significado, assim como necessários para tornarem visíveis e estáveis as categorias de cultura e na elaboração e manutenção de relações sociais (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996).

Por outro lado, as relações afetivas que uma pessoa mantém com seus artefatos, tais como os ornamentos no ambiente doméstico, podem oferecer um retorno emocional dos cuidados que as pessoas lhes dão. Os cuidados podem se relacionar às atividades de limpeza, manutenção, reparos, etc. O retorno desses cuidados pode acontecer, por exemplo, na representação de lembranças de momentos felizes e na evocação da própria história da pessoa, como exemplificado (MILLER, 2006).

A formação de sociabilidades entre determinados grupos, por exemplo, também pode ser obtida com o consumo de um conjunto similar de artefatos, corroborando, como já mencionado, com a formação do gosto cultural. Essa igualdade ou compartilhamento de significados é capaz de propiciar um sentimento de estar em sua própria casa, mesmo quando a pessoa está na casa de outro (MCGRANT, 2005).

Na perspectiva de Douglas e Isherwood (1996), o compartilhamento de significados vai depender dos diferentes sentidos, pois, mesmo quando relacionados ao mesmo artefato ou evento, o significado é fluído e apresenta diferenças entre pessoas e culturas. O desafio, para os autores, é a capacidade de fixação por longo tempo de determinado significado. Nessa direção convergem as convenções sociais e rituais, por exemplo, que permitem conter os significados. Então os rituais, quando ligados a convenções sociais se mostram como um caminho na criação de definições públicas visíveis, podendo contribuir no estabelecimento de memórias.

Transferências de significados são visualizadas constantemente entre as pessoas e seus bens. Para McCracken (2003, p. 116-118), nesse processo é criado um “mundo de bens” pessoal refletindo as próprias experiências e conceitos de si mesmo e do mundo. Tendo em vista, porém, que algumas propriedades ou significados são momentâneos e/ou perecíveis, rituais cotidianos de organização, arrumação e manutenção são necessários. Por outro lado, movimentos de transferência de significados podem acontecer entre as pessoas e seus artefatos. Nos rituais de arrumação acontecem transferências de

propriedades simbólicas que, antes investidas no artefato, agora são extraídas e investidas na própria pessoa (MCCRACKEN, 2003, p. 118).

Cabe observar que os artefatos não se apresentam sozinhos, mas sim em espaços semânticos e relativos a outros artefatos, constituindo um sistema de significados. Este sistema contribui para a formação de identidades, de acordo com padrões de organização, características e comportamentos (KRIPPENDORFF, 1998, p. 164).

Os conceitos de identidade, no entendimento de Hall (2005p. 10-13), baseiam-se, de um modo geral, em três concepções da pessoa humana: pessoa humana como um indivíduo autônomo, totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação; pessoa humana como um indivíduo sociológico, mediado por valores, sentidos e símbolos; e pessoa humana composta de várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas, nem fixas e nem permanentes. Definidas historicamente e não biologicamente, essas identidades contraditórias não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Sob esse prisma, a identidade unificada, completa, segura e coerente seria uma fantasia, pois, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, há uma confrontação por uma multiplicidade de identidades possíveis e temporárias. Diante desse cenário, a construção da identidade individual e grupal adquire contornos que se adaptam a cada realidade ou experiência vivida, sendo fruto de um jogo em que o indivíduo se posiciona e assume posições diversas de acordo com cada “partida social” que disputa.

Mais especificamente observando os aspectos relacionados à identidade no consumo de objetos materiais, torna-se importante a visão de alguns autores que percebem uma crise de identidade, podendo ou não ser resolvida na relação e no consumo de bens materiais. Slater (2002, p. 88) afirma que “o consumismo explora simultaneamente a crise de identidade nesse processo, intensifica a crise, oferecendo valores e formas de ser cada vez mais plurais”. O autor também ressalta que uma crise de identidade em massa estaria ligada à cultura de consumo de várias maneiras. Pela metáfora da escolha individual, uma vez que são observadas ações, experiências e objetos como parte da necessidade de construir e manter a própria identidade. Pela capacidade de comercializar a identidade como uma mercadoria, quando são produzidas e vendidas identidades a vários mercados sociais a fim de obter relações íntimas, posição social, emprego e carreira. E, por último, pela possibilidade de que os recursos materiais e simbólicos assumem a

forma dos bens e das atividades de consumo que constroem a aparência do homem.

Sob outra perspectiva, Campbell (2006, p. 51) afirma que “o consumo, longe de exacerbar a ‘crise de identidade’, é, na verdade, a principal atividade pela qual os indivíduos geralmente resolvem esse dilema”. Para o autor, a atividade de consumir pode ser considerada um caminho para o autoconhecimento e para o processo de descoberta de quem o homem realmente é. Sob esse aspecto, o local onde reside a identidade do indivíduo deve ser encontrado em suas reações aos produtos e não nos produtos em si.

O fato é que, fazendo parte de uma crise de identidade ou não, o consumo de artefatos no ambiente doméstico se conforma como uma das maneiras importantes para o homem estabelecer sua relação no mundo. Mais do que nas reações, são nas relações cotidianas mantidas entre as pessoas e seus artefatos que se podem observar construções de identidades. Dependendo do significado atribuído aos artefatos e das relações que são efetivadas, oportunidades são criadas para relembrar ao próprio indivíduo quem ele é, a cada momento em que ele entrar em contato com esses artefatos.

Os artefatos servem de balizas para orientar o indivíduo no tempo e são usados como marcadores que denotam as características de uma pessoa para outra, como defendido por Wallendorf e Arnould (1988). Como balizas de orientação, podem contribuir para estabelecer um sentido de estabilidade e continuidade, como símbolos materiais do *self* em relação ao passado, ao presente e ao que vai ser vivenciado no futuro (SCHULTZ et al., 1989; CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 1999). Então, esse sentimento de concretude vai contribuir para a construção de identidades, temporárias, efêmeras, ou duradouras, em um processo dinâmico.

No relacionamento com artefatos que lhes fazem sentido, as pessoas vão procurar referências em artefatos cumprindo funções simbólicas que fazem parte do imaginário de seus membros. São artefatos que remetem à infância das pessoas e a sua origem, os quais muitas vezes, por serem antigos, remetem a uma relação mitológica e de ancestralidade (BAUDRILLARD, 1973). Essas lembranças podem estar ligadas a referências temporais e referências geográficas, uma vez que a origem das pessoas pode remeter ao lugar de nascimento ou de desenvolvimento de diversas fases da vida. As referências podem também estar ligadas a significados culturais que são compartilhados pelas pessoas no

ambiente doméstico e pelas pessoas com as quais são mantidas relações sociais, fazendo parte da construção de identidades.

2.5. CICLO DE VIDA DOS ARTEFATOS

No entender de Denis (1998, p. 220), a abordagem em termos de ciclo de vida do artefato projetado é capaz de gerar soluções que aperfeiçoam três fatores:

- “Uso de materiais não poluentes e de baixo consumo de energia;
- Eficiência de operação e facilidade de manutenção do produto;
- Potencial de reutilização e reciclagem após o descarte.”

É possível acrescentar a esses fatores, entre outros, a extensão de vida do produto que possibilita sua manutenção por mais tempo em uso e os estudos sobre as relações mantidas entre usuários e seus produtos. Esses fatores são importantes porque são capazes de gerar informações fidedignas para o design do ciclo de vida, auxiliando o designer no processo de tomada de decisões sobre as melhores estratégias, visando à redução de impacto ambiental. Por outro lado, podem contribuir para uma abordagem que incorpore fatores mais amplos, tais como os preconizados por Manzini e Vezzoli (2002). Para os autores, novos valores positivos e critérios de qualidade têm que ser buscados na própria sociedade, na emergência de culturas e comportamentos inovadores que possam servir de referência na articulação de propostas.

Focando exclusivamente a fase de uso, observa-se que as pessoas estabelecem relações afetivas com o artefato, avaliando seu desempenho, hierarquizando-o diante de outros produtos e manifestando-se quanto a sua permanência em uso ou seu descarte. Em relação ao último aspecto, Cooper (2004) argumenta que os consumidores são pouco informados a respeito da vida útil dos produtos que utilizam, assim como dos benefícios ambientais potenciais sobre produtos com vida útil mais duradoura.

A vida útil dá a medida do tempo – de um produto e seus materiais, em condições normais de uso – que este pode durar conservando as próprias capacidades (serventias, rendimento, etc.) e o próprio comportamento, em um nível padrão aceito, ou melhor, pré-estabelecido (MANZINI; VEZZOLI, 2002, p. 181). Aspectos que influem na análise da vida útil de um produto são a previsão do tempo de vida, a quantidade de uso, o tempo de duração das operações ou a vida de prateleira (armazenagem). Por outro lado, as principais razões para eliminação ou término da vida útil de um produto são a degradação de suas propriedades ou fadiga estrutural, causadas pelo uso intensivo; a

degradação devido a causas naturais ou químicas; danos causados por incidentes ou uso próprio; obsolescência tecnológica; e obsolescência cultural e estética (MANZINI; VEZZOLI, 2002). Além desses aspectos, a determinação do tempo de vida do produto, pode incluir o design, o custo da reparação e disponibilidade de peças, a abundância no lar, o valor residual de revenda, a qualidade estética e funcional, a moda, a publicidade, e as pressões sociais (COOPER, 2004).

Adicionalmente, para van Nes e Cramer (2005b), o conceito de vida útil se relaciona à duração da vida de um produto a partir da aquisição (novo ou em segunda mão) até o momento de sua substituição. Isso, porém, não significa necessariamente que o produto antigo seja descartado como resíduo. O mesmo produto pode receber uma segunda vida em outra aplicação, quer com a mesma pessoa, ou com outra.

Tendo em vista que a longevidade de um artefato também está relacionada à fase de sua utilização; que essa fase pode abranger diversos contextos; e que diferentes proprietários podem fazer uso (ou diferentes usos) de um mesmo artefato, considera-se importante o estudo de seu percurso em todas as suas fases de vida.

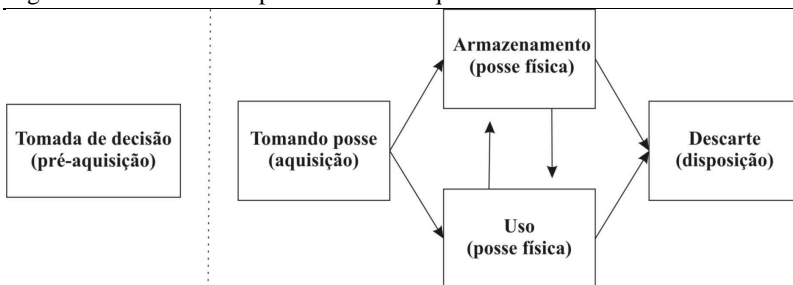
2.5.1. Fases da vida de um artefato

As relações que as pessoas desenvolvem com seus artefatos domésticos podem ser estudadas de diferentes pontos de vista, como a partir da gestão de consumo desses bens, a partir das relações de prazer possíveis de se obter na interação com os artefatos e a partir das formas de manutenção e descarte de itens que ainda estão em condições de uso.

Na pesquisa de Boyd e Mccnocha (1996), estas relações foram pesquisadas na perspectiva de gestão de materiais, frequentemente encontrada no universo do marketing industrial. Os autores desenvolveram um modelo de gestão de consumo de bens domésticos, envolvendo as etapas de aquisição, posse e disposição/descarte. Há o reconhecimento de que, de uma maneira similar a outras organizações, as famílias estão continuamente adquirindo, utilizando e eliminando estoques, tanto de bens de consumo como de bens duráveis em suas operações. O modelo, chamado de Ciclo de Propriedade do Estoque (*Inventory Ownership Cycle*), faz uma correspondência com um modelo de gestão de logística e representa estágios na administração dos consumidores de bens físicos e materiais (indicados nas de caixas de texto do modelo), e os fluxos de movimentações internas e externas (indicados por setas) (Figura 2:4). No estágio de pré-aquisição são reunidas informações para tomadas de decisões sobre aquisição do bem;

a mercadoria então é transferida do local de venda para a casa do consumidor (transporte - entrada movimento externo). No estágio de aquisição, alguma forma de compromisso acontece pela encomenda, compra ou outra maneira de consentimento em aceitar o bem. Na posse física, o bem pode ser colocado em uso imediatamente ou pode ser armazenado para uso/reuso futuro. O item pode mover-se dentro da casa de uma área para outra, ou dentro e fora do local de estocagem (transporte - movimento interno). Se o item não é mais necessário, ele é transportado para a "eliminação" (disposição) para outra pessoa ou organização. Mesmo quando os itens vão para a "lixeira", eles são transferidos para uma empresa de eliminação para remoção (transporte - movimento externo) e armazenamento permanente final em um aterro sanitário ou incineração.

Figura 2:4 - Ciclo de Propriedade do Estoque



Fonte: Adaptado de Boyd e Mccnocha (1996)

Resultados alcançados por Boyd e Mccnocha (1996) sugerem que, a maneira pela qual se adquire um bem pode afetar seu uso, manutenção e armazenamento. O uso pretendido e a forma de disposição também podem afetar o estágio de aquisição.

No estudo de Wooley (2003), um modelo de “Ciclo de prazer de um produto” é proposto e as formas de consumo de bens são discutidas. Para o autor, o prazer proporcionado por um artefato ao seu usuário varia conforme o período de tempo em que se conforma a relação homem x artefato. Esse período pode ser chamado de “ciclo de prazer” e está intimamente relacionado ao seu ciclo de vida, como demonstra o Quadro 2:1: Prazer e uso.

Na Fase 1, a pessoa aprende sobre o artefato por meio de informações disponíveis sobre a venda e o consumo, pelo próprio artefato e por recomendações de outras pessoas. Nessa fase, o prazer é experienciado no aumento da antecipação, sendo que, prolongar esse

período de antecipação pode levar algumas vezes ao aumento do prazer; a Fase 2 é o menor período, quando se opera o produto pela primeira vez. O prazer é associado com a experiência da “novidade”, exploração e domínio do artefato. É focado mais o artefato do que as tarefas a serem empreendidas; a Fase 3 é o período mais longo e mundano de uso, quando o artefato é assimilado em sua atividade regular. Há um reduzido foco no artefato, sua interface terá sido dominada e um baixo nível de operação da consciência tem lugar. Começa a ser desenvolvido um julgamento mais crítico do desempenho, geralmente em conjunto com o crescente conhecimento de artefatos mais novos e competitivos.

Quadro 2:1: Prazer e uso

Fase	Prazer	Mudança	Resultado
1 - Pré-compra	antecipação	prazer crescente	excitação
2 - Curto termo	exploração	ápice do prazer	entusiasmo
3 - Médio termo	aplicação	prazer decrescente	assimilação
4 - Longo termo	uso	instatisfação	desinteresse ou tédio
Eliminação ou retenção			
5 - Além termo	satisfação	prazer na posse ao longo da vida	respeito

Fonte: Adaptado de Wooley (2003)

A Fase 4 é o período final de uso, quando o prazer muda para a insatisfação, em decorrência de uma variedade de fatores, incluindo mau funcionamento, gasto/usado, performance deteriorada, oportunidades de compra de itens mais desejáveis e frequentemente, puro aborrecimento com a super familiaridade com o produto. A rara situação em que o produto induz a um alto nível de satisfação por um longo período de tempo é traduzida na Fase 5. Pode ser um “produto para a vida” ou além, como no caso de bens móveis herdados e antiguidades. Existe o orgulho em ser proprietário e pode haver um apego ao artefato que transcende sua função “prática”. As razões podem ser sentimentais, pelo contexto histórico, pelos atributos físico/sensorial, assim como pelo

valor associado com sua performance efetiva consistente (WOOLEY, 2003).

Essas fases podem ser manipuladas, dependendo da estratégia pretendida. A alta estimulação na fase de pré-compra e alta excitação durante a fase de curto termo, pode induzir a uma competitividade cujo valor estratégico pode ser estimulado pelo rápido declínio na satisfação. Nesse caso, ocorre a abreviação da fase de longo termo e é encorajado o descarte prematuro e a repetida compra de atualização. As demandas na lucratividade de curto prazo tendem a garantir que os produtores sempre tenham um interesse em otimizar o prazer no uso prematuro ou antecipado, minimizando o prazer no uso em longo prazo e garantindo um ciclo curto de reposição dos produtos. No entanto, essa estratégia provoca um efeito contrastante no ciclo de insatisfação do prazer que é muito curto, como a resistência do consumidor à marca e posterior compra. Um equilíbrio é usualmente visto entre ciclos curtos e longos e geralmente um consenso é alcançado entre os produtores, em que supostamente, produtos competitivos variam pouco no nível e profundidade do prazer que eles engendram (WOOLEY, 2003).

Na fase de uso é percebida uma hierarquia de valores, uma vez que coexistem artefatos com uso diário, uso periódico semanal ou mensal, de uso anual e ainda artefatos que nunca são utilizados. Existem os artefatos com os quais são estabelecidas longas relações afetivas e aqueles que têm um valor de novidade se comparado ao conjunto de artefatos pré-existentes no interior de um espaço doméstico, como no âmbito desta pesquisa.

Ao final da fase de uso, alguns artefatos nem sempre são descartados. Dependendo do espaço disponível, esses itens são guardados para que possam ser usados novamente, doados para outros membros da família ou amigos, ou ainda participarem do mercado de segunda mão pela internet. Van Hinte (2004) e Harrell e McConocha (1992) apontam que esses artefatos ainda úteis são mantidos em hibernação em sótãos ou porões e que, se mantidos por um tempo maior em uso, haveria um decréscimo no consumo de coisas novas.

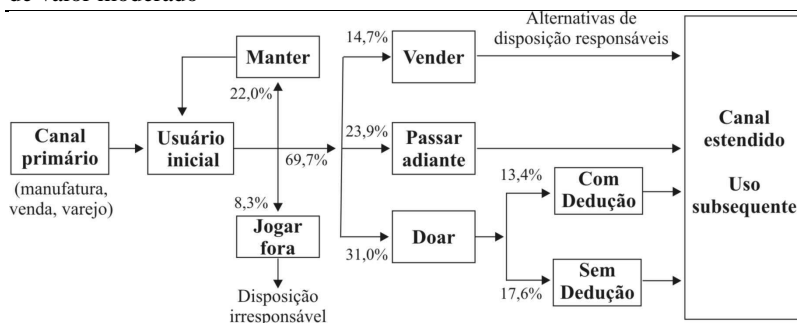
A fase de descarte, também entendida como disposição ou eliminação, faz parte de um processo pelo qual as pessoas, intencionalmente ou não, mudam a propriedade de bens para outra pessoa ou organização. Neste processo estão incluídas as fases de reconhecimento de que o item necessita ser descartado, de pesquisa e avaliação de outros artefatos concorrentes, de decisão efetiva de descarte e de resultados posteriores do descarte. Estímulos externos, tais como

fatores psicológicos e características físicas do artefato influenciam o processo, assim como o envolvimento de vários membros da família afetam a decisão para o descarte (HANSON, 1980; WALLENDORF; ARNOULD, 1988; YOUNG; WALLENDORF, 1989; HARRELL; MCCONOCHA, 1992; BOYD; MCCONOCHA, 1996).

Na fase em que ocorre o descarte efetivo dos bens que ainda estão em condições de uso, a opção pela doação se apresenta como predominante (Figura 2:5 - Canal de disposição estendido: disposição planejada de produtos de valor moderado), assim como uma tipologia de opções de canais de eliminação envolvendo diferentes tomadas de decisão de acordo com pesquisa de Harrell e McConocha (1992):

- Manter: “mantenedores” crônicos, têm a tendência de acumular itens;
- Jogar fora: descarte através do sistema de coleta de resíduos ou destruição de itens;
- Vender/Trocar: No caso da venda, um "preço" é acordado por ambas as partes; na troca, que pode ocorrer por meio de anúncios classificados, vendas de garagem, encontros de trocadores, ou outros;
- Doar: três opções de descarte podem ser classificadas nesta categoria: repassar, ou passar adiante a um conhecido, é um processo similar a dar de presente; doar sem dedução de impostos, para organizações e instituições de caridade; e doar com propósitos de dedução do imposto (HARRELL; MCCONOCHA, 1992).

Figura 2:5 - Canal de disposição estendido: disposição planejada de produtos de valor moderado



Fonte: Adaptado de Harrell e McConocha (1992)

A manutenção de bens por longo tempo pode envolver um exemplo de comportamento obsessivo-compulsivo, constituindo

desperdício de recursos, uma vez que poderiam ser utilizados por proprietários secundários. Estão excluídos desta classificação aqueles itens que são mantidos para uso futuro, como brinquedos e roupas dos filhos mais velhos que aguardam o crescimento dos filhos mais jovens, por exemplo. Tendo em vista que “mantenedores crônicos” se mostram interessados em obter algum tipo de retorno econômico, Harrell e McConocha (1992) sugerem que apelos em direção à venda dos itens ou doação com deduções de impostos seriam recomendados.

O comportamento “jogar fora” pode ser visto como um comportamento irresponsável. Se, no entanto, as pessoas não perceberem o devido valor, provavelmente o ato de jogar fora não seja considerado como irresponsável, tendo em vista que, nesta opção não se observa a consciência do efeito social. Planejar o descarte de itens em condições de uso está ligado ao comportamento de venda, no qual é desejável a obtenção de algum tipo de benefício ou lucro. Pode ser útil, da mesma maneira que para os mantenedores, um apelo para doações com deduções de impostos, em que a pessoa tem algum tipo de retorno.

Repassar ou passar adiante um bem pode sugerir alguma expectativa de retorno de um favor, mas em geral está estreitamente vinculado ao ato altruísta de doação. Doadores muitas vezes preferem se manter no anonimato, porque não gostam de saber especificamente quem está usando seus pertences. Para essas pessoas, o comportamento de vender ou passar adiante não se torna uma opção confortável. Enquanto as organizações que canalizam as doações se mantiverem atuando, esse comportamento tende a seguir em frente, em caso contrário, poucas alternativas se apresentam, uma vez que gostam de se sentir altruístas e não gostam de jogar fora seus bens. A opção pela doação com dedução de impostos não necessariamente representa altruísmo ou pura doação, no entanto, como o valor de dedução nunca é o mesmo valor do bem, é reconhecido que algum elemento filantrópico pode estar presente no ato de doar. Assim, tanto o altruísmo quanto os fatores econômicos influenciam os doadores (HARRELL; MCCONOGA, 1992).

2.5.2. Extensão de vida do artefato

O estímulo à utilização de produtos por mais tempo apresenta um aspecto paradoxal para o interesse econômico da indústria, uma vez que à primeira vista, poderia haver redução de vendas e lucros. Essa visão, no entanto, dificulta o desenvolvimento de estratégias que combinem a

extensão de vida do produto com prestação de serviços, possibilidades de atualização do produto e a consequente fidelização do cliente.

Outro paradoxo revelado no estudo da extensão de vida de um produto é encontrado quando produtos com maior eficiência ambiental são lançados. Nesses casos, um encurtamento do tempo de vida do produto revela-se desejável a fim de obter um novo produto que utiliza, por exemplo, significativamente menos energia, como no caso dos veículos movidos a combustão e eletrodomésticos. Assim, para produtos excessivamente duráveis que consomem muitos recursos durante seu uso e manutenção, seria mais correto falar de otimização do tempo de vida do produto do que durabilidade (MANZINI; VEZZOLI, 2002; VAN NES; CRAMER, 2005b).

No entender de Stahel (apud VAN NES; CRAMER, 2005b), a extensão de vida de um produto é parte de um processo de transformação da economia industrial focada na produção para uma economia de serviço com foco na utilização, operando em *loopings*. Corroborando com o pensamento de Manzini e Vezzoli (2002), o autor afirma que esta transformação é capaz de apoiar uma série de melhorias ambientais, entre as quais está também o uso mais intensivo de produtos por meio de locação ou compartilhamento.

A redução da reposição de produtos também se apresenta como outra estratégia para a extensão de vida de um produto. Sob essa perspectiva, análises sobre o momento mais propício para reposição ou substituição são realizadas, partindo do princípio de recuperação ecológica ou ambiental e do tempo de uso esperado do produto. Van Nes e Cramer (2005b) apresentam um método de cálculo em que três momentos de substituição do produto são avaliados. Quando o período de retorno (*payback*) é igual ao tempo de uso esperado, tanto a preservação do produto antigo e a substituição por um novo mais eficiente, causam ônus ambientais iguais; quando o período de retorno é maior do que o tempo de uso esperado, a substituição precoce é ambientalmente indesejada; e quando o período de retorno é inferior ao tempo de uso esperado, uma economia ambiental pode ser obtida e a substituição precoce é desejável. A substituição é recuperada e desse momento em diante há um ganho ambiental. Assim, “O benefício ambiental da extensão de vida não reside no fato de que o produto em posse dure mais tempo. O benefício ambiental reside na prevenção ou no retardamento da compra de reposição” (VAN NES; CRAMER, 2005b).

A pesquisa de van Nes e Cramer (2005b), procurou mapear quando, por que e como a necessidade de substituição teria emergido.

Ressalta-se que muitas vezes não é apenas um único fator que dá origem à necessidade de substituição, mas sim a combinação de um ou mais fatores. Os quatro motivos mais observados são:

- Desgaste e dano: quando o produto é substituído porque uma ou mais funções estão defeituosas ou o produto não funciona;
- Utilidade aperfeiçoada: o produto é substituído por uma combinação de razões. O produto não funciona corretamente e existe o desejo de uma melhoria quanto à segurança e/ou na economia do uso;
- Forma aperfeiçoada: o produto é substituído por uma combinação de razões. O produto não funciona corretamente e existe o desejo por uma melhoria em relação ao conforto de utilização e/ou qualidade e/ou no design do produto; e
- Novos desejos: o produto é substituído a fim de satisfazer novos desejos, apesar de não apresentar defeitos. Os novos desejos se relacionam a uma característica especial do produto, mas também a uma combinação de várias características (VAN NES; CRAMER, 2005b).

Para Chapman (2006), porém, na maior parte das abordagens para extensão de vida do produto, a durabilidade é caracterizada como a “especificação de materiais resilientes, tecnologias reparáveis e a aplicação de metodologias de projeto de engenharia avançadas que reduzem a probabilidade de exaustão de circuitos, fraturas de estresse e outras deficiências físicas”. Essa estratégia frequente levanta a questão sobre a realização de design de produtos duráveis ou simplesmente a concepção de resíduos duradouros. Para o autor, estratégias criativas para artefatos emocionalmente duráveis podem ser desenvolvidas, objetivando envolver o usuário em níveis mais profundos e lentamente possam se infiltrar na sua psique durante longo período de tempo. Esse processo “habilitaria o usuário a transcender as urgências superficiais do consumismo convencional, para forjar ligações emotivas profundas com seus pertences”.

Do ponto de vista ambiental, pode ser útil prolongar a vida de muitos bens duráveis de consumo, pois a grande frequência de reposições é indesejável em muitos casos porque produz resíduos e aumenta a utilização de recursos escassos. Por isso, há um desafio para os designers em fortalecer o vínculo entre o consumidor e seus produtos no processo de desenvolvimento do produto, visando alongar o tempo de vida psicológico dos bens de consumo duráveis.

Quando uma pessoa se apega a um artefato, é mais provável que ela manipule o artefato com cuidado, repare-o quando ele quebra, e adie

a sua substituição o maior tempo possível. Nesta afirmação de Schifferstein e Zwartkruis-Pelgrim (2008b), um artefato ao qual uma pessoa está afetivamente vinculada é considerado especial e, normalmente, significa muito para essa pessoa. Nestas condições, é pouco provável que a pessoa descarte o produto.

Sobre outro aspecto não menos importante, produtos que ainda se encontram com possibilidades de uso são enviados para lixões e aterros sanitários, como observado por Chapman (2006), ou deixam de ser utilizados, mas não são descartados imediatamente. São guardados em locais por vezes de difícil acesso, por longos períodos. Tendo em vista que esses itens realmente não serão mais colocados em uso por seus proprietários iniciais, estratégias que induzam à doação, venda ou troca poderiam ser ampliadas, visando uma segunda vida nas mãos de outras pessoas e estendendo a vida desses produtos (HARRELL; MCCONNOCHA, 1992).

Diante das questões evidenciadas sobre a extensão de vida dos produtos, torna-se necessária uma reflexão sobre os padrões de qualidade com que atualmente são julgados os produtos produzidos e consumidos. “É necessário, em termos de projeto, começarmos a pensar mais propriamente no resultado do que no usufruto que os produtos possam oferecer-nos, ou melhor, na satisfação das nossas necessidades e desejos” (MANZINI; VEZZOLI, 2002, p. 187). Da mesma maneira, ao focar na satisfação imediata do consumidor no momento de compra, “o designer se torna co-responsável pela insatisfação pós-compra, uma vez que a decisão de compra é feita parcialmente com base nas respostas sensoriais manipuladas pelo designer” (WOOLEY, 2003, tradução livre).

Sob a perspectiva da designer brasileira Cynthia Malaguti (2009), faz-se necessária também “uma reflexão sobre as possibilidades de mudança na hierarquia de valores e sobre o papel do design nesse processo”. A autora apresenta valores associados à sociedade de consumo, confrontados com valores substitutos, indicando algumas atividades para seu fortalecimento, conforme demonstra o Quadro 2:2.

Quadro 2:2 - Valores para o consumo, para a sustentabilidade e práticas promissoras

Valores e consumo	Valores e sustentabilidade	Práticas promissoras
consumo no sentido de destruir, devorar, gastar até a total destruição	cuidado, conservação, fruição	jardinagem, hortas verticais, esportes <i>out-door</i>
acúmulo de coleções e experiências superficiais	ampliação de experiência com os sentidos, novos usos para objetos	reciclagem de objetos e materiais, exploração do som de objetos
conveniência associada ao “use e jogue fora”	outras “conveniências” como sobrevivência, manutenção, equilíbrio	serviços de conserto e manutenção, aluguel de roupas, e diversos tipos de objetos
virgindade, novo, eterna juventude	velhice, história, memória, experiência e durabilidade	brechós/customização, redes virtuais de sebos, livros usados, móveis recuperados/reutilizados
luxo como ostentação, aparência, exclusividade, ousadia ou transgressão gratuita	luxo como atitude comprometida com uma causa, coragem p/ ruptura, luxo como qualidade de vida	rede de serviços públicos eficiente, como transporte coletivo, educação, saúde
criação de ídolos como referenciais de identidade e beleza	respeito e valorização da diversidade, amplo conceito de beleza	eventos e oportunidades para trocas entre culturas
propriedade e posse individual	valorização do bem-comum, do coletivo, comunitário	mobiliário urbano, transporte coletivo, jogos cooperativos

Fonte: Malaguti (2009, p. 33-34)

Os valores e práticas promissoras apresentadas por Malaguti (2009) e que estimulam a responsabilidade ambiental já podem ser observados em várias sociedades, embora ainda de maneira tímida. No entanto, podem ser encorajados ou reforçados por meio de ações conduzidas por políticas públicas, pela ação consciente do profissional do design e pela ampliação de estudos acadêmicos.

Nesse contexto, assumem importância pesquisas voltadas à extensão de vida que incluem os relacionamentos afetivos que as pessoas mantêm com seus artefatos, bem como os significados culturais atribuídos e as questões de identidade.

3 . METODOLOGIA

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa tem características de cunho qualitativo, uma vez que incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos e às relações sociais (MINAYO, 2004). Os métodos qualitativos se colocam próximos à visão subjetiva do mundo social, pelo entendimento do processo de como os indivíduos significam sua relação com o mundo.

Partindo de um projeto flexível e operando dentro de quadros teóricos, a presente pesquisa segue um processo indutivo e criativo. Para Taylor e Bogdan (1998), uma das vantagens dos métodos não estruturados reside na possibilidade conferida ao autor para reformular o problema inicial ao longo da pesquisa, evitando situações que possam criar um viés não desejado, modificando a abordagem em relação a cada informante e obtendo confiança junto à população do estudo envolvida, conseguindo assim uma colaboração maior para seu intento.

Também para Triviños (1987) e Minayo (2004), o pesquisador atua com um espírito amplo e flexível de trabalho, mas não coloca perguntas sem saber nada sobre as respostas, justificando a necessidade de estabelecer marcos teóricos com a reunião de elaborações que sirvam de referenciais para as perguntas. Dessa maneira, foi realizada primeiramente uma pesquisa de natureza exploratória e bibliográfica, visando incrementar a base de dados e informações a respeito dos temas propostos, tanto no que se refere aos conceitos e na visualização do estado da arte, quanto para pesquisar e analisar fontes baseadas em dados reais. Segundo Gil (1994), esse tipo de procedimento metodológico tem como objetivo a familiarização com o problema, visando ao aprimoramento de ideias.

Para estudar as relações afetivas existentes entre as pessoas e seus artefatos, foram focados ambientes domésticos e artefatos presentes no cotidiano. O ambiente doméstico define espaços pessoais que materializam a representação de identidades pessoais e grupais, dentro de um contexto específico em diferentes estágios da vida das pessoas que com ele interagem. Da mesma maneira, é um ambiente onde podem ser observados também, diferentes estágios da vida de um produto.

A relação das pessoas com seus móveis e artefatos faz parte de uma cultura doméstica ou familiar, a qual foi investigada por meio de uma perspectiva etnográfica. O método etnográfico foi desenvolvido na antropologia para o estudo de uma cultura e é realizado por meio de uma longa imersão na cultura investigada, quando os pesquisadores se

tornam observadores participantes. Estudos etnográficos, mais comumente restritos ao meio acadêmico, vêm sendo utilizados cada vez mais frequentemente nos setores públicos e privados, conforme salienta Genevieve Bell (2001), antropóloga do Laboratório de Experiência e Interação do Usuário da Intel. Segundo a autora, desde a década de 1990 tem havido uma presença crescente de profissionais da área da etnografia em empresas, contratados não somente para estudar locais e práticas de trabalho, como também para conduzir estudos de campo visando a compreender ambientes e práticas culturais diversas, tal como o ambiente doméstico.

Mais especificamente nesta pesquisa, foram utilizados recursos da etnosemântica. Este método foi criado visando suprir dificuldades encontradas por estudantes na realização de etnografias em curto período de tempo. O método é baseado em entrevistas para planejar e realizar um estudo de campo, inferindo o conhecimento cultural a partir do discurso - considerado uma forma de comportamento - e a partir dos artefatos culturais (MCCURDY; SPRADLEY; SHANDY, 2005). Do ponto de vista do design, o estudo do discurso possibilita revelar o viés do sujeito, o significado subjetivo de seus desejos e o significado atribuído aos vínculos afetivos com seus artefatos.

Assim, a grande vantagem do método consiste no tempo necessário para realização do estudo. Diferentemente da observação participante, comumente utilizada em estudos etnográficos e que depende de uma longa imersão do pesquisador na cultura investigada, as entrevistas permitem que uma cultura, ou parte dela, seja conhecida em um intervalo menor de tempo.

As restrições que se impõem dizem respeito ao tipo de dado obtido e à extensão do grupo cultural estudado. Por ser baseado no que os informantes dizem, o método é adequado ao estudo da cultura explícita, porém, não revela a cultura tácita.⁵ A etnosemântica também não é um método adequado para o estudo de grandes culturas, em termos de tamanho e escopo, como é, por exemplo, a cultura de uma nação, ou de uma subcultura de uma sociedade mais ampla. Ela é adequada para o estudo de microculturas.

Microculturas são similares às subculturas, mas não definem toda uma forma de vida. Elas estão associadas a culturas de grupos que se

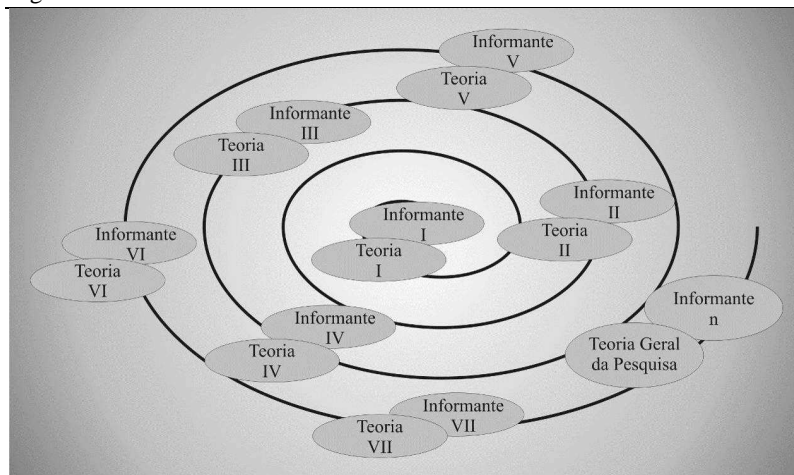
⁵ Cultura explícita é o conhecimento cultural codificado na linguagem, e cultura tácita é aquela em que as pessoas não a colocam em palavras. (MCCURDY *et al.*, 2005).

formam por uma variedade de razões, mas que não consomem todo o tempo dos seus membros (MCCURDY et al., 2005). Organizações sociais, familiares, filantrópicas, instituições governamentais ou empresariais são exemplos de microculturas, uma vez que os seus membros passam apenas uma parte do seu tempo nela.

Uma microcultura deve ser marcada pela rotina, ser acessível ao pesquisador, atual e não extinta, explícita e não ideológica. Para evitar problemas, nos casos de microculturas muito amplas, são focadas sub-cenas ou atividades que dão forma a partes do mundo culturalmente definido da(o) informante (MCCURDY et al., 2005). Outra recomendação importante é que a microcultura deve estar fora do mundo social do pesquisador, proporcionando-lhe o estranhamento cultural desejado.

A coleta e análise dos dados ocorrem de forma cíclica e cumulativa. A leitura, a análise e a descrição dos dados são reajustadas em função dos novos dados, na medida em que são coletados com cada informante. Para cada informante, uma teoria é formulada, num crescente que vai culminar na Teoria Geral da Pesquisa ou em um conjunto teórico que responderá aos questionamentos e objetivos da pesquisa (Figura 3:1).

Figura 3:1 - Processo cíclico e cumulativo de coleta e análise de dados



Fonte: Autora

As técnicas utilizadas na presente pesquisa foram entrevistas em profundidade e observação. A entrevista em profundidade foi direcionada ao aprendizado sobre os eventos e atividades difíceis de

serem observadas diretamente. A observação e a entrevista em profundidade são duas técnicas que possibilitam estudos descritivos. Os pesquisadores procuram transmitir aos leitores um sentido de ter estado no local, experienciando as situações em primeira mão e um sentimento de que o leitor pode ver as coisas do ponto de vista da(o) informante, respectivamente (TAYLOR; BOGDAN, 1998).

Outras pesquisas focando vínculos afetivos entre usuários e seus artefatos utilizaram questionários que foram respondidos em casa, possibilitando uma amostra bem maior (SCHULTZ et al., 1989). Um problema que essa técnica pode acarretar é que dificilmente o indivíduo fala diretamente sobre seus sentimentos, gerando equívocos de interpretação. Por outro lado, a vantagem da realização de entrevistas no contexto de uso possibilita que sejam observados e confirmados os vários aspectos de uma resposta. Nas entrevistas, o indivíduo tem comumente mais dificuldades em esconder alguma coisa. A desvantagem, por sua vez, é a geração de uma grande quantidade de dados e novas questões, que dificilmente podem ser totalmente analisados e respondidos em um só trabalho. Por este motivo, foram selecionados os dados mais pertinentes à obtenção da resposta à questão da pesquisa e aos seus objetivos.

As entrevistas foram realizadas em mais de um encontro e começaram com perguntas descritivas - mais genéricas e superficiais - seguindo as recomendações de McCurdy et al. (2005). As perguntas descritivas dos tipos “*grand-tour*” e “*mini-tour*” tiveram como objetivo incentivar o informante a falar da mesma forma como falaria com os outros em uma cena cultural, identificando, assim, seus termos nativos. Exemplo de pergunta “*grand-tour*”:

“Você poderia me guiar numa visita a sua sala e descrever seus móveis e outros objetos?”.

As perguntas “*mini-tour*” foram elaboradas e reajustadas para cada informante a partir de seus próprios termos, utilizados na “*grand-tour*”. Exemplo de pergunta “*mini-tour*”:

“Você poderia me descrever o momento em que recebeu este móvel de presente?”.

Respostas diretas e específicas foram obtidas com perguntas estruturais e perguntas de contraste. Perguntas estruturais foram

elaboradas com base nas análises das respostas às perguntas descritivas. Exemplos de perguntas estruturais são estes:

“Na entrevista passada, você falou que o banco do quarto era provisório. Na hora em que você arrumar as almofadas, ele vai deixar de ser provisório?”

“Você falou que está cuidando da cristaleira de uma amiga. Se fosse preciso devolver amanhã a cristaleira, onde você colocaria os objetos?”.

Perguntas com base no “princípio do contraste” foram fundamentais para descobrir os significados culturais, pois é difícil para os informantes lembrarem o que eles sabem sobre suas culturas. O “princípio de contraste” foi utilizado visando descobrir o significado dado pelos informantes a aspectos da cultura estudados em maior profundidade. As perguntas foram baseadas na identificação de semelhanças e diferenças entre uma categoria cultural e outra. Exemplos de perguntas de contraste realizadas na pesquisa são os seguintes:

“Você mencionou os termos birra e antipatia. Você poderia me dizer a diferença entre os dois?”

“Você mencionou os termos birra, antipatia, ciúme e ‘crica’. Você poderia me dizer a diferença entre eles?”

A observação livre teve como objetivo complementar os dados obtidos durante as entrevistas. Seguindo os preceitos sugeridos por Triviños (1987), foram destacadas do contexto pesquisado informações importantes tais como características específicas apresentadas pelo próprio informante, organização dos ambientes, predominância de cores, formas, tamanhos e hierarquização dos móveis e artefatos, entre outras. A observação livre foi documentada no diário de campo, entendido como a reunião de observações e reflexões realizadas sobre as expressões verbais e ações dos informantes, bem como sobre o ambiente estudado durante as entrevistas. As anotações de campo de natureza reflexiva foram registradas no diário da pesquisadora e responderam pelas reflexões da pesquisadora face à observação livre e aos dados obtidos com as(os) informantes. Corresponderam a questões metodológicas, ao refinamento das perspectivas da pesquisa, à delimitação do quadro teórico, à necessidade de consultar novas fontes

bibliográficas, entre outros aspectos. No decorrer do texto, os conteúdos dos dois diários inter-relacionaram-se e fundiram-se algumas vezes.

Na transcrição do conteúdo das entrevistas foram suprimidas redundâncias, tiques de linguagem (né, tanto é, aí então, etc.) e outras declarações de cunho informativo. As concordâncias verbais foram corrigidas somente nos momentos em que o contrário viria a atrapalhar a leitura e a compreensão do discurso. Foram tomados os devidos cuidados, porém, em não substituir palavras e em seguir a ordem da entrevista, seguindo a orientação de Bourdieu (1999). A manutenção de algumas expressões e o uso de pontuações tiveram como objetivo conferir ao leitor a emoção do momento, a revelação de algum pensamento que causou surpresa no momento da verbalização e a identificação das indecisões.

Na análise dos dados coletados, duas das técnicas mais importantes empreendidas pelo método etnosemântico foram a confecção de taxonomias e paradigmas. As taxonomias foram elaboradas a partir de perguntas descritivas feitas à(ao) Informante e a partir de seus próprios termos. As taxonomias são conjuntos de categorias simbólicas incluídas em um domínio e que definem a relação semântica existente entre uma categoria e o domínio (Quadro 3:1: Relações semânticas entre categorias e domínios). Uma taxonomia pode incluir mais de um domínio, quando um termo incluído é também domínio para outras categorias menores, formando taxonomias de dois ou mais níveis (Ver exemplo no Capítulo 4 – ESTUDO DE CAMPO, Quadro 4:1: Taxonomia Informante III).

Quadro 3:1: Relações semânticas entre categorias e domínios

Tipo de relação	Diagrama relacional	Declaração relacional
Inclusão	X é um tipo de Y	“tipos de”
Sequência	X é um passo de Y	“passos para”
Parte de um todo	X é uma parte de Y	“partes de”
Modo para uma finalidade	X é um modo para alcançar Y	“modo para”

Fonte: Adaptado de McCurdy, Spradley e Shandy (2005).

Os paradigmas são matrizes que agrupam conjuntos contrastantes e auxiliam na determinação do significado de cada categoria. Um conjunto contrastante é formado por categorias culturais, sendo que o paradigma apresenta os atributos que diferenciam as categorias

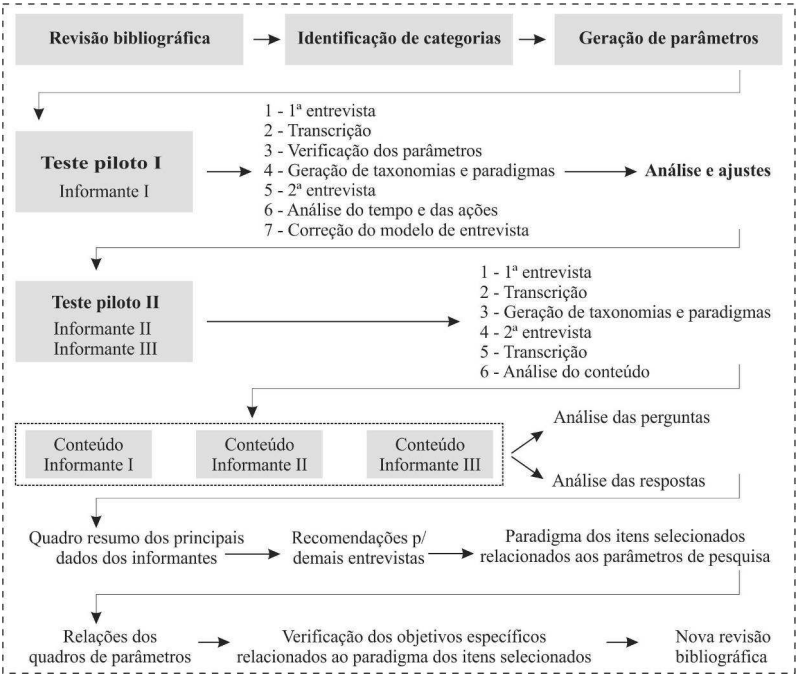
simbólicas entre si (Ver exemplo no Capítulo 4 – ESTUDO DE CAMPO, Quadro 4:2 - Paradigma parcial da Informante III).

De posse das taxonomias e paradigmas, do conteúdo transcrito das entrevistas, do diário de campo e das anotações de campo, foram elaboradas a análise e a descrição dos dados da(o) informante.

3.2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos de pesquisa seguiram as recomendações de Goodall (2000), Taylor e Bogdan (1998), McCurdy, Spradley e Shandy (2005) e Miles e Hubermann (1984). Os primeiros passos da pesquisa estão resumidos no Quadro 3:2 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapa 1.

Quadro 3:2 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapa 1



A partir dos dados da revisão bibliográfica, foram identificadas pela pesquisadora as categorias mais importantes elencadas pelos autores revisados, referentes aos três temas principais: vínculos afetivos, artefatos no ambiente doméstico e extensão de vida do produto. Essas

categorias foram divididas em *clusters*⁶, os quais geraram sete parâmetros gerais:

- Tempo, Significados, Relação, Espaço, Identidade, Material e Cultura (ver Quadro 3:3 - Categorização de termos e parâmetros de pesquisa).

⁶*Cluster*: concentração de termos que partilham significados similares ou contêm características semelhantes que podem ser agrupadas em torno de um termo escolhido como principal.

Quadro 3.3 - Categorização de termos e parâmetros de pesquisa

Tempo	Significados	Relação	Espaço	Identidade	Material	Cultura
Longevidade	Associações	Gratificação	Como é mantido	História pessoal	Degradação	Cultura local
Mudanças ao longo do tempo	Símbolos	Prazer	Como é guardado	Passado ancestral	Valores patrimoniais	Fatores culturais
Expectativas futuras	Sonhos	Herança	Contexto	Identificação pessoal	Durabilidade	Rituais
Vida útil	Conteúdo simbólico	Orgulho	Padrões de organização	Auto-imagem	Coleções	Mitos
Produto p/ a vida	Valor	Segurança	<i>Onde é guardado</i>	Estrangeiro	Antigo	Religião
Duração de operações	Marca	Apego		<i>Lugar</i>	Conservação	Estilo de vida
Durabilidade	Fashion	Bem estar		<i>Marca</i>	Formas	Situação social
<i>Antigo</i>	Benefício	Vínculos afetivos		<i>História pessoal</i>	Valor do produto	Convenções
	Crítérios utilitários	Gostos			Função	Modos tradicionais de produção
	Espirituais Estética	Senso de controle			Interação	<i>Memória e lembranças</i>
	<i>Valor simbólico</i>	<i>Desejável</i>			Antiguidades	<i>História</i>
	<i>Valor sentimental</i>	<i>Cúme</i>			<i>Restos resíduos</i>	
	<i>Valor prático</i>	<i>Memória e lembranças</i>			<i>Material de que é feito</i>	
	<i>Valor familiar</i>				<i>Materiais nobres</i>	

Estes parâmetros, aliados aos objetivos específicos da pesquisa, serviram como base para a elaboração das perguntas do roteiro de entrevistas, como demonstrado no Quadro 3:4.

O parâmetro material, por exemplo, foi utilizado para verificar se as pessoas mantêm vínculos afetivos inscritos em artefatos domésticos detentores de alguma característica – o material de que era feito, sua cor ou sua forma – que o transformasse em um item especial. Com a pergunta genérica e descritiva – “Você poderia me descrever sua sala, seus móveis e outros objetos?” – esperava-se obter parcialmente acesso a essas características.

Quadro 3:4 - Perguntas das entrevistas relacionadas aos objetivos e parâmetros da pesquisa

Parâmetros	Objetivos da pesquisa	Perguntas
Espaço Material Cultura Identidade	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar os atributos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos • Identificar os vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos 	1. Você poderia me descrever sua sala, seus móveis e outros objetos? 2. Você costuma comprar móveis em um mesmo lugar? 3. Você disse que esse móvel é Você costuma dizer isso quando..... 4. Você chama esse móvel de quando você fala com sua família/
Significado Tempo Relação	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar os atributos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos • Identificar os vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos 	5. Você poderia descrever a pessoa que lhe deu de presente ou comprou esse móvel? 6. Você poderia me descrever o momento em que recebeu este móvel de presente ou o momento em que o comprou?
Espaço Cultura Relação Significado Tempo	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar os atributos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos • Verificar se os vínculos afetivos contribuem para a extensão de vida do artefato 	7. Você poderia descrever qual a frequência de uso desse móvel 8. Quais atividades são realizadas com esse móvel? 9. Em quais ocasiões é utilizado esse móvel?
Tempo Relação Significado	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se os vínculos afetivos contribuem para a extensão de vida do artefato 	8. Você já se desfez de algum móvel desse ambiente? 9. Você poderia me contar sobre a última vez em que você se desfez de um móvel? 10. Você poderia me contar sobre a última vez em que fez uma doação de um móvel? 11. Há quanto tempo você possui este objeto? 12. Qual objeto você possui há mais tempo? 13. Em relação aos ambientes/cantos da casa descritos, selecione aqueles objetos mais importantes. 14. Se você precisar fazer uma mudança, escolha cinco objetos ou móveis que seriam levados. 15. Coloque em ordem de importância os objetos que seriam levados.
Tempo Espaço Relação	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se os vínculos afetivos contribuem para a extensão de vida do artefato 	16. Algum móvel foi reparado ou reformado? 17. Você disse que alguns móveis causam (ex. aborrecimentos/satisfações/muita manutenção, etc). 18. O que as pessoas da família fazem quando isso acontece? 19. Você disse que gostava/não gostava de sua geladeira Que tipo de você sonha em comprar?
Tempo Significado Relação Identidade Cultura	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar os atributos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos • Identificar os vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos 	20. Quais são as lembranças que esse móvel traz a você? 21. Quais são os móveis que lembram a família? 22. Quais são os móveis que lembram seu lugar de nascimento? 23. Quais são os móveis que lembram seu lugar de infância?
Significado Relação Espaço Cultura Material	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar os atributos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos com as pessoas • Identificar os vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos 	24. Você mencionou que tem (ex: móveis de ficar, móveis de usar, móveis de...). Esses móveis são algum tipo de móvel especial?

Após a elaboração do modelo de roteiro de entrevistas (APÊNDICE VI – Modelo de roteiro de entrevistas), foram efetuados testes piloto objetivando verificar se o método seria adequado à obtenção dos objetivos de pesquisa.

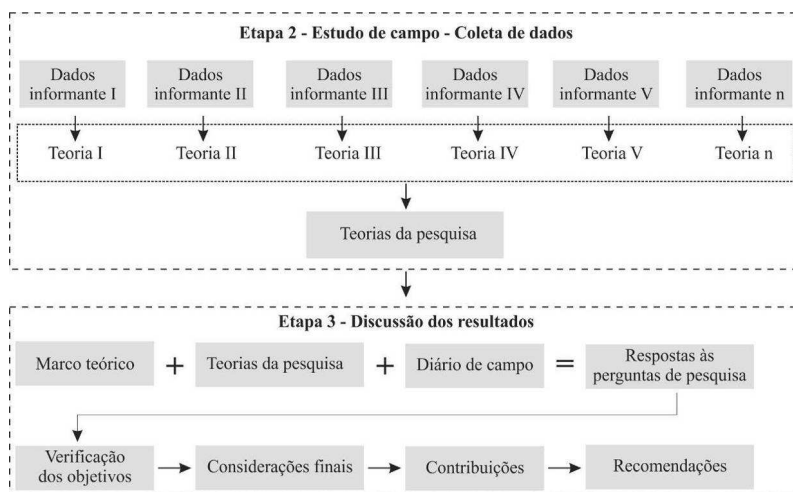
Ao final da Etapa 1, o conteúdo dos dados obtidos com os testes piloto foram reunidos e possibilitaram uma análise geral das perguntas e respostas. Foram também confrontados nessa Etapa 1, os resultados dos paradigmas dos informantes e os parâmetros de pesquisa, visando verificar se os mesmos seriam suficientes para o cumprimento dos objetivos de pesquisa. Foi observado que o método se mostrou adequado ao que se pretendia, no entanto, uma complementação da revisão bibliográfica foi empreendida para dar conta de novos dados que surgiram. Especialmente em estudos etnográficos, novos dados vão surgindo e, para cada informante, uma revisão da teoria de pesquisa é necessária, assim como, muitas vezes, novos suportes teóricos.

Essa análise geral, por sua vez, gerou uma série de recomendações (ver APÊNDICE IV – Recomendações para as entrevistas do estudo de campo) para a Etapa 2 da pesquisa - Estudo de campo (Quadro 3:5 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapas 2 e 3). O conjunto de dados resultantes do trabalho de campo com cada informante foi analisado anteriormente à execução do próximo trabalho de campo. Assim, a coleta de dados ocorreu paralelamente à análise dos mesmos, promovendo a formulação de várias teorias.

A Etapa 3 da pesquisa (Quadro 3:5 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapas 2 e 3) reuniu os dados referentes às revisões bibliográficas, às teorias de pesquisa geradas pelo estudo de campo, as anotações do diário de campo e as anotações do diário pessoal da pesquisadora. Esses resultados gerais foram discutidos e pretenderam responder à questão de pesquisa, ao objetivo geral e aos objetivos específicos.

Todas as observações foram filtradas pelas lentes seletivas da pesquisadora. Foi considerado o que influenciava as(os) informantes nas relações com seus artefatos em seu próprio ambiente, procurando inserir o leitor nesse mesmo ambiente. Os dados obtidos foram analisados à luz da bibliografia revisada, visando à contribuição na teoria, reflexão e prática do design industrial.

Quadro 3:5 - Procedimentos metodológicos da pesquisa – Etapas 2 e 3



3.3. INSTRUMENTOS E EQUIPAMENTOS

Para o estudo de campo e entrevistas foram utilizados dois gravadores digitais de voz, com a intenção de se obter um back-up no caso de ocorrerem problemas. Vale ressaltar que a utilização de dois equipamentos para as gravações das entrevistas é fortemente recomendada. Experiências anteriores da pesquisadora levaram a esta prudência. Problemas aconteceram, por exemplo, quando houve falta de bateria ou quando, ao serem enviados para o computador, os arquivos foram corrompidos. Para obter maior fidelidade na gravação de voz, o gravador digital foi colocado num suporte em forma de colar, permitindo a livre movimentação do entrevistado, uma vez que era solicitada a descrição dos ambientes e dos artefatos. A opção por dois ou mais encontros para realização das entrevistas também se mostrou eficiente, pois possibilitaram a recuperação de dados.

Máquina fotográfica, filmadora, *notebook*, roteiro de entrevista, cartões para preenchimento e categorização dos termos, planta baixa do espaço físico estudado, anotações orientadoras e diário de campo também foram utilizados. Na produção dos documentos, trabalho com imagens e análise dos dados foram utilizados os programas Word, Excel (Microsoft Office), Corel Draw e o programa Atlas.ti – *Qualitative Data Analysis* - versão 6.2.

3.4.CONTEXTO DE PESQUISA

Outro critério utilizado na realização das entrevistas foi a seleção de artefatos presentes no espaço doméstico, os quais eram de alguma forma importantes para o informante. Para Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999, p. 122), uma casa, quando entendida no sentido de lar, contém elementos que fazem lembrar a infância das pessoas, as raízes de seu próprio ser e a segurança de uma privacidade que propicia liberdade, mantendo suas vidas sob certo controle.

A casa também proporciona um ambiente rico em referências de identidade e cultura, tendo em vista que abriga não somente seus membros e seus artefatos – função prática -, mas é também palco de relações sociais, relações afetivas, preferências estéticas, hábitos e costumes – funções estético- simbólicas. As necessidades básicas humanas não se resumem a adaptações determinadas pelo aparato biológico ou pelo ambiente, pois “[...] apesar de nós vivermos em ambientes físicos, nós criamos ambientes culturais dentro dele. Nós continuamente personalizamos e humanizamos o ambiente dado como uma maneira de adaptar e criar ordem e significado” (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 1999, p. 122)

A seleção dos itens se limitou ao ambiente da sala de estar e/ou aos ambientes da copa, jantar e cozinha. Essa limitação espacial teve por objetivo manter o foco nos artefatos que são utilizados pelo maior número de membros da casa e por visitantes. Os artefatos não foram previamente selecionados e tampouco quantificados pela pesquisadora. Ao serem solicitados a descrever o ambiente em que se encontravam, cada informante fazia sua própria delimitação.

3.5.CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A preocupação na presente pesquisa não foi a quantificação da amostragem, mas sim a representatividade do grupo de informantes que participaram da pesquisa. A seleção da amostragem de Informantes foi intencional, priorizando-se aqueles considerados relevantes para o cumprimento dos objetivos da pesquisa e, além disto, aqueles que possuíam disponibilidade para as entrevistas e que proporcionaram fácil acesso ao lócus de pesquisa, seguindo orientações de Triviños (1987).

Com base nos subsídios encontrados na fase exploratória, o primeiro critério estabelecido na seleção de Informantes foi o de que fizessem parte de uma microcultura com referenciais diferentes da cultura da pesquisadora (com descendência portuguesa). Esse critério proporcionou o estranhamento e/ou distanciamento cultural, desejado na

perspectiva etnográfica, permitindo entrar em contato e aprofundar significados diferentes dos esquemas conceituais aos quais a pesquisadora já estaria acostumada. A diversidade cultural observada na formação da sociedade Catarinense, especialmente na época da colonização, quando o Estado recebeu grandes levas de imigrantes Europeus, levou à escolha de descendentes de imigrantes alemães.

O segundo critério exigiu a proximidade física visando facilitar o acesso ao lócus de pesquisa. Dessa maneira, a seleção de informantes residindo próximos à Florianópolis ou nesta cidade, mostrou-se benéfica para a realização de dois ou mais encontros, uma vez que a pesquisadora reside nessa cidade. Assim, a grande concentração de descendentes de imigrantes alemães no Estado de Santa Catarina, inclusive em Florianópolis, sua capital, justificou a seleção de – netos ou bisnetos - os quais podem ser considerados como fazendo parte de uma microcultura.

A idade mínima das (os) informantes ficou acima dos 18 anos. Para seleção dos informantes, em princípio, tentou-se a técnica de amostragem por conveniência, mais especificamente a amostragem tipo “bola de neve”. Os primeiros informantes foram indicados por pessoas próximas à pesquisadora, com o objetivo de facilitar o estabelecimento de uma relação de confiança e empatia. Os seguintes seriam alcançados a partir da identificação e encaminhamento, por parte dos primeiros informantes, de outras pessoas que satisfariam aos critérios de elegibilidade para o estudo. A técnica da bola de neve, ou amostragem em rede, é utilizada quando a população pesquisada consiste em pessoas com traços específicos, difíceis de serem encontradas pelos meios comuns (BIERNACKI; WALDFORD, 1981). Assim, cada informante vai indicando outras(os) potenciais informantes.

No entanto, a técnica da “bola de neve” não funcionou satisfatoriamente na presente pesquisa. Um informante respondeu que não se relacionava muito bem com seus irmãos e não conhecia pessoas que pudesse indicar. Outro informante morava há pouco tempo em Florianópolis e não conhecia pessoas que morassem próximas e com as características desejadas para a pesquisa. Duas pessoas indicadas por dois informantes não tinham disponibilidade para as entrevistas. Assim, os participantes foram indicados a partir de pessoas próximas à pesquisadora.

3.5.1. Os descendentes de alemães em Santa Catarina

O processo de colonização brasileira foi implementado por iniciativa do Estado a partir de 1818, quando imigrantes europeus foram dirigidos, preferencialmente, para colônias agrícolas no Sul do país. A

ocupação do território era desejada, tendo em vista o imenso território brasileiro e problemas com fronteiras no Sul do Brasil.

Os alemães eram considerados bons agricultores, imigrantes providenciais para povoar vazios demográficos no regime da pequena propriedade. Foram assentados em áreas de floresta, acompanhando os vales de rios e, mesmo quando situadas geograficamente próximas das capitais provinciais, ficaram um longo tempo social e espacialmente distantes da sociedade brasileira. Esse isolamento relativo, além das diferenças lingüísticas e o abandono à própria sorte pelas autoridades brasileiras, que não ofereciam uma estrutura educacional ao recém-chegado, favoreceram a criação da própria escola, a conservação da língua materna e de valores culturais, assim como uma consciência étnica coletiva (SEYFERTH, 1993; PIAZZA, 1994).

Para Seyferth (1993), a comunidade étnica do imigrante alemão definiu-se por um conjunto de elementos que serviam para separá-la das outras comunidades vizinhas. Além do uso cotidiano da língua alemã, da escola comunitária, instituições culturais, associações esportivas associadas a ideais nacionalistas, o estilo de vida e a ordem econômica e social derivada da experiência da colonização refletiam a idéia de pertencimento e o sentido de identidade coletiva. A expressão “colônias alemãs”, enfatizada por publicações periódicas em língua alemã produzidas entre 1852 e 1939, divulgava e reinventava a ideia da ideologia étnica teuto-brasileira: a *Deutschtum* (germanidade).

Há que se considerar, neste cenário, que o grupo imigrado para o Brasil provinha de um Estado-Nação formado tardiamente, antecedendo a criação do estado unificado. Para Seyferth (2000, p. 168), “a formação de colônias relativamente homogêneas no sul do Brasil e concepções de nação que não têm um referencial político ajudaram a produzir a imagem de um Brasil pluralista, suposta na concepção comunitária étnica de colônia”.

A concepção de nação e nacionalismo - ligada à ideia de língua e de raça - que resulta na crença de que a unidade de uma nação é dada pela descendência genética, como explicada por Hobsbawm (1990), tornar-se-ia incompatível com a realidade brasileira. Visto como um país de imigrações e, conseqüentemente formado por populações muito diferentes entre si, o Brasil não poderia ser entendido como uma verdadeira nação, pois carecia de homeogeneidade.

Seyferth (1993; 2000, p. 169) também chama a atenção para o ponto de vista do governo brasileiro a respeito da preocupação com a identidade nacional. Com o aumento da visibilidade das etnicidades,

seria necessária uma assimilação ou um “abrasileiramento” dos descendentes de imigrantes. A reivindicação do direito à especificidade como um grupo étnico diferenciado da sociedade nacional, muitas vezes sob o argumento da superioridade germânica, mais especialmente em relação à capacidade de trabalho, que seria própria da raça, justificaria as preocupações brasileiras a respeito da formação de um Estado dentro do Estado. O risco dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina se transformarem em uma colônia da Alemanha, ou mesmo num Estado independente com apoio alemão, costumava ser chamado de “perigo alemão” (SEYFERTH, 1993). Graves crises, no entanto, acompanharam várias gerações de colonizadores. No período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil rompeu relações com a Alemanha, resultando no fechamento temporário de escolas particulares no Vale do Itajaí. Durante a Segunda Guerra, na Campanha de Nacionalização do governo de Getúlio Vargas, o idioma alemão foi proibido e novamente escolas foram fechadas, bem como a publicação de jornais e revistas no idioma. Manifestações e tradições ligadas diretamente à identidade germânica foram oprimidas, desfalcando e eliminando bens materiais e imateriais (METTE, 2005).

Diante de um processo conturbado ao longo da história, abordado brevemente nesta tese, fica evidenciada a série de perdas e conquistas, favorecendo a “dinâmica da (re)construção da identidade” do imigrante alemão em terras brasileiras. Para seus descendentes, tendo em vista que a pátria brasileira não é a Alemanha atual, que muitos deles desconhecem, e que a pátria brasileira não os reconheceu como cidadãos durante longo período, um terceiro elemento parece ter sido criado em seu imaginário, visando suprir a perda inicial da pátria.

Em sua interpretação que parte de um espírito antropológico, Anderson (2008, p. 11) alerta que não existiriam “comunidades ‘verdadeiras’, pois qualquer uma é sempre imaginada e não se legitima pela oposição falsidade/autenticidade. Na verdade, o que as distingue é o ‘estilo’ como são imaginadas e os recursos de que lançam mão”. Adicionalmente o autor apresenta a possibilidade de ocorrerem “vidas paralelas”, que seriam grupos consideráveis de pessoas que nunca se encontram, porque separados por um oceano, mas que seguem a mesma trajetória. Assim, seria possível sentir-se ligado a certas regiões ou comunidades a milhares de quilometro de distância (ANDERSON, 2008, p. 256-257).

A comunidade de descendentes de alemães em Santa Catarina poderia ser alinhada à definição de uma “comunidade imaginada”, tendo em vista a dinâmica de construção/reconstrução de identidades e a não

simultaneidade entre a trajetória da comunidade de imigrantes alemães no Brasil e a trajetória da Alemanha.

Trazendo a discussão para a atualidade, Mailer (2003, p. 31.) ressalta que são encontrados em Blumenau, por exemplo, valores de etnicidade que não são mais encontrados na Alemanha. A autora verificou, em grupos morando em locais próximos à cidade de Blumenau, que eles pareciam estar vivendo como no século XIX, numa busca saudosista do passado, ao preservarem hábitos de seus antepassados.

A partir da década de 1960, campanhas em prol do turismo centradas na imagem européia de cidade deram início em Blumenau - cunhada como a “Europa Brasileira”. No início dos anos 1980, grandes festas populares com identidade alemã foram impulsionadas no Vale do Itajaí visando o turismo e foram se difundindo para vários municípios Catarinenses – *Oktoberfest* (Festa da Cerveja em Outubro), Fenarreco, *Kerbfest* (Festa do Padroeiro), *Schützenfest* (festa dos Atiradores), *Stammtisch* (Encontros de Grupos de Amigos na rua), etc. (ASSOCIAÇÃO CULTURAL DEUTSCHE WELT, 1999; METTE, 2005). Em paralelo, associações culturais e esportivas existentes foram fortalecidas em vários grupos de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina e novas agremiações foram criadas, visando a resgatar tradições, estreitar laços culturais, e favorecer eventos turísticos (MAILER, 2003).

Neste percurso histórico, a comunidade teuto-brasileira vem engendrando e evocando certos valores simbólicos que, em princípio constituiriam um conjunto de “tradições inventadas”. Seguindo o discurso de Hobsbawm (1997, p. 9), “tradição inventada” compreenderia a instituição de um conjunto de práticas, rituais ou simbólicas, implicando em uma continuidade em relação ao passado. Diferenciando-se dos costumes, que não impedem as inovações e aceitam algumas mudanças, as tradições, incluindo aquelas que são inventadas, requerem a invariabilidade e a repetição. Sob este aspecto, tradições foram modificadas, inventadas e/ou ressignificadas para servir a novos propósitos de valorização da identidade das comunidades teuto-brasileiros.

3.6. PRECEITOS ÉTICOS ADOTADOS

Tendo em vista que a presente pesquisa utilizou-se das técnicas de entrevista e observação, estabelecendo uma relação direta entre pesquisadora e pesquisados, a observância de cuidados éticos na

preservação e resguardo da integridade dos participantes da pesquisa foi necessária. Princípios éticos orientaram a condução da pesquisa no que tange à proteção da identidade dos sujeitos e ao respeito e honestidade para com eles. Para tanto, informar o sujeito pesquisado sobre a natureza da pesquisa, acerca da autenticidade no registro dos dados e resultados, sobre os possíveis desdobramentos em relação aos dados fornecidos, bem como garantir a proteção do mesmo contra qualquer espécie de dano foi o primeiro passo antes do início de cada encontro.

Além desses princípios éticos gerais, este estudo foi desenvolvido observando-se a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde (BRASIL, 1996), que fixa diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Com este objetivo, a proposta desta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada conforme Parecer Consubstanciado nº 537/10 de novembro de 2009. (Anexo I).

Baseando-se nos preceitos teóricos e nos dispositivos legais acima mencionados, foram elaborados uma Carta de Apresentação com Solicitação de Participação e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE I - Carta de apresentação e solicitação de participação e APÊNDICE II - TCLE). Este último foi assinado por todos(as) os(as) informantes, que autorizaram, assim, sua participação voluntária na pesquisa. Na Carta de Apresentação entregue, constou cláusula referente à liberdade de recusa em participar ou em retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Durante o trabalho de campo os encontros foram agendados em horários marcados e cumpridos de acordo com a conveniência dos(as) informantes. Foi dada especial atenção à garantia do sigilo e do anonimato. Com esse objetivo os nomes dos informantes foram omitidos no corpo do presente documento, bem como em outras publicações. Informantes entrevistados durante os Testes Piloto foram identificados por Informante I, Informante II, etc. Informantes entrevistados durante o Estudo de Campo receberam pseudônimos: Alice, Walter, Milton, etc.

Foi considerado o respeito pela cultura e valores de cada informante, expressos em seus depoimentos e registros. A utilização de imagens no presente documento, bem como em publicações em meios científicos procurou, de igual maneira, preservar o anonimato dos sujeitos informantes.

3.7. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE OS TESTES PILOTO

Foram realizados quatro testes piloto, no entanto apenas três foram aproveitados. Os dados de um informante foram descartados, uma vez que não foi possível a realização de uma segunda entrevista. Os dados principais estão reunidos no Quadro Resumo Teste Piloto (APÊNDICE III – Quadro Resumo Teste Piloto).

A cada teste piloto os resultados foram analisados visando refinar o método. As entrevistas seguiram um roteiro orientador que sofreu adaptações para cada caso (APÊNDICE VI – Modelo de roteiro de entrevistas). No início de cada entrevista foi explicada a natureza da pesquisa, seus objetivos e a metodologia, por meio da Carta de Apresentação (APÊNDICE I - Carta de apresentação e solicitação de participação). As condições para desistência por parte da(o) informante, a garantia de sigilo e a solicitação de publicação foram fornecidas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE II - TCLE).

Foram realizadas duas entrevistas com cada informante e outros contatos foram feitos por telefone ou *e-mail*, com o objetivo de encontrar mais dados, elucidar dúvidas, fazer novas observações ou filmar e fotografar detalhes que se mostraram necessários durante a análise preliminar dos dados.

Com a realização de testes piloto foi possível alcançar dois grupos de análises preliminares. O primeiro diz respeito aos dados gerados e o segundo diz respeito aos procedimentos metodológicos e à aplicação do método. Os dados analisados dos testes piloto, além de terem sido utilizados para verificação inicial do método, foram agregados à Etapa 2 – Estudo de Campo e Etapa 3 – Discussão. Apesar das duas amostras terem caracterizações diferentes, tanto no perfil das(os) informantes quanto em alguns procedimentos durante a fase de coleta de dados, entendeu-se que, se os dados fossem bem identificados, os pontos de contato entre as duas etapas poderiam agregar valor na análise e discussão final dos resultados.

Na realização dos três testes, as perguntas das entrevistas (ver APÊNDICE VI – Modelo de roteiro de entrevistas), bem como suas respostas foram analisadas e inseridas em quadros comparativos, conforme recomendação de Miles e Hubermann (1984), a partir dos quais foram tecidas recomendações futuras para as duas fases de entrevistas a serem realizadas na Etapa 2 - Estudo de campo (Quadro

3:5). As recomendações, na íntegra, se encontram no APÊNDICE IV – Recomendações para as entrevistas do estudo de campo.

Posteriormente, para o estudo de campo, foi acrescentada a confecção de uma árvore genealógica durante as entrevistas e o preenchimento de um questionário com dados relativos aos informantes (APÊNDICE V – Modelo de Coleta de Dados gerais dos informantes), aplicado após o término da primeira entrevista.

A elaboração da árvore genealógica foi solicitada para cada informante visando à visualização do grau de parentesco com descendentes de alemães colonizadores. Os desenhos representando a árvore foram feitos pelas(os) próprios informantes em um papel em branco e de uma maneira bem simplificada, no entanto não foram apresentados exemplos no presente trabalho para não prejudicar o anonimato dos informantes.

O preenchimento do questionário segue orientação de Agudo (2010), que ressalta as dificuldades do informante em responder perguntas a respeito de rendimentos, tipo de imóvel em que mora, idade, nível de escolaridade, etc., no início do primeiro contato, quando pesquisador e informante ainda não se conhecem bem e estão pouco à vontade. As faixas de rendimento e os níveis de instrução utilizados no questionário seguiram orientações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2010).

3.8. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE O ESTUDO DE CAMPO

Após a análise dos Testes Piloto foi iniciada a Etapa 2 – Estudo de campo, abrangendo um número de 7 (sete) informantes (Quadro 4:5 - Resumo dos dados dos informantes do Estudo de Campo), que totalizaram 10 (dez) informantes, incluindo os 3 (três) informantes dos Testes Piloto (APÊNDICE III – Quadro Resumo Teste Piloto).

Após a fase de coleta de dados da Etapa 2 da pesquisa foi elaborado e entregue um caderno resumo para cada informante. No caderno resumo foram incluídas as entrevistas transcritas, as taxonomias e paradigmas e um resumo das imagens obtidas. A entrega desse documento às/aos participantes da pesquisa envolveu, acima de tudo, uma demonstração do comprometimento da pesquisadora com o trabalho. Adicionalmente se apresentou como uma oportunidade para dirimir dúvidas de uma maneira mais informal, uma vez que não houve a presença de gravadores. Em algumas ocasiões mais imagens foram obtidas tanto a pedido do pesquisador quanto da(o) própria(o) informante.

Para auxílio na organização e análise qualitativa dos dados coletados durante as entrevistas foi utilizado o programa Atlas.Ti, versão 6.2. O primeiro passo para utilização do programa foi a criação de “*codes*” referentes aos sete parâmetros de pesquisa. Cada parâmetro foi subdividido em uma série de categorias. Algumas categorias foram originadas na fase inicial da pesquisa (Quadro 3:3 - Categorização de termos e parâmetros de pesquisa) e outras originadas no uso do programa, totalizando 59 categorias.

Como vantagem deste programa é possível afirmar que, durante a análise dos textos produzidos após as transcrições das entrevistas e inserção no programa, novas categorias emergiram e categorias julgadas importantes segundo a revisão bibliográfica inicial, perderam, por vezes, seu *status*. Isso não significa que essas categorias tenham sido menos importantes para ampliação do entendimento a respeito dos temas ora tratados, mas que foram reservadas para desenvolvimento futuro, por força da delimitação do escopo da pesquisa. O segundo passo foi a criação de “*memos*”, utilizados para categorizar novos temas revelados durante a análise do conteúdo e que contribuiu principalmente para a análise dos motivos que levaram as/aos informantes elegerem os 70 (setenta) artefatos mais importantes. Essa parte da análise é resumida no Quadro 4:7: Motivos para manutenção dos itens.

Os *codes* e *memos* são criados e ligados ao texto correspondente, selecionado pelo pesquisador. Automaticamente o programa procede à mensuração da fundamentação (*grounded*) e da densidade dos dados (*density*) (Figura 3:2).

Outra vantagem percebida com a utilização do programa foi a separação dos dados e sua visualização por meio de *networks*, que facilitaram e aceleraram a formulação e compreensão de teorias. *Networks* foram criadas, reunindo as citações de cada informante a respeito de cada *code* ou *memo*, possibilitando a identificação e/ou o remanejamento de categorias concorrentes ou redundantes. Na Figura 3:3 é apresentado um exemplo de *network* com o *code* Cultura e suas categorias. Na Figura 3:4 um exemplo de *network* com o *memo* “1º Item”, a ser levado em caso de mudança. Ligadas aos nomes dos informantes estão as citações que justificam os motivos pelos quais os artefatos foram escolhidos.

Figura 3:2- Criação de codes e memos no Atlas.Ti. No detalhe, links de codes e memos ao conteúdo da primeira entrevista da Informante Suely

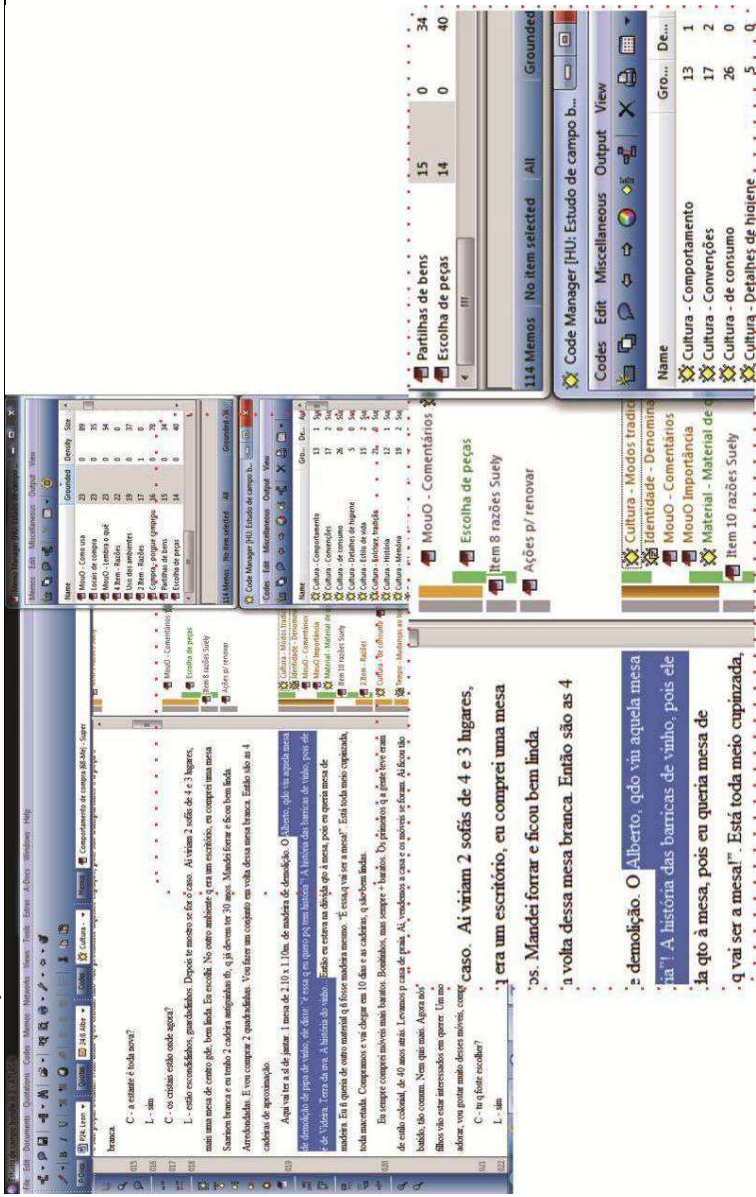


Figura 3:3 - Network do code Cultura e as relações com as subcategorias e entre categorias

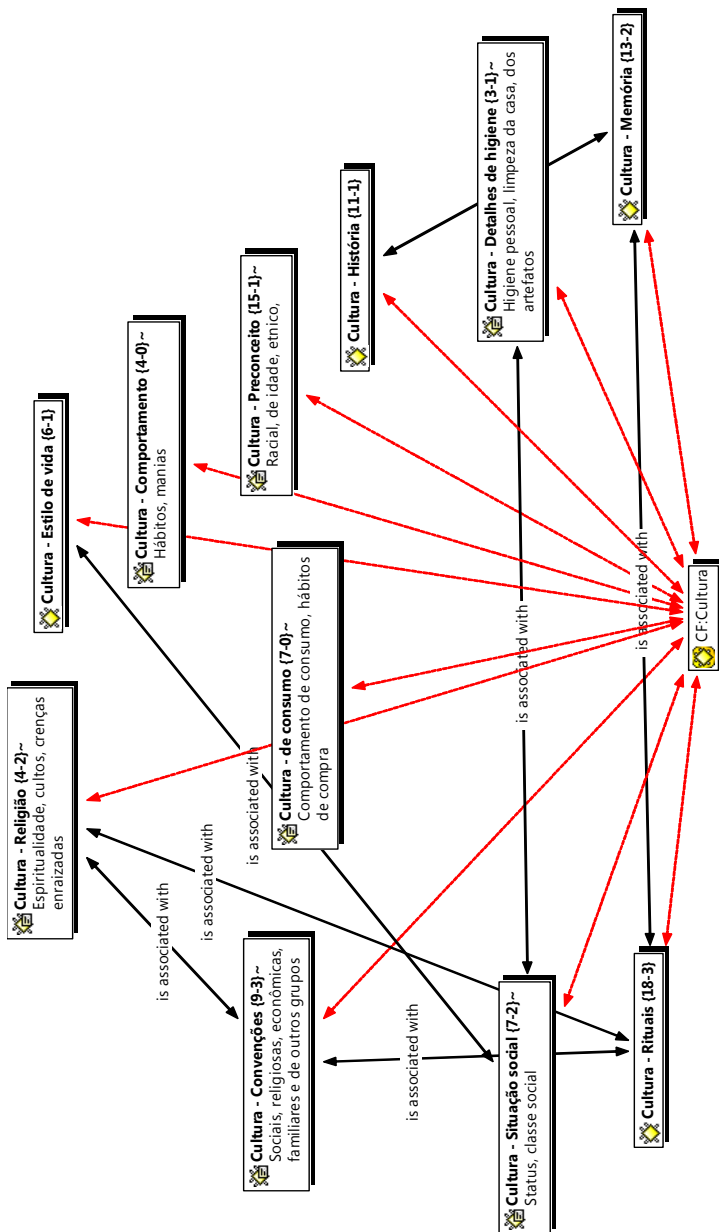
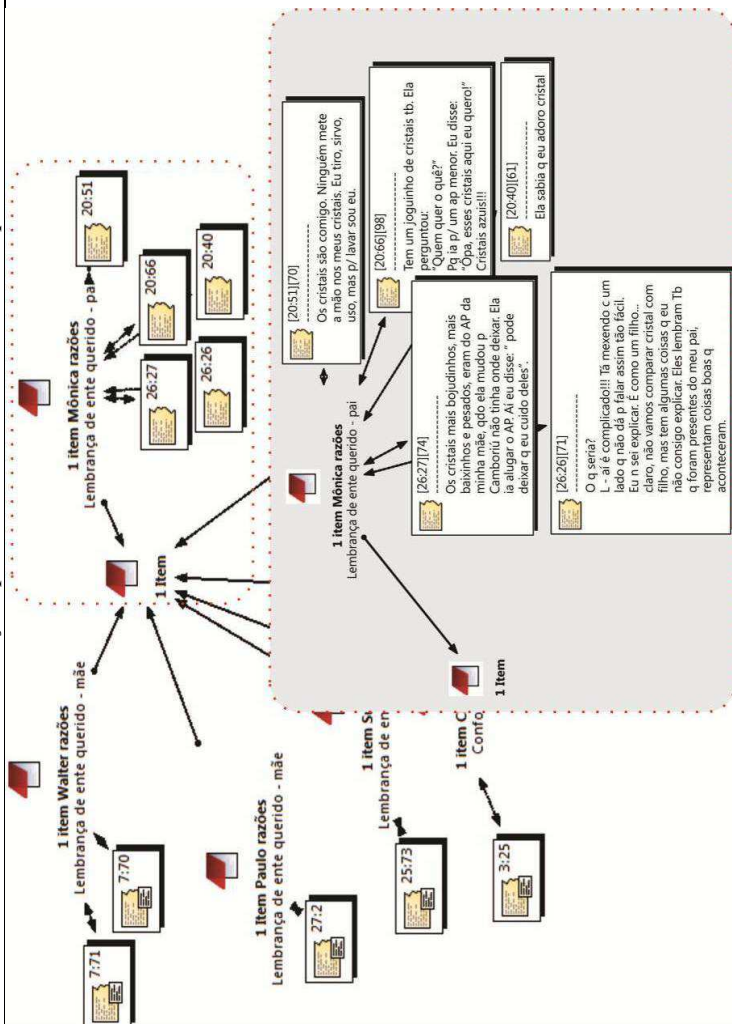


Figura 3:4 - Network do memo 1º item com as citações para cada informante. No detalhe, quotations da Informante Mônica



Após a organização dos dados em *codes*, *memos* e *networks*, foram feitas análises quantitativas visando identificar as densidades de cada categoria e as possibilidades de aglutinações de conteúdos similares. Durante essas etapas, procurou-se reunir e direcionar os conteúdos em torno de teorias, ou temas, visando a atingir os objetivos da pesquisa. Tendo em vista que estes procedimentos metodológicos revelaram resultados importantes para o corpo da pesquisa, os mesmos são descritos mais detidamente no Capítulo 4 – Estudo de campo.

4 – ESTUDO DE CAMPO

Neste capítulo são apresentados os dados obtidos nas Etapas 1 e 2 da pesquisa. Uma verificação preliminar da aplicação do método durante os testes pilotos foi acrescentada, assim como uma análise preliminar destes dados. Os dados obtidos no estudo de campo propriamente dito foram subdivididos na apresentação inicial de cada informante em seu ambiente doméstico, na organização preliminar dos dados referentes aos artefatos considerados mais importantes, na descrição das teorias geradas durante a análise dos dados e, por fim, no percurso dos artefatos no ambiente doméstico.

4.1. VERIFICAÇÃO PRELIMINAR DA APLICAÇÃO DO MÉTODO

Algumas considerações metodológicas sobre as etapas de coleta, organização e análise dos dados são necessárias, visando a oferecer um melhor entendimento a respeito dos procedimentos adotados e dos encaminhamentos propostos para a fase de estudo de campo. Tendo em vista que, durante a fase de testes piloto, vários resultados foram obtidos e que se mostraram válidos na discussão da pesquisa, uma análise preliminar dos mesmos também é exibida.

4.1.2. Análise preliminar do método nos testes piloto

A coleta de dados baseada em entrevistas com informantes contextualizadas em seus ambientes de moradia possibilitou observações do ambiente e da maneira como os informantes categorizam e se relacionam com os artefatos. Para a descoberta dos significados atribuídos pelos informantes a esse conjunto de relações, foram elaboradas, com base em dados da primeira entrevista, várias taxonomias a partir dos termos nativos. Dessa maneira, na segunda entrevista foram corrigidas as taxonomias e preenchidos os paradigmas com o auxílio da(o) Informante.

Para exemplificar o uso de taxonomias, o Quadro 4:1 demonstra a taxonomia principal elaborada com a(o) Informante III. Seguindo o foco da pesquisa, a taxonomia reuniu categorias de artefatos descritos pela Informante III em quatro níveis, sob o termo de domínio –“Partes de móveis que eu já tinha”. A expressão “móveis que eu já tinha” foi uma expressão da(o) própria(o) informante, ao se referir aos móveis que estava descrevendo durante a primeira entrevista. Os termos de domínio, localizados nos demais três níveis da taxonomia demonstram que esses artefatos são compostos de mais de uma parte. A leitura da taxonomia é

feita da seguinte maneira: “A alma é uma parte dos estofados, que é uma parte do sofá, que é uma parte de móveis que eu já tinha”.

Quadro 4.1: Taxonomia Informante III

Partes de móveis e outros objetos que eu já tinha	Mesa	Moedas antigas Sentar (substituto de cadeira) Prancha de surf	
	Banquinho de balcão de bar	Aço inoxidável Madeira de demolição Camurção de couro Sola Estofamento	
	Móvel que sustenta a TV	Cavalete de construção Vidro de um aparador	
	Sofá	Estofados	Estofado por dentro Alma Espuma Capa por fora
		Recosto Assento Bancadinha Limitador do recosto Almofadas	
	Quadros		
	Peças de cerâmicas		
	Luminária	Folha de losna Pedestal	
	Baú	Revistas Coisas bonitas Coisas que lembram lugares que eu viajei	
	Cepo de madeira	Pezinhos de madeira	
	Fruteira	Cestas	
	Lustre da sala		

A partir das taxonomias, foram gerados paradigmas para auxiliar na descoberta do significado atribuído. O Quadro 4.2 apresenta um paradigma parcial elaborado com a(o) Informante III como um exemplo.

O conjunto contrastante está listado na Coluna 1 e é composto pelos itens selecionados pelas(os) informantes. As dimensões de contraste da Linha 1, nas Colunas 2 a 5, foram selecionadas a partir do próprio discurso da(o) Informante III. A dimensão de contraste apresentada na Linha 1, Coluna 6, foi gerada com o objetivo de verificar os cinco itens mais importantes para cada informante, a partir das seguintes perguntas da pesquisadora:

“Se você precisar fazer uma mudança, escolha cinco objetos ou móveis que seriam levados”;

“Coloque em ordem de importância os itens que seriam levados”.

Quadro 4:2 - Paradigma parcial da Informante III

	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna6
Linha 1	Artefato ou móvel	Origem	Data	Lembra	Reformar Reciclar	Se for morar em outro lugar, qual vou levar
Linha 2	Mesa	Feito para mim; Mandei executar	1988	Momento liberdade;		1º
Linha 3	Banquinho	Mandei executar	1981, 1982	Sela de cavalo	Dar um colorido	2º
Linha 4	Sofá	Feito por mim			Nova roupagem	
Linha 5	Móvel TV	Feito por mim				
Linha 6	Quadros	Ganhei	1993	Prêmios		5º
Linha 7	Peças de cerâmica	Comprei				3º
Linha 8	Baú	Ganhei		Viagens		
Linha 9	Cepo de madeira				Se transforma	
Linha 10	Fruteira	Feito por mim				
Linha 11	Lustre da sala	Estava na casa anterior	1980 a 1983		Incrementada	4º

Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos domésticos: um estudo sobre suas influências na extensão de vida do produto

Visando auxiliar a tarefa de selecionar os artefatos que seriam levados em caso de mudança, foram utilizados cartões em branco que possibilitaram o preenchimento e hierarquização dos itens por parte das(os) informantes (Figura 4:1 e Figura 4:2).

Figura 4:1 - Cartões da Informante III com os artefatos selecionados sem hierarquização

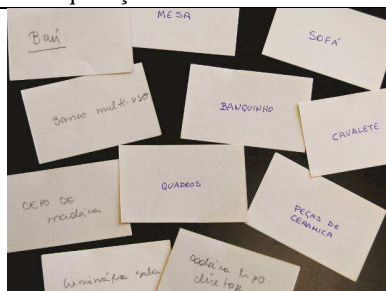
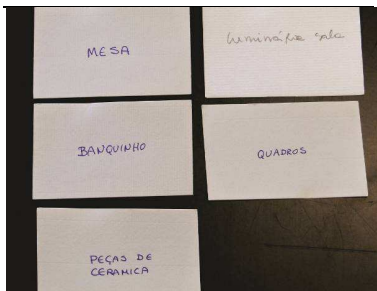


Figura 4:2 - Cartões da Informante III hierarquizados da esquerda para a direita



Para verificar se os objetivos da pesquisa poderiam ser respondidos com o método utilizado, os itens foram categorizados de acordo com os objetivos específicos. Essa categorização é demonstrada no .

Quadro 4:3 - Verificação dos objetivos em relação aos resultados preliminares do Teste Piloto

Objetivo I		Objetivo II		Objetivo III			
Item que levaria		Atributos do produto		Vínculos afetivos		Extensão de vida do produto	
1º lugar	Bauzinho	Por meio da função simbólica: Representação da mãe Por meio da função prática: Guardar o conteúdo		Ligação familiar (com a mãe)		Mãe - Resíduo – Memória – Permanência	
	Máquina de costura antiga	Por meio da função simbólica: segurança financeira Por meio da função prática: Prover o sustento		Ligação familiar (com a mãe)		Peça original (herança) – adaptações – manutenção – Permanência (reliquia)	
	Mesa	Por meio da função estética/simbólica: peça assinada/materiais nobres/auto imagem		História pessoal + familiar		Peça original (mandou fazer) – manutenção – permanência (não tem época)	
2º lugar	Livros	Por meio da função prática: provê o trabalho		Auto-identidade + ciúmes		Peça original (comprou) – permanência	
	Quadro da mãe	Por meio da função simbólica – suporte do conteúdo		Ligação familiar (com a mãe)		Peça original (herança) - permanência	
	Banquinho	Por meio da função simbólica: criação própria/materiais nobres		Ligação com auto-imagem		Peça original (desenhou) – manutenção – permanência (não tem época)	
3º lugar	Cristaleira	Por meio da função prática e simbólica: exibir o conteúdo/guardar lembranças		Ligação familiar e entes queridos		Peça original (ganhou) – manutenção – permanência (antigo)	
	Jóias de prata	Por meio da função estética/simbólica: material nobre/origem do produto		Ligação familiar		Peça original (herança) - permanência	
	Peças de cerâmica	Por meio da função estética – enfeitar a casa		Ligação com o sentido de exclusividade e status		Peça original (comprou) - permanência	
4º lugar	Minhas banquetas	Por meio da função estética/simbólica: peça de design, materiais nobres		Ligação com auto-imagem, amizade e comida+ciúmes		Peça original (compra) – durabilidade - permanência	
	Canecas de chope	Por meio da função simbólica: lembranças		Ligação com a história pessoal		Peça original (herança) - permanência	
	Lustre da sala	Por meio da função estética: enfeitar a casa		Ligação com auto-imagem e família		Peça original - adaptações - permanência	
5º lugar	Sofá	Por meio da função prática e simbólica: relaxar e lembranças		Ligação com auto-imagem e família		Peça original (comprou) –manutenção - permanência	
	Fotos	Por meio da função simbólica: lembranças		Ligação familiar		Peça original - permanência	
	Quadros	Por meio da função simbólica: prêmio pelo trabalho/status		Ligação com auto-imagem		Peça original (ganhou) - permanência	

Considerou-se que os testes piloto não contemplaram uma microcultura no sentido estrito do termo, pois as(os) informantes foram selecionadas(os) cumprindo o critério de proximidade com a pesquisadora e indicados por pessoas próximas. No entanto, a impossibilidade de estabelecer uma microcultura não invalidou o empreendimento dos testes piloto. Com a experiência, foi possível refinar o método e as perguntas das entrevistas. Foi possível também verificar que o método se mostrou adequado para responder à pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos almejados. Apesar de não se constituir como uma microcultura, muitas semelhanças foram encontradas nos dados das(os) três Informantes, possibilitando a geração de teorias parciais.

4.2. ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS COLETADOS NOS TESTES PILOTO

Como atributos principais dos 15 principais artefatos selecionados pelas três informantes do teste piloto, ressaltam-se aqueles responsáveis por representar lembranças de entes queridos já falecidos; o valor do próprio trabalho e do sustento; a valorização de artefatos antigos e de materiais nobres; móveis que proporcionam momentos de relaxamento e aconchego; aqueles portadores de memórias relacionadas à história de vida; aqueles que representam a auto-identidade. Em menor proporção se encontram aqueles representativos da experiência estética.

Foi possível observar que, dos 15 artefatos selecionados, 9 são representativos de memórias afetivas: o baú contendo as cinzas da mãe e a cristaleira da Informante I, todos os cinco artefatos da Informante II, a mesa e os quadros da Informante III (Quadro 4:4).

Quadro 4:4: Resumo dos artefatos selecionados e hierarquizados pelas(os) Informantes I, II e III

	Informante I	Informante II	Informante III
Item 1	Baú de cinzas da mãe	Máquina de costura antiga	Mesa
Item 2	Livros	Quadro da mãe	Banquinho
Item 3	Cristaleira	Jóias de prata	Peças de cerâmica
Item 4	Minhas banquetas	Canecas de chope	Lustre da sala
Item 5	Sofá	Fotos	Quadros

Os três artefatos que os(as) informantes selecionaram em primeiro lugar são portadores de importantes conteúdos relacionados à memória afetiva. O baú que comporta as cinzas da mãe da(o) Informante I marca tanto a materialização e memória de um ente que já faleceu e que a(o) informante gostaria que estivesse presente, bem como sua relação de cuidado e espiritualidade. Por ocasião das duas entrevistas, o baú ficou guardado no armário.

Eu escondo. Não gosto que ninguém mexa, pois tem a ver com minha mãe. É como se fosse um altar, um canto para acender uma vela (Informante I).

A máquina de costura antiga selecionada pela Informante II é uma herança de sua mãe. Durante muito tempo foi uma ferramenta utilizada pela mãe que permitiu o sustento da família em tempos difíceis. A vontade da(o) Informante II de permanecer com o artefato, além de remetê-la(o) à memória de um ente querido já falecido, prende-se à possibilidade de gerar sua segurança financeira.

É a lembrança de uma história: minha mãe transformou, botou motor... É um bem que vai me fazer caminhar adiante com segurança (Informante II).

A mesa hierarquizada com maior destaque pela(o) Informante III foi encomendada na época em que estava se desenrolando o processo de

separação conjugal (Figura 4:3). As lembranças desencadeadas pela mesa são positivas, tendo em vista que representam um momento com significado de liberdade. Esse sentimento encontra respaldo na categoria temática “ritos de passagem” encontrada em Holbrook e Schindler (2003).

É uma mesa assinada. Lembra um momento de liberdade e da separação do meu marido. Um bom momento da vida (Informante III do teste piloto).

Figura 4:3 - Mesa da Informante III



Com o conjunto de dados gerado pelas entrevistas foi possível identificar momentos importantes em que ocorrem eventos memoráveis no ciclo de vida de móveis e artefatos no contexto doméstico. Eventos memoráveis acontecem na fase de aquisição, tais como na aquisição por herança de um ente querido ou como um móvel feito sob encomenda.

“As jóias de prata foram mandadas pela minha tia da Itália. Algumas são da minha bisavó” (Informante II).

Na fase de uso, eventos memoráveis são relacionados ao uso dos artefatos em datas comemorativas, eventos culturais ou rituais sociais, tais como o Natal.

“As louças são do casamento de minha mãe. Eu continuo a fazer o natal tradicional que ela gostava e uso essa louça. Mas faço por gosto, porque eu gosto” (Figura 4:4 - Louças Informante II).

Figura 4:4 - Louças Informante II



Figura 4:5 - Cristaleira Informante I



Por outro lado, durante a fase de uso, os artefatos são marcados por eventos que evocam afetos negativos e positivos, como no caso de dano ou perda, nos casos de eventos acidentais que deixam marcas visíveis no móvel e nas marcas do tempo que seu proprietário exibe com orgulho.

“O espelho é original e está desgastado. São marcas antigas” (Figura 4:5 - Cristaleira Informante I).

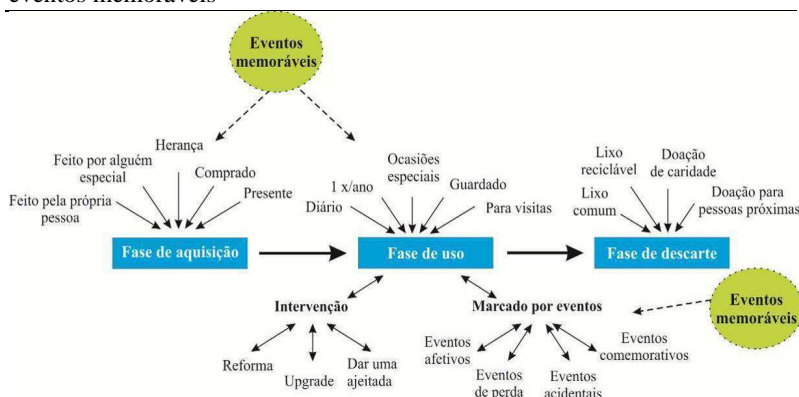
Para esse grupo de três informantes, o total de 60% de artefatos que representam memórias afetivas indica que a memória é um importante fator para a manutenção dos artefatos por mais tempo junto as(aos) suas proprietárias(os). Os(as) Informantes I e II, por exemplo, mantêm um forte vínculo materno, mesmo após a morte de suas mães. Assim, esses artefatos atuam como “lembretes de memórias afetivas”, utilizando uma expressão de Russo e Hekkert (2007).

Ficou demonstrado que eventos memoráveis durante a fase de aquisição se referem a artefatos recebidos por herança, recebidos de presente e encomendados sob medida. Durante a fase de uso os eventos memoráveis estão ligados à perda de entes queridos, à segurança material, a sentimentos de liberdade, a ocasiões comemorativas, a perdas e aos danos que deixam marcas no artefato.

Tomando como base as fases descritas acima, foi possível a elaboração de um fluxo demonstrando o ciclo de vida de móveis e artefatos no contexto doméstico relacionado a eventos memoráveis (Figura 4:6 - Ciclo de vida de móveis e objetos no contexto doméstico e eventos memoráveis).

Ficou evidenciado, neste percurso de artefatos no contexto doméstico, que a Fase de Descarte foi pouco explorada durante os Testes Piloto. Dessa maneira, o Modelo de Entrevistas (APÊNDICE VI – Modelo de roteiro de entrevistas), foi adaptado para receber mais perguntas sobre as possibilidades de ocorrerem eventos memoráveis nesta fase.

Figura 4:6 - Ciclo de vida de móveis e objetos no contexto doméstico e eventos memoráveis



Fonte: Adaptado de Cardoso e Gontijo (2010a)

Além do papel preponderante da memória descrito acima, ao analisar o conteúdo das entrevistas, foi possível identificar várias categorias que já tinham sido anteriormente colocadas em *clusters* nos sete parâmetros da pesquisa, bem como novas categorias foram descobertas. Essas novas categorias foram inseridas nos sete parâmetros iniciais de pesquisa (ver os termos em *itálico e negrito* no Quadro 3:3 - Categorização de termos e parâmetros de pesquisa).

As entrevistas realizadas no local de interação das pessoas com seus artefatos possibilitaram a verificação mais próxima da realidade vivida pelas(os) informantes e da importância que cada artefato desempenha em suas vidas.

Com base nestes resultados preliminares, destaca-se que a perspectiva etnográfica e os recursos do método etnossemântico mostraram-se adequados ao estudo aprofundado dos conteúdos relacionados aos vínculos afetivos e à extensão de vida de artefatos no ambiente doméstico.

4.3. O INFORMANTE E SEU CONTEXTO DOMÉSTICO

Os sete informantes entrevistados na fase de estudo de campo não apresentaram nenhuma relação de parentesco com a pesquisadora, tampouco entre si. A pesquisadora já havia sido apresentada ao informante Milton na casa de um amigo em comum e mantinha contato esporádico na academia de ginástica do bairro com a informante Suely. As relações, portanto, eram superficiais. O primeiro contato pessoal mantido com os demais informantes foi no momento da primeira entrevista.

Os dados principais, preenchidos nos questionários, foram resumidos e apresentados no Quadro 4:5 - Resumo dos dados dos informantes do Estudo de Campo. Foram entrevistados quatro mulheres e três homens, sendo que cinco apresentaram idades entre 46 a 65 anos, um apresentou idade entre 36 e 45 anos e um mais de 65 anos, no momento da entrevista. Como o único parâmetro de pesquisa foi ter idade superior a dezoito anos, não se tornou relevante estabelecer uma média de idade.

É importante ressaltar que todos os informantes têm importante papel nos processos decisórios que permeiam a vida doméstica. Com exceção de Alice e Paulo, os demais informantes exercem atividades de trabalho remunerado em casa, que não dizem respeito exclusivo à vida doméstica. Walter mora com um amigo com quem mantém um escritório de decoração (em sociedade), em um ambiente próprio em sua casa. Uma sala - denominada de *living* pelo próprio informante - é destinada a receber os clientes. Após o falecimento de sua mãe, Milton continuou morando sozinho na casa que ambos dividiam, onde mantém uma oficina com vários depósitos para seu trabalho de vitrinista. Um espaço - chamado de *Adlerplatz*⁷ pelo informante - também foi construído especialmente para reuniões da Associação Alemã, da qual é participante ativo. Cláudia, que levou sua mãe idosa para morar em sua casa, trabalha como revendedora de produtos por catálogo. Mantém estoque de produtos em sua sala, utilizando sua mesa de jantar para atender clientes e exibir mostruários. Suely, professora aposentada, mora com seu marido e esporadicamente trabalha em casa como revisora de redação de concursos, tais como provas de vestibulares. Como Alice, também exerce as funções diárias relacionadas à manutenção da casa. Mônica, que mora com o marido e sua filha,

⁷ *Adlerplatz*, no idioma alemão, significa espaço ou praça da água.

mantém escritório para suas atividades e de seu marido como professores e também como arquiteta.

As atividades exercidas por Alice dizem respeito à manutenção e limpeza do ambiente doméstico, preparo de comida para a família e trabalhos manuais, especialmente o crochê. Alice mora com o marido e três filhos. Paulo, que mora com sua esposa e três filhos, mantém uma pequena horta nos fundos de sua casa e cria algumas aves.

Quadro 4:5 - Resumo dos dados dos informantes do Estudo de Campo

	Alice	Walter	Milton	Cláudia	Suely	Paulo	Mônica
Gênero	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
Idade (anos)	46 a 55	46 a 55	46 a 55	65 ou mais	56 a 65	56 a 65	36 a 45
Nível de instrução	Ens. Médio	Graduação	Ens. Médio	Ens. Fundamental	Pós-graduação	Graduação	Pós-graduação
Local da entrevista	Palhoça /Alto Aririú	Florianópolis /Itaguaçu	São José	Baln. Camboriu	Florianópolis /Córrego Grande	São José/Forquilha	Florianópolis /Trindade
Local de nascimento	Palhoça	Blumenau	Piratuba/SC	Gal. Câmara/RS	S. José dos Pinhais/PR		Blumenau
Ocupação	Dona de casa	Decorador	Não respondeu	Vendedora	Aposentada	Jardineiro	Professora
Nº de moradores	5	2	1	2	2	5	3
Relação entre moradores	Família	Amigos	Somente 1 morador	Família	Família	Família	Família
Tipo de imóvel	Próprio	Alugado	Próprio	Próprio	Próprio	Próprio	Próprio
Rendimento dos moradores	Mais de R\$4.150,00 a R\$6.225,00	Mais de R\$ 6.225,00 a R\$ 10.375,00	Mais de R\$ 4.150,00 a R\$ 6.225,00	Mais de R\$ 830,00 a R\$ 1.245,00	Mais de R\$ 10.375,00	Mais de R\$ 10.375,00	Mais de R\$ 10.375,00

Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos domésticos: um estudo sobre suas influências na extensão de vida do produto

Ao ser recebida pelos informantes em suas casas, a pesquisadora foi levada a conhecer alguns cômodos, em geral as salas, cozinhas, áreas de serviço, lavanderias e áreas externas utilizadas como churrasqueiras. Apenas dois informantes levaram a pesquisadora a conhecer os quartos de forma rápida. As entrevistas eram realizadas nas salas de estar e/ou jantar, nas copas ou nas áreas de churrasqueira, conforme indicação do informante.

A sala de Alice, que serviu de contexto para a pesquisa, é utilizada para reunião da família em torno da televisão, para seus trabalhos manuais e para uso do computador pelos seus filhos, instalado em uma estante (Figura 4:7). Os itens sobre os quais a informante discorreu estavam todos nesse cômodo da casa.

O informante Walter descreveu seu *living* com seus artefatos e incluiu alguns itens que estavam na sala de jantar e na escada da casa (quadros) (Figura 4:8). O *living*, no pavimento térreo, é utilizado como entrada principal da casa e como um *showroom* para seus clientes, enquanto que o ambiente de “ficar”, afirma Walter: “é meu próprio quarto, ali eu tenho minha televisão. Eu assisto muito à televisão. É o lugar que eu mais fico”.

A *Adlerplatz*, do informante Milton, além de abrigar artefatos pertencentes à associação, abriga seu carro e sua moto. Uma área, nesse espaço de 100 m², também é utilizada para estar, para assistir televisão e para reuniões da Associação. Os artefatos descritos pelo informante estavam dispostos em sua cozinha, conjugada à copa e a um pequeno escritório, bem como em sua oficina (Figura 4:9).

A sala da informante Cláudia abriga espaço para trabalho, para assistir televisão e acomoda sua bicicleta. Todos os itens que descreveu e selecionou como importantes são mantidos nessa sala, muito embora nem todos tenham sido mostrados à pesquisadora, estando guardados nas estantes (Figura 4:10).

No período em que ocorreram as entrevistas, a informante Suely estava reorganizando as salas de sua casa – estar, jantar e estar íntimo (Figura 4:11). Havia contratado os serviços de uma arquiteta e, com a participação de seu marido, vários itens foram adquiridos. Por este motivo, foi possível perceber com mais aproximação o processo de aquisição e descarte de bens, bem como a auto-avaliação da informante a respeito desse processo. Os artefatos descritos pela informante estavam distribuídos nas salas de estar, de jantar, e de TV, bem como no corredor.

O informante Paulo levou a pesquisadora a conhecer a “área” – local da casa voltado para os fundos do terreno, parcialmente coberto. O

espaço da “área”, onde estão a churrasqueira e o fogão a lenha, foi identificado como sendo seu domínio doméstico, espaço onde passa a maior parte do tempo. “Meu lugar é aqui. No verão é fresquinho. Fico fazendo minhas anotações, minha leitura, meu jornal. Quando quero ligar para alguém...”, afirma o Informante Paulo. A maior parte dos artefatos descritos está contida nesse ambiente (Figura 4:12 - “Área” do informante Paulo).

Os ambientes descritos pela informante Mônica são conjugados – estar, jantar, churrasqueira e cozinha – e, ao mesmo tempo, setorizados em relação ao domínio do marido e da esposa (Figura 4:13). “Churrasco a gente sempre faz. Este é o canto masculino de meu marido. [...] O lado Mônica é a cristaleira.” Os pontos de reunião da família são a mesa próxima à churrasqueira e cozinha, assim como o sofá para assistir televisão. “A mesa foi feita de granito [...]. É o centro desse local que a gente vive e recebe as pessoas.” Em dias de receber os amigos, o canto masculino é a mesa de granito, onde “Os homens ficam ao redor da bancada, mesmo não tendo churrasco, sendo só petiscos.” O canto feminino, onde também se reúnem as crianças, é formado pelo sofá, pufe, poltronas e o televisor. Nas palavras da informante, “A mulherada fica mais no sofá”.

Figura 4:7- Sala da informante Alice



Figura 4:8 - Living e sala de jantar do informante Walter



Figura 4:9 - Adlerplatz e oficina do informante Milton



Figura 4:10 - Sala da informante Cláudia



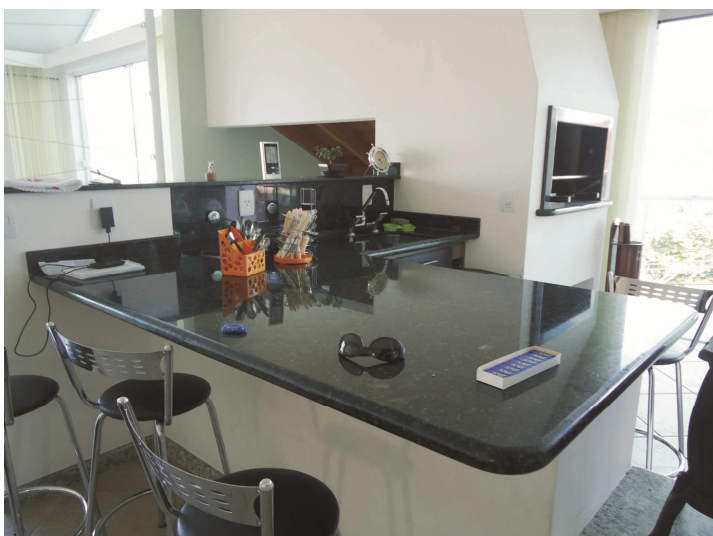
Figura 4:11 - Salas da informante Suely



Figura 4:12 - "Área" do informante Paulo



Figura 4:13 - Sala e churrasqueira da Informante Mônica



4.4. OS ARTEFATOS MAIS IMPORTANTES

Durante a coleta de dados, em três momentos foi possível a identificação dos itens mais importantes para cada informante, visando a atender o primeiro objetivo específico da pesquisa:

— **Identificar os artefatos mais importantes presentes no ambiente doméstico.**

Ao iniciar a primeira entrevista houve a solicitação da pesquisadora para que a(o) informante descrevesse o ambiente da sala de estar, seus móveis e outros artefatos. Em alguns casos a(o) informante também descreveu os ambientes de jantar, copa e/ou cozinha. Nesta fase, foram mencionados aproximadamente 160 itens, com uma média simples de 23 itens por informante.

Objetivando reduzir a amostra para tornar a análise de dados mais produtiva e ao mesmo tempo lidar com os artefatos realmente significativos para as(os) informantes, foi criado o segundo momento a partir da seleção de dez itens que seriam levados em caso de uma hipotética mudança de endereço. Essa segunda seleção totalizou 70 itens. Com base nos dez itens foi solicitado então que o informante selecionasse apenas cinco itens, criando-se o terceiro momento. Essa redução visou à identificação dos vínculos afetivos predominantes, totalizando 35 itens para os 7 (sete) informantes. Os itens selecionados por cada informante, em ordem de importância, são apresentados no Quadro 4:6.

Quadro 4:6: Os dez principais itens por informante, em ordem de importância

	Alice	Walter	Milton	Cláudia	Suely	Paulo	Mônica
Item 1	Sofá	Retrato da mãe	Quadros do avô	Sofá azul	Fotos mais modernas	Loucinhas da mãe	Cristais
Item 2	TV	Fotos da família	Jogo de louça	Estante TV	Cadeiras	Disco que eu gravei	Toalhas bordadas
Item 3	Quadro Nossa Sra.	Faqueiro	Triciclo	TV	Lembranças de viagem	Rádio antigo	Canequinhas de viagens
Item 4	Estante	<i>Buffet</i>	Vagonete	Som	Escrivaninha	Rádio	Sopeira
Item 5	Computador	Peça de pó de mármore	Penteadeira	Louça e estátuas em gesso	Cristais de usar	Caixa de lenha	Moedor de carne
Item 6	Anjinhos	Mini-cadeira	Sofá preto	Estante	Poltrona	Quadros	Prataria
Item 7	Fotos	Mini-cômoda	Criado mudo	Sofá de couro	Mesinha de centro	Lanterna de passear	TV
Item 8	<i>Rack</i>	Velas ursinho	Armário de copos	Mesa	Sofás beges	Livros de música	Pufe
Item 9	Cortina	Prateleira	Brasões	Buda	Cristais	Violão	Poltronas
Item 10	Mesinha	Cômoda da mãe	Espelho	Crucifixo	Mesa de demolição	Computador	Louças do dia a dia

Teorias continuaram a ser desenvolvidas e publicadas ao longo do estudo de campo, a exemplo do que ocorreu durante os testes piloto – identidade e cultura doméstica, regulação e vínculos afetivos (CARDOSO; GONTIJO, 2010b). No entanto, esse desenvolvimento foi se mantendo frouxamente acoplado (GRADELA, 2006), à espera do resultado final do estudo de campo, quando a organização de todos os dados permitiu identificar a densidade das categorias previamente levantadas e outras que surgiram nesta etapa. O termo frouxamente acoplado, neste contexto, refere-se à ideia de que algumas proposições foram feitas inicialmente, mas que nem todas foram aprofundadas ou mantidas como ideias principais, tendo em vista que interligações posteriores dos dados demonstraram menor importância.

A primeira organização dos dados levou à categorização a partir dos motivos que levaram os informantes à seleção dos itens, tais como lembranças de entes queridos e artefatos que fazem lembrar momentos específicos da vida da(o) informante. Essa categorização revelou os vínculos afetivos entre o informante e seus artefatos considerados mais importantes, estabelecendo uma relação de significados (Quadro 4:7: Motivos para manutenção dos itens).

Quadro 4:7: Motivos para manutenção dos itens

	Alice	Walter	Milton	Cláudia	Suely	Paulo	Mônica
Item 1	Conforto pessoal; conforto da família	Lembrança de ente querido – mãe falecida	Lembrança de ente querido – avô falecido	Conforto pessoal	Representação da família	Lembrança de ente querido – mãe falecida	Lembrança de ente querido – pai falecido
Item 2	Entretenimento pessoal; Entretenimento da família	Representação da família	Lembrança de ente querido – mãe falecida	Conforto pessoal	Estética; design; conforto	Sonho pessoal	Presentes da mãe
Item 3	Espiritual; templo; presente de ente querido	Objeto antigo; herança de família; estética	Identidade alemã; trabalho; responsável pelo item.	Entretenimento pessoal	Lembranças de viagens	Lembrança de ente querido – pai falecido	Lembranças de viagens – coleção do marido
Item 4	Critério utilitário Vai abrigar o 6 item - anjinhos;	Objeto antigo; herança de família; estética	Lembrança de ente querido – pai falecido; identidade alemã; criação própria	Entretenimento pessoal	Lembrança de fases da vida - infância; presente do pai falecido; estética; critérios utilitários	Lembrança de ente querido- filha; Critério utilitário	Lembrança de ente querido; Herança de família- continuidade; herança em vida
Item 5	Critério utilitário - p/ os filhos	Lembrança de fases da vida – mudança de cidade, mudança de vida; nostalgia	Lembrança de ente querido – mãe falecida	Herança em vida - da mãe; Lembrança de fases da vida - adolescência;	Herança de ente querido – mãe falecida; Critério utilitário; cristal como jóia	Tradição; lembrança da mãe falecida; critério utilitário; uso pessoal	Lembrança de ente querido – pai falecido; Herança de família - continuidade;
Item 6	Coleção pessoal	Estética; critério utilitário de trabalho	Herança de família; identidade alemã; memória familiar	Critério utilitário – acomoda artefatos	Herança de família; lembrança de ente querido – mãe falecida; estética	Lembrança de fases da vida - trabalho; saudosismo do trabalho	Herança e presentes de casamento; cristal e prata como jóia
Item 7	Representação da família	Estética; critério utilitário de trabalho	Lembrança de ente querido – mãe falecida;	Presente dos filhos; uso dos filhos	Estética; critério utilitário	Lembrança de fases da vida; nostalgia	Entretenimento família;
Item 8	Critério utilitário; moda; estética	Lembrança de ente querido – mãe falecida; Herança; Volta de presentes;	Estética; design; critério utilitário	Critério utilitário de trabalho	Móvel novo; estética; escolha pessoal;	Tradição de família; lembrança da mãe falecida; iden. alemã	Critério utilitário
Item 9	Estética/decorativa	Estético/decorativo; Critério utilitário de trabalho	Identidade alemã; cultura alemã; auto-identidade;	Espiritual	Decorativo; estético; lembranças de casamento/presentes	Entretenimento pessoal; continuação da tradição cultural	Conforto da família; Critério utilitário.
Item 10	Lembrança de fases da vida: mudança de endereço; material nobre	Lembrança de ente querido – mãe falecida; estética; decorativo; design	Lembrança de ente querido – mãe falecida; antigo	Espiritual	Ident. cultural/Italiana do marido; memória origem geográfica;		Critério utilitário cozinha

Alguns artefatos responderam a mais de uma categoria, tendo em vista que eram carregados de mais de um significado para o informante. Essa organização dos dados possibilitou a verificação das categorias que geraram mais densidade e, conseqüentemente, as relações de significados mais presentes entre os informantes (Quadro 4:8: Categorias encontradas e densidade de motivos).

Quadro 4:8: Categorias encontradas e densidade de motivos

Categorias	Densidade	Categorias	Densidade
Lembranças de ente querido falecido	19	Entretenimento pessoal	4
Herança de família	16	Cristal como joia	4
Critérios utilitários	12	Espiritual	3
Estética	11	Representação da família	3
Identidade cultural	8	Design	3
Presentes de entes queridos	7	Herança em vida	3
Critérios utilitários de trabalho	7	Coleção	2
Lembranças de fases da vida	6	Volta de presentes	2
Conforto da família	4	Lembranças de viagens	2
Conforto pessoal	3	Critério Decorativo	1
Artefato antigo	4	Material nobre	1

A primeira análise dos dados demonstrada no Quadro 4:8 foi guiada pelo objetivo de desenvolver teorias de pesquisa. Para tanto, procedeu-se à aglutinação de categorias, pelo critério de similaridade. Um *cluster* referente a **Memórias Afetivas** pode ser observado na aglutinação das categorias **Lembranças de entes queridos já falecidos**, **Heranças de família**, **Memória Identitária**, **Presentes de entes queridos**, **Lembranças de fases da vida**, **Herança em vida** e **Lembranças de viagens** totalizando 61 itens.

As categorias **Critérios utilitários** e **Critérios utilitários de trabalho** formaram o *cluster* **Critérios utilitários**, totalizando 19 itens.

Critérios utilitários em geral são aqueles que respondem pelo uso de artefatos para guardar outros artefatos - estantes para guardar equipamentos de som, livros e louças da Informante Cláudia e o *rack*⁸ para expor enfeites da Informante Alice - e aqueles que são utilizados para desempenhar uma atividade de trabalho específica, como a escrivaninha da Informante Suely que é utilizada para escrever, entre outros. Vale ressaltar, que, do total de 19 itens categorizados, 12 itens também foram incluídos nas categorias relativas a memórias e experiências estéticas. Por este motivo, os dados referentes a este *cluster* são abordados em memórias afetivas e experiência estética e não serão considerados separadamente.

As categorias **Estética**, **Critérios decorativos** e **Design** também foram aglutinadas no *cluster* **Experiência estética**, com 15 itens. O Quadro 4:9: Categorias e suas aglutinações, densidades e exemplos de citações, demonstra a categorização e a segunda etapa de aglutinação das categorias com as respectivas densidades - antes e após as aglutinações - e exemplos das citações selecionadas como referências para o processo de categorização.

⁸ *Rack* é um tipo de móvel mais baixo que uma estante, desenhado mais especificamente para acomodar aparelhos de televisão, de som e de videogames.

Quadro 4:9: Categorias e suas aglutinações, densidades e exemplos de citações

Categorias e aglutinações	Densidades		Falas dos informantes utilizadas como referência
Lembranças de entes queridos já falecidos	19	61	<i>Têm umas locinhas que são lembranças da minha mãe. (Paulo)</i>
Heranças de família	16		<i>Escolhi o Buffet que era da sala de jantar dos meus pais na hora da partilha. Eu acabei escolhendo-o porque era dos meus pais e continha mais lembranças afetivas. (Walter).</i>
Identidade cultural	8		<i>Minha mãe cantava mais músicas de igreja e os cantos antigos em alemão. Minha mãe tem uma irmã na Alemanha. As filhas dela mandam para nós as recordações antigas de cantos. (Paulo)</i>
Presentes de entes queridos	7		<i>O quadro é muito importante, porque eu ganhei da minha cunhada e sou devota da N. S. de Fátima. (Alice)</i>
Lembranças de fases da vida	6		<i>Os pratos lembram minha adolescência, quando eu fazia bolo e usava os pratos. Eu lembro quando minha mãe comprou os pratos. Quem começou a usar os pratos fui eu. (Cláudia)</i>
Herança em vida	3		<i>Asoadeira que era da minha bisavó, que ficou para minha avó, que ficou para minha mãe e que ficou para mim. Todas as primeiras filhas. (Mônica)</i>
Lembranças de viagens	2		<i>As lembranças de viagem? Já é o emocional. Não é utilitário. São lembranças. (Suely).</i>
Critérios utilitários	12	19	<i>Em dia de festa temos um pufe que vira uma mesa. É bastante útil. (Mônica)</i>
Critérios utilitários de trabalho	7		<i>A sala não é para bonito, é para ser usada. Minha mesa é para trabalho. (Cláudia).</i>
Estética	11	15	<i>Quando eu comprei na época era como se fosse uma moda. Eu achei que ficava bonito. (Alice)</i>
Design	3		<i>Na sala de jantar, são cadeiras de design. As cadeiras são “Beeem lindas!!!! (Suely)</i>
Critérios decorativos	1		<i>É meramente decorativo, mas é um charme, porque elas estão na proporção certinha. (Walter)</i>
Conforto da família	4		<i>Então tem que levar o sofá porque eles gostam de sofá. O Elias adora chegar de noite e sentar naquele sofazinho, então tem que levar o sofá para ele. (Alice).</i>
Conforto pessoal	3		<i>Meu sofá azul... Uso quase todos os dias. Eu prefiro usar este sofá azul velho ao novo em couro. (Cláudia).</i>
Artefato antigo	4		<i>O espelho que acompanhava a penteadeira. Tudo muito antigo. (Milton).</i>
Entretenimento pessoal	4		<i>A televisão porque não posso perder a novela. (Alice).</i>
Cristal como jóia	4		<i>São minhas paixões. Não tem puxador para a criança não abrir a porta. Mesmo se uma pessoa quiser abrir a porta, não vai conseguir. Foi pensado para não ter acesso. (Mônica).</i>
Espiritual	3		<i>O quadro da N. Sra. de Fátima eu botei naquele lugarzinho especial. Pode ficar sentado ali e fazer as orações. Se quiser acender a velinha pode. (Alice).</i>
Representação da família	3		<i>Fotos? É a família. (Walter).</i>
Coleção	2		<i>Meus anjos. Adoro meus anjinhos. Eu ganho muito anjo. Porque as pessoas já sabem que eu gosto. (Alice).</i>
Volta de presentes	2		<i>Na partilha cada um pegou o que tinha dado de presente para nossa mãe. Não vai entrar na partilha para outras pessoas escolherem. (Walter)</i>
Material nobre	1		<i>Essa mesinha eu já tenho há anos. Mais antigas, mas é de madeira maciça, não pega cupim. (Alice).</i>

Da primeira organização dos dados obtidos no estudo de campo, foram geradas duas teorias de pesquisa. A primeira teoria engloba as memórias afetivas inscritas em artefatos domésticos. Na sequência, são analisadas as memórias relativas a processos de heranças familiares, que resultaram no modelo genealógico do artefato no ambiente doméstico, e as memórias identitárias, que se referem às lembranças relativas ao lugar de origem e à descendência e que são materializadas em artefatos.

A segunda teoria desenvolvida se refere à experiência estética, envolvendo a organização dos artefatos no ambiente doméstico, às maneiras como são percebidos, usados ou não usados, os critérios de escolha e as regulações externas e internas presentes nas relações dos proprietários com seus artefatos.

Este conjunto teórico foi desenvolvido visando a alcançar os seguintes objetivos específicos da tese:

— **Identificar os vínculos afetivos presentes na relação entre as pessoas e os artefatos no ambiente doméstico.**

— **Verificar quais são os atributos específicos do artefato**

doméstico que respondem pelos vínculos afetivos com as pessoas.

A segunda organização dos dados reuniu conteúdos resultantes das entrevistas, mais especificamente aqueles relacionados às fases características dos artefatos no ambiente doméstico. A análise deste conteúdo privilegiou a abordagem desenvolvida nas duas teorias descritas no parágrafo anterior. Resumidamente, foi delineado um modelo do percurso dos artefatos domésticos que procurou responder ao terceiro objetivo de pesquisa:

— **Verificar se a existência de vínculos afetivos entre as pessoas e artefatos no ambiente doméstico contribui para a extensão de vida do produto.**

Nos próximos itens as teorias e o modelo são descritos, acompanhados dos dados levantados e analisados no estudo de campo.

4.5. MEMÓRIAS AFETIVAS

A hipótese de uma mudança para outro endereço provoca nas pessoas um sentido de alerta para o que deve ser deixado para trás e o que deve ser levado. Assim, aquilo que realmente interessa, aquilo que vai ser realmente necessário ou aquilo que não pode ser substituído ganha prioridade. A inscrição de memórias afetivas em artefatos do cotidiano faz com que alguns sejam privilegiados em detrimento de outros, como foi revelado nos dados das(os) 7 (sete) informantes

referentes a artefatos que seriam levados em caso de uma mudança hipotética. Dos 70 (setenta) itens selecionados, 61 (sessenta e um) são representativos de memórias afetivas, totalizando 87,14%. Resultado semelhante foi encontrado no Teste Piloto, que totalizou 60% dos itens.

Há uma grande variedade de tipos de memórias afetivas que podem ser inscritas em diferentes artefatos e que fazem emergir tanto memórias geradoras de afetos negativos e traumáticos como afetos positivos. O presente estudo de campo, no entanto, revelou que as(os) informantes preferem manter, naqueles ambientes domésticos considerados mais públicos da casa, os artefatos que são suportes de memórias positivas. Independentemente das diferenças de gênero, idade, escolaridade ou condição sócio-econômica, em nenhum momento, durante as entrevistas, foram selecionados itens que os fizessem lembrar de eventos negativos, tristes ou traumáticos.

Os relatos a respeito de lembranças negativas ou traumáticas foram pouco enfatizados durante o estudo de campo e não estavam diretamente relacionadas aos artefatos mencionados como mais importantes. Alguns depoimentos dessa natureza são tratados na teoria memória identitária. Cabe salientar, no entanto que, nos testes piloto houve dois momentos em que informantes apontaram urnas funerárias com a função de guardar cinzas das mães recém falecidas. Nos dois casos verificados, os artefatos eram mantidos em locais íntimos. No caso da(o) Informante I, a urna (baú de cinzas da mãe) era mantida no quarto de hóspedes, que costumava ser usado pela mãe, mas havia sido guardado em outro local escondido nos dias das entrevistas, conforme relato da própria informante. Mesmo não estando fisicamente presente, a urna funerária foi citada como o primeiro item a ser levado em caso de mudança, observando-se a tristeza profunda ainda presente na informante. A Informante II mantinha a urna funerária como lembrança da mãe em seu quarto de dormir. As cinzas já haviam sido jogadas no mar.

Sob esse aspecto, é importante salientar que os sentimentos de tristeza e negatividade demonstrados em relação à morte, não são partilhados por todas as culturas. Porém, o fato de guardar as urnas funerárias em ambientes considerados mais íntimos contribui para confirmar o pensamento de que a sala é o espaço para demonstração preferencial de aspectos positivos na cultura ocidental.

Na categoria Memórias afetivas houve maior concentração de motivos - 19 (dezenove) itens - para artefatos que lembram entes queridos que já faleceram, ressaltando a estreita ligação afetiva entre

filhos e pais e entre netos e avôs, representada e mantida em artefatos. Com relação ao item mais importante a ser levado em caso de mudança (Item 1), 5 (cinco) dos 7 (sete) informantes selecionaram artefatos que lembram a mãe, o pai e o avô falecidos. Há que se observar a predominância de lembranças maternas, com 10 (dez) itens citados, revelando o lugar central que a figura da mãe ocupa nas memórias afetivas.

A memória evoluiu para permitir ao homem antecipar e responder às contingências futuras que não podem ser conhecidas com certeza (KLEIN et al., 2010). Ao armazenar conteúdos afetivos em sua memória de longo prazo e ao inscrevê-los em seus artefatos, o homem vai construindo seus próprios quadros de referência que o auxiliam ao longo de sua vida.

Esses artefatos podem ser então mantidos intencionalmente para agir como marcadores tangíveis de memórias pessoais retrospectivas no futuro e como um tributo a uma época feliz que não se deseja esquecer. Ao mesmo tempo, esses marcadores de memórias servem de estímulo para futuras reflexões e sugestões para conversas com outras pessoas, consolidando a auto-identidade (BELK, 1990). Esses “retornos de memória”, tomando de empréstimo a expressão de Jeudy (2005, p. 88), demonstram um processo dinâmico e não cristalizado, sendo que as ações do tempo presente se misturam com as imagens do passado, tal como verificado nas seguintes falas:

Os pratos de bolo são herança da minha mãe. Lembram minha adolescência, quando eu fazia bolo e usava os pratos. Eu cozinhava, fazia tudo em casa. Lembro quando minha mãe comprou os pratos. Quem começou a usá-los fui eu (Informante Cláudia).

A peça em mármore me lembra uma fase muito boa. É representativa da época em que fui morar em São Paulo. Uma sensação muito prazerosa. Um saudosismo gostoso, uma nostalgia... Não uma nostalgia de querer voltar para a época (Informante Walter).

As louças de Cláudia e a peça de pó de mármore selecionada por Walter (Figura 4:15) exemplificam marcadores tangíveis de memórias e representam momentos de mudança expressiva na vida das(os) informantes. Mudanças de vida, ou “ritos de passagem”, na concepção de Holbrook e Schindler (2003), aconteceram quando Walter saiu de sua cidade natal em Santa Catarina e foi morar em São Paulo, conquistando sua vida adulta longe da família; e quando Cláudia saiu da fase de

infância, entrou na adolescência e começou a cuidar da casa, a cozinhar e a fazer os bolos para a família.

Ritos de passagem são representativos temporais de mudanças. “Tempo implica num começo e num final [...] A passagem do tempo é visível no mundo material como processos de envelhecimento – de criança para adulto, do velho para o novo” (ATTFIELD, 2005). As escolhas de vida - mudar de cidade e adquirir independência familiar ou permanecer em casa e cuidar das coisas da casa – são narrativas que podem ser representadas em artefatos materiais oferecendo suporte para o sentido de identidade do indivíduo.

Figura 4:14 - Sopeira da Informante Mônica recebida de herança



Figura 4:15 - Peça em pó de mármore do Informante Walter



Artefatos recebidos de presente de entes queridos são considerados especiais. Nem sempre as pessoas conseguem verbalizar seus sentimentos a respeito desses artefatos, pois se observa uma confusão entre a materialidade do artefato e a imaterialidade do sentimento que a pessoa nutria pelo ente querido. Ao falar a respeito do artefato, a pessoa estaria falando a respeito do ente querido. E esta fala pode estar impregnada de um sentimento de perda, por exemplo, como no caso em que o ente querido já faleceu ou no caso de separações.

A Informante Mônica, por exemplo, quando indagada pela pesquisadora a respeito dos cristais que selecionou como mais importantes, fez uma comparação para tentar explicar o vínculo afetivo envolvido e o sentimento de proximidade que estava implícito na sua relação paterna.

Pesquisadora: *Em caso de mudança, os cristais poderiam ser comprados novos?*

Informante Mônica: *Aí é complicado!!! Está mexendo com um lado que não dá para falar assim tão fácil. Eu não sei explicar. É como um filho... Claro, não vamos comparar cristal com filho, mas têm algumas coisas que eu não consigo explicar. Eles lembram também que foram presentes do meu pai, representam coisas boas que aconteceram.*

4.6. GENEALOGIA DOS ARTEFATOS NO AMBIENTE DOMÉSTICO

Dos 61 (sessenta e um) itens representativos de memórias afetivas encontrados no estudo de campo, 19 (dezenove) itens se referem a processos de transmissão de bens por meio de heranças de família. Ressalta-se que, o que está em jogo nesse processo de transmissão não é o artefato propriamente dito, mas aquilo que está investido no artefato e que é transferido de uma geração à outra.

Relações de continuidade, ou sucessão são observadas no processo de heranças, como uma tradição familiar. Louças, por exemplo, são transmitidas para mulheres - sempre para a primeira filha mais velha que vai casar (Figura 4:14); documentos são transmitidos para os filhos homens (Informante Mônica). Este processo de sucessão sugere uma obrigação para o portador de não romper uma corrente. Nestes casos, a herança é repassada pelo proprietário do artefato “espontaneamente” em vida.

A sopeira que era da minha bisavó, que ficou para minha avó, que ficou para minha mãe e que ficou para mim. Todas as primeiras filhas. Minha avó não era a mais velha, mas foi a primeira mais velha a casar. Tinha uma mais velha que ela, mas ela era solteira (Informante Mônica).

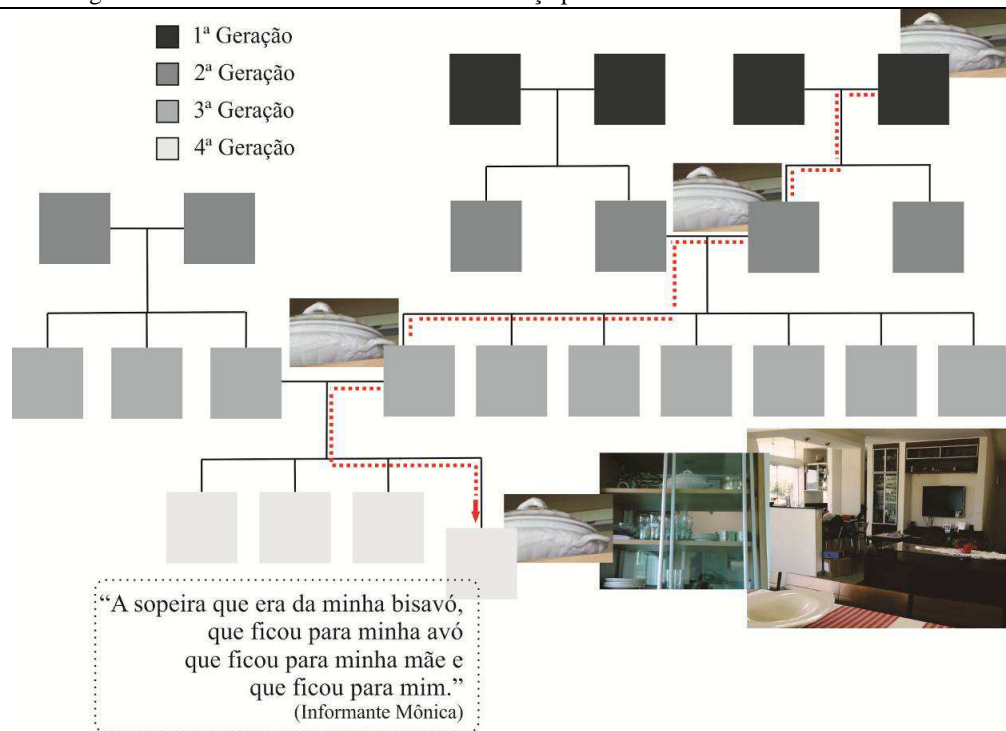
O testemunho de Mônica reforça o poder da tradição familiar. Além de precisar ser a primeira filha, a herdeira precisaria se casar, formando um novo lar para que a sopeira pudesse estar em uma nova família. Esse percurso ao longo das gerações conforma-se como uma genealogia do artefato no ambiente doméstico, como pode ser visualizado na Figura 4:16.

Os novos proprietários na linha de sucessão de artefatos transmitidos por meio de herança passam a ter, por sua vez, a

responsabilidade de conservar, expor e transmitir de uma forma segura, o artefato herdado, mantendo, ao mesmo tempo, a “longevidade da família” (MCCRACKEN, 2003, p. 71 e 75).

As genealogias dos artefatos não são somente familiares/biológicas, elas podem apresentar um caráter relacional, entre amigos, por exemplo, conforme encontrado no Teste Piloto (Informante I) - a cristaleira foi entregue a uma amiga para que ela “cuidasse” (Figura 4:5). Outra característica importante se manifesta quando o artefato quebra ou é descartado - a genealogia se interrompe e também se interrompe a continuidade da memória.

Figura 4:16 - Genealogia do artefato doméstico recebido de herança pela Informante Mônica



Resumidamente, para acontecer a herança em vida, três situações são visualizadas: (i) uma tradição cultural familiar autorizando o repasse do artefato, como no caso da família de Mônica, (ii) a simples vontade do proprietário em fazer o repasse do artefato, ou (iii) a vontade do familiar de receber o artefato de presente. Dentre as três possibilidades, a mais frágil é a última, tendo em vista que as tradições costumam falar mais alto. Os pertences, comumente, precisam atender a uma ordem genealógica e não podem ser repassados para aqueles que não pertencem à geração herdeira.

Era uma jarra grande, que traziam com água e a bacia era de lavar, a coisa mais linda! Eu chocava aquilo para trazer e botar num canto... Eu lembro que eu dizia: ‘O vó quando a vó morrer a vó dá para mim’. Mas ela nunca me deu! Ela dizia: ‘Quando a vó morrer vai ser teu!’. Mas aconteeeeeece... (neste ponto a informante enfatiza sua mágoa) que depois, claro, não iam dar para os netos. Fica pros filhos. Ela teria que dar enquanto era viva! (Informante Alice).

Nesses casos, ou o proprietário formaliza seu desejo de repassar uma posse após sua morte para determinada pessoa, ou o familiar que deseja a posse organiza uma cena testemunhal. No entanto, testemunhas podem mudar de ideia durante o processo de partilha de bens.

Têm algumas coisas que eu queria e não consegui... Eu perdi uma poltrona que era minha paixão. Quem quis a poltrona foi uma irmã decoradora também! Ela é um charme! Uma poltrona de estilo clássico, com assento de veludo com bordado. Tudo tapeçaria e gobelin. Todo mundo sabia que eu queria a poltroninha. Quando começou a partilha eu disse: “Não senta na minha poltrona!!!” (Informante Walter).

De outra maneira, a Informante II do teste piloto relatou que sua mãe, quando em vida, deixou as coisas da casa para ela porque, segundo suas palavras, havia vendido sua própria casa para ficar com a mãe e cuidar dela durante sua doença. No entanto, após o falecimento da mãe a situação se alterou, tendo em vista a necessidade da partilha dos bens por pressão de seus irmãos.

Porque na verdade é assim: minha mãe deixou dito: “Tudo que está na casa é de Simone”. Se eu tiver que dar alguma coisa para alguém é porque eu quis dar. Mas ninguém pode levar nada, “Porque tuuudo é de Simone, porque ela saiu da casa dela, tirou tudo da casa

dela, então a casa dela está montada”. (nesta narrativa a Informante simula a fala da mãe). *Tanto que, antes dela morrer, comprou geladeira nova. Um mês antes de falecer comprou a televisão. Só não deu tempo de trocar o fogão* (Informante II do teste piloto).

Rituais de divisão de bens são necessários para que tensões possam ser evitadas no momento da partilha de bens. O sorteio por meio da divisão inicial de lotes, por exemplo, é uma prática comum. Os membros interessados se reúnem previamente fazendo a separação dos lotes com a utilização de determinados critérios – lotes de louças, de móveis grandes e pequenos, de “móveis melhores” (Informante Suely), de documentos, de obras de arte, de objetos decorativos, entre outros. A segunda fase da partilha pode incluir um “passeio” pelo ambiente em que estão dispostos os itens que fazem parte dos lotes. Nesse “passeio”, preferências em adquirir determinados itens emergem. Preferências estéticas e o fato de fazer lembrar a infância das pessoas, os pais ou a própria casa, são considerados critérios de escolha dos itens, assim como a verificação de espaço disponível para abrigar aqueles a serem adquiridos. O sorteio dos lotes também pode seguir outro critério, apoiado na ideia de dar preferência a quem tem mais idade entre os pretendentes, seguindo então uma “sequência entre o filho mais velho até o filho mais novo” (Informante Walter). Vizinhos que estabeleceram fortes vínculos afetivos, assim como empregados ou prestadores de serviços de longa data também podem participar da lista de pessoas com direito aos bens a partilhar, dependendo de uma vontade expressa em vida pelo ente querido falecido ou pela decisão dos herdeiros (Informante Walter).

4.7.MEMÓRIAS IDENTITÁRIAS

Ao introduzir o tema da pesquisa aos informantes e esclarecer que a amostra estava sendo composta por descendentes de alemães morando na Grande Florianópolis, foi observada uma expectativa em relação às lembranças sobre a colonização germânica em Santa Catarina e a posse de artefatos deixados pelos antepassados. Sobre esta preocupação por parte dos informantes, lhes foi adiantado que não haveria necessidade de recordações do passado ou de possuir bens de origem alemã, como demonstra o diálogo a seguir, extraído da Informante Alice:

Pesquisadora – *Meu interesse é sobre sua relação com seus móveis e objetos, sobre o que você tem aqui hoje. Não é necessário lembrar como era a vida deles na época. A não ser que alguma coisa traga isso, que lembre essa parte dos avôs, bisavôs. Interessa-me saber como foi a compra, como ganhou, por quanto tempo o objeto é guardado, se joga fora....*

Alice - *Então o alemão não interessa nada.*

Pesquisadora - *É só para limitar o grupo.*

Alice - *Eu fiquei preocupada. Eu não posso dar muita coisa porque eu não lembro. A gente escuta as coisas que eles contam. Claro, se tu quiseses saber como era a sala da minha avó eu me lembro!*

Apesar disso, a caracterização da amostra impôs um forte viés durante as entrevistas, pois a maior parte dos informantes tentou buscar em suas memórias lembranças de eventos, episódios e outras tradições germânicas. É importante destacar que todos os oito itens categorizados como Memórias Identitárias também foram categorizados como Memórias Afetivas, revelando uma interdependência simbólica.

Dois informantes – Milton e Paulo – conversaram na língua alemã durante as entrevistas, mostrando certo domínio e a manutenção do dialeto aprendido com seus antepassados. Costumes e comportamentos durante o processo da colonização alemã em Santa Catarina foram lembrados, de acordo com relatos referentes aos preconceitos sobre casamentos entre alemães e brasileiros.

Naquela época não casava alemão com brasileiro. Só alemão com alemão. E ele (avô de Alice) se apaixonou pela minha avó. E minha bisavó chamava minha avó sabe de quê...? “Nêga!” Porque as mulheres brasileiras eram pretas para eles (Informante Alice).

Episódios traumáticos relativos aos reflexos da segunda grande guerra mundial emergiram durante as entrevistas.

Eles (familiares e outras pessoas descendentes de alemães) tinham um hábito: não falavam muito da história, do passado, da Alemanha. Eu acho que por causa da guerra. Houve uma pressão muito grande, por causa do Getúlio Vargas. Houve uma negação dos imigrantes, que nada tinham a ver. Porque eles vieram para Rio Grande

do Sul em 1824 e para Santa Catarina em 1828... A guerra foi só em 1935. Vieram mais de cem anos antes e houve infelizmente isso (Informante Milton)

A repressão aos imigrantes alemães e seus descendentes nesse período, comentada por historiadores como Piazza (1994), Mailer (2003) e Seyferth (1993), pode justificar, inclusive, algumas atitudes e intervenções em artefatos e edificações. A origem familiar alemã era disfarçada ou minimizada ao se adotar a nova identidade brasileira visando à participação na sociedade como cidadão e profissional.

Foi um arquiteto alemão que fez (a casa do avô de Suely). Ele seguia bem o estilo alemão. Bem no alto tinha o símbolo do império. Nesse meio tempo, o império transformou-se em república. Aí ele mandou tirar o (símbolo do) império e colocou (símbolo da) a república, fez uma adaptação. Como eles eram alemães, eles sofreram muita perseguição na época da guerra. A história do falar o alemão, que não podia... Tinha que estar sempre na situação, com medo da perseguição. [...] Então ele botou bem no alto o símbolo: “Eu sou brasileiro!” (Informante Suely).

O símbolo da república brasileira pintado na fachada frontal representava a nova identidade do avô de Suely em terras brasileiras (Figura 4:17). A própria casa servia de suporte material para o processo de tornar pública sua identidade. No entanto, conforme relato acima, essa identidade poderia ser ressignificada, dependendo das alterações que se observavam no campo político e econômico. O que se impunha na época, era a sobrevivência individual e familiar.

Num movimento contrário, foi observada durante os encontros com o Informante Milton a exibição de uma figura de 1,50m na fachada de sua casa, representando a águia alemã⁹. Nesse caso, ao contrário do que foi verificado durante as décadas de 1940 e 1950, a identidade alemã é exteriorizada com orgulho. Para o Informante, o símbolo da águia negra alemã na fachada imprime medo na vizinhança de sua casa, possibilitando certa proteção e respeito.

⁹ O Brasão de Armas da Alemanha é um de seus símbolos nacionais, contendo a figura de uma águia. Já na antiguidade a figura da águia representava a autoridade imperial em Roma, sendo reutilizada em vários outros momentos históricos, especialmente relacionada ao Estado alemão (LIEBEL, 2011).

Figura 4:17 - Casa do avô de Suely. Autora: Suely



Figura 4:18 - Desfile do 62º Kerb de Piratuba



Fonte: Associação Cultural Deutsche Welt (1999)

Figura 4:19 - 1ª Deutsche Fest



Fonte: Associação Cultural Deutsche Welt (1999)

Figura 4:20 - “Bier und Schnapswagen”



Ao longo de uma história alternada por repressões e distensões, descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina continuam a se apropriar de uma memória imaginada. Sob esse aspecto então, artefatos podem encerrar referências do imaginário que as pessoas mantêm a respeito de suas origens, como no caso do símbolo da águia negra alemã, utilizado na fachada da casa do Informante Milton, para expressar a auto-identidade e obter certo tipo de proteção.

Com o objetivo de criar um elo entre pessoas de origem alemã na Grande Florianópolis, a exemplo do que acontece em Blumenau e região, o Informante Milton mantém em sua casa um espaço para uma Associação Alemã. A Associação, criada em 1999, buscou na festa tradicional chamada "*kerb*", a inspiração para introduzir eventos germânicos em Florianópolis. Grande parte dos integrantes da Associação vivenciou, desde a infância, bailes de "*kerb*", quando familiares se reuniam, compareciam a festas religiosas ou quando celebravam fartas colheitas. A Associação empreende o estudo e a divulgação da colonização alemã na região da Grande Florianópolis, apoia eventos germânicos regionais e incentiva a continuidade, fortalecendo e mantendo costumes trazidos pelos imigrantes alemães. Com estas metas os participantes procuram manter viva a história, as lembranças e a importância desses imigrantes para a região (Figura 4:18 e Figura 4:19).

Durante as entrevistas, o Informante Milton deixou clara a setorização de sua casa em vários ambientes. Cada ambiente se referia a um papel desempenhado por ele. Essa setorização sugeriu o preenchimento de uma taxonomia com a utilização da relação semântica "Partes de", como demonstrado no Quadro 4:10: Taxonomia "Partes de Milton" do Informante Milton. A parte de Milton chamada por ele de "coração" foi acrescentada no momento em que foi solicitada sua colaboração para correção e aprovação da taxonomia durante a segunda entrevista. Fazem parte do coração, as fotografias de seu trabalho: "fotografias do que eu estou fazendo, do que eu já fiz, do que eu exponho, que eu ponho nos álbuns. Ali tramita o coração da gente. Por ali ele navega. E não somente nas fotos antigas."

A disposição dos termos na taxonomia segue uma ordem decrescente de ambientes mais públicos aos mais íntimos e privados.

Quadro 4:10: Taxonomia "Partes de Milton" do Informante Milton

Partes de Milton	Empreendedor	Alemã / Cultural	Adlerplatz (Praça da água)	Espaço do triciclo
				Estar e reuniões
				Lavabo
	Profissional	Mais eu, mais minha cara	Oficina	
			Cozinha	
	Milton	Que precisa descansar	Quarto	
	Coração	Fotografias		

Apesar da setorização em espaços mais íntimos e outros mais públicos, sociais ou profissionais, foi possível observar a presença de referências da identidade alemã em todos os ambientes. Ocupando um lugar de destaque na *Adlerplatz*, considerada pelo informante como uma parte sua que é mais alemã e cultural e que também é uma parte sua de empreendedor, está um triciclo composto por oito carrinhos que é utilizado em eventos - chamado de Brigue Luiza¹⁰. O triciclo, contendo linhas náuticas, foi construído em Florianópolis para contar a história da colonização Alemã e está sob a responsabilidade do Informante. O uso do triciclo em eventos, além de promover interações sociais significativas, estreitar relações e conectar pessoas, promove um sentido de identidade coletiva e pertencimento a um grupo culturalmente diverso, dentro de uma sociedade plural (Figura 4:21).

Os brasões que representam o pertencimento a gerações familiares, expostos em quadros na parede e num vaso na *Adlerplatz*, também foram selecionados como artefatos importantes para o informante Milton. Os brasões representam as quatro famílias paternas e maternas, todas com origem germânica. O informante ressalta que tem um cuidado especial em manter os brasões, fazendo referências ao sentimento de pertencer a uma família: “Todos os países têm brasões [...] eu tenho esse cuidado de ter os brasões e pelo menos a descrição do Müller. [...] te situa como família, em todas as famílias de todos os países” (Figura 4:22).

¹⁰ Embarcação que trouxe os primeiros imigrantes alemães para Santa Catarina, e que aportou na Armação da Lagoinha, Nossa Senhora do Desterro (atualmente Florianópolis), no ano de 1828 (PREFEITURA MUNICIPAL DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 2007).

O orgulho de pertencer a determinado ramo, representado pelo sobrenome da família também foi verificado nas entrevistas com a informante Alice:

Porque eu sou Weingartener! Na Palhoça todo mundo conhece os Weingartener. Eles eram muito conhecidos. Minha avó era muito conhecida. Eles eram cheios do dinheiro (Informante Alice).

As memórias familiares, ao se fundirem com memórias relativas a um grupo social maior, conformam as “memórias coletivas” defendidas por Halbwachs (2006). Da mesma maneira que membros de um mesmo grupo mantêm lembranças em comum que são reavivadas a cada encontro, memórias são inscritas em artefatos que evocam referências culturais e contribuem para a delimitação de fronteiras de grupo, buscando evitar sua dispersão e extinção.

Chama-se Bier und Schnapswagen: o vagonete do chope e da cachaça. É inspirado no carrinho que meu pai fez quando eu era criança e ele me puxava para ir à casa dos meus avôs. Os alemães faziam um “Chupcarre” para puxar os filhos. Criei um carrinho com um barril de chope dentro. Para mim tem um significado muito grande. Também uso na ponteira do vagonete a águia da bandeira da Alemanha (Informante Milton).

O vagonete - *Bier und Schnapswagen* - é utilizado nas reuniões da Associação Alemã e nos eventos para servir chope, seguindo a tradição germânica ligada à fabricação de cervejas (Figura 4:20). Apesar de ter buscado inspiração em um artefato que já não comporta mais sua função prática original – o carrinho com rodinhas com o qual os pais puxavam os filhos – o Informante Milton inscreve neste novo artefato memórias de sua própria identidade e transforma seu uso. Foi criado um mosaico a partir de um quadro de seu avô, que apresentava anjos carregando frutas. Os anjos foram substituídos por figuras de alemães e as frutas em barris de chope.

Figura 4:21 - Triciclo Brigue Luíza



Fonte: Folheto informativo da Associação Cultural *Deutsche Welt*

Figura 4:22 - Brasão da família do Informante Milton



4.8. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

No *cluster* experiência estética, foram incluídos 15 itens que responderam aos motivos concernentes a critérios estéticos, design e critérios decorativos, representando 21,43% dos itens. Vale observar que dois itens foram classificados unicamente na categoria Estética. Dos demais itens, 7 itens foram categorizados em Critérios utilitários, e 6 itens em Memórias, sugerindo uma importante relação entre funções práticas e estético/simbólicas. A importância de analisar os dados categorizados nesta teoria se apresenta, tendo em vista a percepção de que os artefatos domésticos mantidos com intenções estéticas são sujeitos a regulações externas e, mesmo assim, permanecem em uso.

Na ação de reorganizar o ambiente doméstico, móveis e outros artefatos são trocados, mas alguns itens são mantidos, reaproveitados e/ou reformados. Os critérios que definem se um artefato permanece ou se é trocado por outro novo podem ser de origem prática, estética e/ou simbólica, utilizando os termos de Löbach (2001), ou uma combinação de critérios.

Analisando o conteúdo das entrevistas, foi possível depreender que, para Suely, é importante o auxílio de um profissional para reorganizar seus ambientes e artefatos domésticos. No entanto, a preocupação em justificar suas escolhas por meio da conceituação de estilos de uma maneira leiga revela que seu gosto também se impõe. Os artefatos que foram reaproveitados ou reformados receberam justificativas práticas - a cristaleira foi reformada por ser um móvel embutido em um vão da parede; justificativas estéticas e simbólicas - a “poltrona boneca” foi reaproveitada pelo seu valor afetivo e “para dar um contraponto de luz e cor” junto aos sofás em bege; a escrivaninha de estudo foi mantida porque suas linhas são “clássicas” e porque foi recebida de presente de seu pai quando criança, guardando vínculos afetivos importantes (Figura 4:23).

Suely lança mão do termo *démodé* para expressar classes de artefatos que “não estão mais na moda” e do termo clássico para aqueles que possuem “linhas que não cansam”. Ao “dar um *up*” na casa, a informante altera o modelo estético adotado anteriormente com a ajuda profissional de uma arquiteta, atendendo aos ditames da moda.

Quando nos casamos compramos os primeiros móveis - de São Bento do Sul. Eram mais baratos e feitos em série, na época dos móveis coloniais. Depois eles ficaram démodé porque eram datados. A gente olha e diz: ele foi fabricado na década de 60, porque todo mundo tinha

aqueles móveis. Você enjoa deles porque não têm linhas de design... Um móvel clássico nunca vai ficar démodé. Clássico não sai de moda por ter umas linhas que não cansam. Mas o démodé pode se tornar um vintage. Fica bacana, é chic! Está na moda (Informante Suely).

Para Walter, a experiência de sentar e comer com talheres que possuem “um desenho bonito”; a apreciação estética do móvel que acomoda o faqueiro; e o fato de considerar o conjunto “um ‘charme’ desde criança”, influenciaram sua decisão de ficar com esses itens no momento da partilha de bens da família (Figura 4:24).

Considerando-se uma pessoa prática, assume que na maior parte das vezes sua profissão de decorador prevalece nas suas preferências pessoais. Assim, “o estilo, o conceito, a ambientação e a decoração vencem a praticidade” (Informante Walter). Ao ser indagado sobre os critérios utilizados para compras de artefatos para sua casa, o informante menciona a qualidade do produto manifestada pelos detalhes de acabamento, mas indica que critérios utilitários nem sempre predominam.

Por exemplo: esse castiçal tem estilo provençal. Eu vou ver se as flores são bem feitas, delicadas o suficiente para parecerem flores, se a porcelana é bem fina e se ele foi desgastado o suficiente e não demais... Mas quando um objeto que me agrada muito, eu até posso passar por cima desses detalhes. [...] A mini cômoda é mais decorativa do que qualquer outra coisa, tem praticamente zero de função (Informante Walter).

Mesmo a contragosto, as pessoas podem modificar um modelo estético de organização objetivando atender a um pedido de uma pessoa querida ou a novos conceitos de moda. Para Alice, a reprovação de sua filha a respeito das toalhinhas de crochê que ela mesma faz e coloca embaixo dos artefatos dispostos nas estantes e mesas, acrescidos da opinião de uma amiga e a observação de programas de televisão, provocaram uma alteração no modo de organizar seus artefatos. Durante as entrevistas foi observado que a sala contém poucos trabalhos de crochê, enquanto o banheiro tem tapetes, o quarto de casal contém toalhas e na cozinha, vários artefatos são cobertos por capas de crochê (Figura 4:25).

Comprava guardanapo e fazia crochê em volta. A Joaquina (nome fictício para a filha) tira tudo. [...] Aí comecei a olhar e ver nas novelas que não tinha toalhinha. As coisas ficavam mais bonitinhas (Informante Alice).

Quando a pessoa possui algum tipo de conhecimento relacionado à arte, design, arquitetura ou estética, não raro é observado um sentido de autocensura no apego a artefatos que representam sentimentalidade. Ao apresentar a coluna feita de pó de mármore e um cachorro em porcelana esmaltada, o decorador Walter defende seu gosto considerado por ele mesmo como brega e *kitsch* (Figura 4:15 e Figura 4:26).

Está no limite do kitsch, porque ela é trabalhada demais. Ao mesmo tempo eu a acho bonita, eu curto. Eu a tenho há 20 e poucos anos (Informante Walter).

Essa peça ficava em cima da lareira, no living, onde ele sempre ficou. Eu até concordo que ele é brega, mas tem tudo a ver com minha história... (Informante Walter).

O cachorro é fruto de uma herança da casa de seus pais e existe há pelo menos 60 anos. Mesmo tendo sofrido uma queda e apresentando vestígios de partes coladas, foi colocado junto à porta de entrada de sua casa, em local privilegiado. A coluna de mármore representa sua independência da família e mudança para a cidade de São Paulo.

Figura 4:23 - Escrivaninha de Suely



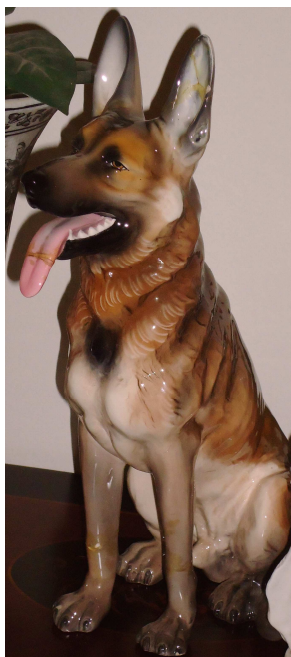
Figura 4:24 - Faqueiro de Walter



Figura 4:25 - Toalhinhas de crochê de Alice



Figura 4:26 - Cachorro de Walter



4.9. PERCURSO DOS ARTEFATOS NO AMBIENTE DOMÉSTICO

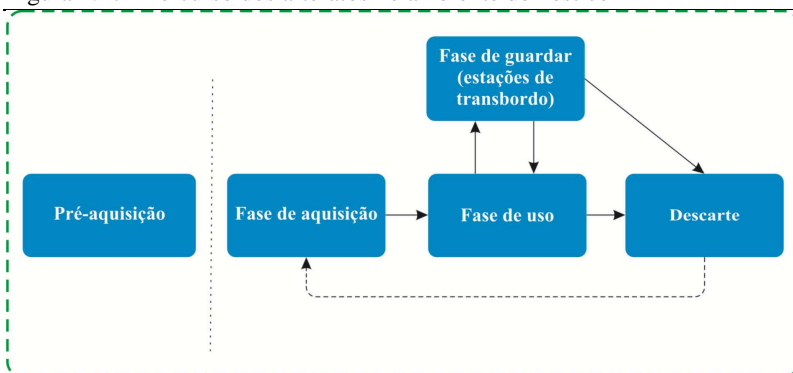
Um móvel ou artefato que faz parte de um ambiente doméstico tem seu ciclo de vida particular dividido em várias fases. Em cada fase são observadas características próprias e alterações nas relações que seu proprietário desenvolve ao longo deste ciclo.

Nesta pesquisa, um estudo inicial sobre eventos memoráveis observados ao longo do ciclo de vida foi desenvolvido durante a fase de análise de dados dos testes piloto. Este estudo, publicado em Cardoso e Gontijo (2010a), apresentou o fluxo chamado de “Ciclo de vida de móveis e objetos no contexto doméstico e eventos memoráveis” (ver Figura 4:6), formado pelas fases de aquisição, uso e descarte de artefatos no ambiente doméstico. O termo “Ciclo de vida”, no entanto, foi reavaliado e modificado para “Percurso dos artefatos no ambiente

doméstico” (Figura 4:27), com o objetivo de criar uma diferenciação em relação ao termo adotado no estudo do ciclo de vida completo do produto – desde a extração dos recursos até a destinação final, bem como na abordagem comercial do produto, citada no Item 2.10.

Nesta nova elaboração do “Percurso dos artefatos no ambiente doméstico”, a fase de pré-aquisição, mencionada no modelo de Boyd e McConocha, (1996) e apresentada na Figura 2:4, é incorporada e tratada na fase de aquisição. Uma nova fase é incluída – “fase de guardar” - fruto da análise de novos dados encontrados durante a etapa do estudo de campo.

Figura 4:27 - Percurso dos artefatos no ambiente doméstico



Além de eventos memoráveis, outros aspectos são estudados em cada fase especificamente, como demonstrados nos itens que seguem.

4.9.1. Fase de aquisição

Uma série de motivações entra em jogo e justifica o processo de tomada de decisão para aquisição de novos artefatos. A pessoa pode se sentir enjoada ou cansada na convivência diária com determinado artefato; a oportunidade visualizada na aquisição de um novo item, em promoções comerciais; o desejo de reorganizar a ambientação doméstica, ou “dar um *up*”, nas palavras da informante Suely; o artefato gera insatisfação no uso; se algum dano provocado exigir manutenção, talvez não seja enviado para o conserto devido ao elevado custo de reparos; o artefato chega ao término de seu tempo de vida.

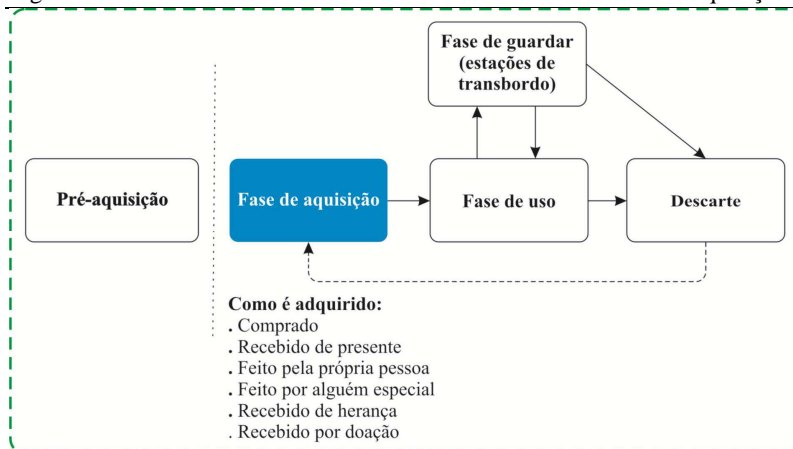
Para alguns informantes, comprar um móvel ou artefato para ser utilizado dentro de sua casa pode ser uma tarefa como outra qualquer ou então significar um momento de prazer. A compra faz parte de um ritual

que envolve uma série de pré-requisitos, mas, outras formas de aquisição de artefatos domésticos são comuns – aquisição por herança, recebidos em forma de doação, em forma de presentes, etc. Artefatos feitos pelos próprios membros da família ou por pessoas próximas também podem ser classificados como formas de aquisição.

Eventos memoráveis acontecem na fase de aquisição, tais como na aquisição de artefatos por herança de um ente querido, na encomenda de um móvel especial ou na forma de apreciação do artefato nos primeiros momentos de contato. Até mesmo ao adquirir um bem imóvel, como exemplificado pelo informante Paulo, pode se configurar um desejo de manter viva a lembrança de um ente querido. Essas lembranças se relacionam a períodos considerados nostálgicos e estão estreitamente vinculadas à memória do pai do informante.

Lembranças de eventos, de relacionamentos afetivos muito próximos ou ligados ao uso de determinado artefato por um ente querido falecido emergem em momentos importantes, como por ocasião da partilha de bens, considerada, neste percurso, como um momento da fase de aquisição. Lembranças desse tipo não são determinantes, mas contribuem para a escolha de um item em meio a um rol maior de artefatos deixados pelo ente querido falecido.

Figura 4:28 - Percurso de artefatos no ambiente doméstico: fase de aquisição



O aprendizado que a Informante Mônica obteve com seu pai, a respeito de cristais, por exemplo, contribuiu na sua escolha em adquirir parte do conjunto de peças deixadas como herança. Neste caso, a herança foi concedida em vida pela mãe da informante, tendo em vista

uma mudança de endereço para um apartamento com menos espaço disponível (Figura 4:29).

Quando minha mãe perguntou, “Quem quer o quê?”, eu respondi: “Opa, esses cristais aqui eu quero!” Eram cristais azuis! Eu gosto de algumas coisas especiais nos cristais. Eu aprendi, com meu pai, que tem que ser nº 24, selo dourado e de preferência liso e não trabalhado. Quanto mais trabalhado mais erros pode conter o cristal. Na lapidação o erro desaparece. [...] Quando tem algum erro, na lapidação eles arrumam. A lapidação é um serviço de arte, mas não é a arte do cristal (Informante Mônica).

A estreita ligação da Informante Mônica com seu pai e o cuidado com que este transmitia seu conhecimento obtido a partir do trabalho desenvolvido em uma fábrica de cristais, são representados pelo vínculo afetivo desenvolvido pela informante com os cristais. Este cuidado observado no relacionamento com o pai pode ser comparado pela informante como o cuidado que ela tem em relação aos cristais, tratando-os como filhos (ver citação da Informante Mônica no item 4.2).

A forma de apreciação de artefatos recém adquiridos pode estabelecer um ritual que se inicia nas primeiras ações em prol da aquisição, passando pelo processo de compra propriamente dito e se estendendo até certo período na fase de uso. Para algumas pessoas, o momento de esperar um artefato que é levado em casa pela loja é considerado a melhor parte.

Porque fico na ansiedade esperando todo dia... É a melhor parte. É esperar eles trazerem. Quando eles trazem aqui, o coração até pula. Nem é preciso montar. Só eles trazendo e já está bom. Eu fico olhando até hoje. Não passa assim tão rápido (Informante Alice).

O prazer experienciado na fase de aquisição de um artefato e prolongado de acordo com o período de antecipação de sua chegada ao ambiente doméstico, pode estar ligado ao sentido de apreciação do novo. Enquanto este artefato estiver significando a novidade em relação ao ambiente e aos demais artefatos que o compõe, o prazer decorrente tende a ser mantido.

A aquisição de artefatos em forma de presentes pode apresentar várias facetas. O presente pode ser recebido de alguém em estado de novo ou também de segunda mão, quando o artefato já foi utilizado por

alguém e depois foi doado em forma de presente. Um artefato recebido como prêmio pelo mérito em alguma atividade também pode ser considerado um presente, assim como o “auto-presente”, ou seja, quando a própria pessoa se presenteia conscientemente.

Durante os testes piloto foram observados, para a(o) Informante III, o recebimento de prêmios como mérito de trabalho e também o “auto-presente”. Os prêmios foram recebidos em função do trabalho desenvolvido pela informante como decoradora de ambientes. Por dois anos seguidos, a(o) Informante III foi considerada a maior vendedora dos quadros de um pintor de prestígio reconhecido em Salvador, Bahia, e foi premiada(o) com duas obras, expostas em sua sala de estar (Figura 4:30)

Esses quadros são de um artista de nome, aqui de Salvador - Eduardo Carvalho. [...] Eu gosto muito deles não só porque ganhei de prêmio, mas porque os acho bem bacanas. [...] Em todos os meus trabalhos eu coloquei uma obra dele. [...] Tinha uma novela da (Rede de Televisão) Globo que tinha vários quadros dele na casa das pessoas (Informante III do teste piloto).

Ao lembrar-se do dia em que recebeu os prêmios a informante exibe um sorriso de orgulho pelo reconhecimento de seu trabalho e de satisfação por possuir obras de um artista conceituado. O fato de serem veiculadas na exibição de telenovelas de uma grande empresa de televisão confirma o prestígio de ser um proprietário de obras do autor. Uma mesa que faz lembrar a liberdade de um momento bom da vida da(o) Informante III foi considerada como um auto-presente (Figura 4:31). A(o) informante entendeu que, naquele momento, em que estava “saindo de um relacionamento que não foi legal”, era merecedor(a) de um presente especial. Com esse objetivo foi encomendada a um artesão a confecção de uma mesa.

Eu amo minha mesa. Eu acho linda. [...] Eu mesma me dei de presente. Eu mandei executar uma mesa e deixei para imaginação do artista. Porque não é uma mesa. É uma mesa assinada. Porque eu quis uma coisa diferente. [...] Que fosse bonita e que parecesse comigo (Informante III do teste piloto).

A mesa foi encomendada 20 anos antes da realização da entrevista e é considerada pela(o) informante como uma peça que “está

acima de qualquer tempo. Para mim ela é como uma música de Villa Lobos, não tem época” (Informante III do teste piloto).

Neste caso se revela a disposição da(o) informante em relação à aquisição de peças com valor estético e de status conferidos pela assinatura de um artista reconhecido. Adicionalmente, o auto-presente pode ser entendido como uma forma de auto-indulgência.

Figura 4:29 - Cristal da Informante Mônica, com detalhe do selo identificador



Figura 4:30 - Quadros da Informante III do Teste Piloto



Figura 4:31- Mesa da Informante III do Teste Piloto

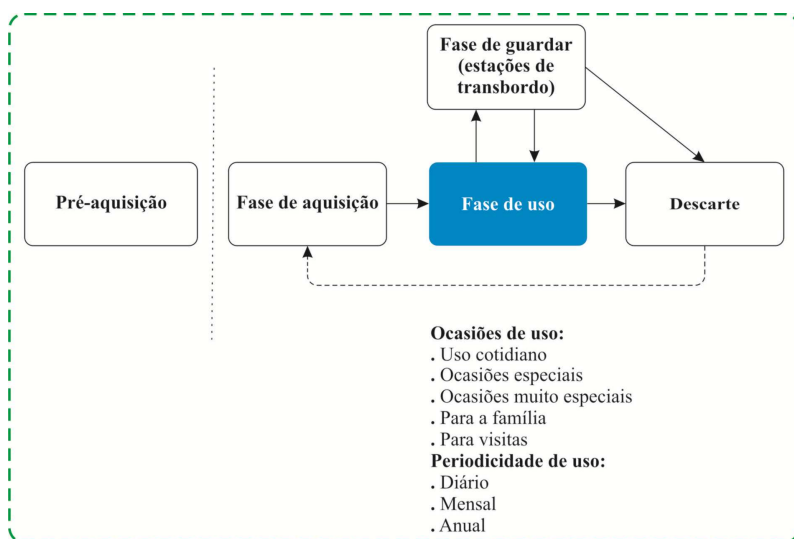


4.9.2. Fase de uso

Na perspectiva desta pesquisa, durante a fase de uso, o artefato está contribuindo para o bem-estar familiar, por meio de suas funções práticas e/ou estético/simbólicas. Também estão incluídos aqueles artefatos que estão em exibição, como por exemplo, cristais ou louças finas que não devem ser colocadas no uso a que se destinaram originalmente, por decisão de seu(s) proprietário(s).

Na fase de uso, eventos memoráveis são relacionados ao uso de artefatos em datas comemorativas, eventos culturais ou rituais sociais, tais como o Natal. Por outro lado, durante a fase de uso, os artefatos são marcados por eventos que evocam afetos negativos e positivos, desagradáveis ou agradáveis, como no caso de dano ou perda, nos casos de eventos acidentais que deixam marcas visíveis no móvel ou nos casos de eventos comemorativos (Figura 4:32 - Fase de uso de artefatos no ambiente doméstico).

Figura 4:32 - Fase de uso de artefatos no ambiente doméstico



Quando o artefato foi adquirido recentemente, pode ser organizado de inúmeras maneiras no ambiente doméstico, como numa brincadeira que se prolonga por certo período de tempo. Nesse princípio, o artefato assume uma dinâmica similar a de um brinquedo adquirido na fase da infância, quando a criança dedica toda sua atenção a ele.

Eu sento e fico: puxo pra lá, pra cá. [...] Essas coisas ali de cima (fotos, anjinhos) de repente tiro tudo e boto pro outro lado. Eu fico parada olhando. É igual quando tu és pequena e ganhas uma boneca de presente e fica olhando. A gente cresce e olha para as coisas da gente (Informante Alice).

O zelo especial e o carinho em salvaguardar artefatos portadores de histórias familiares são demonstrados pela posição ocupada na hierarquia de valores domésticos. Esta hierarquia é configurada pela maneira em como o artefato é mantido dentro do ambiente doméstico; pelo tipo de manutenção empreendida; pela periodicidade em que é utilizado e em que ocasiões é utilizado, entre outras.

Artefatos têm sua pintura renovada, são colados após sofrerem quedas, são mantidos com seus “defeitos” ganhos ao longo de seu ciclo de vida, contribuindo para perpetuar o “ar” de testemunha da história familiar. Natal, Páscoa, formatura, noivado, casamento, encontros de família entre outros, foram eventos citados pelos Informantes em que itens especiais são utilizados. Esse tipo de uso, no entanto, segue critérios definidos: quanto mais valioso o artefato, menos ele deve ser usado; quanto maior o número de pessoas consideradas especiais no evento, maior a necessidade de exibi-los.

Raríssimas vezes. Uma vez ao ano. Num almoço de Natal. Numa situação mais especial. Senão eu uso meus pratos, meus talheres que eu comprei. É mais sentimental (Informante Milton).

Para almoçar no domingo, a gente bota os cristais normais. São 3 jogos: tem o tã, o tã e o tã. O que está na pilha de cima é especial mais para noivado, para formatura [...]. Na segunda linha e terceira, aí depende. Mas no dia a dia, quando estamos jantando ou almoçando, aí usa. Não no almoço do dia a dia com meu marido (Informante Suely).

Quando artefatos domésticos são utilizados cotidianamente, são mais propensos a sofrer avarias e danos irreversíveis. O fato de um artefato ser menos manuseado pode denotar um significado especial para seu proprietário. Da mesma maneira, o processo de manutenção e limpeza de artefatos domésticos que são especiais propicia ocasiões para danos irreversíveis. Por esse motivo, foi observado um ritual doméstico preenchido de cuidados: para algumas pessoas, apenas o proprietário pode lavar ou limpar.

Só é usado quando vem a minha família. Aí tem que botar isso tudo na água, lavar de novo e deixar bonito. É um referencial que lembra minha família, nossos almoços (Informante Milton).

Os cristais são comigo. Ninguém mete a mão nos meus cristais. Eu tiro, sirvo, uso, mas, para lavar sou eu. Máquina de lavar louça? De jeito nenhum! Lavo tudo na mão (Informante Mônica).

Delegar a limpeza de artefatos considerados especiais por seus proprietários em alguns casos surge da indisponibilidade de tempo, de problemas de saúde e outras situações que os impedem de lidar com os serviços cotidianos de limpeza do ambiente doméstico.

Eu não tenho condições de ter um batalhão de empregados. O que seria ideal, como era antigamente. Você meio que não tem condições e nem vontade de administrar. Nossa vida gira de uma maneira diferente. Vai mais rápido. [...] Hoje tem muito entretenimento, computador, internet, cem canais de televisão. Demanda muita atenção. Você não tá com vontade de comandar dez empregados. Assim os móveis não são tão bem cuidados como antes (Informante Walter).

Por um lado, as atividades de manutenção delegadas a empregadas(os) domésticas(os) revelam o grau de importância atribuído a cada artefato e, por outro lado, sugerem a falta de cuidado delas(es) no caso de eventuais danos. Casos de quebras ou perdas totais foram relatados algumas vezes em voz baixa para que ninguém ouvisse mesmo quando não havia mais ninguém em casa, além do Informante e da Pesquisadora.

Foi um presente de casamento da minha avó quando ela casou. Minha avó me deu mesmo. Passou para mim. Que a minha faxineira teve a honra de quebrar um cabinho que eu coleí. Isso é que dá! (Informante Suely).

Parece que não sabem cuidar... Não sei. Aquilo ali, cada vez que ela mexe, descola a tampa. (tampa de um pote de vidro) (Informante Milton).

Ela (a faxineira) é quebradeira. Porque ela limpa! Eu não limpo!! (Informante Suely).

Ela que não quebre nada! Tô brincando... Ela pode (Informante Walter).

Sentimentos relacionados a danos em artefatos especiais variam entre ciúmes, raiva e ódio:

Não tem problema... (aqui a Informante faz uma expressão de que não está falando realmente o que pensa e começa a rir). *Eu digo que não tem problema, mas eu fico pensando: “Que ódio, porque eu deixei esta pessoa lavar meu cristal!” Se eu quebro, eu sei: são 15 reais. “Que idiota que eu sou!”* (Informante Mônica).

Eu não fico braba, eu entendo muito bem (Informante Suely).

Além do cuidado com a manutenção e manuseio de artefatos no ambiente doméstico, a posição em que são colocado nos armários, bem como o tipo de móvel que acomoda itens especiais, denotam a hierarquia conferida. Aqueles artefatos que são utilizados com pouca frequência são dispostos em prateleiras altas dentro ou acima dos armários e cristaleiras (Figura 4:33 e Figura 4:36). Alguns artefatos podem ser guardados como se fossem joias em cofres, com acesso exclusivo às pessoas autorizadas (Figura 4:34).

Os cristais são minhas paixões. Aqui também não pega tanto pó. Não tem puxador para que, quando a criança passar aqui, não tocar e levar uma porta, abrir uma porta. Mesmo quando uma pessoa quiser abrir a porta, ela não vai conseguir. Foi pensado para não ter acesso (Informante Mônica).

Os cristais são por minha conta. Aliás, fica bem fechadinho e não precisa tanta manutenção. Mas quando nós fizemos a limpeza durante a reforma da casa, fomos eu e meu marido (Informante Suely).

Itens do cotidiano são dispostos em locais de fácil acesso (Figura 4:35 - Prateleiras com louças da Informante Mônica).

Na cozinha, as prateleiras têm aquilo que é usado no dia a dia (Informante Mônica).

Figura 4:33 - Cristaleira Informante Mônica



Figura 4:34 - Gavetas sem puxadores da informante Mônica



Figura 4:35 - Prateleiras com louças da Informante Mônica



Figura 4:36 - Cristaleira da Informante Suely

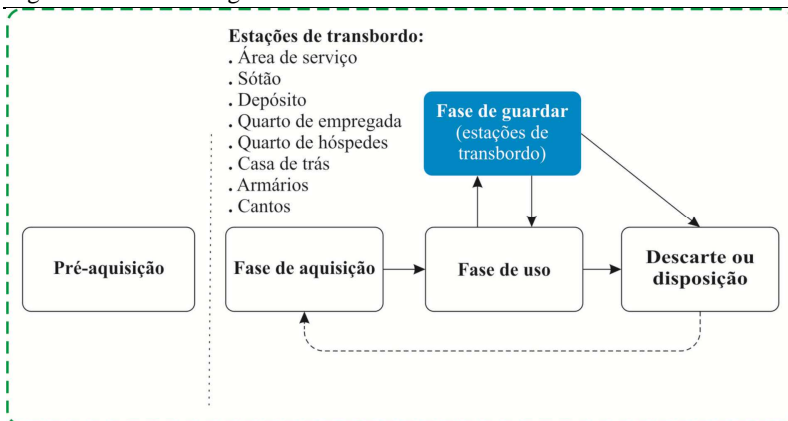


4.9.3. Fase de guardar – estações de transbordo

Uma fase preliminar à fase de descarte de móveis e artefatos no ambiente doméstico foi verificada nos dados de todos os informantes envolvidos no estudo de campo. Nesta fase, itens em bom estado, itens que ainda funcionam – muitas vezes precariamente - e itens quebrados com ou sem possibilidade de conserto, são mantidos no ambiente doméstico. A estocagem pode ocorrer por algum tempo e posteriormente esses itens podem voltar ao uso no próprio ambiente doméstico ou podem ser descartados. Por outro lado, a estocagem por períodos indefinidos também foi encontrada.

A Figura 4:37 apresenta o percurso dos artefatos sem uso selecionados pelos Informantes, com destaque para os locais em que são mantidos temporariamente ou indefinidamente, cunhados neste trabalho de pesquisa como “Estações de transbordo”.

Figura 4:37 - Fase de guardar de artefatos no ambiente doméstico



Estações de transbordo podem ser organizadas e divididas por “assunto”: artefatos utilizados no desenvolvimento do trabalho profissional (itens decorativos, mostruários, etc); artefatos da casa que são utilizados esporadicamente (decoração natalina, decoração de Páscoa, utensílios de cozinha de maior porte, etc.); instrumentos musicais; itens de decoração da casa; artefatos utilizados para visitas (colchões, travesseiros); e malas de viagem.

Algumas estações de transbordo, no entanto, podem apresentar algum grau de desorganização e serem insuficientes para acomodar todos os itens necessários para se manter em estoque. Coleções de peças

decorativas de Natal, por exemplo, sofrem acréscimos a cada ano, dificultando a solução de espaço. Segundo o Informante Walter, “Passou a época de Natal e vai um milhão de caixas socadas lá dentro”.

Foi observada no Estudo de Campo a dificuldade de acesso a algumas estações de transbordo, especialmente aquelas localizadas em sótãos ou forros. É comum que a pessoa vá acumulando vários itens à espera de um momento propício, quando então todo o conjunto acumulado é organizado ou disposto nos locais (Figura 4:38). Em função do pouco uso dos artefatos estocados e da dificuldade de acesso, também podem ser locais inadequados ou mesmo improvisados para tal uso – sótãos sem forro no telhado, sem iluminação ou ventilação e armários com prateleiras altas, dependendo de escadas para acesso (Figura 4:39 - Armário da churrasqueira da Informante Suely).

Talvez em função do difícil acesso e da pouca organização, a Pesquisadora raramente era convidada a conhecer o ambiente, mesmo quando solicitado diretamente.

Informante Milton - *Lá em cima têm três sótãos.*

Pesquisadora - *Daria para tirar uma foto de um deles?*

Informante Milton - *É tudo complicado. O menos complicado tem aquela escada íngreme para subir.*

Pesquisadora - *Posso fotografar só a escada do alçapão? Para mostrar como é difícil o acesso?*

Informante Milton - *É muito quente. Hoje estava tão quente que as caixas que estavam aqui eu deixei, porque eu não tive coragem de subir.*

Figura 4:38 - Acesso ao sótão do Informante Milton



Figura 4:39 - Armário da churrasqueira da Informante Suely



Outras casas e soluções para depósito temporário também podem funcionar como estações de transbordo. No caso da Informante I do Teste Piloto, uma amiga havia pedido para que fosse “guardada” uma cristaleira, pois em sua casa não havia espaço. A Informante I, considerada uma pessoa de confiança por sua amiga, está cuidando do bem. Dessa maneira, a casa da Informante I está servindo como uma estação de transbordo para sua amiga.

No entanto, artefatos são estocados indefinidamente não necessariamente porque carregam significados especiais para seu proprietário. O simples hábito de guardar e descartar a menor quantidade possível justificaria a posse prolongada de um artefato que ainda funciona, mas que não será mais colocado em uso. Quando indagado por quanto tempo suas coisas ficam estocadas, tais como quatro ferros elétricos, o informante Milton esclareceu que “as coisas ficam lá”. A imprecisão do tempo de estocagem, neste caso, contribui para comprovar o hábito do informante de gostar de guardar as coisas.

Dentre as principais características encontradas nas estações de transbordo - elencadas no Quadro 4:11 - vale ressaltar a falta de confiança no produto novo, a expectativa de que o artefato ainda poderá ser útil, o saudosismo, a possibilidade de variar a decoração do ambiente doméstico e o apego a objetos materiais.

Algumas vezes um novo artefato doméstico é adquirido porque o anterior já não funciona a contento, mas ainda funciona. Especificamente abordando eletrodomésticos ou eletroeletrônicos, observou-se o receio de que a nova aquisição não preencha todos os requisitos esperados contribuindo para que um deles seja estocado, cumprindo uma função emergencial: se um deles parar de funcionar, o outro é retirado da estação de transbordo e colocado em uso novamente. Este motivo faz com que a estocagem de um item de reserva seja comum, tendo em vista que são instrumentos necessários no desenrolar das atividades diárias de limpeza e conservação do ambiente doméstico, no asseio pessoal, assim como no preparo das refeições.

O bem antigo funciona. Eu ganhei um novo da Arno “cheio de teretete”¹¹ e não funciona. Resultado: recorri ao ferro elétrico mais antigo que era da minha mãe, que não funciona, mas funciona! Ele esquentava (Informante Milton).

¹¹ A expressão “cheio de teretete” foi utilizada pelo informante no sentido de que o artefato possuía atributos especiais, além da função principal de uso, que confeririam um valor agregado no momento de sua aquisição.

A persistência de um vínculo afetivo com um artefato que se mantém em condições de uso durante um tempo maior do que verificado com outros artefatos similares também pode influenciar na estocagem de reserva. O tempo de vida e a certeza de que o artefato vai corresponder ao uso que se espera, contribuem para a construção da relação de confiança com o fabricante, nas próprias palavras do informante Paulo.

[...] usei a vida inteira e nunca estragou. Eu tinha um liquidificador Arno. Agora compramos um novo. Ele tava muito feinho, mas estava bom, bom. Tínhamos há 20 anos ou mais. Sempre funcionou nunca estragou (Informante Paulo).

Foi relatado por outros informantes, o curto período de perfeito funcionamento, as dificuldades em consertar em caso de defeitos ou avarias e o alto valor cobrado na manutenção de artefatos adquiridos recentemente. Sofás revestidos em tecido pouco resistente e difíceis de lavar, cadeiras pouco duráveis, poltronas com bases em alumínio mal dimensionadas, ferros elétricos que não esquentam e móveis encomendados sob medida mal dimensionados e mal executados, foram as queixas mais comuns. Na necessidade de recorrer à manutenção, algumas vezes não são encontrados profissionais para o serviço ou não existe a confiança de que o serviço seja bem executado. No orçamento de serviços de manutenção é verificado um valor próximo ao valor de aquisição de um novo produto. Este conjunto de fatores, que provoca a decepção na relação dos informantes com seus artefatos novos, vai contribuir no processo de tomada de decisão para aquisição de um novo produto.

Essas coisas nunca duram bastante. Porque agora parece tudo descartável. O máximo que dura um sofá hoje é um ano. Esse aqui já tem uns três ou quatro anos. Já tem um tempão e tá no lucro (Informante Alice).

Itens de decoração do ambiente doméstico podem ser estocados durante certo período, aguardando uma troca com itens que estão em uso. Esta estratégia funciona para quando a pessoa se considera “enjoada” de conviver diariamente com os mesmos artefatos e sente a necessidade de variá-los. A variação, dessa maneira, pode ser alcançada sem a necessidade de aquisição de novos artefatos. Adicionalmente,

atividades de rearranjos freqüentes da decoração provêm rituais dinâmicos, tais como aqueles encontrados em jogos e brincadeiras.

Quadro 4:11 : Estações de transbordo - Características principais

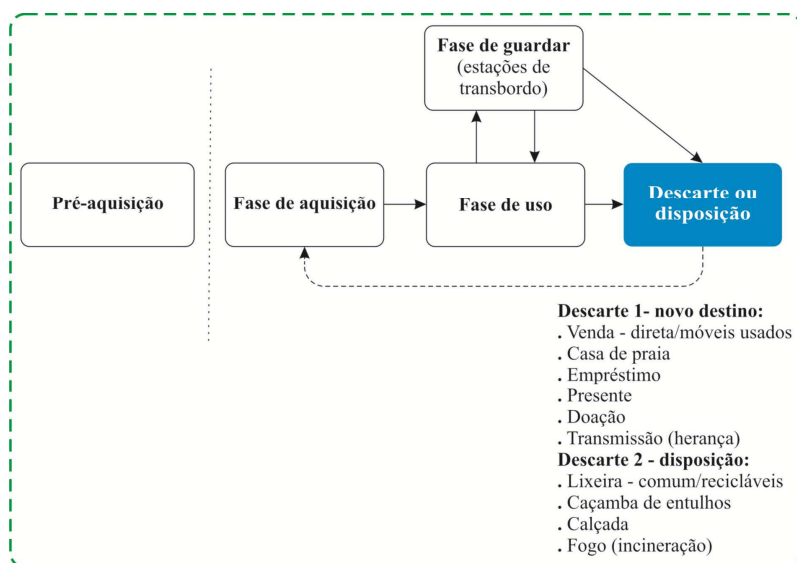
Informante	Estações de transbordo	Motivos para estocar	O que é estocado	Tempo que fica estocado	Destino após estocagem
Alice	“Casa de trás”	“... quando quebra um, eu posso...; Se numa hora eu preciso, aí eu uso; Quando fico enjoada, boto lá.”	Batedeira velha, liquidificador, ferro elétrico, fogão, rádio, cambucas furadas		Volta ao uso, doação, “coloca fora.”
Walter	Depósito ao lado da churrasqueira; quarto de empregada; armário no quarto de hóspedes;		“Desde retalhos de tecido até algumas revistas velhas”		
Milton	Três sótãos	“Saudosismo [...] eu sou muito de guardar as coisas [...] não vai fazer falta para ninguém.”	“Quatro ferros elétricos”	“As coisas ficam lá.”	“Eu acho que um dia pode vir alguém que sabe arrumar e aí eu dou. Eu acho ruim botar num saco de lixo e botar lá fora.”
Cláudia	Área de serviço	“Alguém ainda pode querer usar”.	Eletrodomésticos	Meio ano a 1 ano	
Suely	Armário embutido da churrasqueira	”Objetos que serão úteis ainda.”	“A cadeirinha de carro da minha neta e outros objetos”		

Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos domésticos: um estudo sobre suas influências na extensão de vida do produto

4.9.4. Fase de descarte

A fase de descarte contempla o processo de tomada de decisão para a retirada de artefatos do ambiente doméstico e a retirada propriamente dita. Este processo não necessariamente interromperá o próprio ciclo do artefato, pois seu tempo de vida pode ser estendido. O descarte de artefatos doméstico pode acontecer antes do fim de sua vida como produto, quando então ele pode ser doado para outras pessoas. Nesse percurso do artefato, a fase de uso se reinicia, tendo continuidade em outros ambientes, domésticos ou não (Figura 4:40).

Figura 4:40 - Fase de descarte de artefatos no ambiente doméstico



Durante as entrevistas os informantes foram estimulados a descrever de que maneira seus artefatos que ainda se encontram em condições de uso voltam a participar do percurso do artefato, a partir da fase de aquisição. Várias possibilidades foram indicadas, como demonstradas a seguir:

— Venda: os itens são colocados à venda em lojas de produtos usados. Dependendo do valor depositado, tal como a antiguidade, o artefato é colocado à venda em lojas de produtos antigos. Vale observar que as lojas de móveis usados nem sempre compram tudo que é solicitado. A

informante Suely relatou que ligou para várias lojas oferecendo uma mesa de jantar com cadeiras e nenhuma foi sequer em sua casa para verificar as possibilidades. Nestes casos a opção é a doação, de preferência para pessoas que tenham condições de fazer o frete. Dessa maneira, em vez da obtenção de um lucro na venda, é obtida uma vantagem no transporte do item sem custo;

— Vai para casa de praia: uma segunda casa ou apartamento localizado na praia é um destino para continuação da vida de artefatos que foram substituídos por novos (móveis eletrodomésticos, louças, roupas de cama, mesa e banho, etc). Tanto a renovação de itens na casa principal, quanto a necessidade de montar uma nova casa de praia ou renovar a existente, justificam aquisições de novos artefatos;

— Vai para um uso menos “nobre”: edículas com churrasqueiras, áreas de serviço e até mesmo os locais destinados ao abrigo de animais domésticos recebem itens que já passaram pela fase de uso nos ambientes aos quais se destinaram e passam a uma segunda vida em espaços mais afastados dos setores sociais da casa (quadros, louças, móveis, cobertores, fogões, pias, etc);

— Empréstimo: artefatos são emprestados para parentes e amigos, com a intenção de serem devolvidos no futuro;

— Presentes: artefatos usados são dados como presente nos casos em que as pessoas se sentem desconfortáveis em dispô-los para coleta municipal de lixo; quando precisam desocupar um imóvel e não tem lugar para acomodar todos os itens; ou quando entendem que o valor a ser pago pelo item, em caso de venda, vai ser muito baixo;

— Doação I: Peças que ainda estão boas são “passadas adiante” direta ou indiretamente para pessoas próximas, tais como as faxineiras e outros trabalhadores domésticos. A doação indireta se conforma quando a pessoa deixa o artefato próximo à lixeira doméstica para que seja verificada a possibilidade do trabalhador doméstico se interessar. Estão incluídos nesse item eletrodomésticos de pequeno porte que não funcionam ou que apresentam qualquer tipo de inconveniência;

— Doação II: Peças de grande porte são deixadas na calçada ou em caçambas tipo “papa-entulho”¹², em frente às casas para serem levadas

¹² O termo papa entulho é utilizado para definir o sistema de coleta de resíduos de construção civil ou de resíduos domésticos, tais como móveis e eletrodomésticos de grande porte. A coleta é feita por meio de caçambas que são deixadas estacionadas nos pontos necessários e transportadas para aterros específicos quando o volume é completado.

por pessoas que passam e que precisam (cortinas, televisor, prancheta de desenho, guarda roupas, colchões, camas). Foram relatados casos em que os informantes se mantiveram escondidos atrás da janela esperando para ver quem iria pegar o artefato. A verbalização da Informante Mônica denota o vínculo afetivo depositado em sua prancheta de trabalho, concretizando suas lembranças de início de carreira como arquiteta:

Minha prancheta foi mais difícil de eu me desfazer. Por conta de eu ter toda a vivência, de ter comprado usada. [...] Coloquei na frente de casa no dia de “lixo reciclado”¹³ e fiquei olhando a pessoa pegar, colocar no seu caminhãozinho e ir embora. Mas a pessoa estacionou logo em frente, no outro lado da rua. Um vizinho pegou! (Informante Mônica).

— Repasse de itens: Peças que revelam vínculos afetivos mais fortes são dadas para parentes ou amigos próximos. Neste caso o ato não se conforma como uma doação de caridade. As motivações focam a manutenção dos itens na própria família, permitindo ao informante continuar a manter contato com o artefato;

Os anjinhos eu vou dar para minha filha [neste momento a informante fala meio chorando] porque daí eu posso ficar com eles só olhando. É a mesma coisa que eu ficar com eles (Informante Alice).

Ai meu Deus, o livro de música eu não coloquei nos cinco itens... [aqueles que seriam levados em primeiro lugar em caso de mudança]. Eu deixaria na casa da minha irmã para quando nós tivermos encontro lá ela teria à disposição para nós cantarmos. Fica na família (Informante Paulo).

— Retransmissão da herança: Peças recebidas de herança são repassadas a membros da família, dando continuidade ao processo de manter viva memória familiar.

As velas ursinhos [presente dado à mãe pelo informante e posteriormente recebido de herança, como volta de um presente] eu

¹³ Neste caso a informante estava se referindo ao dia em que a empresa municipal faz a coleta de resíduos para reciclagem.

daria para minha sobrinha, pelo significado de lembrar sua avó, porque ela era muito ligada à avó (Informante Walter).

Os artefatos que não estão em condições de uso são descartados de várias maneiras, dependendo do informante e do tipo de artefato. Itens de pequeno porte em mau estado de conservação e até mesmo eletrodomésticos e eletroeletrônicos são colocados diretamente na lixeira doméstica para que a companhia de saneamento municipal faça a coleta e a disposição em aterros. Itens de grande porte podem ser incinerados pelos proprietários, como no caso da Informante Alice. Justificando-se por morar em uma rua sem calçamento e pouco urbanizada, e pelo fato da companhia de saneamento municipal de Palhoça não fazer a coleta de itens de grande porte¹⁴, a informante relata que, quando um sofá ou outro móvel apresenta-se “muito velho”, é desmontado, colocado em frente à casa e incinerado.

O Evaldo [nome fictício para o marido de Alice] desmonta e bota fogo, porque o lixeiro não leva. [...] Quando é bateadeira ou coisas assim, o lixeiro leva. Eles passam três vezes por semana (Informante Alice).

Para alguns informantes, no entanto, eletrodomésticos e eletroeletrônicos são enviados a locais específicos de coleta para futura reciclagem (Informante Cláudia), ou também podem ser separados diretamente para coleta seletiva de resíduos sólidos de responsabilidade da companhia de saneamento municipal¹⁵ (Informante Mônica).

Faz-se importante observar que o processo de tomada de decisão para o descarte de artefatos domésticos pode ser influenciado por hábitos de gerações anteriores, pela disponibilidade ou pela falta de espaço para estocagem, pelo apego e pelos vínculos afetivos construídos entre o proprietário e seus artefatos. Foi observado também a existência de processos de autocensura.

¹⁴ Em Palhoça, a empresa contratada pela prefeitura municipal – Proactiva – não faz coleta de resíduos domiciliares de grande porte (lixo pesado) e iniciou em 2012 a coleta seletiva de resíduos sólidos com fins de reciclagem (VIA PALHOÇA, 2011)

¹⁵ Na cidade de Florianópolis, a empresa responsável – COMCAP - realiza coleta seletiva de resíduos sólidos domiciliares visando à reciclagem semanalmente e a coleta de resíduos de grande porte “lixo pesado” em datas programadas (PMF, 2012)

Para o informante Walter, sua “mãe guardou coisas a vida inteira e nunca jogou nada fora.” A casa de seus pais foi descrita como tendo uma série de cômodos que guardavam desde revistas velhas até vidros e garrafas vazias. Sua mãe guardava de “tudo em tudo”, ou seja, qualquer lugar servia para guardar, facilitando a retenção de praticamente qualquer tipo de coisa. Ao descrever sua casa, o informante também citou várias estações de transbordo onde mantém uma série de artefatos. As imagens obtidas na Figura 4:8, demonstram que seus ambientes mais sociais também se apresentam praticamente ocupados em sua totalidade, comprovando a disponibilidade de espaço para retenção de uma quantidade razoável de artefatos - paredes com quadros e itens decorativos, móveis servindo de apoio a livros, fotografias e almofadas diversas, uma lareira decorativa e tapetes forrando todos os espaços.

O sentimento de apego foi pontuado durante o estudo de campo por mais de um informante, por verbalizações do tipo: “eu gosto de guardar”, “tenho mania de guardar”, “eu não gosto de me desfazer das coisas”, “eu sou muito apegada com as coisas” (Alice); “eu tento manter tudo o que era dela”, “eu sou muito de guardar as coisas”, “alguém pode falar que eu sou apegado à matéria. Eu acho que não” (Milton); “Eu sou mais ‘guardadeira’” (Suely).

Nas verbalizações do informante Milton - “[Eu] não jogo nada fora!!!” e “Não me lembro de alguma coisa que eu tivesse me desfeito...” – fica clara sua intenção de reter o máximo possível de seu conjunto de artefatos, tanto aqueles de uso específico do âmbito doméstico, quanto aqueles destinados à realização de seu trabalho. Para facilitar a estocagem, são reservados em sua casa três sótãos categorizados por assunto, como já apresentado no Quadro 4:11 : Estações de transbordo - Características principais. Foi relatado que um dos motivos para estocar eletrodomésticos, por exemplo, é que o informante aguarda que alguém venha a sua casa, saiba como consertá-los e daí então o item é doado para essa pessoa. Adicionalmente, um sentimento negativo em descartar eletrodomésticos e eletroeletrônicos para coleta de resíduos enviados para aterros foi compartilhado com a pesquisadora: “Eu acho ruim botar num saco de lixo e botar lá fora.”

O vínculo a artefatos que carregam memórias afetivas também se apresenta como impedimento ao descarte. Lembranças relacionadas aos momentos de dificuldades financeiras, quando a aquisição de artefatos era um processo penoso, fazem com que as pessoas não descartem esses itens tão facilmente e, quando descartem, o processo seja acompanhado por sentimentos de tristeza. “[...] eu comprei. Fui lá, deu tanto trabalho por sentimentos de tristeza. “[...] eu comprei. Fui lá, deu tanto trabalho para comprar... [...] quando um anjinho quebra, eu vou lá e colo. [...]

mas é uma vergonha aquilo quebrado, sem as orelhas, aí eu jogo fora, mas fico numa tristeza...” (Informante Alice).

Os processos de autocensura são observados quando as pessoas tomam consciência que determinado hábito precisa ser alterado, pois está trazendo algum prejuízo. Algumas vezes este processo pode ser iniciado por meio de conselhos de outras pessoas, outras vezes no acesso a algum tipo de informação veiculada em revistas, programas de televisão, etc. Reguladores estéticos também podem fazer o papel de censuradores, tomando a iniciativa para alteração de hábitos.

Na segunda entrevista com a informante Alice, ficou clara a intervenção de familiares, a observação de conselhos e a aceitação – algumas vezes a contragosto - de que seu apego aos artefatos pode ser amenizado:

Todo mundo diz! Eu vejo entrevistas, ligam pessoas... Eles são estudados no assunto! Quebrou uma tampa de uma cambuquinha, não fica ali colando! Isso atrai coisas ruins para dentro de casa. Como roupa: se tu não usas, outra pessoa pode usar. Eu guardava calcinha velha e pijama. Meus filhos jogaram tudo fora!!! (Informante Alice).

Para a informante Mônica, o descarte de artefatos aos quais estão vinculadas memórias afetivas, sua prancheta de desenho, por exemplo, torna-se um processo penoso. Seu comportamento de autocensura se instala tanto no momento do descarte quanto no momento em que está relatando o fato. Para aliviar o penar, a informante lembra que é importante o processo de desapego. “Tem que deixar as coisas irem!” (Informante Mônica).

5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo traz à reflexão os dados analisados e as teorias que emergiram a partir das categorizações, pretendendo responder à pergunta de pesquisa. Em auxílio à reflexão, é acrescentado o diálogo com os autores revisados e são abordados e discutidos os objetivos de pesquisa.

5.1. VIVÊNCIA NO AMBIENTE DOMÉSTICO

Entrar pela primeira vez na casa de um informante é como entrar num mundo estranho e ao mesmo tempo conhecido. A casa se apresenta limpa e arrumada. O dono e/ou dona da casa estão algumas vezes com roupas confortáveis “de ficar em casa” ou, em outras vezes se apresentam ao(à) convidado(a) (pesquisadora), com uma vestimenta mais colorida, um vestido longo ou alguma peça mais requintada. Esta apresentação mais formal é carregada de significados. Tanto pode ser para impressionar o(a) convidado(a) ou apenas para mostrar uma imagem mais elegante, uma vez que sabem de antemão que serão fotografados.

As salas de estar visitadas durante o estudo de campo se apresentaram algumas vezes como ambientes despojados de ornamentos e outras vezes povoadas com uma profusão de artefatos que representavam, de alguma maneira, a identidade de seus proprietários. Assim como encontrado na pesquisa de Miller (2006), os artefatos encontrados nos ambientes pesquisados representavam, em geral, significados associados com sensações e sentimentos e ofereciam pistas sobre os membros da casa.

A rígida divisão em setores – social, íntimo e serviços - preconizada na primeira metade do séc. XX, deu lugar a propostas flexíveis de utilização do ambiente doméstico, como indicado pela análise dos dados. A sala, em particular, passou a incluir funções de trabalho, sofrendo uma organização propícia para exibição do ambiente em forma de cenário e onde são expostos artefatos e produtos de mostruário a clientes externos. Os(as) visitantes passam então a abranger um círculo maior de pessoas, nem sempre íntimas dos membros da casa. Em alguns casos, faz-se necessária a utilização de outro ambiente para o convívio cotidiano - estar íntimo ou sala de TV - em outros casos, as atividades são acumuladas no mesmo ambiente.

A criação de outros ambientes de convivência social, além da sala de estar, também pode se configurar pelo uso masculino ou feminino do espaço. A churrasqueira, conjugada à sala ou em áreas semi-abertas,

configura-se como um espaço de domínio masculino. Ali são recebidos os amigos, prestadores de serviço e visitas fora do círculo de amizades e parentesco (a pesquisadora, por exemplo). Funções de contemplação – fumar cigarros e ler –, assim como algumas refeições do cotidiano, também têm lugar no ambiente da churrasqueira.

As atividades criativas e de estudo – trabalhos manuais e uso do computador – de interesse feminino e dos filhos continuam predominando na sala. Em dias de reunião de família e/ou de amigos, as mulheres se reúnem nas salas e os homens, preferencialmente, reúnem-se próximos ao ambiente da churrasqueira. Muito embora não sendo esse o foco da presente pesquisa, a questão de gênero esteve presente no estudo de campo.

Para Sennett (1988), o espaço público caracteriza a representação e a aceitação social, enquanto as pessoas vivenciam suas verdadeiras faces nos espaços privados - da vivência familiar. No entanto, mesmo no âmbito da vivência familiar, espaços de representação social também se apresentam. Preferencialmente, as salas, ante-salas, *livings*, varandas e outras áreas semi-abertas se conformam como espaços de transição entre o convívio social/público e o convívio íntimo/privado. Sob este aspecto, é possível considerar que os espaços domésticos mais públicos são mais propensos a sofrer regulações sociais e culturais.

As verdadeiras faces das pessoas, então, podem ser vivenciadas com maior profundidade nos espaços considerados domésticos considerados mais íntimos e protegidos de regulações externas – dormitórios, salas íntimas, salas de TV, copas e cozinhas. Nesses espaços, assim como ressaltado nos estudos de Ekman (2003), as pessoas apresentam expressões diretas de suas emoções. Nos espaços públicos, porém, são exibidas expressões que são, em certa medida, manipuladas, ou reguladas, social e culturalmente, configurando-se como regras de exibição.

Seguindo o mesmo princípio de raciocínio, certas regras de exibição atuam nas maneiras de organização do espaço da sala de estar, bem como influenciam naquilo que é permitido entrar na intimidade da vida doméstica e o que é parcialmente permitido ou totalmente negado. Assim, os artefatos que habitam estes espaços, permanentemente ou temporariamente, participam deste processo de seleção.

Assistir filmes alugados ou programas habituais transmitidos pela televisão é uma atividade comum, revelada pela presença do televisor em todas as casas do estudo de campo. Quando não está presente na sala principal ou no “*living*”, encontra-se na “sala de TV” ou nos quartos.

Sua importância no contexto doméstico é revelada também pela sua seleção como principal item em caso de mudança para três informantes. Não pode deixar de ser considerada sua relevância como atividade de lazer e como elemento agregador dos membros de uma casa. A importância e a cotidianidade de seu uso conformam uma intimidade de tal natureza com os espaços concebidos e veiculados pelos programas, assim como com as pessoas que por eles transitam e interagem que, a eles, é delegada a missão de permitir ou não a presença ou ausência de determinados artefatos e a maneira de organização dos ambientes domésticos. É possível considerar que, mais do que assistir a programas de televisão, as pessoas interagem com o que é veiculado e trazem para a vida cotidiana novas formas de significar o espaço doméstico e as relações mantidas com seus artefatos. Nesta veiculação, cabe lembrar que, ainda que sejam influenciáveis, as pessoas não são meros espectadores passivos, mas agentes de transformação.

5.2. PERMANÊNCIA DE MEMÓRIAS AFETIVAS

Ao descrever seus artefatos, as pessoas predominantemente descrevem as histórias passadas, menos frequentemente o tempo presente e, raramente, as histórias que podem ser vividas ou desejos de uma vida futura. O critério de preservação da memória está presente fortemente no cotidiano da vida contemporânea e não pode ser considerado como um processo de retrocesso ao passado. Ao contrário, inscrever memórias afetivas nos artefatos domésticos é uma das formas de oferecer o sentido de concretude e de lembrar a todo o momento necessário, os entes queridos com que as pessoas se relacionam ao longo da vida e também aqueles que apenas se ouviu falar, mas que carregam consigo parte de uma história de vida compartilhada. O contato com esses artefatos contribui para facilitar os processos de recuperação de conteúdos estocados na memória voluntariamente e para lembrar a outras pessoas que laços comuns permanecem nos relacionamentos.

Foi observado no estudo de campo que as pessoas descrevem com orgulho seus artefatos portadores de memórias, bem como as lembranças que são evocadas no momento. Vale ressaltar que a ampla prevalência encontrada da categoria memória é corroborada por pesquisas em amostras de grande espectro (WALLENDORF; ARNOULD, 1988; BELK, 1990; CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 1999; DAMAZIO, 2009) e em pequenas amostras representativas de microculturas (HOLBROOK; SCHINDLER, 2003; KESSOUS; ROUX, 2008).

Na perspectiva de Salaman (1982), lembranças podem emergir de maneira involuntária, trazendo para o tempo presente, momentos passados acompanhados por fortes emoções. Porém, artefatos que lembram entes queridos que já faleceram, artefatos recebidos por herança de família e aqueles que fazem lembrar fases importantes da vida são guardados, zelados e expostos às pessoas que frequentam o ambiente doméstico de maneira consciente e voluntária. Neste processo, recordações negativas são sublimadas e não são relatadas facilmente. Mais comumente, somente as memórias positivas são reivindicadas e inscritas em artefatos, saindo do domínio privativo e se tornando públicas, como ponderado previamente por Lowenthal (1998).

Entrar periodicamente em contato com artefatos que possuem marcadores de memórias afetivas, no sentido que Wallendorf e Arnould (1988) adotam, é uma maneira de entrar voluntariamente em contato com o conteúdo de memórias armazenadas de entes queridos falecidos ou não, de eventos especiais, tais como viagens, encontros de família, etc. Sob este prisma, a manutenção de artefatos domésticos com marcadores de memórias afetivas, poderia parecer um excesso de conservação patrimonial e uma teatralização do ambiente doméstico, mantendo o passado cristalizado, tomando de empréstimo os termos utilizados por Jeudy (2005). Por outro lado, a exibição patrimonial criaria uma atmosfera de momentos da vida cotidiana que, mesmo distantes no passado, são recriados no presente.

A partir do momento em que o contato com artefato de memória desperta algum tipo de emoção, faz reavivar lembranças positivas, proporciona algum alento ou alegria, este artefato está cumprindo um papel para seu proprietário. Ao contrário de manter o passado cristalizado, estaria fazendo parte de um conjunto de outros artefatos, compondo um ambiente, ou, nas palavras de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999), um ecossistema simbólico, capaz de fazer sentido e trazer uma série de significados.

Partindo desse princípio, o artefato de memória adquire um novo *status*, ou seja, o artefato deixa de ser uma peça em um “museu” particular e adquire um valor de uso – o artefato é utilizado para relembrar. Corroborando com o pensamento de Douglas e Isherwood (1996), assim como os artefatos não podem ser considerados como peças de museu, também não podem ser divididos em bens que servem para sustentar a vida e bens espirituais, pois todos são portadores de significado.

Se registros, ou lembranças do passado, são cristalizados no tempo, sua relação com o presente poderá ser apenas o fato de não existirem mais naquela forma. Assim, o processo de recuperação de conteúdos da memória por meio da interação com artefatos materiais pode ser entendido como um “dispositivo de memória” e não como um “arquivo”. Por esse entendimento, dispositivos de memórias estimulariam o funcionamento da memória das pessoas por meio de fragmentos da história pessoal ou grupal, enquanto que os arquivos tendem a ficar estagnados e trancafiados (SILVA et al., 2008).

5.2.1. Genealogia dos artefatos domésticos

Tendo em vista que nem sempre a história particular de cada família está registrada em livros, fotografias ou outras mídias capazes de informar as futuras gerações, os artefatos recebidos de herança se preenchem de importância. Por meio deles é possível, por exemplo, comprovar fatos transmitidos apenas oralmente, transformando-os em provas ou evidências dos fatos, bem como inscrever características especiais de seus proprietários originais. Dessa maneira, móveis e outros artefatos herdados em família recebem “inscrições de afeição”, termo cunhado por Ane Gotman e comentado por Singly (2007, p. 107). “Por um lado, a herança é apropriada segundo uma lógica de culto. Os herdeiros dividem os artefatos de família que podem se tornar artefatos de culto, que ‘falarão’ do proprietário para aquele que os deseja”.

Pela análise dos dados obtidos nos testes piloto e no estudo de campo, a manutenção de artefatos recebidos de herança no ambiente doméstico ainda se configura como uma prática usual, distanciando-se do pensamento de McCracken (2003, p. 75). O autor afirma que, na “moderna América do Norte” se tornou rara a transferência multigeracional e que, no “padrão convencional da sociedade contemporânea, cada família escolhe seus bens de consumo por si mesma”. A ausência de bens herdados deixaria a família com a “ficha limpa”, sem o peso de uma bagagem literal ou figurativa.

A preocupação de manter a família com uma “ficha limpa” não foi observada durante as entrevistas. De maneira oposta, preocupações em estender o sobrenome ou preparar bens materiais para sucessão familiar foram destacadas por vários informantes. Este fato, por sua vez, vai ao encontro da ponderação do mesmo autor, McCracken (2003, p. 75), de que as famílias enfrentam limitações em suas conexões com as gerações anteriores e futuras, pois, com a “ficha limpa” não há um senso de continuidade, precedência ou tradição para se extrair uma definição ou uma identidade.

A genealogia do artefato doméstico, desenvolvida nesta pesquisa (Figura 4:16), vem contribuir na percepção dos aspectos positivos relacionados aos processos de transmissão de artefatos domésticos. Ademais, realça o poder das memórias afetivas, uma vez que as pessoas dão “vida” a artefatos especiais e que são mantidos ao longo de gerações. Nesse sentido, a genealogia da família se confunde com a genealogia do artefato. Ou talvez, a genealogia do artefato sirva como testemunha da existência das gerações, ou dos laços afetivos entre as gerações e que são estendidos ao longo da vida desses artefatos.

Neste processo, a memória da família se estende e se transforma com a reutilização dos artefatos familiares deixados como herança. A extensão do limite de tempo de vida da memória familiar por meio de artefatos domésticos, no sentido em que Halbwachs (2006) sugere, proporciona também a possibilidade de uma extensão do tempo de vida do próprio artefato. A cada momento em que a pessoa entrasse em contato com o artefato, a lembrança seria reacendida como uma chama que nunca se apaga. Como elos vivos entre gerações, os filhos, netos, bisnetos, sobrinhos e outros familiares, além de se tornarem “guardiões da memória familiar” (BARROS, 1989), tornam-se corresponsáveis por estender a vida destes itens.

Para que esta dinâmica tenha continuidade, tornam-se fundamentais os rituais de partilhas de bens, que vão procurar garantir a longevidade do artefato e da representação da família. Critérios são criados relativos à posição na ordem genealógica, à idade e ao gênero, aos vínculos afetivos entre familiares e pessoas próximas ao ente querido falecido, etc.

Dependendo das regras adotadas pelo grupo de herdeiros ou pela disputa entre herdeiros pelo mesmo item, novas tensões emergem ou velhas tensões são reavivadas. Para Singly (2007), a herança familiar pode testemunhar a existência de um elo afetivo do herdeiro com o beneficiário, mas também pode ocasionar uma instabilidade nas relações no momento da partilha, tendo em vista a difícil administração dos interesses pessoais entre os herdeiros. Essas instabilidades, no entanto, são postas de lado “na medida em que irmãos e irmãs preferem na hora da partilha, renunciar para não entrar em conflito, pois acreditam que, assim, estariam traindo os pais” (SINGLY, 2007, p. 109).

Os rituais de partilha, verificados no estudo de campo, configuraram-se como elementos de apoio importantes, pois consideraram a existência das tensões familiares. Foram elaborados objetivando evitar os confrontos entre familiares e diminuir as possíveis

frustrações. A ausência de rituais de partilha, ou mesmo a protelação da partilha de bens, por sua vez, pode gerar falsas expectativas por parte dos sucessores, que ampliarão as frustrações e as tensões entre os herdeiros.

5.2.2. Memórias de identidades imaginadas

O fato de certos símbolos terem incorporado, ao longo do tempo, relações de significado características de um determinado grupo cultural, nesse caso a comunidade de imigrantes de alemães, pode ser explicado a partir da necessidade inicial de estabelecer limites que servissem para identificar ou definir as pessoas que pertenciam a esse grupo, tais como a arquitetura, organizações do espaço, hábitos alimentares, divisão do trabalho, etc. (SEYFERTH, 1993). Para os imigrantes, a nova pátria seria a colônia, a nova cidadania seria a brasileira, mas a etnia continuaria sendo alemã, uma vez que a emigração não teria significado o rompimento com o povo, ou etnia alemã. A coincidência entre nação, raça e língua, como aponta Seyferth (1993) ao acrescentar o pensamento de Mauss, expressaria também uma crença etnocêntrica na superioridade, verificada na maioria dos nacionalismos europeus, mesmo antes da unificação dos estados alemães, ou seja, a partir de uma nação sem Estado. A crença da superioridade racial, divulgada no Brasil em periódicos a partir do final do século XIX, era realçada também pela desvalorização do brasileiro, considerado representante de raças inferiores ou não civilizadas.

Neste discurso e nestas “demarcações de fronteiras” estariam presentes, ou latentes, disputas pelo poder. Marcas da presença do poder seriam para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 81 - 82), aquelas que representam exclusões e inclusões, aquelas utilizadas para demarcar fronteiras e aquelas que classificam as pessoas entre bons e maus e puros e impuros, por exemplo.

Processos de ressignificação de identidades comprovam que a identidade pode ser contraditória e temporária, tal como definida por Hall (2005), especialmente quando observados grandes deslocamentos espaciais. Assim, a cada modificação de cenário, como em uma “partida social”, a pessoa pode assumir uma nova posição no jogo e reconstruir sua identidade.

Ao recorrer à estratégia do “significado deslocado”, grupos de descendentes de colonizadores alemães procuraram resgatar um ideal cultural que se mostrava diverso frente à realidade vivida em terras brasileiras no período da colonização, mas também diverso daquele ideal que haviam deixado na Alemanha, como aponta Mailer (2003).

Trazendo o tema para a atualidade, a autora observa que nas cidades do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, os ornamentos, vestimentas, costumes e valores reavivados em eventos e no próprio cotidiano de descendentes de imigrantes alemães também não são mais cultivados na própria Alemanha contemporânea. Esse fato faz com que a autora questione se “os descendentes de imigrantes estariam vivendo nostalgicamente uma referência simbólica de pátria perdida expressos por hábitos e costumes da época da imigração [...]”.

Sob esse aspecto, é possível perceber que as inscrições de memórias identitárias em artefatos podem ser “orientadas-para-o-passado”. Esses artefatos passam a concretizar um conjunto de usos, atitudes, relacionamentos e circunstâncias, evocados pela memória e podem representar pontes para o “significado deslocado” em termos pessoais ou grupais. Essa estratégia pode oferecer possibilidades para imaginar um período de abundância e um passado perfeito frente aos ideais culturais, como também uma sociedade perfeita, a ser atingida num tempo futuro (MCCRACKEN, 2003, p. 137).

Tendo em vista que as comunidades teuto-brasileiras estavam separadas por um oceano, mas não seguiam a mesma trajetória das comunidades originais alemãs, não levavam “vidas paralelas”, no sentido em que Anderson (2008, p. 33) sugere. Ressalta-se, nesse processo, que essas comunidades podem se distinguir então, não por sua falsidade ou autenticidade, “mas pelo estilo com que são imaginadas”.

O que se depreende das informações colhidas no estudo de campo, é a vivência de um momento propício ao fortalecimento da memória relacionada à identidade dos colonizadores alemães no Brasil. Sobremaneira, no caso de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina, Mailer (2003, p. 35) considera que ainda existe um “desejo de inserção na sociedade brasileira preservando agora o que é permitido, ou seja, a cultura.” Este fato justificaria a forte adesão dos teuto-brasileiros a uma memória histórica simbólica.

Para Halbwachs (2006), a memória coletiva não necessariamente parte de uma imposição ou de uma forma específica de dominação. O autor ressalta os aspectos positivos da memória coletiva que sugere um adesão afetiva de seus membros. Assim, as festas, grupos de dança e música, encontros de associações culturais, criados no Brasil seguindo um discurso étnico de valorização da origem, cultura e trabalho alemão, evidenciam, acima de tudo, uma afirmação de identidade.

Essa disputa pela afirmação da identidade poderia, por outro lado, estar em estreita conexão com uma disputa pelo poder. Poderia estar em

jogo uma disputa por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade, traduzindo os desejos de grupos diferentes entre si – descendentes de alemães e outros grupos - de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais, como expresso por Tomaz Tadeu da Silva (2000). Sob esta perspectiva, a construção de sistemas de representação de memórias afetivas partindo, muitas vezes, de um imaginário coletivo – no caso, as memórias imaginadas relativas ao período colonizador brasileiro – e de tradições inventadas, facilitaria a coesão e o fortalecimento do grupo na conquista do espaço social, político e econômico.

5.2.3. Memórias afetivas como “blindagens estéticas”

A experiência estética, quando vinculada a sentimentos de prazer na interação com formas conhecidas, sons, texturas, etc, integra também valores subjetivos e questões simbólicas que transcendem as funções técnicas/práticas dos artefatos. No ambiente doméstico, a experiência estética pode incluir a preocupação com o conforto dos membros da família e visitantes ou com o prazer no compartilhamento da experiência. O desejo de compartilhar a mesma experiência estética transparece, por exemplo, ao ser adquirido um artefato que representa a estética da época e ao ser rejeitado aquele que já não é mais usado amplamente pelo grupo cultural a que se pertence. Sob esse aspecto, ações reguladoras externas são permitidas ou acessadas intencionalmente.

Regulações externas são conceituadas na presente pesquisa como influências diretas ou indiretas de terceiros. Influências diretas podem ser de familiares ou pessoas próximas. O processo de regulação direta, neste contexto, se conforma com um conselho proveniente de um amigo, uma reprovação por parte de um parente ou ações para alteração da disposição e organização dos artefatos domésticos. Estas ações, muitas vezes, precisam atender a todos os membros da casa, gerando, não raro, algum tipo de conflito que precisa ser submetido a um consenso entre gerações diferentes. Da mesma maneira, como foi observado por Baudrillard (1973), os artefatos dentro de um ambiente familiar são ordenados de acordo com sua função e também de acordo com sua dignidade simbólica, demonstrando a relação afetiva que liga seus membros. Os artefatos domésticos podem operar então, como representações dos laços afetivos do grupo familiar até que uma nova geração os afaste ou às vezes os reinstaure, buscando uma atualidade nostálgica.

As influências indiretas são representadas pela mídia, pela participação em eventos e feiras, contratação de profissionais, visita a outros ambientes domésticos, lojas, etc. Indiretamente o processo de regulação acontece quando a pessoa observa outros modos de organização em telenovelas, por exemplo, ou contratando um arquiteto ou decorador para organizar ou reorganizar a casa. Nem sempre, no entanto, as pessoas cedem totalmente aos “reguladores estéticos”. Enquanto a sala pode se configurar como o ambiente em que pressões externas constroem sua organização, os demais ambientes, considerados mais íntimos, podem ser considerados relativamente livres para demonstrar o gosto dos membros da casa.

As mudanças e reorganizações que acontecem com mais ou menos frequência nos ambientes domésticos e que, em parte são induzidas pelo sistema da moda, encontram certas resistências provenientes da necessidade das pessoas em manter suas memórias afetivas. Sob este aspecto, memórias afetivas depositadas em artefatos operam como blindagens às mudanças. Como observado no estudo de campo, tanto as pessoas com educação formal em design, decoração de ambientes e artes, quanto aquelas sem nenhum conhecimento formal sobre os cânones preconizados pelo estudo da estética, resistem às pressões do sistema de consumo, mantendo em seus ambientes domésticos artefatos extemporâneos e carregados de sentimento.

Além da intenção estética, uma intenção de demonstrar *status* social também pode ser associada às obras de arte presentes no ambiente doméstico. Especialmente se as pessoas que frequentam o ambiente doméstico podem reconhecê-las, decifrá-las e apreciá-las, um processo de legitimação das intenções do proprietário ocorre. Para que aconteça este processo de legitimação, basta que as pessoas compartilhem um aprendizado artístico obtido pelo acesso aos mesmos programas de televisão ou visitando as mesmas vitrines de lojas, por exemplo.

Esta afirmação acompanha o pensamento de Bourdieu (2008) a respeito da formação do gosto cultural que pode aproximar pessoas ou grupos sociais e da promoção da distinção social, que revela as diferenças. Para Douglas e Isherwood (1996), na exibição de certos artefatos pode estar contida a sensação de inclusão em determinada categoria social almejada. E, nesta inclusão, torna-se importante a concordância das pessoas que pertencem à mesma categoria social em relação aos valores inscritos nos artefatos, configurando um sistema de comunicação que inclui e, ao mesmo tempo, opera para vedar suas fronteiras.

Artefatos considerados *démodé*, brega ou *kitsch* são venerados e mantidos por longos períodos de tempo. Os três termos foram utilizados expressando imitações pobres de obras de arte ou de um desenho clássico, cópias baratas, e mau gosto, na oposição entre bom design e design ruim. A classificação consciente de brega, que nesse caso é similar ao *kitsch*, passa longe da abordagem irônica e humorística apontada por Attfield (2006). Seria mais interessante acreditar que um sentimentalismo, no sentido defendido por Miller (2006), foi gerado a partir de memórias afetivas formando uma aura protetora ou uma blindagem contra influências externas de gosto.

Se forem pensados fora da estrutura hierarquizadora da arte, os mesmos termos podem assumir o significado de uma verdadeira experiência estética a partir de artefatos do cotidiano (ATTFIELD, 2006). Sob esta perspectiva, a experiência estética, balizada pela inscrição de memórias afetivas, possibilita a ampliação da importância de um objeto trivial para uma dimensão simbólica.

5.3. MEMÓRIAS E VÍNCULOS AFETIVOS NO PERCURSO DOS ARTEFATOS DOMÉSTICOS

Na exploração dos eventos que marcam a vida dos artefatos no ambiente doméstico, criam-se oportunidades para que as pessoas relacionem esses eventos com a importância que representam estes artefatos em suas próprias vidas. Ao delinear o percurso dos artefatos no ambiente doméstico (Figura 4:27), esta pesquisa pretendeu verificar as possibilidades de extensão de vida dos produtos na interação das pessoas com seus artefatos. Das possibilidades vislumbradas, destacam-se aquelas que apresentaram conexões com memórias e vínculos afetivos.

5.3.1. Aquisições de artefatos de memória

Memórias afetivas podem ser inscritas no momento da aquisição de bens, quando acontecem acompanhando algum estado emocional, voluntária ou involuntariamente. Um imóvel, por exemplo, pode ser adquirido com a finalidade de evocar momentos felizes da infância ou juventude e ao mesmo tempo, fazer lembrar o estreito relacionamento afetivo com entes queridos que já faleceram.

Artefatos recebidos de herança estiveram presentes em todas as casas visitadas durante o estudo de campo. Rituais que acompanham as partilhas de bens são convencionados entre as famílias e apresentam critérios, muitas vezes rígidos, para quem vai participar da linha de sucessão. Nestes momentos de aquisição de bens, que já passaram por

uma ou mais fases de uso nas mãos de outras pessoas, aspectos conflitantes emergem e disputas por bens fragilizam laços afetivos. São momentos também em que memórias afetivas são evocadas, lembrando aqueles que tiveram a posse anterior do artefato e compromissos são firmados no intuito de dedicar cuidados especiais aos itens herdados.

O momento de escolha de itens na partilha de bens proporciona oportunidades para que as pessoas possam selecionar itens que possibilitem retribuir e repetir de alguma maneira o carinho recebido de entes queridos que já faleceram. Esta subjetividade imbuída na relação das pessoas com seus artefatos pode ser verificada quando se apresentam comparações entre o cuidado dispensado a um artefato e o cuidado recebido de um ente querido.

Entre várias hipóteses envolvidas nesse aspecto, podem estar presentes o temor de não ter havido oportunidades suficientes para a retribuição do afeto recebido ou o falecimento precoce do ente querido. Estes itens passam então, a receber uma série de cuidados especiais, que têm como objetivo trazer para o presente a vida das pessoas que já se foram. Neste processo, os artefatos saem da condição de objetos e se transformam em representações de entes familiares, constituindo uma nova geração familiar.

É possível observar, dessa maneira, uma fusão entre a materialidade do artefato e a imaterialidade do sentimento que a pessoa nutre pelo ente querido. Os sentimentos devotados a entes queridos podem ser depositados no artefato.

Tentativas de dar vida a artefatos inanimados também estão presentes no momento de aquisição de novos artefatos em fases marcantes da vida de uma pessoa. Comparações entre um artefato e uma música, por exemplo – “[minha mesa] é como uma música de Villa Lobos” (Informante III do Teste Piloto) –, podem revelar a intenção de manter presente a lembrança do sentimento.

Na audição de uma música existe a possibilidade de se entrar em um estado de contemplação espiritual, de relaxamento e/ou excitação. O desejo de entrar em contato com este sentimento pode ser alcançado na aquisição de artefatos em que possam ser inscritas, voluntariamente, memórias afetivas. O sentimento pode assim se repetir, de maneira similar, no contato cotidiano com estes artefatos, evocando momentos de libertação de experiências negativas.

5.3.2. Uso e organização dos artefatos domésticos

Durante a fase de uso, artefatos domésticos podem ser tratados da mesma maneira com que são tratados brinquedos infantis. Itens são agrupados e desagrupados, guardados durante um período de tempo para que outros participem da brincadeira e até mesmo esquecidos durante alguns anos. Neste processo, são abertas possibilidades para que artefatos domésticos substituam a presença (ou ausência) de familiares e amigos, contribuindo para alegrar a vida dos membros da casa. Esta dinâmica encontra analogia nos sentimentos de Márcia, descritos na etnografia apresentada em *Things that bright up the place* (MILLER, 2006, p. 25). Márcia se ressentia com o comportamento de sua família e com a indiferença com que é tratada. Uma das formas de driblar com as sensações de abandono e solidão foi manter uma profusão de artefatos em sua casa que lhe fazem companhia e servem de brinquedos para sua distração.

Ao mesmo tempo, a arrumação de uma casa não para. As reorganizações frequentes - dar um *up*, transformar, restaurar, renovar, consertar, colar, etc - exigem que os ambientes da casa participem do processo, recebendo novas pinturas e revestimentos, por exemplo. Rituais completos neste sentido são observados, especialmente próximos as datas de final de ano, seguindo convenções familiares e/ou sociais.

Processos de manutenção periódicos são necessários para que os artefatos se mantenham em condições de uso a qualquer momento em que se tornem necessários. No entanto, quanto maior a frequência destes processos, mais aumentam as chances de danos ou perdas. Estratégias para minimizar as consequências negativas são criadas, incluindo a menor frequência de uso, a limitação de pessoas autorizadas para executar as manutenções e a limitação de acesso aos artefatos.

As estratégias que regem a utilização discriminam os artefatos domésticos em uma escala de aproximadamente três pontos, já ressaltados por Douglas e Isherwood (1996): uso diário, uso semanal - sábados e domingos - e uso anual - Natal, Ano Novo, Páscoa, entre outros eventos comemorativos. Assim, eventos do cotidiano e com alta frequência exigem artefatos de serviço que, se sofrerem danos durante os processos que envolvem o uso propriamente dito e durante as tarefas de limpeza, conservação e guarda, poderão ser facilmente substituídos. Eventos de baixa frequência e com alto valor simbólico exigem artefatos que denotam estima, cuidado e algumas vezes luxo. Nestes eventos espera-se a recepção de um grupo maior de pessoas - familiares, amigos

e convidados eventuais - que receberão um tipo de privilégio, uma consideração especial ou uma forma de carinho com a utilização de artefatos especiais.

Quando o proprietário não delega o trabalho para outras pessoas e ele mesmo procede aos rituais de limpeza e manutenção periódica dos artefatos, subentende-se que um tempo é dispensado e que poderia ser voltado para outra atividade. Essa energia direcionada a alguns itens considerados especiais, ou muito importantes em algum sentido para seus proprietários, pode ser categorizada no termo que Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999) utilizaram como “*cultivation*”. Assim, os rituais de limpeza e manutenção de itens que são portadores de significados especiais para seus proprietários trazem por um lado, uma recompensa, pois os artefatos têm suas vidas prolongadas e por outro lado, prometem um reconhecimento futuro, pois podem ser exibidos ou utilizados em eventos com a presença de uma platéia que vai conferir o cuidado dispensado.

Vínculos afetivos depositados em artefatos domésticos podem estar relacionados ao saudosismo de épocas passadas, geralmente momentos felizes, ou relacionados à marca do fabricante. Fabricantes de eletrodomésticos, eletroeletrônicos e de ferramentas vendidos no Brasil e que conquistaram a confiança do consumidor foram citados por informantes.

A convivência cotidiana, desde a infância e juventude, até a vida adulta, com marcas de fabricantes de eletrodomésticos e móveis, entre outros artefatos domésticos, pode contribuir no desenvolvimento da relação de confiança na marca e no desenvolvimento de vínculos afetivos, como verificado no estudo de campo. O mesmo processo se observa se estes artefatos apresentam características de funcionamento sem a necessidade de manutenções constantes, ou se as manutenções são fáceis e de preço acessível. Essas facilidades contribuem para a longevidade do artefato nas mãos de seu proprietário, assim como contribuem com a extensão de sua vida nas mãos de outros proprietários, seja em forma de presente, doação direta, doação indireta ou herança. Dessa maneira, as “marcas que marcam”, usando o termo de Júlia Lima (2008), participam de várias gerações familiares. A geração anterior vai transmitir, em certa medida, a confiança depositada na marca à geração posterior, ao mesmo tempo em que os mesmos artefatos que participaram de uma geração, vão prosseguir seu tempo de vida na geração seguinte.

A familiaridade e confiança na marca do fabricante que se apresenta na fase de uso podem levar, dessa maneira, a um alto nível de satisfação que prolonga o prazer na utilização do artefato doméstico e o transforma em um “produto para a vida” ou em um produto para além da vida (WOOLEY, 2003), quando pode ser incluído nos rituais de sucessão de bens. Quando é quebrada esta confiança, porém, a insatisfação, o desinteresse ou tédio predominam no relacionamento das pessoas e seus artefatos, dando início, muitas vezes, ao processo de tomada de decisão para aquisição de novo artefato e o descarte ou estocagem do anterior.

A mesma marca de um artefato entendida como fornecedora de produtos que apresentam alta durabilidade pode ser entendida de forma diferente por outra pessoa, permitindo sugerir que, “marcas que marcam”, nem sempre vão receber a confiança das pessoas. Artefatos recém adquiridos recebem reclamações de que não funcionam tão bem, por exemplo, mesmo com alto valor agregado em funções secundárias, além da(s) função(ões) principal(is). Os sentimentos de prazer, respeito e orgulho na posse e uso do artefato detentor de determinada marca, que poderia ser prolongado para uma fase de além termo, decrescem em função de problemas como, por exemplo, de mau funcionamento (JORDAN, 2000; WOOLEY, 2003). Estes artefatos, então, são candidatos a fazer companhia a outros artefatos que ainda funcionam nas estações de transbordo, ou são encaminhados para doação.

Importante trazer para este ponto da discussão, os resultados encontrados por Schifferstein e Zwartkruis-Pelgrim (2008a). Os autores sugerem que o grau de apego é maior, em geral, quando existe uma relação de prazer na interação com artefatos novos e quando são inscritas memórias em artefatos pertencentes há mais de vinte anos. Dessa maneira, a confiabilidade prévia na marca do fabricante, encontrada nos dados dos informantes, aliada ao bom funcionamento do produto, contribui para que o mesmo se torne indispensável. Neste processo, o artefato tende a ser estocado para uso eventual ou doado para pessoas próximas, quando se aproxima do final de sua vida útil, reiniciando seu percurso de vida. Quando, adicionalmente são inscritas memórias afetivas ou outro conteúdo simbólico importante para o proprietário, aumentam as chances do mesmo se tornar insubstituível ou ser estocado, mesmo sem cumprir suas operações principais. Em outras palavras, artefatos considerados insubstituíveis, que não funcionam, mas sobre os quais são depositados vínculos afetivos, podem ser estocados.

5.3.3. “Estações de transbordo”

A maneira de guardar os artefatos no ambiente doméstico discrimina-os também, em uma escala de aproximadamente três pontos: locais de fácil acesso para uso cotidiano, locais de difícil acesso para utilização em ocasiões especiais e locais praticamente inacessíveis quando o artefato não é utilizado. Dentre os locais de difícil acesso há aqueles mais altos - que necessitam de banquinhos ou pequenas escadas para alcançá-los - e aqueles que são trancados. Os locais praticamente inacessíveis são as prateleiras que necessitam de escadas altas, como, por exemplo, os armários de garagem, assim como os sótãos e os porões.

Artefatos podem permanecer escondidos em gavetas ou armários trancados hermeticamente, mas também podem ser visíveis às pessoas que freqüentam o ambiente doméstico, como no caso de louças em cristaleiras e estantes posicionadas nas salas de estar e jantar. Neste aspecto, um paradoxo se apresenta, pois ao mesmo tempo em que se observa o receio do roubo e do acesso por pessoas não autorizadas, se observa o desejo de exibição social. Estes artefatos são tratados, em última instância, como jóias valiosas que merecem ser vigiadas, ou como símbolos de status, seguindo o pensamento de McCracken (2003).

Para relegar um artefato ao não uso, basta que seja guardado em locais altos ou desorganizados, dificultando a tarefa de acessá-los. Nesta fase de estocagem do percurso de vida do artefato doméstico, estes locais se configuram como as estações de transbordo.

Boyd e McConocha (1996) lembram que os porões na casa de amigos também se colocam como opções, assim como empresas que prestam serviços de armazenamento. A dificuldade, para os autores, é que o acesso aos bens armazenados fora precisa ser programado. Tendo em vista que, para alguns, há a necessidade de fazer contato periódico com seus bens – admirá-los, verificar se estão em ordem, fazer manutenções preventivas, etc. – a facilidade de acesso é um fator importante a ser considerado.

Pesquisas desenvolvidas por McCracken (2003, p. 179, notas) sugerem que o hábito de estocar bens por período de um ou dois anos antes de descartá-los como doação, por exemplo, representa uma espécie de período para “dar um gelo”. Durante este período, o bem é desinvestido de seus significados e associações especiais.

No entanto, bens que são carregados de significados especiais – como no caso de memórias afetivas - não podem receber um “gelo” e ser dispensados. Para algumas pessoas, esses bens são estocados

permanentemente. Em casos extremamente necessários – como em uma mudança de endereço em que não existe a possibilidade de levar junto os itens especiais ou quando não há a disponibilidade de espaço para receber itens herdados – a doação para pessoas da família garante que esses artefatos permaneçam na própria família. Esta garantia também favorece oportunidades para que o proprietário doador entre em contato futuro com o bem.

Para aqueles artefatos que são fruto de herança familiar, é possível observar a dimensão espiritual envolvida no processo, como lembrado por Eclea Bosi (2010), ao comentar Mauss, ressaltando que esses artefatos diferem dos objetos de consumo por serem considerados sagrados: não se vendem, nem são cedidos, e a família jamais se desfaria deles a não ser com grande desgosto. Os artefatos, assim como os “bens de família” não circulam no mercado, pois sua venda seria ressentida como uma transgressão.

Ao mesmo tempo, é possível para o herdeiro se desfazer e guardar a herança, no processo chamado de retransmissão por Ane Gotman (1989, apud SINGLY, 2007). A distribuição de uma parte da herança para pessoas da família pode autorizar o uso pessoal do artefato ou liberar o herdeiro desse peso, graças a uma transmissão para a geração seguinte.

5.3.4. A difícil tarefa de descartar

Para algumas pessoas, um artefato não deve ser colado quando se quebra. Para outras, se o artefato já não está cumprindo sua principal função prática, deve ser substituído por outro imediatamente. Enviar para o conserto muitas vezes não se torna uma opção válida, tendo em vista o alto custo do serviço de manutenção. Comparativamente, a compra de um novo pode gerar compensação.

Grandes reformas, ou mesmo mudanças de endereço, geram oportunidades nas quais são verificados descartes de um grande número de itens que ainda funcionam no ambiente doméstico. Para as pessoas que almejam obter um lucro no descarte, como observado no estudo de campo, a venda em lojas de artigos usados se apresenta como uma opção, mas não de todo eficaz, pois, dependendo do tipo ou do estado do artefato, as lojas não se interessam pela compra. Entram em cena neste momento, pessoas próximas – parentes, amigos, empregados domésticos ou prestadores de serviço – que podem receber estes artefatos em forma de doações ou de presentes. Se, em último caso não se tornar viável este processo, itens que ainda estão em condições de uso são descartados para coleta seletiva, para coleta comum de resíduos

domésticos, ou simplesmente deixados na calçada ou em caçambas papa-entulho, no aguardo de algum interessado.

No entanto, nem todos seguem estes procedimentos. Estratégias foram observadas no intuito de evitar o descarte de artefatos, por um lado em razão do sentimento de forte apego e por outro lado, em função da existência de fortes vínculos afetivos. Se, por algum motivo, como por exemplo, na mudança hipotética de endereço, houver a necessidade de descarte de parte dos itens estocados, uma espécie de sofrimento é verificada. Para driblar o sofrimento gerado pelo sentimento de perda, uma autocensura é instaurada, em geral advinda de pressões externas. Discussões a respeito da existência de energias positivas ou negativas que transcendem o plano material ou o mundo material e concreto são empreendidas com pessoas próximas, visando à observação dos hábitos de colar artefatos quebrados. Sugestões veiculadas em programas de televisão, bem como conselhos de reguladores estéticos também influenciam o processo de autocensura, facilitando o processo de desapego material.

Vínculos afetivos desenvolvidos pelas pessoas com seus artefatos domésticos também se revelam como fortes motivações para retardar ou até mesmo impedir o descarte de itens. Para os artefatos que, mesmo precariamente, ainda estão em condições de uso, novas vidas são observadas em outros ambientes da casa – varandas externas, ambientes com churrasqueiras, áreas de serviço, lavanderias, etc – e/ou numa segunda casa da família – casa ou apartamento na praia.

Estas opções oferecem chances na obtenção de certa proximidade com estes artefatos, bem como na garantia de novas vidas em outros ambientes ou nas mãos de outros proprietários. Nesta dinâmica, o percurso do artefato doméstico pode entrar em *loopings*, estendendo seu tempo de vida.

O repasse de artefatos que contém inscrições de laços afetivos para pessoas próximas proporciona oportunidades para que o item se mantenha na família ou próximo ao seu proprietário. Pessoas consideradas como boas guardiãs são selecionadas especialmente para exercer o cuidado necessário e para que sejam possibilitados contatos periódicos com o item. Nesta estratégia, o contato com o artefato diminui, mas não se extingue.

As retransmissões por meio de heranças são realizadas ainda em vida por guardiões de bens familiares. Similarmente, neste caso, são selecionadas as pessoas apropriadas para o cuidado e também a manutenção do item na família. Um dos critérios para a seleção de

familiares que exercerão o cuidado pode ser a existência de vínculos afetivos entre familiares de diferentes gerações. Sob esta perspectiva, os vínculos afetivos se caracterizariam como garantidores da extensão da memória familiar e da vida do artefato propriamente dita.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória se revela neste trabalho de pesquisa como o principal componente dos vínculos afetivos estabelecidos entre as pessoas e seus artefatos. Artefatos estão presentes no ambiente doméstico para cumprir suas funções práticas, mas também, e algumas vezes principalmente, para cumprir funções estético/simbólicas relacionadas à manutenção de memórias. Memórias afetivas são depositadas em artefatos do cotidiano de maneira que, frequentemente, seja possível entrar em contato com lembranças positivas de eventos passados, com lembranças de pessoas que não estão mais presentes, com sentimentos de pertencimento a um grupo e com afirmações de identidades, entre outras possibilidades.

O afeto conforma-se como um fator central nos processos envolvidos na memória e na maneira como o homem percebe sua própria realidade. Cada artefato, lugar, fenômeno ou evento é percebido e significado de maneira diferente, dependendo dos estados afetivos, dos grupos sociais e das culturas que envolvem esses grupos, afetando os processos de codificação, armazenamento e recuperação de informações.

O ambiente doméstico, considerado um ecossistema simbólico dinâmico, constitui-se em espaço para articulação de uma série de significados que têm em seus artefatos suporte ideal para operações de trocas simbólicas entre seus membros e seus visitantes. Considerado também como um refúgio e um lugar que comporta a privacidade, o ambiente doméstico abriga a história particular da família, contendo elementos do passado, presente e possibilidades para o futuro. Pela genealogia dos artefatos domésticos e pelo estudo de seus rituais de consumo, verificam-se por um lado, as possibilidades para que as memórias de uma família se estendam por várias gerações e, por outro lado as possibilidades de extensão de vida do próprio artefato. Este prolongamento do tempo de vida pode ser análogo à árvore genealógica de uma família, cunhado nesta pesquisa como a genealogia dos artefatos domésticos.

Memórias identitárias também fazem parte do cotidiano do ecossistema dos artefatos domésticos e podem evidenciar processos de ressignificação de identidades individuais ou coletivas. A construção de memórias coletivas abrange também a (re)construção de memórias de um passado imperfeito, tornado perfeito pela imaginação criativa de seu coletivo e de tradições inventadas para tornar presentes e concretas as memórias imaginadas. Artefatos que contém inscrições de memórias identitárias também participam da genealogia dos artefatos domésticos e

podem contribuir para a estabilidade e perenidade de grupos culturais específicos. Ao mesmo tempo, este processo de afirmação de identidades contribui para a perenidade dos próprios artefatos de memórias identitárias.

A dinamicidade também é observada nas frequentes reorganizações do ambiente doméstico, as quais sofrem muitas vezes, regulações externas. As regulações externas, provenientes de conselhos de pessoas próximas, de profissionais de arquitetura, design ou decoração e de programas de televisão entre outros, podem balizar decisões de manter ou descartar determinados artefatos. Pressões produzidas pelo sistema da moda também influenciam na tomada de decisão para movimentos de reformas, ampliações e adaptações frequentes no ambiente doméstico. No entanto, as pessoas oferecem fortes resistências a estes reguladores estéticos, quando o assunto é o descarte de artefatos portadores de memórias. Neste caso, as memórias afetivas depositadas nos artefatos operam como blindagens as mudanças. Artefatos considerados *démodé*, brega ou *kitsch* fazem parte da árvore genealógica dos artefatos domésticos e contém uma aura protetora contra influências externas de gosto.

Ao ser observado o ciclo dos artefatos no ambiente doméstico, observa-se que em todas as fases – pré-aquisição, aquisição, uso, guarda e descarte – acontecem momentos memoráveis. Na fase de pré-aquisição e aquisição, rituais de partilhas de bens se revelam como oportunidades para a escolha de bens originados de herança que poderão dar continuidade ao relacionamento afetivo com entes queridos que já faleceram. A aquisição de artefatos que fazem lembrar momentos felizes da vida também se revela como uma tentativa de dar continuidade ao sentimento experimentado originalmente. Os dois casos exemplificam decisões conscientes no intuito de, ao adquirir um artefato de memória, (re)adquirir simultaneamente a lembrança afetiva dos sentimentos originais.

Vínculos afetivos depositados em artefatos podem afetar as maneiras como são organizados os ambientes domésticos e seus processos de manutenção. Estratégias para evitar que pessoas não autorizadas entrem em contato com estes artefatos considerados especiais são criadas, com o objetivo de evitar danos, roubos ou perda. Para que estes eventos negativos não aconteçam, o proprietário procede à limpeza, guarda os itens em locais protegidos e utiliza-os em ocasiões especiais, com a presença de uma platéia considerada especial.

Em se tratando de vínculos afetivos desenvolvidos por marcas de determinados fabricantes, ressalta-se que a confiança construída ao

longo de vários anos contribui para a longevidade do artefato. Este artefato pode participar da árvore genealógica dos artefatos da família, pode ser estocado, mesmo que não funcione, ou pode ser doado, continuando seu ciclo de vida nas mãos de outra pessoa. No entanto, se um artefato da mesma marca for adquirido e não cumprir suas funções principais, ele pode ser estocado, mesmo não funcionando, ou pode ser encaminhado para doação. Neste caso, a confiança na marca é abalada.

A estocagem de artefatos no ambiente doméstico obedece muitas vezes a critérios rigorosos. Para os itens que são utilizados poucas vezes ao ano ou nunca são utilizados, locais praticamente inacessíveis são criados. Estes locais, chamados de estações de transbordo, também podem conter itens que não funcionam mais e que seus proprietários demoram a descartar. Alguns itens que carregam significados especiais, porém, são estocados permanentemente.

A tarefa de descartar artefatos domésticos pode ser comprometida pela existência de vínculos afetivos que operam como balizadores na tomada de decisão. Itens são remanejados para outras áreas da casa ou para uma segunda casa – de campo ou praia, por exemplo. Itens também podem continuar seu ciclo de vida nas mãos de algum membro da família. Em geral, os artefatos recebidos como herança não são vendidos e continuam na família. Neste caso, os vínculos afetivos garantiriam a extensão da memória familiar e a vida do artefato. Nos casos em que o artefato volta a circular no ambiente doméstico, é repassado a outro membro da família ou pessoa próxima, seu ciclo de vida opera em *loopings* prolongando seu tempo de vida.

Sob as perspectivas reunidas acima, o acúmulo de memórias em produtos pode se conformar como um grande aliado, tendo em vista que é uma estratégia promissora para o aumento de vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos em longo prazo. Se as relações afetivas com um artefato são tão envolventes que estimulam seu uso e sua manutenção periódica, conseqüentemente retardam seu descarte e ampliam as possibilidades para que sua vida seja estendida.

Estudos sobre a memória afetiva em seres humanos devem ir além dos aspectos cognitivos, incorporando conhecimentos de áreas transdisciplinares de pesquisa, tais como a Psicologia, a Antropologia, a Neurociência, o Marketing e as Ciências Sociais. A abordagem cultural e etnográfica também é importante para a compreensão de conteúdos acessados diretamente no contexto de uso de produtos.

O estudo aprofundado do afeto e da memória nos relacionamentos das pessoas com artefatos de seu cotidiano no contexto

de uso pode vir a ocupar um papel de maior importância em design e em ergonomia. As contribuições são visualizadas no desenvolvimento de estratégias para inserção de atributos capazes de despertar lembranças carregadas de sentimentos afetivos significativos na relação das pessoas com os produtos, bem como na mediação destes na relação entre as pessoas.

Pesquisas que abordam artefatos do cotidiano no contexto de uso aprofundam estudos relacionados a conteúdos subjetivos, especialmente dos afetos presentes nas relações entre o homem e seus artefatos. A inscrição da afeição nos artefatos domésticos revela não somente questões de significação e representação de identidades, como também dimensões culturais e sociais que de alguma forma regulam e mantêm esses artefatos ou, em outras palavras, toda a “população que habita” uma casa.

Dessa maneira, mais pesquisas para construções de métodos que facilitem a inserção de fatores que beneficiem a inscrição de memórias afetivas no processo de design são necessárias. Além da possibilidade de proporcionar relações de qualidade entre as pessoas e seus artefatos, inscrições de memórias afetivas em móveis e outros artefatos possibilitam vínculos afetivos fortes o suficiente para promover a extensão da memória de indivíduos e grupos sociais, assim como a extensão do tempo de vida dos produtos. Tais métodos, porém, necessitam ser flexíveis e transdisciplinares, conjugando-se à complexidade, dinâmica e diversidade cultural e a contextos em que se insere o cotidiano de cada indivíduo e grupo social.

Importante também, para o design e ergonomia, vincular estudos sobre memória e identidade frente aos fenômenos globais de migrações de populações. Sob este aspecto, o estímulo à criação de vínculos afetivos entre pessoas e seus artefatos pode contribuir no processo dinâmico de construção de novas identidades necessárias para adaptações a novos ambientes. Vínculos afetivos mediados pelos artefatos podem funcionar como ligações imaginadas entre pessoas que se sentem isoladas, mas que têm alguma coisa em comum.

6.1. ATENDIMENTO AOS OBJETIVOS E QUESTÕES NORTEADORAS

As teorias a respeito das maneiras com que as pessoas significam as relações com seus artefatos e que emergiram durante o processo de análise dos dados – a inscrição de memórias afetivas, a genealogia dos artefatos domésticos, as memórias identitárias, os critérios utilitários, a experiência estética e o percurso dos artefatos no ambiente doméstico –

contribuíram para o cumprimento do objetivo geral da pesquisa. Adicionalmente, ofereceram um cenário descritivo da vida doméstica contemporânea, corroborado por outras pesquisas que vêm desenvolvendo os mesmos objetos de análise, tanto no Brasil quanto em outros países.

O estado de Santa Catarina, assim como todo o contexto brasileiro, apresenta uma diversidade cultural expressiva. Diferentes culturas se entrelaçam formando um mosaico em permanente mutação. A mesma dinâmica foi observada na amostra desta pesquisa, tendo em vista que os descendentes dos imigrantes colonizadores alemães foram formando novas famílias com descendentes de imigrantes de outros países europeus e também com aqueles que já habitavam o território brasileiro. Por este e outros motivos, os dados fornecidos pelos informantes, assim como os resultados da análise empreendida na pesquisa não pretenderam ser determinantes. Hábitos descritos nas entrevistas podem ter origem não na tradição familiar germânica, mas sim em outros ramos da árvore genealógica. Este fato, no entanto, não diminuiu o *status* da pesquisa, pois não afetou o alcance dos objetivos nem à obtenção da resposta à pergunta de pesquisa.

Durante as entrevistas utilizadas para coleta de dados, a solicitação aos informantes para seleção dos itens mais importantes a serem levados em caso de uma hipotética mudança de endereço mostrou-se extremamente profícua. A seleção permitiu alcançar o primeiro objetivo específico da pesquisa,

— Identificar os artefatos mais importantes presentes no ambiente doméstico.

A confecção das taxonomias e paradigmas, além de possibilitar o resumo e o foco dos assuntos abordados na primeira entrevista, proporcionou a validação dos dados pelos informantes e a exploração dos motivos pelos quais os informantes selecionaram os itens mais importantes. A análise dos dados a partir de categorizações e de teorias emergentes permitiu compreender algumas preferências, satisfações/insatisfações, hábitos e costumes relacionados à interação homem-artefato. Mesmo sendo observadas similaridades, ressaltam-se as experiências individuais, as memórias familiares e a história pessoal dos(as) informantes, que alteram e ressignificam dinamicamente a maneira como as pessoas interagem e se vinculam com os artefatos. Com estes procedimentos foi possível alcançar dois objetivos específicos da pesquisa:

— **Identificar os principais vínculos afetivos presentes na relação entre as pessoas e os artefatos no ambiente doméstico.**

— **Verificar quais são os atributos específicos do artefato doméstico que respondem pelos vínculos afetivos com as pessoas.**

Vínculos afetivos observados entre as pessoas e seus artefatos não são uma propriedade ou uma função intrínseca do artefato ou da pessoa em si. Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos representam uma junção dos dois. Os principais vínculos afetivos identificados no estudo de campo se referem de alguma maneira com as memórias afetivas tornadas concretas por meio de sua representação em artefatos domésticos. Lembranças de eventos especiais, lembranças de entes queridos falecidos ou não, lembranças de fases boas e importantes das vidas das pessoas são constantemente evocadas a partir do contato diário com artefatos de memória. Artefatos recebidos em forma de herança apresentam uma forma particular de participar do contexto doméstico, pois contribuem na extensão da memória familiar.

A evocação de memórias afetivas coletivas também se faz presente na intenção de preservação de uma identidade coletiva, como constatado na comunidade de descendentes de alemães em Santa Catarina. A necessidade de preservação da identidade, neste caso, se mantém desde o período colonizador brasileiro. Verifica-se, então, um passado histórico marcado pela necessidade de uma coesão identitária coletiva e, ao mesmo tempo marcado pela necessidade de ressignificação constante de identidades visando a vencer as dificuldades e a celebrar as conquistas no território brasileiro. Na contemporaneidade, símbolos de um passado glorioso, mesmo com as dificuldades, são reavivados, ressignificados e utilizados como artefatos de memória para reafirmar identidades imaginadas.

A inscrição de memórias afetivas possibilita a ampliação da importância de um artefato trivial para uma dimensão simbólica e pode, adicionalmente, operar como uma blindagem a mudanças de cunho estético, pressionadas pelo sistema do envelhecimento estético e pelo atual modelo de consumo.

A elaboração do modelo do percurso dos artefatos no ambiente doméstico permitiu alcançar o último objetivo específico da pesquisa,

— **Verificar se a existência de vínculos afetivos entre as pessoas e artefatos no ambiente doméstico contribui positivamente para a extensão de vida do produto.**

Durante o percurso de um artefato no ambiente doméstico, incluindo a fase de pré-aquisição, momentos importantes para as vidas

das pessoas são verificados e tornados memoráveis por meio do processo de inscrição de memórias afetivas. Em todas as fases do percurso são verificadas estratégias visando a prolongar a vida destes artefatos de memória. Em função dos vínculos afetivos desenvolvidos durante o percurso do artefato de memória, para algumas pessoas se torna doloroso o processo de descarte. Assim, o percurso do artefato pode operar em *loopings*, fazendo com que seja dado um novo início ao ciclo.

6.2.RECOMENDAÇÕES

Dois dos grandes desafios encontrados na presente pesquisa foram a seleção dos dados mais importantes para satisfazer as categorizações, tendo em vista a grande quantidade de dados colhidos com as entrevistas em profundidade, bem como a análise das teorias identificadas. Com referência à fase de análise, é importante ressaltar o tempo requerido para absorção dos dados, para o entendimento e para a elaboração de um texto que faça sentido para o leitor que não esteve presente e não teve oportunidade de conhecer o contexto e os informantes que participaram do estudo. Outra preocupação diz respeito à transformação do conteúdo obtido para a aplicação na prática do Design e Ergonomia, que foi anteriormente partilhada por Bell (2001). Para a pesquisadora, transmitir os dados para as pessoas e empresas interessadas não é suficiente. Faz-se necessário que este público entenda e possa fazer uso do material gerado, especialmente no que se refere ao entendimento das diferenças entre pesquisas quantitativas e qualitativas.

Os sete parâmetros utilizados inicialmente para organizar as entrevistas e estruturar inicialmente a análise dos dados com o uso do programa Atlas.ti, quais sejam: tempo, significados, relação, espaço, identidade, material e cultura, deixaram a mostra uma abundância de novos temas que estão à espera de desenvolvimentos futuros. Estes temas podem ser retomados em pesquisas futuras, tendo em vista que, a partir deles e de suas subcategorias, novos conteúdos podem ser acessados e, por sua vez, expandir conceitos e esclarecer inter-relações que não foram consideradas nesta pesquisa por não fazerem parte do escopo proposto.

Assim, como recomendações para futuros trabalhos, poderão ser ampliados estudos sobre a organização do espaço doméstico; sobre a análise do poder aquisitivo e nível de instrução dos informantes em relação aos conceitos de estética, design e moda; e sobre as questões de gênero que permeiam a vida doméstica.

Apesar de também não fazer parte do escopo da pesquisa, a inserção em projeto de produtos de fatores que provoquem lembranças em seus proprietários surge como uma recomendação para trabalhos futuros. O delineamento de um modelo ou de um método abrangendo as várias etapas de projeto poderia ser criado. Essa recomendação seria também embasada pela série de estudos que vem sendo publicados a respeito do papel da memória nas relações do homem com seu universo material, e que foram brevemente apontados neste trabalho.

O conjunto de imagens obtido, bem como as citações dos informantes e suas respectivas análises refletem modos de vida, de consumo e de interações por meio dos quais, espera-se contribuir em futuros estudos e pesquisas acerca de temas correlatos, para maior compreensão e melhor entendimento da relação entre a sociedade e a cultura material. A “história” que um artefato pode conter, por meio de atributos físicos naturais, provocada pelo seu uso ou inserida propositadamente durante o processo de design, é um importante recurso pelo qual as pessoas podem resgatar sentimentos de identidade e de pertencimento a grupos culturais.

O modelo de percurso de artefatos no ambiente doméstico oferece pistas para formuladores de políticas públicas por meio de formas alternativas de aquisição e descarte de produtos.

Nas fases de pré-aquisição e aquisição, incentivos à inclusão de informações que orientem ao consumidor quanto à vida útil do produto, às formas de uso, reuso, manutenção, armazenamento, entre outras, contribuem com a educação para aquisição, uso e descarte de produtos. Informações desta natureza podem ser utilizadas como atrativos iniciais para aquisição e como critérios que podem ser balanceados entre produtos concorrentes. Esse processo educativo pode preencher lacunas nas políticas de proteção ao consumidor e vir a orientar ações nas empresas com novas abordagens para o bem estar social e não apenas abordagens visando exclusivamente ao lucro com aumento de vendas.

A fase de guardar artefatos no ambiente doméstico pode vir a ser mais estudada em design e ergonomia, especialmente quanto aos aspectos físicos de manejo entre as estações de transbordo e sua volta ao uso ou seu descarte/disposição.

Com relação ao descarte de produtos, estratégias visando a facilitar a destinação podem ser implementadas, evitando que produtos que ainda funcionem sejam direcionados a aterros sanitários perdendo suas propriedades de funcionamento, passem por grandes períodos em locais desprotegidos contra intempéries e vandalismos, como as calçadas e terrenos baldios. Sob este aspecto, a Política Nacional de

Resíduos Sólidos, publicada em 2011 vem prestar grandes contribuições, especialmente no que se refere às recomendações para a logística reversa.

O descarte prematuro de bens também pode vir a ser considerado com mais ênfase em pesquisas. A falta de confiança em alguns produtos foi demonstrada por informantes que mantinham em estações de transbordo itens que ainda funcionavam, visando suprir eventual falta de funcionamento de itens recém adquiridos. A política de substituição total do produto danificado em vez de sua manutenção pode vir a ser alterada, uma vez que a indústria promova ou facilite os serviços de reparos.

Políticas de incentivo à doação por caridade podem ser implementadas, como a dedução fiscal em imposto de renda, como apontaram com bastante precisão, Boyd e McConocha (1996). Para tanto, se faz necessário que as pessoas sejam esclarecidas quanto aos reais benefícios na disposição desses bens e quais os potenciais custos/benefícios para a sociedade.

Artefatos que são guardados como jóias são recorrentes em várias pesquisas sobre objetos de consumo domésticos. Mais pesquisas no mundo do design e ergonomia são necessárias, tendo em vista que critérios precisam ser adotados para proteção contra usos considerados como potenciais formas de quebra, dano físico, roubo, etc. No campo do design de móveis, estratégias podem ser incluídas, visando a dificultar o acesso de crianças e outras pessoas a artefatos pelos quais são mantidos vínculos afetivos. Essas estratégias devem vir acompanhadas, impreterivelmente, de preocupação quanto ao acesso facilitado, pois, guardar ou esconder em locais inacessíveis até mesmo para as pessoas que são autorizadas a utilizar esses artefatos mostra-se uma estratégia inadequada. Inadequada porque induz ao não uso.

Sob esse aspecto, o estímulo do sentimento de apego a uma série de produtos que geralmente são guardados em garagens ou depósitos não visitados no cotidiano, em locais inacessíveis e muitas vezes insalubres não é considerado interessante. O acúmulo de bens que geralmente não são usados, ou porque já não funcionam ou porque não servem mais (no caso de roupas, por exemplo) e que permanecem estocados por longos períodos pode gerar um desperdício de recursos em sua manutenção no ambiente doméstico. Frequentemente esses bens são jogados diretamente no lixo, uma vez que já perderam todas as possibilidades de (re)utilização pelos proprietários ou por supostos receptores (em casos de possíveis doações, por exemplo).

Vínculos afetivos entre as pessoas e seus artefatos forjados a partir de conteúdos emocionais que reforçam a identidade cultural de grupos específicos podem ter seu estudo ampliado no campo do design. Concordando com Maristela Ono (2006), o design poderia focar em grupos culturais mais específicos de cada região e país, onde tem sido normalmente tratado de uma forma genérica, em termos de satisfação para os requisitos simbólicos, práticos e técnicos. No Brasil e em Santa Catarina, mais especificamente, tendo em vista a característica de grande diversidade cultural, é preciso uma melhor compreensão sobre as características identitárias, bem como suas necessidades e anseios.

Se artefatos que contém inscrições afetivas relacionadas a memórias identitárias foram eleitos como itens importantes no ambiente doméstico, é possível supor que a inscrição de memórias identitárias em produtos é uma estratégia para a extensão de vida do produto, bem como uma importante estratégia para a atualização dessas memórias.

REFERÊNCIAS

AGUDO, Begoña. **A investigação aplicada ao design industrial: técnicas estatísticas e aplicações**. Mini curso. 12 ago. 2010, 2010.

ANDERSON, Benedith. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

_____. **A criança e a vida familiar no antigo regime**. Lisboa: Antropos, 1988.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DEUTSCHE WELT. **História**. 1999.
Disponível em: <http://www.deutschewelt.com.br/>. Acesso em: 10 Ago 2012.

ATTFIELD, Judy. **Wild things: the material culture of everyday life**. Oxford: Berg, 2005.

_____. Redefining kitsch: the politics of design. **Home Cultures**, v. 3, n. 3, p. 201-212. 2006.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Ed.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 21-44.

BARROS, Mariana L. P. de. **A arquitetura das memórias: um estudo do tempo no discurso autobiográfico**. (Dissertação). Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins. **Memória e Família**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em: 22 set 2011.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELK, Russell W. The role of possessions in constructing and maintaining a sense of past. **Advances in Consumer Research**, v. 17, n., p. 669-676. 1990.

BELL, Genevieve. Looking across the Atlantic: using ethnographic methods to make sense of Europe. **Intel Technology Journal**, v. 5, n. 3, p. 2001.

BIANCHI-BERTHOUBE, N.; LISETTI, C. L. Modeling multimodal expression of user's affective subjective experience. **User modeling and user-adapted interaction**, v. 12, n. 1, p. 49-84. 2002.

BIERNACKI, Patrick; WALDFORD, Dan. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 2, n., p. 141-63. 1981.

BORGES, Ecatherina A. B. **A linguagem dos objetos na habitação contemporânea: a sala de “estares”**. (Dissertação). Departamento de Artes & Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo:

Companhia das Letras, 2010. 484 p.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008. 560 p.

BOYD, Thomas C.; McCONOCHA, Diane M. Consumer household materials and logistics management: inventory ownership cycle. **Journal of Consumer Affairs**, v. 30, n. 1, p. 218-218. 1996.

BRASIL. **Conselho Nacional da Saúde**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 1996.

_____. **Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: despesas, rendimentos e condições de vida**. 2010.

BRUXEL, Karin. **A cama de casal: um estudo sobre conjugalidades em Santa Catarina**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis, 2005. 208 p.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Lúvia; CAMPBELL, Colin (Ed.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 47-64.

CARDOSO, Cristina L.; GONTIJO, Leila A. **Ciclo de vida de móveis e objetos no contexto doméstico: os papéis do afeto e da memória**. In: XVI Congresso Brasileiro de Ergonomia. Rio de Janeiro: ABERGO. 2 a 6 ago, 2010a.

_____. **Identidade e vínculos afetivos entre usuários e objetos do cotidiano** In: 11º Ergodesign. Manaus, 2010b.

CAVALCANTI, Lauro. Morada e camadas médias: íntimos, social e serviço. In: GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro (Ed.). **Morar: a casa brasileira**. Rio de Janeiro: Avenir Ed. Ltda, 1984. p.

CHAPMAN, Jonathan. **Sustaining relationships between people and things**. In: 5th Design & Emotion Conference. Gothenburg: Design & Emotion Society, 2006.

COOPER, Tim. **Inadequate life? Evidence of consumer attitudes to product obsolescence**. Disponível em:
<http://www.springerlink.com/content/h50u0025081358m1/fulltext.pdf>.
Acesso em: 20 março 2010.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; ROCHBERG-HALTON, Eugene. **The meaning of things: domestic symbols and the self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 304 p.

DAL POZ, João; SILVA, Marcio F. Informatizando o método genealógico: um guia de referência para a Máquina do Parentesco. **Teoria e Cultura**, v. 3, n. 1/2, jan/dez, p. 63-78. 2008.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 330 p.

DAMAZIO, Vera; DIAS, Pablo. www.a.site.for.things-that.bring.back.memories. In: 2003 DPPI - Conference on Designing Pleasurable Products and Interfaces. Pittsburgh. June 23-26, 2003.

DAMAZIO, Vera M. **Artefatos de memória da vida cotidiana: um olhar interdisciplinar sobre as coisas que fazem bem lembrar**. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Design & Emotion: towards the design of memorable products.**
Aula proferida em: Indian Institute of Technology Kanpur, Kanpur, 2009.
Disponível em: <http://www.dad.puc-rio.br/iitkaupur.design.india.pdf>.
Acesso em: agosto 2012.

DENIS, R. C. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Arcos: Design, cultura material e visualidade**, v. 1, n. número único, p. 14-39. 1998.

DESMET, Pieter. **From disgust to desire: how products elicit emotions.**
In: 3 th International Conference Design and Emotion. Loughborough:
Design and Emotion Society. 2003, 2003.

DESMET, Pieter M. A. Faces of product pleasure: 25 positive emotions in human-product interactions. **International Journal of Design**, v. 6, n. 2, p. 1-29. 2012.

DESMET, Pieter M. A.; HEKKERT, Paul. Framework of product experience. **International Journal of Design**, v. 1, n. 1, p. 57-66. 2007.

DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **Material, design e conhecimento: a percepção dos usuários e sua contribuição para o projeto de produtos.** (Tese). Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. 358 p.

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens vinte anos depois. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 17-32. 2007.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **The world of goods: towards an anthropology of consumption.** London: Routledge, 1996.

DOWNING, F. Transcending memory: remembrance and the design of place. **Design Studies**, v. 24, n. 03, p. 213 – 235. 2003.

EKMAN, Paul. **Emotions revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life**. New York: Times Books, 2003.

EPA, United States Environmental Protection Agency. **Life cycle design guidance manual: environmental requirements and the product system**. Cincinnati: EPA, 1993.

FRIJDA, Nico H. **The emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

FULTON, Jane. Physiology and design: new human factors. **American Center for Design Journal**, v. 7, n., p. 1 7-15. 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GODDEN, D.; BADDELEY, A. D. Context-dependent memory in two natural environments: on land and under water. **British Journal of Psychology**, v. 66, n. 3, p. 325-331. 1975.

GOODALL, H. L. **Writing the new ethnography**. New York & Oxford: Altamira press, 2000.

GRADELA, Anna Lúcia R. **Planejamento institucional - ato racional, político e simbólico: estudo de caso da Faculdade OPET**. (Dissertação). Programa de Mestrado em Educação, Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

GREEN, W. S.; JORDAN, P. W. **Pleasure with products: beyond usability**. London: Taylor & Francis, 2002.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: nova arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. Moradia e identidade étnica. In: GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro (Ed.). **Morar: a casa brasileira**. Rio de Janeiro: Avenir Ed. Ltda, 1984. p. 94.

GUIMARÃES, Ana Lucia Verdasca. **Design, Sociedade e Cultura: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos**. (Tese). Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HANSON, James W. A proposed paradigm for consumer product disposition processes. **Journal of Consumer Affairs**, v. 14, n. 1, p. 49-67. 1980.

HARRELL, Gilbert D.; McCONOCHA, Diane M. Personal factors related to consumer product disposal tendencies. **Journal of Consumer Affairs**, v. 26, n. 2, p. 409-417. 1992.

HELANDER, Martin G.; KHALID, Halimahtun M. Affective and Pleasurable Design. In: SALVENDY, Gavriel (Ed.). **Handbook of Human Factors and Ergonomics**: John Wiley & Sons, Inc., 2006. p. 543-572.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Ed.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLBROOK, M. B.; HIRSCHMAN, E. C. **The experiential aspects of consumption: consumer fantasies, feelings, and fun**. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/toc/jcr/1982/9/2>. Acesso em: 07 maio 2010.

HOLBROOK, Morris B.; SCHINDLER, Robert M. Nostalgic bonding: exploring the role of nostalgia in the consumption experience. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 3, n. 2, 24 março 2010, p. 107-127. 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos**: Houaiss, 2008.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JORDAN, P. W. **Designing Pleasurable Products**. London: Taylor & Francis, 2000.

KESSOUS, Aurélie; ROUX, Elyette. A semiotic analysis of nostalgia as a connection to the past. **Qualitative Market Research: An International Journal**, v. 11, n. 2, p. 192-212. 2008.

KLEIN, Stanley B.; ROBERTSON, Theresa E.; DELTON, Andrew W. Facing the future: Memory as an evolved system for planning future acts. **Memory & Cognition**, v. 38, n. 1, Jan, p. 13-22. 2010.

KLEINE, Susan S.; KLEINE, Robert E.; ALLEN, ChrisT. . How is a possession "me" or "not me"? Characterizing types and an antecedent of material possession attachment. **Journal of Consumer Research**, v. 22, n., p. 327-343. 1995.

KRIPPENDORFF, Klaus. On the essential context artifacts or on the proposition that "Design is making sense (of things)". In: MARGOLIN, V.; BUCHANAN, R. (Ed.). **The idea of design**. Cambridge: MIT Press, 1998. p.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva/USP, 2006. 205 p.

LEDOUX, Joseph. **O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

_____. **Sorting out memories and emotion**. 2007. Disponível em: <http://www.dana.org/>. Acesso em: 19 maio 2010.

LEMOS, Carlos. **A casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989. 83 p.

LEVINE, Linda J.; PIZARRO, David A. Emotion and memory research: a grumpy overview. **Social Cognition**, v. 22, n. 5, p. 530-554. 2004.

LIEBEL, Vinícius. Entre sentidos e interpretações: apontamentos sobre análise documentária de imagens. **Educação Temática Digital - Pesquisa**, v. 12, n. 2, jan/jun, p. 172-189. 2011.

LIMA, Júlia Peixoto de Carvalho. **Marcas que marcam: um estudo sobre a relação emocional das pessoas com as marcas**. (Dissertação). Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 190 p.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2001.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Antonacci, M^a Antonieta (Ed.). **Projeto História: trabalhos da memória**. São Paulo: Educ - PUC/SP, 1998. p. 63-202.

MAILER, Valéria. C. de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MALAGUTI, Cynthia. Design e valores materializados: cultura, ética e sustentabilidade. In: MORAES, Dijon; KRUCKEN, Lia (Ed.). **Cadernos de estudos avançados em design: sustentabilidade**. Barbacena: EdUEMG, 2009. p. 27-37.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. São Paulo: EDUSP, 2002.

McCRAKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

McCURDY, D. W.; SPRADLEY, J. P.; SHANDY, D. J. **The Cultural Experience**. Long Grover: Waveland Press, 2005.

McGRANT, D. **Culture and consumption II: markets, meaning, and brand management**. Bloomington: Indiana University Press, 2005.

MENDES, Mariuze Dunajski. **Trajetórias sociais e culturais de móveis artesanais trançados em fibras: temporalidades, materialidades e espacialidades mediadas por estilos de vida em contextos do Brasil e Itália**. (Tese). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. 349 p.

METTE, Patricia Adriana. **Calendário histórico cultural: a**

contextualização das festas tradicionais realizadas em Blumenau-SC para promoção turística. (Dissertação). Centro de Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2005.

MILES, Matthew B.; HUBERMANN, A. Michael. **Qualitative data analysis: a sourcebook of new methods** California: Sage Publications, 1984.

MILLER, Daniel. Things that bright up the place. **Home Cultures**, v. 3, n. 3, p. 235-249. 2006.

_____. **Consumo como cultura material.** jul./dez., 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLES, Abraham A. **Teoría de los objetos.** Barcelona: Gustavo Gili, 1975. 191 p.

MUGGE, Ruth; SCHIFFERSTEIN, Hendrik N. J.; SCHOORMANS, Jan P. L. **Personalizing product appearance: the effect on product attachment.** In: 4 th International Conference on Design & Emotion. Ankara, Turkey: Design & Emotion Society. 2004, 2004.

NIEMEYER, Lucy. **Design atitudinal.** 8º P&D - Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo:16 out, 2008.

NORMAN, D.A. **Emotional Design.** New York: Basic Books, 2004.

ONO, Maristela M. **Design industrial e diversidade cultural: sintonia essencial.** (Tese). FAUSP, USP, São Paulo, 2004.

ONO, Maristela Mitsuko. Cultural diversity as a strategic source for designing pleasurable and competitive products. **Journal of design research**, v. 5, n. 1, p. 3 - 5. 2006.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994. 376 p.

PMF, Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Coleta de lixo pesado**. 2012. Disponível em:
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?pagina=servpagina&acao=open&id=4316&menu=3>. Acesso em: Dez 2012.

POLLAK, Michael. Memoria e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992.

POLLAK, Michael **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em: 22 set 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA. **Foi dada a largada para as festas de outubro com a 7ª oktobertanz**. Página inicial: Notícias, 2007. Disponível em:
<http://www.pmspa.sc.gov.br/conteudo/?item=9618&fa=1&cd=15279>. Acesso em: 23 set. 2012.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Questões pontuais sobre design e identidade. In: QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro (Ed.). **Design e identidade**. Curitiba: Editora Peregrina, 2008. p. 13-33.

ROSO, Adriane. Psicologia e história: acerca da construção de árvores genealógicas ou como retomar lembranças de família em sociedades de rede. **Psico**, v. 41, n. 3, jul/set, p. 385-392. 2010.

RUSSO, Beatriz; HEKKERT, Paul. **On the experience of love: the underlying principles**. In: Conference on Designing Pleasurable Products

and Interfaces. Helsinki, 2007.

SALAMAN, E. A collection of moments. In: NEISSER, U. (Ed.). **Memory observed: remembering in natural contexts**. New York: WH Freeman and Company, 1982. p. 49-63.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Design e cultura: os artefatos como mediadores de valores e práticas sociais. In: Queluz, M.L.P. (Ed.). **Design & Cultura**. Curitiba: Editora Sol, 2005. p. 13-32.

SCHIFFERSTEIN, Hendrik N. J.; ZWARTKRUIS-PELGRIM, Elly P. H. **Consumer-product attachment: measurement and design implications**. Disponível em: <http://www.ijdesign.org/ojs/index.php/IJDesign/issue/view/17>. Acesso em: 10/10/2009.

_____. Consumer-product attachment: measurement and design implications. **International Journal of Design**, v. 2, n. 3, p. 1-13. 2008b.

SCHIFFERSTEIN, Hendrik N.J.; MUGGE, Ruth; HEKKERT, Paul. Designing consumer-product attachment. In: McDONAGH, D., et al (Ed.). **Design and emotion: the experience of everyday things**. London: Taylor & Francis, 2004. p. 327-331.

SCHULTZ, Susan E.; KLEINE, Robert E.; KERNAN, Jerome B. **"These are a few of my favorite things": toward an explication of attachment as a consumer behavior construct**. In: Advances in Consumer Research. Provo, 1989. 359-366.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro**. In: XVII Encontro Anual da

ANPOCS. Caxambu, 1993.

_____. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, v. 6, n. 14, nov., p. 143-176. 2000.

SILVA, Regina Helena Alves, et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 11, n. 1, jan./abr., p. 2008.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da (Ed.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 208 p.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SPARKE, Penny. The domestic interior and the construction of self: the New York homes of Elsie de Wolfe. In: McKELLAR, Susie; SPARKE, Penny (Ed.). **Interior design and identity**. Glasgow: Manchester University Press, 2004. p. 72-91.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 494 p.

TAYLOR, Steven J.; BOGDAN, Robert. **Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource**. New York: John Wiley & Sons, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a**

pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

van HINTE, Ed. **Eternally yours: time in design: product value sustenance.** Rotterdam: OIO Publishers, 2004.

van NES, Nicole; CRAMER, Jacqueline. **Influencing product lifetime through product design.** Disponível em:
<http://www3.interscience.wiley.com/journal/111082150/abstract>. Acesso em: 24 março 2010.

_____. **Product lifetime optimization: a challenging strategy towards more sustainable consumption patterns.** Disponível em:
http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/30440/description#description. Acesso em: 24 março 2010.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallman. **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 142 p.

VIA PALHOÇA. **Palhoça terá coleta de lixo reciclável.** 2011. Disponível em: <http://www.viapalhoça.com.br/article/palhoa-ter-coleta-de-lixo-reciclavel.html>. Acesso em: Dez 2012.

WALLENDORF, Melanie; ARNOULD, Eric J. "My favorite things": a cross-cultural inquiry into object attachment, possessiveness, and social linkage. **Journal of Consumer Research**, v. 14, n. 4, march, p. 531-547. 1988.

WEIGHTMAN, David; MCDONAGH, Deana. **People are doing it for themselves.** In: Conference on designing pleasurable products and interfaces. Pittsburgh. June, 2003. 23-26.

WOOLEY, Martin **Choreographing obsolescence – ecodesign: the pleasure/dissatisfaction cycle.** In: Conference on Designing Pleasurable

Products and Interfaces. Pennsylvania, USA. 2003, 2003. 77-81.

YAGOU, Artemis. **Critical reflections on design and emotion.** In: Design Research Society, International Conference. Lisbon. 2006, 2006.

YOUNG, M. M.; WALLENDORF, M. **Ashes to ashes, dust to dust: conceptualizing consumer disposition of possessions.** In: Proceedings of the marketing educators' conference. Chicago: American Marketing Association, 1989. 33– 9.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Carta de apresentação e solicitação de participação



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção

Carta de apresentação e solicitação de participação

Eu, Cristina Luz Cardoso, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC, apresento minha proposta de pesquisa para a elaboração de tese, sob a orientação da Prof^a. Dra. Leila Amaral Gontijo.

Meu estudo diz respeito a móveis e objetos presentes no ambiente doméstico. Os dados serão coletados por meio de entrevistas, seguindo o método etnográfico e se concentrarão nas relações das pessoas com seu mobiliário doméstico. O método consistirá na realização de no mínimo duas e no máximo três entrevistas, para confirmação de dados. Cada rodada de entrevista será efetuada no tempo aproximado de sessenta minutos. As entrevistas serão gravadas em áudio e vídeo e o mobiliário será fotografado. Os nomes pessoais serão modificados visando à privacidade dos informantes.

Nos procedimentos metodológicos, comprometo-me a obedecer aos preceitos éticos implicados em pesquisas envolvendo seres humanos, conforme normatizado pelas Resoluções 196/96 do Conselho Nacional de Saúde:

- Manutenção do sigilo quanto à identidade dos participantes;
- Liberdade de adesão voluntária ao estudo, ciente da sua natureza e objetivos, assegurado o direito de desistência de participação a qualquer momento;
- Não publicação de informações sem o consentimento dos participantes;
- Garantia de utilização dos dados tão somente para os fins deste estudo.

Isto posto, solicito sua participação em minha pesquisa, ao tempo em que me disponibilizo para prestar todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Data: ____/____/____.

Atenciosamente,

Cristina Luz Cardoso

Laboratório de Ergonomia - UFSC/CTC/EPS CEP 88040.900 -
Florianópolis/SC/Brasil

(48) 3721 7013 - crisl.cardoso@hotmail.com

APÊNDICE II - TCLE



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção
Área: Produto e Processo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

_____,
aceito participar da Pesquisa da Doutoranda Cristina Luz Cardoso, de forma livre e espontânea, observados o conteúdo informado e o compromisso firmado pela pesquisadora na “Carta de Apresentação e Solicitação de Participação” anexa.

Data: ____/____/____

Entrevistado -

Cristina Luz Cardoso
crisl.cardoso@hotmail.com (48) 3721 7013
Laboratório de Ergonomia - UFSC/CTC/EPS - Coordenadora: Prof^ª Leila
Gontijo
88040-900 Florianópolis/SC/Brasil

APÊNDICE III – Quadro Resumo Teste Piloto

Quadro Resumo Teste Piloto

	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
Local	Florianópolis	Salvador	Salvador	Salvador
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	52	49	53	24
Atividade Principal	Designer	Figurista	Decoradora	Estudante
Grau de escolaridade	Doutorado	Superior	Nível médio	Superior incompleto
Estado Civil	Solteira	Divorciada 2 vezes	Divorciada há 20 anos	Solteira
Tipo de residência	Apartamento 3 quartos	Casa 3 quartos	Apartamento 1 quarto	Casa 3 quartos (a mesma da Informante 2)
Primeira entrevista				
Data	11/09/2009	06/10/2009	07/10/2009	09/10/2009
Qdade de perguntas	Total= 56 Perguntas C:34 Respostas C:10 Comentários : 12	Total= 44 Perguntas C: 30 Respostas C: 1 Comentários : 13	Total= 65 Perguntas C: 40 Respostas C: 1 Comentários : 24	Total= 21 Perguntas C: 10 Respostas C: Comentários : 11
Tempo de entrevista	1:15h	1:03 h	1:00 h	0:17 h
Nº de páginas	8	8	10	5
Segunda entrevista				
Data	24/10/2009	09/10/2009	12/10/2009	Não houve 2ª entrevista
Tempo de entrevista	1:10 h	1:16h	1:05	
Intervalo entre as duas entrevistas	43 dias	3 dias	5 dias	

APÊNDICE IV – Recomendações para as entrevistas do estudo de campo

Para a primeira entrevista, as recomendações são descritas a seguir:

— Na apresentação da pesquisa, a utilização dos termos “cultura” e/ou “identidade cultural” relacionados aos móveis e objetos levou alguns informantes e à pessoa que intermediou os informantes a interpretar como móveis e objetos antigos ou ainda como uma pesquisa exigindo um nível de escolaridade ou conhecimento maior. Esta última interpretação é justificada quando é vinculado o conceito de cultura àquilo que Slater (2002, p. 69) chama de “uma esfera mais refinada”. Para evitar esse viés, a apresentação da pesquisa se limitará às relações das pessoas com seu mobiliário doméstico;

— A primeira pergunta “Vamos fazer de conta que eu sou uma pessoa que não posso enxergar – cega. Então eu queria ser conduzida pelo seu apartamento e me fosse descrito aquilo que tem o apartamento, aquilo que eu veria desde que eu entro pela porta”, foi recomendada por McCurdy, Spradley e Shandy (2005) e gerou um pouco de confusão, pois a informante esquecia que a pesquisadora “era hipoteticamente cega”. Dessa maneira foi decidido retirar a expressão “cega” e utilizar “Descreva-me sua sala e os móveis e objetos que ela contém”;

— A solicitação para descrição do apartamento feita à primeira informante gerou um ponto de tensão durante a entrevista. A Informante I ficou muito emocionada ao falar sobre o falecimento recente de sua mãe, ao descrever a urna funerária que guardava as cinzas, após a cremação. Como a lembrança emergiu no momento em que a Informante estava descrevendo o quarto de hóspedes, local em que o artefato costumava ser guardado, optou-se então por reduzir o ambiente de pesquisa para a sala de estar, local considerado mais público do que privado;

— A Informante I utilizou o termo “morrer” ao falar de sua mãe. No entanto, quando a pesquisadora repetiu o termo, o Informante I mudou para “falecer”. Assim, é recomendado cuidar com afirmações e termos que possam deixar o informante constrangido, mesmo que ele os tenha usado como termos nativos;

— Preparar-se para fazer mais perguntas para aqueles informantes que não gostam de falar sobre si mesmos, sobre determinados assuntos ou sobre determinadas épocas e eventos;

— No caso do informante ter as falas impregnadas por outra pessoa ou lugar, procurar explicar que a entrevista tem como foco o próprio informante e não outro (Ex: a Informante II mora na casa que

pertencia à sua mãe, foi totalmente projetada por ela e ainda é mantida do mesmo jeito, mesmo após sua morte);

— Gravar toda a conversa, incluindo a apresentação do trabalho e as taxonomias. Fotografar e filmar antes de começar a entrevista; fotografar novamente na segunda entrevista para correção de fotos;

— Deixar as taxonomias para segunda entrevista, pois dá mais tempo para análise dos termos e não torna a primeira entrevista muito extensa.

Para a segunda entrevista, as recomendações sugerem o seguinte:

— Sempre adotar nos paradigmas as próprias expressões do informante. Sempre imprimir paradigmas e taxonomias antes da entrevista;

— Se o informante não tiver pressa, explorar itens que ficaram faltando da primeira entrevista e tirar dúvidas antes de iniciar com as taxonomias. Caso contrário, fazer as perguntas ascendentes durante os paradigmas;

— Fazer perguntas com um cenário de perda de algum móvel ou objeto para verificar as ações, sentimentos, e níveis de afeto do informante;

— Na pergunta para seleção dos móveis e objetos que vão ser levados no caso hipotético de mudança, limitar o número de objetos para cinco objetos para todos os informantes. Esse número revelou-se satisfatório, pois facilitou a resposta do informante e conseguiu abranger dados significativos para análise.

— Incluir perguntas relativas ao caso hipotético do informante precisar descartar algum objeto, qual a última ocasião em que houve um descarte importante, qual destino foi dado ao objeto e com que frequência são realizados descartes de móveis e objetos presentes na sala de estar. Estas questões objetivam aprofundar conhecimentos sobre a fase de descarte e consequentemente sobre as possibilidades para extensão de vida do produto;

— Na última pergunta solicitar se o informante gostaria de levar mais alguma coisa que não esteja listada. Esse recurso faz com que o informante procure se lembrar de algo que não foi mencionado e que pode adquirir importância na análise dos dados.

— Solicitar ao informante para revisar a ordem de preferência dos móveis e objetos que serão levados e solicitar ajuda para preencher os cartões.

APÊNDICE V – Modelo de Coleta de Dados gerais dos informantes



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em Engenharia de produção

Dados gerais

Doutoranda: Cristina Luz Cardoso	
Pesquisa: Identidade cultural e vínculos afetivos	
Entrevista n°:	
Local:	Data:

Nome (fictício):		Sexo: Masc. Fem.				
Fone:		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>				
Email:		Local de nascimento:				
Endereço:						
Idade:	18 a 25	26 a 35	36 a 45	46 a 55	56 a 65	65 ou mais
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Escolaridade	Sem instrução formal	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Graduação	Pós - graduação
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Ocupação	
----------	--

Número de moradores	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 ou mais <input type="checkbox"/>
---------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	------------------------------------

Relação entre os moradores	Somente 1 morador	Família	Amigos	República de estudantes	Instituição comunitária	Outros (especifique)
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

Tipo de imóvel	Próprio	Alugado	Emprestado	Outros (especifique)
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

Rendimento total dos moradores	Até R\$ 830,00 (inclusive sem rendimento)	Mais de 830,00 a R\$ 1.245,00	Mais de 1.245,00 a R\$ 2.490,00	Mais de 2.490,00 a R\$ 4.150,00
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mais de 4.150,00 a R\$ 6.225,00	Mais de 6.225,00 a R\$ 10.375,00	Mais de R\$ 10.375,00	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

Fonte: IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

APÊNDICE VI – Modelo de roteiro de entrevistas



Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós graduação em Eng. de produção

Doutoranda: Cristina Luz Cardoso

Pesquisa: Identificação cultural e vínculos afetivos

Roteiro de entrevista

Entrevista n°: _____

Data: ____/____/____ Início: _____

Término: _____

Local: _____

Entrevistado (nome fictício): _____

Roteiro de entrevista

— Explicar o objetivo da pesquisa e como vai ser feita a entrevista, entregar Carta de apresentação:

— “A pesquisa é um estudo sobre os móveis e objetos das sala/copa/cozinha”.

— Serão duas visitas, com tempo aproximado de sessenta minutos para cada uma;

— Serão focados os móveis e objetos das salas e da cozinha. É importante usar palavras que você normalmente emprega com seus familiares;

— Não é necessário usar nada que seja desconfortável, constrangedor, segredos de família e também não há respostas certas ou erradas;

— Solicitar assinatura na autorização para publicação (TCLE). A entrevista será gravada e fotos serão tiradas, mas os nomes serão mantidos em sigilo. Para tanto, pedir o consentimento por escrito para publicação do conteúdo e das fotos. Pedir p/ o entrevistado escolher um nome fictício.

GRAND TOUR – perguntas descritivas (o que o ambiente contém, como as coisas são chamadas e como se parecem). Evitar perguntar “O que é?”, “Porque?”

1.Você poderia me guiar numa visita a sua sala/copa/cozinha e descrever seus móveis e outros objetos?

MINI TOUR – perguntas descritivas: a partir de termos nativos, utilizados na *grand tour*.

Colocar as perguntas em contextos. Em alguns momentos, é bom repetir alguns termos falados, para que o entrevistado note seu interesse e explique melhor o termo.

2. Você poderia me descrever o momento em que recebeu este móvel de presente ou o momento em que o comprou?
3. Você poderia descrever o que esse móvel faz/guarda?
4. Você poderia descrever qual a frequência de uso desse móvel?
5. Há quanto tempo possui esse móvel?
6. Você costuma comprar móveis em um mesmo lugar?

Perguntas de estórias– perguntas descritivas:

7. Você poderia me contar a respeito da última vez em que comprou ou ganhou um móvel?
8. Você já se desfez de algum móvel desse ambiente?
9. Você poderia me contar sobre a última vez em que se desfez de um móvel?
10. Você poderia me contar sobre a última vez em que fez uma doação/descarte de um móvel?

Perguntas de termos nativos – perguntas descritivas – você chama de quando:

11. Você chama esse móvel de quando você fala com sua família/
12. Você disse que esse móvel é Você costuma dizer isso quando.....

Descendentes - que tipo, o quê (ações), quais são. (manter a pergunta até terminar as categorias da taxonomia):

13. Você disse que alguns móveis causam (ex. aborrecimentos/satisfações/muita manutenção, etc). O que é feito quando isso acontece?
14. Você disse que a geladeira era um (ex: sonho de consumo). Que tipo de móveis você sonha em comprar?
15. Você disse que comprou esse móvel Você ficou em dúvida na hora de comprar?
16. Na compra de algum desses móveis você ficou em dúvida?
17. Qual desses móveis você não compraria mais hoje?
18. Você costuma receber pessoas em casa? Quais pessoas? Com que frequência?
19. O que elas falam dos ambientes e móveis da sua casa?
20. Quais atividades são realizadas com esse móvel?
21. Quem faz a limpeza? Tem faxineira, empregada doméstica? Há alguma recomendação referente à limpeza do móvel p/ ela?
22. Em quais ocasiões é utilizado esse móvel?

23. Quais são as lembranças que esse móvel traz a você?

24. Quais são os móveis que lembram a família?

25. Quais são os móveis que lembram seu lugar de nascimento?

26. Quais são os móveis que lembram seu lugar de infância?

Solicitar ao informante para preencher o questionário.

Teria mais alguma pergunta a fazer ou alguma coisa que você queira falar sobre o que nós conversamos?

Obs.: avisar ao informante que se ele não se lembrar de tudo, não tem importância. Depois ele pode lhe falar. Neste ponto é preciso apenas preencher as taxonomias. Ainda não é preciso saber significados. Então, cuidar p/ o informante não falar demais sobre significados.

Agradecer a atenção dispensada. Explicar que serão feitas algumas análises no intervalo e na próxima visita serão confirmadas algumas informações.

Pedir desculpas pelo incômodo; encerrar a entrevista e marcar nova data;

Diário de Campo



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós graduação em Engenharia de
produção

Doutoranda: Cristina Luz Cardoso

Pesquisa: Identificação cultural e vínculos afetivos

Família (nome
fictício): _____

Entrevista n^o: _____

Data: ____/____/____ Início: _____

Término: _____

Local: _____

Entrevistado (nome fictício): _____

Segunda entrevista – PRIMEIRA PARTE

- Iniciar a sessão perguntando dúvidas que ficaram da primeira parte.
- Pedir para escrever a árvore genealógica;
- Pedir para preencher questionário;
- Depois fazer perguntas “Ascendentes”:

1- Você mencionou que tem (ex: móveis de ficar, móveis de usar, móveis de...). Esses móveis são algum tipo de móvel especial?

2- Você mencionou que São todos a mesma coisa?

3- Você mencionou que Há mais algum tipo de móveis assim?

4- Você mencionou que Há quanto tempo?

5- Você mencionou que um móvel foi danificado.

Esse móvel foi reparado/reformado?

SEGUNDA PARTE

Atribuição de Significados - Identificando conjuntos de contraste das taxonomias: contraste parcial (termos próximos) e contraste total (termos bem diferentes).

- Mostrar as taxonomias e paradigmas; Solicitar que o informante ajude a terminar de preencher e corrija o que está errado;

6. Você mencionou x, y e z. Você poderia me dizer a diferença entre y, x e z?

7. Você poderia me dizer a diferença entre y e x?

8.Em relação aos ambientes/cantos da casa descritos, selecione aqueles objetos mais importantes.

– **Preencher cartões com nomes dos móveis escolhidos e pedir ao informante para classificá-los.**

9.Se você precisar fazer uma mudança, escolha cinco objetos ou móveis que seriam levados.

10.Coloque em ordem de importância os objetos que seriam levados.

11.Teria mais alguma coisa que você gostaria de levar?

12. Se você não pudesse levar o objeto número 1, o que você faria?

13. Teria mais alguma pergunta a fazer ou alguma coisa que você queira falar sobre o que nós conversamos?

Diário de campo



Gostaria de agradecer antecipadamente sua atenção, pois suas informações contribuirão enormemente para minha pesquisa!